

Rav Karaguilla no papel

A Torá e o caminho para vida



Rav Karaguilla no papel



A Torá e o caminho para vida



Rav Karaguilla no papel

Rabino Binyamin Karaguilla

Copyright © 2013 by R. Karaguilla

Direitos desta edição reservados ao Rabino Binyamin Karaguilla

Para contato com o autor: rkaraguilla@hotmail.com

Este livro está disponível em Epub e PDF no site www.karaguilla.com.br

Transcrição:	Guila Wajnryt
Adaptação:	Ariel Wajnryt
Revisão:	Guila Wajnryt, Dina Azrak, Rab. Binyamin Karaguilla, Tally Cohen
Projeto gráfico, editoração eletrônica:	Estúdio Zebra
Estagiário:	Caio Reis
Capa e Ilustrações:	Custódio - custodio@custodio.net
Impressão e Acabamento:	Sumago Gráfica Editorial

Permitida a reprodução desta obra, mediante autorização por escrito do Rabino Binyamin Karaguilla

2013

Printed in Brazil

CASAMENTO
RENÉE & PHILIPPE ALBERT
1º DE MAIO DE 2013

SUMÁRIO

Introdução	09
Agradecimentos	11
UM BOM CASAMENTO	13
A fantástica fábrica de <i>midot</i> – boas virtudes	15
Eu te disse, eu te disse	25
Homenagem à mulher judia	35
LIDANDO COM OS FRUTOS	45
O melhor e mais trabalhoso investimento	47
Filhos: quanto mais perto, melhor	59
Crítica ou elogio?	71
MELHORIAS NA CONSTRUÇÃO	81
Calma, meu amigo!	83
Alguém na Escuta?	93
Questão de Sintonia	105
No comando	117
Humildade e <i>áyin hará</i> : algo em comum?	129
ALÇANDO VOO	139
Santidade: ao nosso alcance?	141
O poder de uma boa reza	151
O gerador do nosso povo	161
O sabor do saber	171
PENSANDO GRANDE	181
EU Eu eu nós Nós NÓS	183
Onde estão seus dez <i>yehudim</i> ?	195
No próximo ano em Jerusalém	205

INTRODUÇÃO

O Torah Sound foi criado em 2001, e com a ajuda de Hashem, o projeto foi crescendo. Até que um dia, ao final de uma palestra no Rio de Janeiro, uma senhora fez o seguinte comentário: “Rabino, quando teremos o senhor no papel?”. Pensei comigo mesmo: de fato, por que não transformar essas palestras em um livro (vejam só o poder de um comentário na hora certa!).

Temos o mérito de fazer parte da rotina semanal de centenas de *yehudim* no Brasil e no mundo. Meu coração está preenchido de gratidão por Hashem por essa conquista!

Existe um Midrash que nos conta que se usarmos as letras (*alef*, *dalet* e *mem*) do nome Adam (o primeiro homem) podemos também formar a palavra *meod* (muito). Porém, ele não explica o ensinamento que existe por trás disso.

Rav Itzchak Hutner explica algo fenomenal. Ele nos diz que não é mero acaso que as letras da palavra Adam (אָדָם) e *meod* (מְּוֹד) são as mesmas, existe uma razão para isso. O Midrash está nos ensinando que a definição do ser humano (Adam) é “muito” (*meod*). Hashem nos criou com um potencial enorme, quase ilimitado.

Se analisarmos os grandes líderes do nosso povo, poderemos entender isso de uma forma um pouco mais palpável.

Nosso patriarca Avraham Avinu, apesar de ter de ir contra toda uma cultura que negava o monoteísmo, teve o esforço e o mérito de apresentar Hashem para o mundo e para milhares de súditos.

Moshê Rabenu, o líder que dirigiu o povo conforme a vontade de Hashem desde a escravidão no Egito até quase a entrada do povo na terra de Israel, apesar de inúmeros testes.

Os grandes rabinos que viveram na época da Segunda Guerra Mundial, nas situações mais precárias possíveis, e ainda conseguiram se preocupar com o próximo e cumprir as *mitzvot* de Hashem, com muito orgulho de seu judaísmo.

Às vezes fico perplexo como todos esses homens citados anteriormente tiveram força para enfrentar tudo isso e como os rabinos da nossa geração têm tempo para estudar, escrever livros e conduzir o povo no caminho da Torá. De onde todos esses grandes homens tiveram e continuam tendo essa força interna que não parece ser humana? É isso que o Midrash nos diz: com as letras de Adam formamos a palavra *meod*, isto é, o potencial que existe dentro de cada um de nós é inimaginável. Temos uma força muitas vezes maior do que pensamos.

Para atingirmos nosso potencial precisamos usar dois ingredientes: acreditar na força que temos dentro de nós e seguir o nosso manual de instruções, a Torá *Hakedoshá*.

Vivemos num mundo que nos apresenta inúmeras encruzilhadas: que decisão tomar em relação aos filhos, ao lar, ao cônjuge; quanta importância dar (ou deixar de dar) ao mundo material e ao espiritual; repreender ou elogiar, etc.? Vivemos em um grande labirinto (exemplo extraído do Ramcha"l em seu livro *Messilat Iesharim*), mas temos a sorte de ter, através da Torá, as instruções de que caminho tomar a cada decisão e como achar a saída deste grande labirinto chamado vida!

Você, querido leitor, tem dentro de si um potencial enorme, basta acreditar e seguir as pegadas dos nossos *rabanim*.

Este livro contém muitas histórias e exemplos de grandes rabinos. Eu espero que você se identifique com as situações cotidianas e atemporais aqui relatadas e que elas possam contribuir para o seu crescimento espiritual.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu querido colega, o Sr. Gerson Farberas, que me incentivou a começar proferir e gravar os primeiros *shiurim*. Ao casal Ariel e Guila Wajnryt pelo magnífico trabalho na construção deste livro. Ao Sr. Custódio pelas ilustrações que realçam e alegrem seu conteúdo. Ao Sr. Jairo Fridlin pelas dicas. A Sra. Tally Cohen pelo toque final. Ao querido colega Michael Bernstein pelo grande apoio na logística do nosso site (karaguilla.com.br). Ao Rabino Raphael Shammah, que me indicou e continua indicando a luz da Torá com muito carinho, alegria e dedicação em sua maravilhosa instituição Or Israel College. Aos demais *rabanim* que me ensinaram no Brasil e nos Estados Unidos, onde me formei. Aos meus colegas de trabalho (Rav Yehuda Rosenberg, Rav Chaim Passy e Rav Alberto Safra) que me inspiram diariamente no cumprimento da Torá. A cada um dos queridos casais de amigos que frequentam o *shiur* semanalmente. Aos meus queridos pais e sogros que sempre me apoiaram e incentivaram neste caminho e não mediram esforços para que eu tivesse uma educação religiosa e laica do melhor nível possível. Também agradeço a Hashem pela linda família que tenho (irmãos, tios, cunhados e sobrinhos).

Agradeço à minha esposa e também aos nossos queridos filhos que são coletivamente a minha inspiração de vida e estão sempre me passando dicas de histórias e ideias interessantes para abordar no *shiur*, abrindo mão de minha presença em algumas situações para que eu possa me dedicar ao estudo do Torá e compartilhar o que aprendo com outros *yehudim*.

Posso dizer com plena convicção sobre minha esposa a mesma frase que o grande sábio Rabi Akiva disse a seus alunos quando foi reencontrar sua esposa: “o que tenho hoje e o que vocês têm, pertencem a ela”...

Todos aqueles que se envolvem na propagação da Torá recebem as melhores bênçãos de Hashem.

Este livro não sairia sem o apoio constante do Sr. Philippe Harari. Que, pelo mérito de todos aqueles que disfarçarão das palavras de Torá contidas neste livro, o Sr. e Sra. Philippe e Renée Harari possam formar uma casa alegre, cheia de harmonia e respeito mútuo, baseada nos ideais da Torá e que suas respectivas famílias (Harari e Khafif) tenham muitas alegrias em seus lares.

Agradeço a Hashem que sempre me dá força, inspiração e entusiasmo. Que B’sd Ele continue me iluminando para encontrar a luz da Torá.

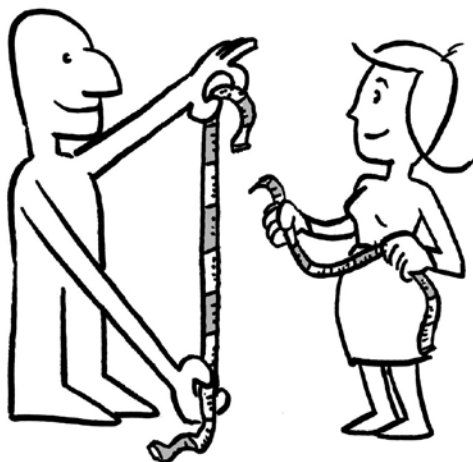
UM BOM CASAMENTO

“

O casamento não é apenas uma boa
oportunidade para desenvolver a *emuná*; ele é
também a melhor fábrica de *midot* do mundo

”

A FANTÁSTICA FÁBRICA DE MIDOT — BOAS VIRTUDES



O VERDADEIRO HOMEM

Em *parashat Bereshit*, quando D'us termina de criar o homem e sua esposa, consta o seguinte: “*Vayikrá et shemam Adam*” – “Ele **os** chamou de **homem**” (Bereshit 5:2). O Talmud (Yevamot 63a) explica: enquanto Adam estava sozinho, ele não era considerado um homem. Agora que D'us o completou, com a mulher, recebeu um “*upgrade*” e pôde ser considerado um homem. Assim, conclui o Talmud, “quem não possui uma esposa não é chamado de homem” – não é um ser humano completo.

A mensagem que ouvimos em geral, porém, parece exatamente oposta: o homem é completo até casar, mas depois...

Alguns exemplos do que as pessoas dizem:

Uma moça espalhava aos quatro ventos que só queria um marido bem alto, de no mínimo 1,90m. Ao chegar o dia do seu casamento, as amigas viram que o noivo só tinha 1,65m. Perguntaram baixinho: “O que aconteceu? Você é tão bonita, tinha tantas escolhas e seu sonho era casar com um rapaz alto. Por que está se casando com um baixinho?” Ela respondeu: “Dos males, o menor”.

“Casamento depende de duas coisas: beleza e paciência. Se der certo, beleza. Se não, paciência”.

São piadas como essas que ouvimos por aí. A Torá, por sua vez, enfatiza que uma pessoa só fica completa quando se casa. Como pode ser?

NÃO POSSO VIVER SEM ELA

Debaixo da *chupá* (dossel matrimonial) proferimos sete bênçãos especiais. Uma delas é “*Yotser Haadam*” – Que cria o homem. Essa bênção é repetida duas vezes. O que tem a ver o fato de D'us ter criado o homem com o fato de alguém estar se casando? Existe aqui uma mensagem impressionante: o homem e a mulher só passam ao status de *adam*, ser humano, quando estão se casando. Nesse momento, portanto, o verdadeiro *adam* está sendo criado: quando marido e mulher se completam. Por isso proferimos a bênção “*Yotser Haadam*” na *chupá*.

Vejam o que o seguinte homem escreve sobre uma mulher:

“Depois que ela partiu, fiquei fraco. Não consigo mais comer, beber, nem dormir. Preciso tomar remédios, pois meu estômago não funciona mais direito”.

Parece aquelas músicas sertanejas, não? Vejamos como ele continua:

“Agradeço a D'us por estar me curando, mas ainda assim não consigo rezar direito, pois minha cabeça está um pouco confusa”.

O autor dessas palavras foi o grande Rabi Akiva Eiger (Áustria e Polônia, 1761-1837), após o falecimento de sua querida esposa, em sua carta número 109. Ele entendia e sentia muito bem o fato de que um homem sem uma esposa não é um verdadeiro homem.

CONTRATO DE LONGA DURAÇÃO

O casamento é algo totalmente “*made in Heaven*”; afinal, ninguém no mundo assina um contrato de sociedade por dez anos sem verificar minuciosamente todo o histórico do sócio em potencial. Se for uma sociedade de vinte, trinta anos – nem se fala. Por cinquenta anos, provavelmente ninguém nem sequer assinaria um contrato.

De qualquer forma, nesse tipo de sociedade, os sócios se vêem de manhã e se despedem às seis da tarde. Sábado e domingo não se encontram. Alguns sócios se veem somente via internet.

O casamento é uma sociedade para sempre. Marido e esposa se veem todos os dias, dormem sob o mesmo teto, compartilham emoções, pensamentos, alegrias, tristezas, a conta bancária e tudo o que há, mas principalmente o que não há. Quem em sã consciência entraria numa sociedade dessas por sessenta anos ou mais?

É verdade que a maioria das pessoas que se casaram nunca pensou sobre isso! D’us faz com que não pensemos muito, pois, se pensássemos demais, jamais casaríamos. Essa é a maior prova de que o casamento é feito nos céus!

Há pessoas que procuram fazer a numerologia do casal: quanto dá a soma dos nomes acrescentando a *parashá* da semana, etc. Tudo isso pode ser muito interessante. No entanto, a maior prova de que o casamento é *min hashamáyim* – feito nos céus – é que o homem foi lá e assinou a *ketubá* sem levar em conta que estará morando e dividindo a sua vida, até os 120 anos, com a sua outra metade. Mais ainda, ele assinou a *ketubá* em muitos casos sem saber o que está escrito nesse documento!

FOMOS FEITOS UM PARA O OUTRO?

Casamento requer uma boa dose de *emuná* (confiança e fé em D’us). Às vezes, me perguntam: “Rabino, como posso ter certeza absoluta de que esta é a moça certa para eu casar?”, eu costumo responder: “Certeza absoluta você não terá nem mesmo depois de casar. Depois dos 120 anos bem vividos, você chegará lá em cima e, então, terá certeza absoluta”.

Qual é a diferença entre alguém que se casa tendo *emuná* e alguém que se casa sem tê-la?

Quando alguém sobe num avião e o piloto avisa que estão entrando numa área de turbulência, qual é a primeira coisa a ser feita? Sentar e apertar os cintos. Em relação ao casamento, é a mesma coisa.

Às vezes, vemos casais que têm um ótimo casamento e acham que tudo é um mar de rosas. Comparamos então com nosso próprio casamento e, se ele não é tão utópico assim, já achamos que está tudo perdido.

Nossos sábios nos dizem – para quem não sabe por experiência própria – que não existe casamento sem momentos de turbulência. Nesses casos, as instruções são claras: aperte o

cinto. Lembre-se de que no momento do nascimento já lhe foi decretado quem seria o seu par, esta é a melhor pessoa possível para você alcançar o que D'us espera de você neste mundo.

Se o voo inteiro é uma grande turbulência, então estamos com problemas. No entanto, algumas turbulências durante um voo são normais, e o mesmo no que diz respeito ao casamento. Se D'us determinou que fulano fosse seu cônjuge, o fato de haver turbulências não faz com que esse voo deixe de levá-los até seu objetivo. Todo casamento tem altos e baixos, e é preciso persistir.

É verdade que, nas novelas, o marido está vestindo *black tie* quando chega em casa; um mordomo impecável lhe abre a porta, as crianças estão limpas e arrumadas, a casa parece um museu e a esposa o recebe com o cabelo feito e um banquete fumegante à mesa. A realidade, no entanto, não é bem assim...

Será que ele/ela é realmente para mim? Sim. Se duas pessoas se casaram, é porque lá nos céus assim decretaram. Assista ao filme do casamento. Veja a alegria dos noivos, como D'us fez um para o outro e as duas *neshamot* (almas) têm uma relação intrínseca desde o Céu.

OPORTUNIDADE ÚNICA

O casamento não é apenas uma boa oportunidade para desenvolver a *emuná*; ele é também a melhor fábrica de *midot* do mundo. Muito melhor do que qualquer livro, *yeshivá* ou emprego. Se eu quero assim, ela certamente vai querer assado. Essas divergências sempre existem no casamento. O que nós fazemos? A Torá diz que quando D'us criou a primeira mulher, Ele disse que ela seria para o marido uma: "*Ezer kenegdô*" – uma ajuda **contra ele**. Ser uma ajuda, nem sempre é estar a favor. Às vezes, para ajudar o outro, é preciso ser *kenegdô* – contra ele. Afinal, o homem veio ao mundo com uma finalidade: trabalhar as próprias *midot*. Se formos pensar assim, a melhor ajuda que o ser humano tem é seu próprio cônjuge.

Saber ficar quieto mesmo contra a própria vontade é conseguir trabalhar as *midot*. Às vezes, fazer o que não gosta quando é preciso, por mais que a pessoa não esteja disposta, é trabalhar as *midot*. Falar de um assunto que não seja no momento do nosso interesse ou, mais ainda, escutar uma conversa que não lhe interessa de forma alguma, é trabalhar as *midot*. Quando for muito difícil, a pessoa pode falar para si mesma, baixinho: "Estou pronto e apto agora para trabalhar as minhas *midot* e fazer o serviço de Hashem".

A RECEITA DO SUCESSO

Há quem afirme que de cada dez casamentos no Brasil, sete terminam antes de começar o décimo ano de casamento, e mais de 50% não passam do segundo ano. Isso sem levar em conta aqueles que nem sequer se casam! Um colega me contou que foi casar no civil e lhe perguntaram no cartório: "O senhor quer casar mesmo? Por que o senhor simplesmente não se junta? Afinal, as chances de o senhor continuar casado são muito

pequenas. Depois, mudar o sobrenome de sua esposa novamente e fazer todos os procedimentos dá muita dor de cabeça”...

Uma das coisas mais graves em todos os casamentos que terminam em divórcio é que cada um acha que o outro é o culpado. Pensam que o problema certamente terminará assim que desfizerem o casamento. A pessoa deixa de considerar que muitas vezes ela própria é parte do problema, e onde ela for sua personalidade a acompanhará. Num casamento, os dois tem participação. Portanto, os problemas poderão reaparecer numa próxima relação.

Nas livrarias há cada vez mais espaço para os livros de autoajuda referentes ao casamento. Digitei “bom casamento” no Google, em português, e apareceram 30.600.000 endereços. Em inglês, apareceram 368.000.000 endereços! Com certeza há muitas pessoas assustadas e preocupadas. Como ser bem sucedido? A resposta é: *avodat hamidot* – um trabalho contínuo das suas características pessoais.

O mais importante de tudo é estar ciente de que mesmo aquele que cumpre as *mitzvot* da Torá, mas não reflete sobre seus traços pessoais está correndo o perigo de não alcançar o que Hashem espera dele.

QUEM É VOCÊ DE VERDADE?

A Meguilat Ester, que conta toda a trama da salvação do povo de Israel de um terrível decreto de extermínio, traz dois heróis principais: Mordechai e Ester. Finalmente, depois de os judeus serem salvos e comemorarem a festa de Purim, a Meguilá termina com uma frase que é o *grand finale*: “Pois Mordechai, o judeu, é vice-rei de Achashverosh, grande para os seus irmãos, benquisto pela maioria de seus irmãos, desejando o bem de seu povo e trabalhando pelo *shalom* **de toda a sua descendência**”.

Diz o Ibn Ezra, um dos grandes comentaristas do Tanach (Espanha, 1250), que as palavras “de toda a sua descendência” se referem aos **“membros de seu lar”**. O Ibn Ezra parece estragar a grandiosidade do versículo, minimizando o “toda a sua descendência” de Mordechai para o seu próprio lar. Por acaso é somente isso que Mordechai conseguiu fazer na história de Purim? Ele fez muito mais do que isso: trouxe paz para todo o povo, conforme de fato está escrito no versículo!

Talvez o Ibn Ezra esteja nos trazendo uma mensagem: quando alguém se proclama o mensageiro da paz, como é possível saber se ele realmente faz o que diz? Depende do *shalom* que tem dentro de seu próprio lar.

É dentro de casa que D’us vê quem é o ser humano de verdade. Não na festa de *bar-mitsva*, quando o filhinho degustando o prato seguindo todas as regras de etiqueta, ou em Yom Kipur, quando a sinagoga está lotada e todos o estão observando. É dentro de casa que as pessoas se revelam.

Costumo dizer que só há duas pessoas no mundo que conhecem bem a pessoa: seu cônjuge e a empregada doméstica! Não interessa quão fina e delicada uma pessoa seja na rua: ela é reconhecida pela maneira como se comporta dentro de casa. Pelo tom de voz que usa com as pessoas mais próximas. É difícil, mas é para isso que estamos no mundo: para nos aperfeiçoarmos.

MELHORANDO O CASAMENTO

Antigamente, divórcio era considerado quase um palavrão. Em seguida, virou uma palavra comum, mas não judaica. Depois, passou a fazer parte do vocabulário judaico laico. Infelizmente, agora já está se tornando parte do vocabulário judaico-religioso. Ninguém está completamente protegido.

Por outro lado, a proteção existe e basta seguir as regras de segurança: cuidar-se, lembrar que o casamento existe também para trabalhar as *midot* e saber que haverá momentos de turbulência nos quais é preciso apertar os cintos: ficar quieto e saber ceder.

Os noivos casam, todos dançam com eles, tiram fotos de perto, de longe, de todos os ângulos, com família, sem família, com amigos, são acompanhados até o carro e paparicados durante os sete dias do *sheva berachot* (sete dias de festa que seguem o casamento). Eles estão casados? Tecnicamente, sim. Mas, na realidade, o casamento só começa de verdade quando as adversidades começam e as diferenças entre marido e mulher aparecem. Só então é possível ver quem é realmente o cônjuge.

Nossos sábios nos dão algumas dicas de como aprimorar o *shalom báit* (harmonia no lar).

Rav Pam costumava dizer que, quando uma pessoa passa por alguma dificuldade no casamento, é muito útil pegar o próprio álbum de casamento, olhar e refletir: “Puxa, nem acredito que eu era tão feliz ao lado dela... e olhe como ela era feliz ao meu lado!” Se éramos assim, dá para voltarmos a esse sentimento de alegria e satisfação! Houve alguns “obstáculos” no meio do caminho, mas sempre dá para voltar!

Momentos de turbulências são normais, por isso revejam as fotos do casamento: isso pode ajudar a aprimorar o *shalom báit*.

Contam que certa vez um rabino estava conversando com um casal e ele perguntou o número de filhos que tinham para lhes dar uma bênção. Eles responderam que, infelizmente, não tinham nenhum filho. O rabino disse:

– Puxa, sinto muito. Eu moro em Israel. Vou colocar um bilhetezinho no muro das lamentações para que, com a ajuda de D’us, vocês tenham filhos.

Alguns anos depois, o Rav regressou àquele país e encontrou a esposa daquele casal.

– Como vão vocês? – perguntou o rabino.

– Graças a D’us. Ele nos abençoou e, nestes últimos anos, tive quatro vezes gêmeos!

– Que alegria! – disse o rabino. – Não imaginava que minhas preces fossem tão boas, graças a D’us! Onde está seu marido para eu dar um abraço?

– Meu marido não está. Foi para Israel procurar o bendito papelzinho que o senhor colocou no muro!

Casamento não é fácil e, quando há crianças, os desafios são muito maiores: escola, compras, reuniões, pequenos e grandes assuntos a serem resolvidos...

MANUTENÇÃO

Quando o carro chega a 10.000 km, aparece no visor INSP – inspeção. É preciso trocar o filtro, o óleo, as pastilhas do freio e dar uma geral no carro. Se a pessoa ignorar e apagar o sinal de inspeção no visor, algum dia acabará tendo que chamar um guincho porque o carro vai se recusar a rodar.

O casamento também precisa de manutenção: passar um óleo anticorrosivo aqui, apertar uns parafusos ali, etc.

Todos os que lidam com harmonia no lar sabem que é preciso ter períodos de manutenção fixos no casamento: um período semanal ou quinzenal é bom, mas não é para ser como o *yovel* (jubileu) da Torá, que é uma vez a cada 49 anos.

Trata-se de uma hora agradável de bate-papo. Não é preciso discutir o último artigo da revista sobre a economia nos Estados Unidos ou falar das últimas descobertas científicas. É possível falar sobre coisas leves, banais. Outra possibilidade é fazer alguma atividade juntos, como jogar pingue-pongue ou sair para uma caminhada, mesmo que seja para dar uma volta no quarteirão. Tudo isso deve ser feito a sós, sem as crianças por perto e sem atender o celular. Só o fato de conversar ou fazer alguma atividade juntos é suficiente e ajuda muito no casamento.

Esses minutos mantêm um canal aberto entre o casal e fortificam a relação. Assim, quando há necessidade, torna-se possível dizer muita coisa que seria impossível dizer se a relação não estivesse forte o suficiente. É possível conversar seriamente e dizer coisas delicadas; mensagens que podem acabar sendo mandadas mais tarde, aos berros, se não forem ditas agora.

Se não há contato nenhum entre os cônjuges, eles não passam de uma sociedade na qual um leva para a escola e o outro traz salário para casa, um faz o jantar e o outro traz as compras. Isso não é um casamento; casamento é muito mais que uma sociedade. A aproximação dos dois permite uma boa comunicação e uma vida conjunta, transformando-os numa única entidade, conforme esta escrito no Passuk “*Vayikrá et shemam Adam*” – “Ele **os** chamou de **homem**” (Bereshit 5:2). Homem e mulher se transformaram numa única entidade de tão sólida que se tornou a relação entre eles.

QUANDO FALTA COMUNICAÇÃO

As pessoas podem acabar criando muitas intrigas por falta de comunicação correta, como ocorreu na seguinte história:

No ano de 1968, por volta das 6h15 da manhã, uma rádio no Brasil deu a seguinte notícia: “Israel invade a Jordânia com 16 tanques blindados e 1600 homens”. Porém, existia uma cidadezinha chamada Jordânia, no interior de Minas Gerais. O prefeito desta cidadezinha era adversário político do governador de Minas Gerais, cujo nome era... Israel Pinheiro. Por algum tempo, a cidade ficou em polvorosa, protegendo-se contra o governador de Minas, Israel Pinheiro, pensando que ele estava pronto para atacar! Quando o coitado do prefeito dessa cidadezinha foi informado que o tal ataque ocorria no longínquo Oriente Médio, ficou com muita vergonha pela interpretação errônea da notícia que havia escutado no rádio...

Dentro do casamento também podem ocorrer esses mal-entendidos. Quando há uma boa comunicação, os assuntos fluem bem melhor.

Se alguém conversa antes de o problema crescer demais, acaba resolvendo muitas coisas. Por outro lado, se algo o está incomodando e ele fica “engolindo sapos”, achando que está sendo um grande “*tsadik*” (justo), sem explicar o que o está incomodando, estará agindo de forma incorreta: em algum momento, essas palavras serão verbalizadas e muito provavelmente num tom desagradável e de forma ríspida.

Ser *tsadik* é falar da maneira certa e na hora certa: “Esta atitude não me agrada”. Assim, o cônjuge saberá quais atitudes incomodam o outro e não devem ser repetidas.

As piores palavras num casamento são “eu pensei”, “eu imaginei”, “eu achava que”. Em vez de assumir tantas coisas, comunique-se com a outra metade e veja se de fato esses fatores são reais ou meramente fruto da imaginação!

O Arizal (Rabi Yitschak Luria, maior mestre da Cabalá – 1534-1572) diz que é necessário ter muito respeito pela sua outra metade. Isso porque quando o indivíduo chegar lá em cima, após 120 anos, verá a raiz da alma de sua outra metade e ficará envergonhado de saber como falou com seu cônjuge.

Aquele que encara o casamento como uma oportunidade e aproveita para se aprimorar poderá orgulhar-se da maneira como tratou o cônjuge quando chegar essa hora. Lembrará que o casamento vem dos céus e as turbulências não aparecem à toa; elas vêm com a finalidade de fazer a pessoa crescer e ter uma relação muito agradável e baseada na Torá com seu cônjuge!

“

O segredo é saber ceder
para continuar a viver bem.

”

EU TE DISSE, EU TE DISSE...



NEM TUDO É PERFEITO...

No relato da Criação do Mundo, cada vez que D'us termina de criar algo, a Torá diz o seguinte: "D'us viu que era bom" (Bereshit 1:4, 1:10, 1:12). Assim como um pintor muito requintado que olha para a tela a cada algumas pinceladas, alisa o bigode e diz: "*Magnific!*" – até ver a obra de arte inteira, em sua perfeição máxima. Sem poder comparar, e nas devidas proporções, D'us fez o mesmo: a cada alguns elementos, "D'us viu que era bom".

No segundo dia da Criação, porém, não consta que D'us disse "*Ki Tov*" (é bom). Rashi explica o motivo: nesse dia foram criadas duas coisas negativas: o conceito de *machloket* – discórdia – e o *guehinom* – a "máquina de lavar" das almas que não merecem ir direto para o *gan eden* (paraíso).

Essas duas coisas são necessárias no mundo e por isso foram criadas. Mesmo assim, já que elas são negativas, D'us não disse "*Ki Tov*" naquele dia. Na verdade, existe uma grande relação entre a discórdia (*machloket*) e o *guehinom*.

Shalom (harmonia), o contrário de *machloket*, está ligado ao *gan eden*.

O QUE É PIOR?

Logo no início da história do mundo, a humanidade errou duas vezes e foi punida de duas maneiras diferentes.

Na primeira, havia muita corrupção, muito roubo e perversão sexual, então, D'us varreu o mundo com água, destruindo, com o dilúvio, toda a vida da face da terra.

Na segunda, a humanidade recém-formada resolveu construir a Torre de Babel para lutar contra D'us. Como consequência, D'us fez com que os homens deixassem de estar concentrados num só lugar; eles foram dispersos pelo mundo e passaram a falar diversas línguas.

A geração do dilúvio pecou por prazer; a geração da Torre de Babel pecou para mostrar que era mais forte que D'us, sem nenhum prazer físico envolvido.

O que é mais grave? Pecar por prazer ou fazer um pecado só para ir contra D'us? Quem é pior? Aquele que come um x-burger porque seu estômago falou mais alto que o cérebro ou um atleta que mora no primeiro andar e anda de elevador no *shabat* apenas para mostrar a D'us que essa história de *shabat* é fanatismo?

Nosso sabios nos ensinam que aquele que age por rebeldia é muito pior do que aquele que peca por prazer, embora ambos sejam proibidos. Sendo assim, por que D'us puniu a geração do dilúvio com tanta severidade e não o fez com a geração da Torre de Babel, que desafiou D'us?

O Midrash Rabá responde: na geração do dilúvio, as pessoas brigavam entre si e estavam desunidas: um roubava as posses do outro, havia adultério e todos estavam em rixa. Já na Torre de Babel, embora o pecado fosse mais grave, os homens estavam totalmente unidos e por isso foram poupados.

Desse exemplo Rashi ensina o quanto D'us odeia a *machloket* (discórdia) e quão grande é o *shalom*. O *shalom* poupou o mundo de ser destruído!

A IMPORTÂNCIA DO SHALOM

Shalom é tão precioso que D'us o escolheu como um de Seus nomes. Isso é tão importante que, ao redigir uma carta para um amigo, é bom tomar cuidado em não escrever a palavra *Shalom* em hebraico com todas as letras, para que o amigo possa depois jogar a carta fora – conforme consta no Mishná Berurá.

Shalom, em hebraico, também é a palavra com a qual as pessoas se cumprimentam: *Shalom*, em vez de “oi”. *Shalom aleichem, Shabat shalom*. Por que usamos justamente o *shalom* para cumprimentar nossos amigos?

Uma pessoa pode ter tudo, mas, sem *shalom*, na verdade não possui nada. Assim, a maior bênção que podemos dar a alguém é *shalom*. Rav Chaim Shmuelevits (1902-1979, *rosh yeshivá* de Mir, Jerusalém) dizia o seguinte: “Um local onde há *machloket* torna-se a moradia do *satan*” (*makom sheyesh bo machloket hu beito shel satan*). Em um lugar assim, as pessoas realmente perdem tudo.

O PIOR FOGO DO SHABAT

A Torá traz o seguinte versículo: “Não acendam fogo, em todos os locais em que vocês moram, no dia do *shabat*” (Shemot 35:3). O Zôhar (livro básico da Cabalá) explica que esse fogo refere-se também ao “fogo” da *machloket*, e o versículo está indicando que a pessoa deve tomar cuidado para não ficar irritada, pois isso é considerado como se estivesse acendendo o fogo da discussão e da briga no dia do *shabat*.

No *shabat* propriamente dito, a tendência das pessoas é ficarem mais relaxadas e entrarem menos em discussões. Já o *yétser hará* (má inclinação) precisa ganhar o salário no fim do mês. Se ele não trabalha no *shabat*, precisa trabalhar em dobro na véspera. Por isso, diz o Zôhar, é preciso tomar cuidado redobrado na sexta-feira – porque na sexta-feira à tarde é a hora que o yetser hará do nervosismo e da agitação ataca. Ele sabe que, no *shabat*, a pessoa irá à sinagoga, voltará para casa com um sorriso e saboreará um tchulent ou um kibe.

Porém, na sexta-feira, mesmo quando há horário de verão, sempre temos algo a fazer. A mesa que acabaram de arrumar já está bagunçada e a camisa branca de um dos filhos que acabou de tomar banho para *shabat* já está roxa de suco de uva. Finalmente, quando você vai tomar um banho rápido para chegar na hora à sinagoga, constata que acabou a água quente! É na véspera do *shabat*, em especial, que devemos nos cuidar da armadilha da falta de *shalom*.

QUEM ESTÁ CERTO?

Praticamente, desde o início do mundo existem discussões. Havia apenas quatro seres humanos no universo e milhares de quilômetros quadrados para cada um: Adam, Chavá e seus dois filhos, Cáyin e Hêvel. Assim que o mundo começa a funcionar, contudo, Cáyin já discute com Hêvel para ver quem será o dono do mundo.

Mesmo assim, quando se fala em discussão, o convidado de honra é Côrach, que discutiu com Moshê para ver quem assumiria o comando do povo no deserto (Bamidbar 16:1). É sobre ele que a Torá diz: “*Velo yihyê ceCôrach vechaadatô*” – a pessoa não deve ser como Côrach e sua turma (Bamidbar 17:5), e alguns comentaristas consideram esse versículo como um dos 365 preceitos negativos da Torá.

De acordo com Rav Chaim Shmuelevits, esse versículo diz muito mais do que um preceito a não ser transgredido; ele engloba também uma previsão para o futuro, afirmando que nunca mais haverá alguém como Côrach e sua turma. Por quê? Porque essa foi a única discussão na história na qual um estava 100% errado (Côrach), enquanto o outro estava 100% certo (Moshê). Em todas as demais discussões no futuro, nunca haverá alguém 100% certo. Assim, convém escutar um pouco o que o outro tem a dizer, abrir mão do que é possível e minimizar a discussão.

QUANTO VALE O SHALOM?

Para entender até onde é preciso abrir mão pelo *shalom*, vejamos a seguinte história que ficou famosa nos Estados Unidos: Reuven era assinante de um jornal que chegava à porta de sua casa toda manhã. Seu vizinho Shimon, que não queria pagar assinatura, percebeu que Reuven abria a porta para pegar o jornal todo dia às 7h30. Resolveu, então, que leria o jornal das 6h30 às 7h20, dobraria o jornal direitinho e o devolveria à porta de Reuven. Reuven, no entanto, começou a suspeitar que alguém estava mexendo em seu jornal; afinal, jornal novo e jornal usado não são a mesma coisa.

Um dia, Reuven acordou mais cedo para controlar: 7h15 ele vê que seu jornal não está lá, mas às 7h30 já voltou. No dia seguinte, ele acorda mais cedo ainda e consegue flagrar seu vizinho justamente no momento em que pegava o jornal. Shimon, com todo o orgulho, diz: “Não é a primeira vez! Já faço isso há tanto tempo e você nem percebeu. Olha como eu guardo o jornal direitinho. Qual é o problema?”

Reuven resolveu perguntar a um rabino o que fazer. Afinal, em sua concepção, Shimon lhe devia pelo menos meia assinatura do jornal. O rabino disse a Reuven: “Em vez de pagar uma assinatura pelo jornal, pague duas”. Reuven não quis acreditar no que ouvia. O rabino disse-lhe: “Este é o preço que você pagará pelo *shalom*”.

Quanto custa um par de *teflin* feito de acordo com todas as leis da Torá? Um *talit*

também não é barato. Comida casher é mais cara que a comum. Um apartamento em andar baixo no bairro de Higienópolis é mais caro ainda; e aí por diante. É uma questão de enxergar a necessidade de manter e propagar o *shalom* como uma das *mitzvot* da Torá que tem um custo.

Diz o Chafêts Chayim (Rabino Israel Meir Hacoen Kogan, 1838-1933, Lituânia): ser judeu observante tem um preço. Some todas as despesas a mais que tem por cumprir as *mitzvot* e acrescente um valor chamado “shalom”. Assim como você investe para cumprir o preceito de *teffilin* e o de comer casher, invista para ter paz em vez de *machloket*. Se tivermos alguns reais por mês separados para essa *mitsvá*, garanto-lhes que muita *machloket* será evitada!

Às vezes, combinamos com alguém da nossa família para descer e nos esperar embaixo numa determinada hora. Ligamos com antecedência para relembrar e, ao chegarmos, esperamos alguns minutos dentro do táxi. O taxímetro fica lá rodando e a pessoa com a qual combinamos não aparece. O que fazer? Coloque a despesa no fundo do *shalom*.

Há outras coisas que podem ser investidas no “fundo do *shalom*”. O vizinho do andar de cima usou minha vaga sem pedir licença. Eu chego da festa à meia-noite e meia, as crianças pulando no carro, eu quero dormir, e não posso telefonar para o vizinho numa hora dessas. O que fazer? Ligar para o vizinho, que aparecerá de roupão, bufando por ter sido acordado? É verdade que eu tenho razão, mas quanto vale o *shalom*? Será que vale a pena transformar o vizinho de cima no meu inimigo? Jogue mais essa “despesa” no fundo do *shalom*.

Quando aparecer alguém perto de nós sendo incômodo ou inoportuno devemos pensar da seguinte forma: “Graças a D’us, não tenho nenhum inimigo. Este não será o primeiro!”

RECUANDO TRÊS PASSOS

“*Ossê Shalom bimromav, Hu yaassê shalom alênu veal col Yisrael, veimru amen*” – “Aquele que estabelece paz nas Suas alturas Celestiais, Ele estabeleça paz sobre nós e sobre todo o Seu povo Israel, e digam: amén”. A musiquinha é uma das mais famosas, mas poucos sabem que essa é a última frase da *amidá*, a principal parte de todas as orações que fazemos todo dia, e do *kadish*. Antes de recitar essa frase, que fala sobre a paz, costuma-se dar três passos para trás.

O Rabino Yitschak Aizik Scher (*rosh yeshivá* de Slobodka, 1880-1952, Lituânia – Bnei-Brak) diz o seguinte: prestem atenção no que fazemos antes de recitar essa frase do *shalom*: nós damos três passos para trás. A lição que aprendemos é que, se você deseja ser “*ossê shalom*” – estabelecer a paz em sua vida – aprenda a dar três passos para trás. Saiba ceder um pouco.

Em hebraico, há um ditado popular que diz assim: “*Al tihyê tsodek; tihyê chacham*” – não seja aquele que está com a razão; seja inteligente. Moshê Rabênu sabia disso mais do

que ninguém. Moshê, conforme vimos no caso de Côrach, foi a única pessoa na história que teve 100% de razão numa discórdia. Mesmo assim, a Torá conta que Moshê, o líder do povo, levantou-se e deslocou-se até seus arrogantes oponentes, Datan e Aviram (parte do grupo de Côrach), para conversar com eles e tentar ver se eles voltavam atrás e deixavam de discordar dele. Moshê foi *chacham* (inteligente) em vez de *tsodek* (certo), mesmo que era o único 100% com a razão.

QUEM CEDE GANHA

De acordo com uma das opiniões dos nossos sábios (na *Guemará*, nos tratados de Berachot e Eruvin), Adam Harishon e Chavá foram criados com os corpos colados e apenas posteriormente D'us os separou. Já em relação aos outros animais, D'us não os criou colados. Criou o macaco e a macaca, o elefante e a elefoa. Por que o homem e a mulher foram criados juntos?

Imaginem um cenário onde duas pessoas estão amarradas e aonde uma vai a outra precisa ir. Se uma quiser fazer ginástica a outra tem que ir junto. Se numa outra oportunidade a outra quiser descansar a sua parceira precisará a acompanhar. O segredo é saber ceder para continuar a viver bem.

A esposa diz: “Vamos passar o fim de semana em tal lugar?” O marido responde: “Eu não quero ir”. “Mas eu quero”. “Eu não quero”. Pronto: estoura a terceira guerra mundial.

Outro cenário:

A esposa diz: “Vamos passar o fim de semana em tal lugar?” O marido diz: “Na verdade, eu não quero; estou cansado demais e a fim de relaxar em casa. Mas, já que você quer, eu vou”. O que a mulher responderá imediatamente? “Então não precisa, vamos ficar em casa”. O que aconteceu, por que a mudança de reação?

Quando uma pessoa vê que o outro está pronto para ceder por ela, ela também muda de “canal”, se prontificando a ceder por seu companheiro.

O macaco não precisa saber ceder. Ele só precisa saber fazer macacada. É por isso que o macaco e o elefante não foram criados junto com sua esposa. Adam e Chavá foram criados grudados porque, para viverem juntos, D'us precisava colocar em seus genes a capacidade de viverem literalmente juntos.

VALE A PENA

O que é *shalom*? Uma pessoa está há 30 minutos tentando cruzar a Avenida Rebouças, quando, sem trânsito, levaria seis ou sete minutos para atravessá-la. Alguém da fila ao lado buzina e pede para entrar à sua frente. Aquele que sabe o que é *machloket* e a grandeza do que é o *shalom*, deixa o outro carro entrar à sua frente.

Quantos casos conhecemos de irmãos que brigam e deixam de se falar devido a

heranças, ou porque o relógio do irmão foi mais caro que o dele? Deixe passar! De que adianta o relógio se não há *shalom*? Vale a pena não pode se sentar ao lado do próprio irmão na sinagoga?

Às vezes, na vida, é preciso seguir aquela plaquinha de trânsito triangular que diz: “dê preferência”.

Diz o Rav Chaim de Volozhin (1749-1821, Lituânia), em uma carta que deixou para os filhos: “Se você for pacífico, ganhará em sua vida muito mais do que se for agressivo”.

EU (QUASE) TE DISSE...

A seguinte história ocorreu nos Estados Unidos, e poderia acontecer com qualquer um de nós:

Um *avrech* (estudante de Torá casado) economizou dinheiro para comprar um carro. Como não dispunha de muitas economias, foi para um leilão de carros no bairro de Queens, em Nova Iorque. De acordo com as regras do leilão, era preciso ter 25% da soma do carro em dinheiro, para dar a entrada, e o resto do valor do lance poderia ser pago em 30 dias. O *avrech* levou o dinheiro consigo, e sua esposa disse: “Muito cuidado com esse dinheiro. Esse local está cheio de gente e, se não guardar o dinheiro direito, poderá perdê-lo. Não o deixe no bolso”. O marido respondeu: “Fique tranquila, ninguém roubará nada do meu bolso”.

Lá no leilão, marido e esposa estavam compenetrados escolhendo o carro, planejando o lance, quando alguém bate no ombro do *avrech* e diz: “É melhor o senhor verificar seu bolso; vi, lá de longe, alguém remexê-lo”. O *avrech* imediatamente enfiou a mão no bolso e empalideceu: o dinheiro, de fato, não estava lá.

A esposa limitou-se a dizer: “Bem, vamos para casa, não temos mais o que fazer aqui”. Durante toda a volta para casa, o *avrech* ficou esperando ouvir dela as seguintes palavras: **“Eu te disse para guardar bem o dinheiro”**. Mas ela não disse. Ao chegarem em casa, o marido pergunta à esposa: “Você não vai dizer nada?” A esposa retrucou: “De que adianta dizer alguma coisa? O dinheiro já era, não ganharei nada com isso”.

Anos depois, esse mesmo casal estava se preparando para viajar a Ohio, para o casamento da única irmã do *avrech*. Quando um judeu religioso se prepara para viajar, leva diversas malas consigo: comida, roupas, fraldas para os filhos, mamadeiras e aí por diante. O marido checkou toda a bagagem e perguntou à esposa se ela pegara seu terno novo, especialmente comprado para a ocasião. A esposa apontou para a capa do terno, ele fechou tudo e foram embora.

Uma hora antes do casamento, quando todos estão se vestindo, o *avrech* abre a capa do terno e... está vazia. Ele pergunta à esposa: “Onde está meu único terno para o casamento

de minha única irmã?” A esposa leva a mão à cabeça, empalidecendo: “Ai, agora me lembro! Tirei o terno da capa para arejar e esqueci de colocá-lo de volta!”

O marido tinha três palavras presas em sua garganta “eu te disse!”, mas então se lembrou do ocorrido no leilão de carros em Queens alguns anos antes. O marido vira para a esposa e diz: “Sabe o quê? Não há problema. Usarei meu terno de uso diário. Daqui a dois dias, ninguém mais se lembrará disso mesmo”. A mulher olha para o marido e, na frente dos filhos, diz: “Isso é que é um *aba* (pai) de verdade. A minha *berachá* (bênção) é que vocês sejam como ele, pois ele deveria estar muito chateado comigo, mas não gritou ‘eu te disse!’”. O *avrech* conta como aquela cena ficou muito mais gravada em sua memória que o próprio casamento da irmã.

Shalom é dar três passos para trás, saber ceder. Dizer “eu te disse” é afirmar que estamos com a razão. Mas não devemos ter a razão, devemos ser inteligentes.

SHALOM OU VERDADE?

A única transgressão da qual a Torá manda se distanciar é a mentira: “Da mentira, afaste-se” (Shemot 23:7). Na mesma Torá, contudo, está escrito que é permitido mudar um pouco a verdade em prol do *shalom*.

Um exemplo prático é trazido pelo Chafêts Chayim em seu livro Shemirat Halashon. Alguém lhe pergunta: “Eu vi você falando com fulano e ele mencionou meu nome. O que ele disse?” O Chafêts Chayim instrui: se você conseguir enrolá-lo e não responder, melhor. No entanto, se o fato de você tentar enrolar puder levar o outro a achar que fulano de fato falou mal dele, é permitido inventar uma autêntica mentira para manter o *shalom* entre eles. Veja o quão importante é o *shalom*!

SHALOM E TORÁ

Se *shalom* é tão importante, existe alguma coisa ainda mais importante? Sim: as leis da Torá (excluindo a proibição de mentir, conforme vimos acima). Se há uma lei da Torá que eu precise transgredir para poder ter *shalom*, como por exemplo: comer na casa de algum parente ou amigo que não é *casher* para ele não ficar ofendido, o *shalom* fica em segundo plano.

Obviamente, é preciso empregar toda a nossa inteligência, sensibilidade e criatividade para levar a situação da maneira mais agradável para todos. No entanto, *shalom* não é uma palavra fofa de desenho animado, e sim “harmonia” e “perfeição”. Portanto, só há *shalom* verdadeiro quando está em harmonia e perfeição com toda a Torá. Uma vez que *shalom* é um dos nomes de D’us, ele só é verdadeiro quando está de acordo com os critérios de D’us: as leis da Torá.

COMO FOI QUE COMEÇOU MESMO?

A Torá nos conta que Avraham e seu sobrinho, Lot, moravam próximos um do outro, sendo que ambos eram muito ricos e possuíam muito rebanho. Diz o versículo: “A terra não podia sustentá-los **vivendo juntos**; sua riqueza era tão grande que **não podiam permanecer juntos**” (Bereshit 13:6). Por que o versículo repete que eles não podiam ficar juntos?

O Rav Weinberger (EUA) no seu livro *Shemen Hatov* responde: o início do versículo nos diz por que Lot se separou de Avraham: porque ambos tinham muito rebanho e não havia espaço físico para os dois. No fim, o versículo nos conta que eles não podiam viver juntos por qualquer outra razão, que nem importa. Quando alguém começa uma divergência por um motivo específico, acaba avançando tanto na briga que nem lembra mais o motivo do começo da discussão.

TENTE ENXERGAR A SOLUÇÃO

Contam que um casal compareceu perante um rabino para pedir um *guet* (divórcio). O Rabino perguntou qual era o motivo. “Olha, Rabino: o fim da história eu posso lhe contar: tenho um costume de família e minha esposa tem outro. Eu costumo comer o *kugel* (bolo tradicional de batata ou macarrão) no início da refeição de *shabat* e minha esposa tem o costume de comê-lo no final da refeição. Não conseguimos resolver essa diferença e isso acabou com nosso casamento.

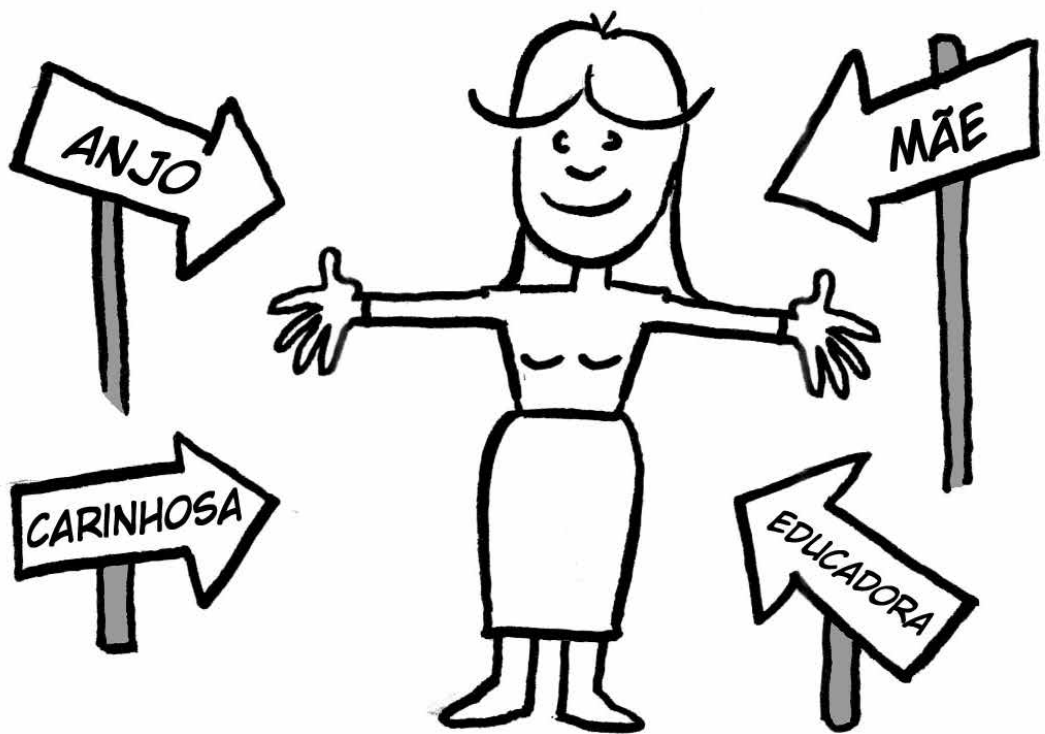
O Rabino disse a eles: “Tenho uma solução para vocês: façam dois *kugels*: um para o começo da refeição e outro para o final”. Essa história ficou sendo conhecida como “O *kugel* do *shalom báyit*”.

O QUE HÁ DE BOM NA BRIGA

Briga está longe de ser algo positivo, mas há uma coisa boa que se pode tirar dela: numa briga, os argumentos saem de maneira muito áspera, mas muitos deles têm uma base correta e são importantes. São aquelas coisas que incomodam e ficam dentro da pessoa esperando para serem despejadas numa oportunidade. Depois da briga, quando tudo estiver calmo, repasse os argumentos e analise o que está incomodando o seu cônjuge, ou o sócio, ou seja lá quem for. Usar a briga como uma boa alavanca, ajudará muito a melhorar e renovar o relacionamento.

Para ter *shalom* é preciso dar três passos para trás; apenas assim sua vida avançará muitos passos para frente. Abra um “fundo *shalom*” para gastos com esse fim. Quando alguém o irritar, pense: “Não tenho nenhum inimigo; não vou deixar que você seja o primeiro”. E por fim, seja um super-homem: aquele que sabe fechar a boca e não proferir as fatídicas palavras: “eu te disse, eu te disse”.

HOMENAGEM À MULHER JUDIA



“

Pobre do homem cuja esposa
sempre diz: “sim, querido”.

”

QUEM PRECISA DE BÊNÇÃO?

Este assunto vem tomando cada vez mais espaço nos últimos anos: o papel da mulher e do homem. Muitos homens, antes de casar, fazem algumas considerações: quem comanda o “navio” chamado lar? Quem é o capitão e quem é o marinheiro?

A Torá nos conta que Moshê enviou doze espíões para a Terra de Israel. Dez deles falaram mal da terra e dois falaram bem: Yehoshua Bin Nun e Calev Ben Yefunê. Antes de mandar os espíões, porém, Moshê já sabia que havia alguma coisa errada. D’us disse a Moshê: “Mande por você” (Bamidbar 13:2). Nossos sábios explicam que D’us quis dizer o seguinte: “Se você quer mandar os espíões, mande por sua conta. Eu estou avisando que não é aconselhável” (Rashi).

Moshê achou que não havia como recusar, uma vez que o povo estava pedindo, e o resultado foi desastroso: dez dos espíões falaram mal da Terra de Israel. O povo chorou durante aquela noite, teve que ficar mais 40 anos no deserto e formou-se a semente do que posteriormente levaria a uma série de problemas. Por conta do que ocorreu naquele dia, 9 de Av, D’us decretou a destruição dos dois Templos e uma série de sofrimentos futuros.

Antes de mandar os espíões, porém, Moshê percebeu que dois deles tinham chance de não se juntarem aos outros e cumprirem fielmente sua missão: Calev e Hoshêa. O que fez Moshê? Mudou o nome de Hoshêa (הושע) para Yehoshua (יהושע), dizendo: “Que D’us (representado pela letra *yud* que foi adicionada ao nome Yehoshua) o salve do pecado dos espíões”. Por que Moshê rezou somente por Yehoshua, sem pedir auxílio dos Céus também a Calev?

Alguns explicam que Yehoshua era o discípulo inseparável de Moshê, e este sentia uma responsabilidade maior por seu aluno. Rabi Yaacov Kamenetzky zt”l (1891-1986 Lituânia e EUA), por sua vez, traz uma explicação diferente: “Calev estava casado com uma *tsadeket* – uma mulher justa (a profetisa Miriam, irmã de Moshê). Uma vez que Calev estava casado com uma mulher justa, Moshê provavelmente achou que ele não seria influenciado pelos dez espíões. Portanto, ele não precisava de uma bênção” (Emet Leyaacov).

Daqui vemos quem realmente comanda o lar: a esposa. A esposa de Calev era “seis estrelas”, e quem tem uma esposa assim não precisa de uma bênção a mais.

UMA BOA CASA

É a mulher que faz o marido. Isso é tão verdadeiro que muitos sábios do Talmud chamavam suas esposas de “casa”, e não pelo seu próprio nome, pois a esposa é a casa.

AJUDA “DO CONTRA”

Logo antes de criar a mulher, a Torá traz a seguinte afirmação de D’us: “Não é bom que o homem fique sozinho. Farei para ele uma **ajuda contra ele**” (Bereshit 2:18). O Talmud já

pergunta: é uma “ajuda” ou é “contra ele”? Responde o Talmud: “Se merecer – sua esposa será uma ajuda. Se não merecer – sua esposa será contra”.

O Rav Reuven Katz (1880-1963, Lituânia e Israel) explica essa frase da seguinte forma: a mesma esposa pode ser uma ajuda ou uma oposição. Quem criou a instituição do casamento foi D’us, e Ele incumbiu à mulher duas funções opostas: se o homem merecer, ou seja, estiver fazendo algo bom, a mulher deve ser uma ajuda e um apoio. Mas se ela perceber que o marido está fazendo algo errado, ela deve ir contra ele e mostrar como está equivocado.

É sabido que a mulher tem um sexto sentido, mais afinado e delicado que o do homem. Como dizem nossos sábios, a mulher recebe uma dose extra de *biná* - entendimento. Ela tem mais capacidade de discernir qual é a melhor direção e conduzir o marido nesse sentido.

Assim, na história dos espiões, D’us disse a Moshê: “Mande, por você, homens” (Bamidbar 13:2). Como se D’us dissesse: “Eu, por Mim, não mandava homens. Quem Eu mandaria? Mulheres”. Afinal, uma mulher nunca faria uma tolice daquelas, falando mal da Terra de Israel e da impossibilidade de conquistá-la depois de D’us garantir que tudo daria certo!

MULHERES QUE SALVAM

Um exemplo desse sexto sentido ocorreu com On ben Pêlet, na história de Cômach. Cômach resolveu discutir com Moshê Rabênu e dizer que ele deveria ser o líder, e parte do povo foi atrás dele (Bamidbar 16:1). Um dos que estavam na turma de Cômach, apoiando-o publicamente, era On ben Pêlet (*Ibid.*). De repente, porém, On ben Pêlet some do mapa e dos versículos e nossos sábios perguntam: por quê? O que aconteceu? A resposta que trazem no Talmud é a seguinte (San’hedrin 109b): “Sua esposa o salvou”. Ela viu que ele “não era meritoso”, ou seja, não estava fazendo a coisa certa, e disse: “Se Cômach vencer a rebelião, quem será o líder? Cômach. Se Cômach perder, quem será o líder? Moshê. O que **você** ganha com isso?” Quando On ben Pêlet ouviu isso, resolveu abandonar o partido.

Por que On ben Pêlet não enxergou isso antes de sua esposa falar alguma coisa? Afinal, ela disse alguma coisa que ele não conseguiria perceber sozinho? Quando um homem está dentro de um labirinto, é incapaz de sair sozinho, ele precisa de alguém que está fora para poder lhe ajudar a enxergar a situação de forma mais objetiva.

Pobre do homem cuja esposa sempre diz: “sim, querido”. A esposa de On ben Pêlet salvou-o tanto neste mundo (quando Cômach e sua turma foram mortos por D’us, na continuação da história) como no Mundo Vindouro! Ela foi uma verdadeira “ajuda contra ele”.

O MELHOR CONSELHO

Quando um homem quer estudar Torá ou passar a frequentar uma aula, a mulher deve ser “uma ajuda” e estimulá-lo. “Vá, mesmo que eu gostaria que você voltasse para casa mais cedo”. Por sua vez, quando o homem tem uma ideia ruim, seja no plano moral ou nos negócios, a mulher precisa ir “contra ele”.

QUEM DETERMINA O NÍVEL DA CASA?

A *parashá Yitrô* descreve como D’us entregou a Torá no Monte Sinai (Shemot 19:1). Antes de dar a Torá, D’us disse a Moshê: “Assim falarás à casa de Yaacov (*Beit Yaacov*) e dirás aos filhos de Israel (*Benei Yisrael*)” (Shemot 19:3). “A casa de Yaacov”, dizem nossos sábios, “são as mulheres”. “Os filhos de Israel”, por sua vez, “são os homens” (Shemot Raba 28). Quem tem obrigação de estudar Torá? Os homens! Por que, então, D’us manda Moshê falar primeiro com as mulheres?

O Rav Moshe Feinstein zt”l (1895-1986, Estados Unidos) explica da seguinte forma: a mulher tem precedência no recebimento da Torá, mesmo que apenas o homem seja obrigado a cumprir o preceito ativo de estudar Torá, porque o estudo dele depende da mulher.

Quem fará o homem estudar ou não? A mulher. É ela quem incentiva ou desestimula. Se o homem leva bronca toda vez que volta de uma aula de Torá, após um mês ele provavelmente deixará de ir.

Isso é muito visível em qualquer comunidade: muitas vezes, o homem começa a crescer espiritualmente, frequentar a sinagoga, participar de aulas, etc. Enquanto ele já está tendo uma ascensão espiritual significativa, a esposa ainda está no “básico”, não frequenta nenhuma aula. Como fica o lar dessa família? Quem os filhos seguem? O homem ou a mulher? Com certeza a mulher é quem dará o tom da casa.

Assim, todo homem deve pesar quanto do dia vale a pena ele dedicar para a Torá e quanto desse tempo deve ser empregado para a esposa também ter a oportunidade de se aprimorar no âmbito espiritual. Afinal de contas, é ela que dará o tom na casa e o empurrão que o lar precisa em direção às *mitsvot* e ao cumprimento da Torá. Quando a esposa não acompanha o marido, começam alguns dos problemas de *shalom báyit*: ele quer fazer a casa *cashier* e ela não, ele quer ser mais cauteloso no cumprimento do *shabat* e ela não, e assim por diante.

DE QUEM SÃO OS FILHOS?

Yitrô era o sogro de Moshê Rabênu. Pouco depois da saída do Egito, a Torá conta como ele veio ao encontro do Povo de Israel e trouxe consigo sua filha – esposa de Moshê – e os netos, filhos de Moshê. Ao se aproximar, conta a Torá, Yitrô mandou dizer a Moshê: “Eu, teu sogro, Yitrô, estou vindo até ti com tua esposa e **os filhos dela com ela** (Shemot 18:6)”.

O Rav Gifter (*rosh yeshivá* de Telz nos EUA, 1915-2001) perguntou sobre isso: por que Yitrô atribui os filhos de Moshê somente a Tsiporá, sua esposa? Por acaso eram apenas “filhos dela” e não de Moshê? Ele responde o seguinte: quem criou os filhos de Moshê enquanto este, a mando de D’us, foi ao Egito libertar o Povo de Israel? Quem educou os filhos, trocou suas fraldas no meio da noite, foi às reuniões da escola, levou-os à natação e à aula de hebraico? Tsiporá. Em maior ou menor escala, a maioria dos lares é assim. É a mulher que faz os filhos crescerem. Na prática, eles são dela! Por isso o Passuk diz: **filhos dela com ela**”.

QUEM SÃO MEUS FILHOS?

Esse sentimento e essa responsabilidade que uma mãe tem pelo filho englobam muito mais que a própria f  milia.

Existe um lugar em Israel chamado Kibutz Chafêts Chaim. Nele, entre outras coisas, há um parque aquático.

Certa vez, um avião do exército passou por cima do kibutz. Uma mulher chamada Guila, ao ver o ca  a, começou a chorar. A mulher ao seu lado, que não a conhecia, perguntou por que ela chorava:

– Você tem algum parente na aeronáutica e está preocupada por ele?

– Não, eu nem moro em Israel – respondeu Guila.

– Então – perguntou a outra – por que está chorando?

– Embora o menino que está dirigindo este ca  a não seja meu filho – retrucou Guila – ele com certeza é filho de alguma mãe. É por essa mãe que estou chorando. Alguma mãe em algum lugar de Israel talvez nem mesmo saiba que seu filho está dirigindo este avião.

Esse é o *feeling* que apenas uma mulher pode ter. Um homem, mesmo extremamente piedoso e *tsadik*, no máximo pararia de se divertir nos tobog  s e recitaria dois capítulos de tehilim (salmos) por aquele soldado. Os homens são pessoas de ação. As mulheres são mais movidas pelo sentimento.

CARINHO DE MÃE

Certa vez, estava conversando com uma senhora muito especial, a quem costumo chamar de “*Rebetsin*”, quando ela me perguntou:

– Sua esposa trabalha?

– Sim.

– Mas ela está em casa na hora que os filhos retornam da escola?

– Sim.

– Que bom! Isso é tão importante!

Não fazemos ideia de quão importante é, para uma criança, ser recebida pela mãe

ao voltar da escola. A mãe lhe dá aquele abraço e não pergunta nada por cinco minutos: nada de “como foi na escola”, se “tem lição de casa”, “vá logo, pois você tem natação daqui a poucos minutos e o motorista já está esperando lá embaixo”. Depois de cinco minutos, pode perguntar se tem lição, se ele tem bilhete na agenda ou por que não foi tão bem na prova.

Às vezes, fazemos tantas coisas pelos nossos filhos que perdemos o foco. É muito importante comparecer a todas as reuniões escolares e assim por diante, mas aquele abraço incondicional é o que dá à criança a sensação de ter chegado ao “piques” do “pega-pega”, àquela ilha de proteção em meio às tormentas do mundo. Na escola, riram do que a criança falou, ela chutou a bola errado e ficou envergonhada ou falou uma palavrinha fora de hora em sala de aula e zombaram dela. Ser criança não é fácil! Mas em casa, ela é aceita como é, incondicionalmente. Esse é o papel fundamental da mãe. O carinho da mãe é insubstituível!

ATÉ ELES SABEM

Esse carinho, essa preocupação com os filhos, é uma característica básica das mães judias. É isso, por exemplo, que transparece no emocionante momento do acendimento das velas de *shabat*, quando muitas mães derramam o coração e pedem a D'us que seus filhos sejam boas pessoas. Essa é uma das cenas das quais a maioria das pessoas lembra-se de suas avós, mesmo quem veio de um lar não religioso.

Os *não yehudim* também sabem disso. De 1990 a 1999, um patrocinador pagava 1800 dólares por semana para que o jornal *The New York Times* colocasse o horário do acendimento das velas de *shabat* num quadrinho.

No dia 1º de Janeiro de 2000, o *New York Times* fez uma edição de milênio com três capas: a capa de 1º de Janeiro de 1900; a daquele dia, 1º de Janeiro de 2000; e uma capa fictícia da edição de 1º de Janeiro de 2100. Nessa última capa apareciam notícias fictícias como “Robôs exigem igualdade de direitos de voto” e assim por diante. Alguns judeus curiosos verificaram as três capas: a de 1900 não tinha o horário do acendimento das velas de *shabat*, assim como a de 2000, uma vez que o patrocínio cessara em 1999. No entanto, na edição de 2100, aparecia o quadrinho do acendimento das velas. Perguntaram ao editor:

– “*Ma nishtaná hajornal hazê micol hajornalot*” (por que esse jornal é diferente de todos os outros)? Por que na edição de 2100 consta o horário de acendimento das velas de *shabat*?

O editor do jornal, que não era judeu, respondeu:

“Tudo o que colocamos no jornal de 2100 são meras especulações; afinal, ninguém sabe o que acontecerá então. Só há uma coisa de que podemos ter certeza absoluta: no ano de 2100, as mulheres judias estarão acendendo as velas de *shabat*”.

ESTÁ NA CARA

É muito mais fácil para um educador ajudar um aluno que vem de um lar saudável e recebeu o amor de sua mãe a desenvolver o seu potencial. Quem somos hoje depende, em grande parte, do carinho que recebemos de nossos pais. E quem serão nossos filhos depende do carinho que recebem em casa, especialmente das mães.

COMO DEFINIR UMA BOA MULHER

Imaginem um grande cirurgião que gosta de passar suas horas livres cuidando da casa e alguém o flagra saindo de casa com o lixo. Será que, só por causa disso, as pessoas o chamariam de lixeiro? Óbvio que não. Aparentemente, a Torá comete esse erro. Ela chama a grande profetisa Miriam, irmã de Moshê, de Puá (Shemot 1:15), por ser uma parteira. O que significa “Puá”? Diz Rashi: é o som do choro do bebê: Puáááá, Puáááá. É isso que a Torá tem a dizer sobre uma das maiores profetisas que nosso povo teve? Reduzir uma mulher que falou com D’us ao som do choro de um bebê?

Rabi Chaim Shmuelevitz explica o seguinte: um médico que leva o lixo para fora de casa continua sendo um médico. Mas o maior louvor de uma mulher é efetivamente ser “Puá”, aquela que cuida de uma criança! Esse é o maior elogio de Miriam; a maior tarefa que ela realizou foi cuidar das crianças que nasciam no Egito. Assim, a Torá não reduziu uma profetisa a uma *baby-sitter*, mas elevou a profetisa ao maior título que uma mulher pode ter neste mundo: **mãe**.

Hoje em dia, vemos como muitas mulheres estão entrando no mercado de trabalho. De acordo com as pesquisas, grande parte delas não o faz por precisar ajudar no sustento, mas para sentir que possui algum valor. Isso não é correto: a verdadeira sensação de preenchimento de uma mulher deve vir de dentro de casa.

Muitas vezes, quando a mulher não tem essa sensação, é porque o marido não sabe apreciar corretamente sua função. Se o marido lhe diz: “O que você faz? Não faz nada, só fica o dia inteiro em casa!” – ele esqueceu que o lar é a mulher. Se os homens transmitem essa mensagem, pode ser que sejam os culpados pelo fato de as mulheres estarem vestindo ternos e indo para a rua para sentir um preenchimento emocional.

Hoje em dia, as pessoas procuram cada vez mais *segulot* (amuletos ou comportamentos místicos) para uma série de coisas. O Shulchan Aruch (código máximo da lei judaica, escrito por Rav Yossef Karo, 1488-1575) quase nunca fala sobre isso, mas no *siman* 179 (Yorê Deá) ele diz que há três coisas que podem mudar o *mazal* (a sorte) da pessoa para o bem: uma criança nova, uma casa nova e uma esposa nova.

Analisando bem, os três estão ligados à esposa. Afinal, quem cuida da criança e da casa? Os três são como uma coisa só! Quem cuida bem de sua esposa terá, com a ajuda de D’us, crianças saudáveis e sustento farto.

UM PAPEL ESPECIAL

Não é a toa que a mulher no judaísmo é especial. Seu papel é único, e é por isso que homens e mulheres são tão diferentes.

Por que a mulher não completa *minyan* (quórum para as orações)? Por que a mulher não pode ser testemunha em alguns casos no tribunal? Parece discriminação!

De acordo com as últimas pesquisas científicas, apesar de ser um assunto complexo, podemos dizer de uma forma bem superficial que os homens têm o lado direito do cérebro dominante, enquanto nas mulheres o lado esquerdo do cérebro que é dominante. O lado direito do cérebro é o lado racional, *dáat*. O lado esquerdo do cérebro é *biná*, aquele sexto sentido. Tanto homens quanto mulheres possuem os dois lados do cérebro e essas duas capacidades intelectuais distintas; a pergunta é: qual delas domina? Para diferentes papéis, diferentes tipos de cérebro – e diferentes leis da Torá.

Não adianta falar em igualdade quando há duas coisas diferentes. Não existe igualdade entre um ônibus e uma maçã, entre um círculo e um quadrado. Se um mulato e uma pessoa de pele clara vão ao dermatologista, eles não devem esperar uma prescrição igual. Para o mulato, o dermatologista poderia dizer: “Pode ficar 25 horas no sol que nada lhe acontecerá”. Para o de pele clara, o dermatologista recomendaria protetor solar fator 50. Discriminação? Não, eles simplesmente são diferentes!

Assim, a Torá diz que cada um tem suas qualidades. Quando a mulher tenta ser igual ao homem, ou vice-versa, perde a razão de existir. Cada um tem seu papel e deve respeitar o papel do outro.

APOIE!

Ajudar uma mulher a enxergar o enorme papel que possui é também tarefa do marido. A expressão popular diz que “atrás de um grande homem sempre há uma grande mulher”. Por outro lado, em hebraico, se vê o contrário: mulheres são “*nashim*” (נשים) e homens são “*a-nashim*” (אנשים), com uma letra “*alef*” nas costas! Atrás das mulheres, portanto, estão os homens. Ou seja: para que uma mulher fique satisfeita com seu papel, é preciso que seu homem a apóie. Para que a mulher preencha orgulhosamente “do lar” no quesito “ocupação” em um formulário, é preciso que tenha um grande “alef”, um grande homem, às suas costas.

JÁ VIU UM ANJO?

Conta a lenda que um bebê, antes de nascer, disse a D’us:

– Estou com medo de nascer. Aqui em cima está tudo bem, mas lá embaixo quem irá me proteger?

D’us lhe respondeu:

- Mandarei um anjo para protegê-lo.
 - Mas eu não sei falar!
 - Este anjo irá entendê-lo e, mais tarde, também o ensinará a falar.
 - E se eu quiser falar com o Senhor, como faço?
 - Não se preocupe. Depois de nascer, vou mandar um anjo que colocará a mão sobre seus olhos, antes de dormir, e recitará com você a prece do *Shemá*.
- Ao ver que faltavam alguns segundos para nascer, o bebê exclamou:
- D’us, uma última pergunta! Qual é o nome desse anjo; como poderei chamá-lo?
 - O nome dele não importa. Você irá chamá-lo de “mamãe”.

LIDANDO COM OS FRUTOS

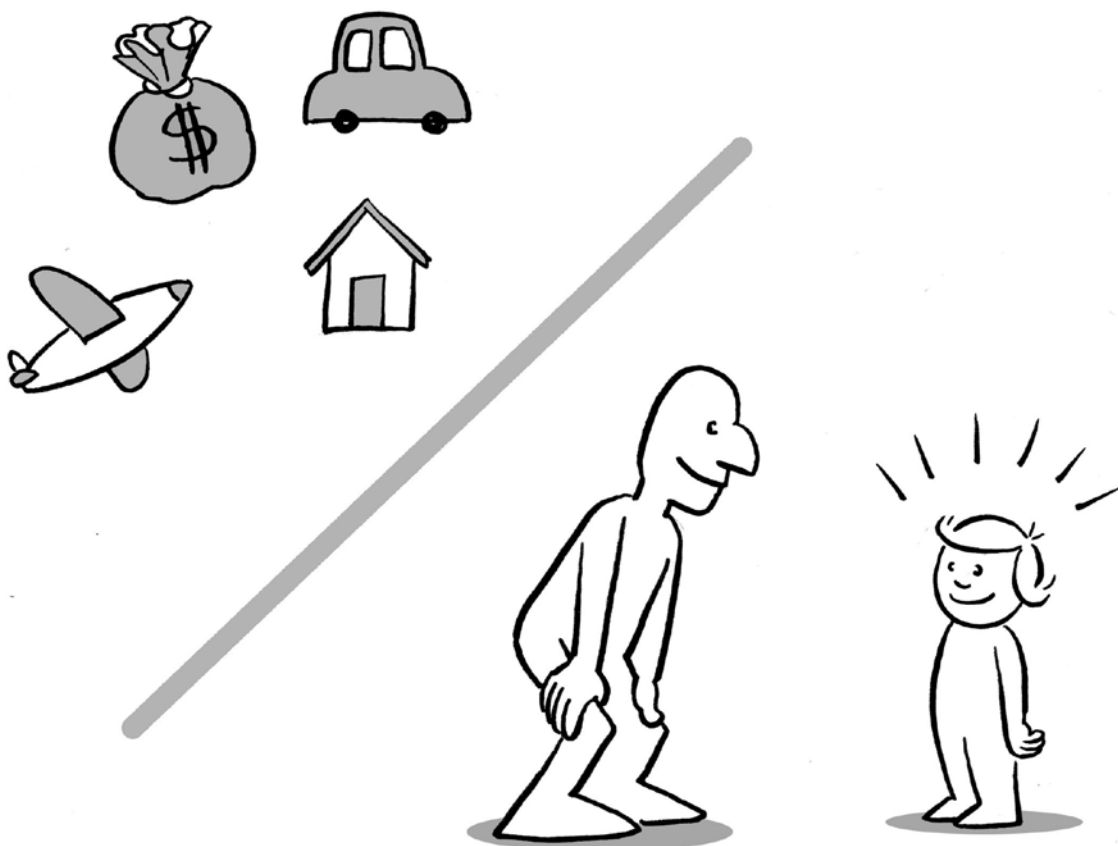
O DESAFIO DE CRIAR FILHOS SAUDÁVEIS E
COMUNICAR-SE COM ELES NO MUNDO DE HOJE.

“

Se enxergarmos nossos filhos como
aqueles que sustentam o mundo,
se esta for a imagem que projetarmos,
eles serão muito elevados.

”

O MELHOR E MAIS TRABALHOSO INVESTIMENTO



INVESTIMENTO CONSTANTE

Qual é o maior investimento que fazemos na nossa vida? Considerando a quantidade de energia, emoção, tempo e dinheiro empregados, é sem dúvida a educação dos nossos filhos.

A educação exige atenção e envolvimento constante por parte dos pais, e nunca é possível dizer que o trabalho terminou. A Torá exemplifica esse ponto com a história de Yaacov e seus doze filhos.

À primeira vista, o relato do que fizeram os filhos de Yaacov deveria ser muito simples e começar do seguinte modo: Yaacov teve doze filhos – Reuven, Shimon, Levi, Yehudá etc – e eles fizeram isso e aquilo. O texto da Torá, porém, é bem diferente.

A Torá inicia a história dos filhos de Yaacov com o seguinte versículo: “Yaacov **sentou** na terra onde seu pai morava” (“*Vayêshev Yaacov*” – Bereshit 37:1). Logo em seguida, apenas um filho é mencionado, Yossef, e imediatamente começa o relato do “caso Yossef”: como foi vendido por seus irmãos e levado ao Egito como escravo, enquanto Yaacov não soube de seu paradeiro por 22 anos (Bereshit 37:1 em diante).

Por que a Torá começa dizendo que “Yaacov sentou na terra onde seu pai morava”? O que isso acrescenta à continuação da história?

Rashi (Rabi Shlomo Yitzhaki, 1040-1105, França) explica: “Yaacov desejava **sentar** tranquilo. Imediatamente, abateu-se sobre ele a provação relacionada a Yossef.” O que significa isso? Que Yaacov queria ficar sentado tranquilo numa praia deserta do Caribe, às margens do mar cristalino, tomando uma bebida gelada e livre de qualquer preocupação, numa área onde não pegasse *internet*, celular, nem *blackberry*? Não. Obviamente, o que ele desejava era a tranquilidade espiritual. Por que então D’us não atendeu seus pedidos deixando-o viver o resto de sua vida com tranquilidade?

O Rabino Moshe Feinstein zt”l faz essa pergunta e explica os acontecimentos da seguinte forma: Yaacov teve doze filhos. Lembremos que seu avô, Avraham, teve dois filhos – Yitschak e Yishmael. Seu pai, Yitschak, teve dois filhos – Yaacov e Essav. Em ambos os casos, um dos filhos pertencia ao “time do bem” – Yitschak e Yaacov – e o outro, ao “time do mal” – Yishmael e Essav. Yaacov foi o único dos patriarcas que teve todos os filhos *tsadikim* (justos). Depois da árdua tarefa de educá-los, Yaacov achou que chegara o momento de descansar: seus filhos estavam crescidos e eram todos *tsadikim* escolhidos por D’us. Agora, pensou, poderia relaxar. Yaacov achava que não precisava mais se preocupar com o *chinuch* (educação) de seus filhos. Imediatamente, porém, ocorreu toda a história de Yossef, mostrando a esse grande patriarca como ainda havia muito a fazer para educá-los.

Isso demonstra que um pai nunca termina a tarefa de instruir seu filho. Certa vez, viram o grande Steipler (Rabino Yaacov Kanievski zt”l, 1899-1985, Ucrânia; Israel) rezando. Quando

lhes perguntaram por quem estava rezando, respondeu: “Por meu filho.” Seu filho, o Rabino Chaim Kanievski, tinha na época 52 anos de idade e já era um grande estudioso de Torá. Mesmo assim, enquanto os filhos estão vivos, existe a *mitsvá* de *chinuch* por parte dos pais, independentemente da idade deles.

Quando os filhos são pequenos, isso é ainda mais correto. Uma criança jovem é como o barro: quando está úmido, ainda é possível moldá-lo – e a *Guemará* diz que isso é verdadeiro até os 18 anos de idade. Quanto mais velha a criança, mais dura a argila e mais difícil de educá-la.

POR QUE HOJE É DIFERENTE?

Quantas aulas sobre educação já escutamos em nossa vida, enquanto nossos avós e bisavós muito pouco ouviram falar deste conceito? Por que isso ocorre?

Antigamente, seja em Alepo ou na Polônia, metade da educação era absorvida na rua, onde as crianças brincavam e encontravam pessoas boas. Além disso, a separação entre judeus e não judeus era muito clara. Hoje em dia, a educação só pode ser dada em casa; a rua esta longe de ser um exemplo de educador.

Certa vez, um *talmid chacham* (estudioso da Torá) fez a seguinte questão ao Rabino Moshe Feinstein: antes de Moshê trazer as primeiras tábuas da lei, ele permaneceu no alto do Monte Sinai com Hashem por 40 dias. Depois do pecado do bezerro de ouro, ficou mais 40 dias lá antes de trazer as segundas tábuas da lei. Qual era a necessidade desse segundo período de 40 dias? Afinal, Moshê Rabênu já tinha estudado tudo antes de trazer as primeiras tábuas, e ambas as tábuas eram idênticas.

O Rabino Moshe Feinstein respondeu: entre o recebimento das primeiras tábuas e o recebimento das segundas ocorreu o pecado do bezerro de ouro. A partir de então, era necessário educar uma nova geração. As primeiras tábuas eram destinadas a um povo limpo de transgressões. As segundas tábuas eram exatamente a mesma Torá, mas ensinada a uma geração diferente, que já caíra uma vez. Portanto, Moshê precisava aprender uma nova abordagem para transmitir a mesma Torá. A Torá não muda; as gerações, sim. Com elas, muda também a forma de transmitir a Torá.

Se um automóvel Karmann-Ghia e um celular do tamanho de um tijolo são obsoletos, o método de educar da geração passada também é peça de museu. A tradição de nossos avós é eterna; a abordagem prática do *chinuch*, no entanto, muda de acordo com a geração. É preciso adaptar a forma de passar a mesma Torá autêntica a cada nova juventude. Os testes e tentações que nossa geração tem, assim como suas qualidades e seus defeitos, são diferentes dos da geração anterior. As perguntas e os questionamentos de um jovem de hoje não são iguais aos de antigamente.

NOVOS PARÂMETROS

Um “bom menino”, há duas décadas, queria dizer um menino que fazia lição de casa, arrumava a cama, tinha boas maneiras, penteava o cabelo e escovava os dentes. Qual é a definição contemporânea para “bom menino”? Um menino que não fuma, não bebe, não experimentou drogas e não bate no professor. O que significava alguém sexualmente comportado antigamente e o que significa hoje?

A sociedade a nossa volta também não facilita as coisas: “Não me diga que você caiu nessa de subir escadas no *shabat* em vez de usar o elevador! Se liga! Na época de Moshê Rabênu não existia elevador!” Ou: “O quê? Você ficou assim honesto nos negócios? Assim não se ganha dinheiro!”

Pessoas que cumprem Torá às vezes são vistas como antiquadas.

Para educar um filho no mundo de hoje é preciso mostrar a ele – e a nós mesmos, antes de tudo, quais são os valores pelos quais lutaremos, mesmo que a sociedade não nos entenda, e mesmo que a mensagem que o ator da novela passar seja diferente do que a Torá preza.

OUTRA GERAÇÃO

Imaginem se nosso bisavô acordasse e visse os jovens de hoje com suas calças jeans rasgadas. O que ele diria? “Coitado!” – e correria para trazer a caixinha de *tsedacá* para ajudar-lo a comprar uma calça nova sem rasgos. O jovem riria dentro de si pensando: “Coitado! Paguei muito caro por esta calça!”

Como conseguiremos passar aos nossos filhos os valores da Torá apesar de termos vivido em épocas tão diferentes das deles?

Há uma explicação muito bonita do Rebe de Slonim (Rabino Shalom Noach Brazowsky, 1911-2000), muito relevante para os dias de hoje, baseada em uma passagem da Torá (Bereshit 39):

Aos dezessete anos, Yossef foi vendido e abandonado pelos próprios irmãos e acabou indo parar no Egito, a terra mais devassa que existia naquela época. Jovem e abandonado, teve um teste difícilíssimo na casa em que trabalhava: a bela esposa de Potifar, seu patrão, tentou seduzi-lo. Hoje em dia, temos cem “esposas de Potifar” tentando nos seduzir em todos os cantos. Vejamos, portanto, como Yossef conseguiu vencer essa tentação.

A Torá nos conta como a esposa de Potifar, que era a “Miss Universo” da época, não largava Yossef: dia após dia tentava convencê-lo. O Talmud conta que ela vestia todo dia uma roupa nova para tentar atrair-lo. Finalmente, um dia, todos saíram da casa para participar de uma comemoração idólatra e sobraram apenas Yossef e a esposa de Potifar, que se fingiu de doente. Nada impedia Yossef de cair naquela tentação. Como ele se conteve?

O Rashi conta que Yossef já estava indo pecar com ela e sua tentação estava no auge. O Talmud comenta que toda a inclinação sexual existente no mundo encontrava-se dentro de Yossef, naquela hora. Naquele momento, porém, Yossef viu algo que o fez conter-se e ven-

cer aquela terrível tentação; fugindo das mãos da mulher de Potifar e abandonando a casa correndo: “*Raá demut diyocnô shel aviv*.” A tradução simples dessas palavras é: “Yossef viu a imagem de seu pai.” O Rebe de Slonim, porém, aponta que não é exatamente isso que está escrito quando se presta atenção em um pequeno detalhe: “*Raá demut diyocnô shel aviv*” – “Yossef viu **sua** imagem de **seu** pai.” Ele viu sua própria imagem ou a imagem de seu pai? Yossef viu sua própria imagem, mas como **seu pai** a projetava. Yossef não viu a imagem de seu pai, e sim, a imagem dele próprio como **seu pai** sempre o enxergou!

Yossef parou e pensou: “Se meu pai sempre me considerou um general, um presidente da companhia chamada *Am Israel* e o início de uma das doze tribos de D’us, não posso me comportar desta forma.” O que fez Yossef se conter foi a forma como seu pai o enxergava. Na psicologia, isso é chamado de “profecia autorrealizável” – a pessoa irá se comportar da maneira como a enxergamos. Se enxergamos nosso filho como um “banana”, ele terá essa projeção de si mesmo e é de acordo com essa imagem que irá agir; é isso que esperam dele. Mesmo quando não lhe dizemos isso claramente, é impossível enganá-lo; ele sente e sabe.

Foi essa imagem projetada por Yaacov que salvou Yossef na hora H. E nós? Qual é a imagem que temos de nossos filhos?

O POTENCIAL DAS CRIANÇAS

O Talmud conta como dois rabinos escutaram D’us dizer que a única coisa que sustenta o mundo é o estudo de Torá das crianças. Os rabinos ficaram ofendidos: “Isso é muito bonitinho, mas não pode ser verdade! A Torá dessas criancinhas sustenta o mundo? E nós dois? Estudamos todos os tratados de *Guemará* algumas vezes! Isso é menos importante do que aprender as letras do alfabeto? É isso que sustenta o mundo?”

Deus respondeu-lhes: “Como vocês podem comparar seu estudo de Torá com o das crianças? Vocês estudam muito mais profundamente, mas talvez suas bocas já pronunciaram palavras que não sejam tão puras, enquanto a boca destas crianças é pura!”

Se enxergarmos nossos filhos como aqueles que sustentam o mundo, se esta for a imagem que projetarmos, eles serão muito elevados.

O que esperamos de nossos filhos em relação às *mitsvot* da Torá? Que façam o *kidush* no *shabat* à noite antes de saírem para a balada? É isso que eles farão, ou menos ainda! O que esperamos de nossos filhos no campo das boas virtudes? Da educação? Da espiritualidade?

Uma pessoa que tem uma ação valendo 20 dólares nunca a venderá por 10 dólares, mesmo que esteja precisando do dinheiro. Nós temos *neshamot* (almas) que valem fortunas. Como podemos vendê-las por tão pouco? Nossos filhos são nossas ações mais caras. Por que não apreciamos seu valor até o fim? Por que vendemos a programas que vendem idéias indesejáveis na televisão, e por um preço tão barato, as *neshamot* que levarão o mundo adiante?

INVESTIMENTO SEM RISCO

Educar não é fácil. Certa vez, um homem percebeu que um velho cachorro vinha sempre para o seu terreno, dormia das três às cinco horas e ia embora. Curioso, prendeu um bilhete na coleira do cão perguntando o motivo daquele estranho comportamento. No dia seguinte, o cachorro apareceu com o bilhete-resposta em sua coleira: “Este cachorro vive numa casa com seis crianças, duas das quais são menores de três anos. Ele provavelmente está indo aí para poder descansar. Se tiver um espaço livre, gostaria de saber se posso me juntar a ele amanhã.”

O Rabino Menashe Klein (1923, Tchecoslováquia; Estados Unidos) escreve em seu livro de perguntas e respostas sobre a Lei Judaica (*Mishnê Halachot*), baseado na *Guemará*, que tudo o que a pessoa gasta para o estudo de Torá dos filhos não entra no orçamento anual que D’us lhe concede em *Rosh Hashaná*. Trata-se de um orçamento extra que não é descontado do que nos foi decretado em *Rosh Hashana* por D’us.

A diretoria da escola onde o filho do Rebe de Gur estudava tinha vergonha de cobrar mensalidade do grande rabino. Certo dia, o Rebe dirigiu-se ao diretor da escola e disse: “Vocês estão fazendo comigo o que se fazia na cidade de Sedom (Sodoma). Lá, era proibido deixar alguém tirar proveito de algo mesmo que não custasse nada. O mesmo ocorre comigo: eu posso pagar a escola de meus filhos sem gastar nada, porque no fim do ano serei reembolsado, e vocês não estão me permitindo ter este prazer!”

PARE DE INVESTIR!

Como se transforma uma pedra bruta num diamante? Lascando os lugares certos para deixar transparecer o que sempre esteve lá dentro. Apenas trabalhar incessantemente na lapidação, porém não é suficiente: aquele que lapidar demais o diamante terminará com uma pedra muito pequena. É preciso também saber o momento certo de parar.

A Torá utiliza uma linguagem muito interessante para dizer como uma pessoa deve ajudar os outros: “Se você vir o jumento de seu inimigo deitado sob sua carga... **azov taazov imô** – você deve fazer esforço para ajudá-lo” (Shemot 23:5). Ajudá-lo? **Laazov**, em hebraico, significa **abandonar**! Por que a Torá usou esta palavra em vez de **laazor** – ajudar?

Meu *rosh yeshivá*, Rabino Yochanan Zweig (EUA), explica da seguinte forma: a palavra *laazov* (abandonar) aparece no início da Torá. Quando Adam se casou com Chavá, a Torá diz: “Al ken **yaazov** ish et aviv veet imô” – “Portanto, um homem **abandonará** seu pai e sua mãe e se unirá com sua mulher, tornando-se uma só carne” (Bereshit 2:24). Qual é o significado de “**abandonar**” os pais, neste caso? Tornar-se independente. O mesmo se dá no caso do jumento do inimigo: se você o ajuda um pouco a andar com a carga, assim que solta tudo, ele cai de novo – não ajudou nada! É preciso ajudá-lo de forma a **laazov** – de maneira que o outro consiga andar sozinho quando você soltá-lo!

Quando podemos ter certeza que ajudamos alguém de verdade? Quando ele já consegue se virar sozinho. Assim, a verdadeira ajuda aos nossos filhos é dar a eles as ferramentas para se tornarem independentes. Isto é *chinuch*: tornar o filho independente no seu espírito, na sociedade, no sustento, nos estudos. Enquanto nosso filho ainda depende de nós, o *chinuch* não está completo (isso pode perdurar até mesmo anos depois do casamento, em alguns casos...).

APROVEITE!

Quantas vezes os pais chegam ao casamento de seus filhos e começam a chorar de saudades: “Puxa, se eu soubesse que o tempo passava tão rápido”... O tempo voa velozmente. Mais dia, menos dia, eles irão embora de casa e, então, ficaremos com saudades... Não! Deveríamos ter ficado com saudades muito antes, para irmos aproveitando mais ainda enquanto dava!

Já que investimos tanto em nossos filhos, por que não aproveitamos também? Os dividendos do *chinuch* são sentar com o filho e brincar de palavras cruzadas ou banco imobiliário, ler um livro, contar uma história, pintar, alugar uma bicicleta e divertir-se com ele num parque.

LIMITES

As pessoas costumam perguntar: “Será que amor demais não estraga os filhos?” Amor de verdade nunca estraga os filhos. O que estraga é amor malfeito, amor daquele pai encobrindo as atitudes erradas que o filho faz na escola ou em casa, amor que não permite ao filho tornar-se independente, amor que não impõe limites.

Os filhos precisam dos limites dos pais. O Dr. Pelkovits (psicólogo contemporâneo americano) conta que, certa vez, um de seus antigos pacientes veio com seu filhinho visitá-lo no consultório e contou: “Lembra quando eu era pequeno e me tratava com o senhor? Eu reclamava que todos os meus amigos podiam fazer o que bem desejavam, menos eu. Agora que já sou pai, posso lhe contar um segredo: eu gostava muito que meus pais impunham limites. No fundo, eu sabia que meus pais se importavam comigo.” Se uma criança diz que pode ir dormir na hora que deseja e voltar para casa no horário que bem entender, está dizendo, na verdade, que seus pais pouco se importam com ela. Assim, os limites expressam o amor e a preocupação dos pais pelos filhos.

E AS PALMADAS?

Antigamente, as palmadas funcionavam, mesmo porque os pais acabavam tendo muito mais tempo qualitativo com os filhos para “recuperar” os danos daquele castigo. Hoje em dia, é difícil os pais terem o tempo necessário para “recuperar” uma palmada.

Um castigo físico pode ficar marcado para sempre – para o bem ou para o mal. Um tapa bem dado pode mudar positivamente uma pessoa, contanto que seja um tapa “perfeito”. Para isso, ele não pode ter sido ocasionado por uma duplicata a pagar, pelo elevador que não chegou na hora, pelo *container* parado na alfândega, pelo bolo que queimou, pela empregada que foi embora ou por não ter ganhado a sexta *aliyá* (parte da leitura da Torá) na sinagoga. Se não for por nada disso, somente e puramente pelo bem da criança, talvez seja permitido bater nas circunstâncias certas, e sem se esquecer de que cada caso deve ser analisado individualmente.

QUEM GOSTA DE MIM?

Nestes doze anos de trabalho com jovens, posso afirmar que eles sempre necessitam que seus pais reforcem como gostam deles – tanto verbalmente como por meio de atos.

Amar é verbalizar, tanto entre cônjuges e amigos como entre pais e filhos. Diga ao seu filho que gosta dele. “Mas ele sabe”. Ele sabe assim como sua esposa sabe, e pobre daquele que não diz à esposa o quanto a ama. Na bênção dos *cohanim* está escrito: “*Co tevarechú et Benê Yisrael amor lahem*” – “Assim vocês abençoarão os Filhos de Israel, **digam** a eles.” Se você quer mostrar que gosta de alguém, **amor lahem** – diga a ele. Quando uma pessoa tem dificuldade em dizer ao filho o quanto gosta dele e como o considera especial, possui mais uma boa razão para se esforçar em fazê-lo!

COMO CONSTRUIR UMA RELAÇÃO?

Pai, em hebraico, é *av*. Filho, em hebraico, é *ben*. Sobrepondo estas duas palavras, אב בן, teremos a palavra אבן = *even* = pedra. O Maharal de Praga (Rabino Yehuda Loew, 1525-1609, Polônia) explica que a relação de proximidade entre o pai e o filho deve fazer os dois se tornarem como uma pedra, uma entidade só, maciça.

E a mãe? Mãe, em hebraico, é אִמָּה = *em*. Filho é בן = *ben*. As letras da palavra *em* são as letras que antecedem as letras de *ben* no alfabeto hebraico: *alef* vem antes de *bet* e *mem* vem antes de *nun*. Por trás de todo grande homem tem uma grande mulher e por trás de todo bom filho tem uma boa mãe. É ela que dá o apoio, sustentando também a relação pai-filho e amparando ambos.

Quando o filho vem conversar com o pai ou a mãe, eles devem dar atenção ao filho primeiro ouvindo-o sem julgar o que for contado. Devem desligar o telefone, sair da *internet* e escutar por cinco minutos o que ele tem a dizer. Não adianta dizer ao filho “Fale, fale, estou escutando” sem tirar os olhos da tela do computador ou de algum outro afazer. Isso não funciona.

EXEMPLO

A Torá conta (Bereshit 26:18) como Yitschak cavou os mesmos poços que seu pai Avraham havia cavado anos antes e que foram cobertos pelos filisteus, e ainda por cima deu a eles os mesmos nomes que seu pai havia dado. Por que a Torá, que é tão especial e preciosa, vem nos contar esse detalhe? O que ela diz para nós, que não estamos interessados em hidrologia? A Torá não conta detalhes à toa. O que ela quer nos transmitir?

A mensagem é que Yitschak era tão próximo de Avraham que desejava ser exatamente como o pai. Este é o melhor sinal de **educação** que existe.

Na maioria das vezes, nossos filhos agem exatamente como nós agimos. Na tenra idade, tentam imitar nossos gestos, nossas expressões e nosso modo de se vestir, e achamos graça; mais tarde começam a ter as mesmas reações que nós a determinados fatos, tratam as pessoas a sua volta da mesma forma que nós tratamos e, mais adiante, tratarão seus próprios filhos como nós os tratamos.

Ser um bom exemplo, portanto, é essencial.

QUEM AMA, CONHECE

Certa vez, um aluno estava profanando o *shabat* dentro de uma *yeshivá*. O *rosh yeshivá* (diretor) deste aluno foi se aconselhar com o Rabino Shach zt"l (1898-2001, Israel) sobre o que fazer. O Rabino Shach já estava muito idoso e fraco e não conseguia mais levantar da cadeira. O *rosh yeshivá* disse, juntamente com outros rabinos:

– Viemos pedir permissão ao senhor para expulsar este garoto da *yeshivá*.

O Rabino Shach perguntou:

– Qual é a situação financeira na casa deste menino e qual é o estado do *shalom báyit* lá?

Os rabinos se entreolharam e disseram:

– Rabino! Como podemos saber?

O Rabino Shach, com toda a dificuldade, levantou-se da cadeira e gritou:

– *Rodfim* (assassinos)! Saiam da minha casa!

Se eles não sabiam qual era a situação na casa daquele menino, como poderiam incriminá-lo por profanar o *shabat*?

De fato, os rabinos foram pesquisar e descobriram que os pais do garoto brigavam muito e se encontravam em pleno processo de divórcio. Além disso, a situação econômica deles era muito precária.

Aprendi dessa história duas coisas importantes:

A primeira é que, para educar alguém, é necessário amá-lo e conhecê-lo direito: conversar com ele, saber o que está sentindo. Quando o filho chega em casa da escola, não devemos perguntar “Como foi na escola?”. Ele já passou oito horas na escola, não aguenta

mais ouvir falar disso! A última coisa que ele deseja é ter o inspetor da escola em casa! Ele quer que você lhe pergunte “Como vai **você**? Quer um pedaço de bolo? Quer um copo de suco?” Isso é amar!

A segunda coisa que aprendi dessa história é que a educação dos filhos é em grande parte um reflexo do *shalom báyit* que há em casa. Quando um educador conhece um garoto e mais tarde conhece seus pais, entende muito do que lhe parecia oculto até então – para o bem ou para o mal. Quanto melhor o relacionamento entre os pais, mais saudável é a educação da criança. Na linguagem do Steipler, **a educação dos filhos** depende de duas coisas: 50% de harmonia no lar e 50% de rezas.

Que tenhamos todos o mérito de fazer um bom investimento nessa *mitsvá*, aproveitando realmente os nossos filhos e sendo uma curtição para eles, com muita saúde, até 120 anos!

“

Quanto mais longe você quer que
seu filho chegue, mais você deve
aproximá-lo de si.

”

FILHOS: QUANTO MAIS PERTO, MELHOR



O MACHUCADO DE YAACOV

Um dos conflitos mais dramáticos da história, cuja repercussão pode ser sentida até os dias de hoje, foi o que ocorreu entre dois irmãos: Yaacov e Essav. Os dois eram filhos de Yitschak e o que estava em jogo era a continuidade espiritual do mundo.

A Torá conta como Yaacov teve de conseguir astuciosamente as bênçãos de Yitschak e fugir para longe para não ter que enfrentar a ira do irmão. Muitos anos depois, Yaacov voltou a Israel e se preparou para encontrar novamente Essav, sabendo que passaria por uma situação extremamente difícil (Bereshit 27:1-28:5; 32:4-24). O ponto decisivo, porém, ocorreu uma noite antes: o duelo entre Yaacov e o anjo de Essav, sozinhos, no meio da noite. Esse foi o auge da batalha.

Parece que o duelo levou a noite toda, de acordo com o que nos conta o livro Bereshit (32:24-32). De repente, o juiz começa a contagem: um, dois, três... dez – e pronto: nocaute! O juiz levanta a mão do vencedor e diz: “Yaacov acaba de vencer o anjo de Essav!” Muito bem. Quem apostou em Yaacov, ganhou. No entanto, a Torá conta um detalhe que poderíamos dispensar à primeira vista: o anjo de Essav prejudicou Yaacov, ferindo-o na coxa. Por que a Torá nos transmite este detalhe? Por que é importante lembrar-se dessa ferida milhares de anos depois do acontecimento?

O Rabino Elchanan Wasserman (grande aluno do Chafêts Chayim, Lituânia, 1874-1941) explica: existe uma coisa que o *yêtsér hará* não tolera: o estudo da Torá. Se formos pensar, quem realmente era o anjo de Essav? O *yêtsér hará*. Essav era ruim, e a “força espiritual” que o movia era a inclinação para fazer o mal. Assim, foi o *yêtsér hará* quem lutou contra Yaacov. Perguntam todos os comentaristas: por que o *yêtsér hará* não lutou com Avraham ou com Yitschak? A resposta é simples: Yaacov era o símbolo da Torá. Quando a Torá vem defini-lo, diz que “*Yaacov ish tam yoshev ohalim*” (Bereshit 25:27) – Yaacov era um homem estudioso que permanecia nas tendas – nas casas de estudo da Torá. Yaacov personificava o estudo da Torá.

Isto era demais para o *yêtsér hará* aturar. A Torá é o oposto do *yêtsér hará*; enquanto o judeu estiver estudando Torá, ele está a salvo. O “piques” do judeu é a Torá; lá o mau instinto tem muito menos chance. A inclinação para fazer o que é mal não pode atingir aquele que está estudando direito.

Assim, continua o Rabino Elchanan Wasserman, o anjo de Essav queria atingir o ponto vital de Yaacov: sua coxa, que representa tanto a continuidade e a descendência do ser humano (por estar ao lado dos órgãos reprodutores) como a parte do corpo que sustenta o corpo inteiro. O mau instinto deixou sua marca na coxa de Yaacov, nas crianças que estudam Torá – *tinocot shel beit raban*. Yaacov venceu a luta contra o *yêtsér hará*, mas alguém saiu machucado (representado pelo machucado que Yaacov sofreu): as crianças, seus descendentes.

E vemos hoje os resultados:

“Ah, por que ensinar Torá ao seu filho? Se estivéssemos no ano de 1300 e vivéssemos na Espanha ou na Inglaterra, tudo bem. Mas no século XXI ensinar Torá a uma criança? Há coisas mais importantes na vida.”

“Para que colocar seu filho numa escola judaica que segue as leis da Torá? Muito melhor colocá-lo na melhor escola no que diz respeito ao ensino laico!”

Este tipo de afirmação é consequência do machucado que o anjo de Essav fez em Yaacov.

UM POUCO DE MATEMÁTICA

A pergunta a fazer é a seguinte: esse *yêtsen hará* tinha uma única oportunidade de machucar Yaacov. O que ele fez? Atingiu sua coxa. O que isso representa? Sua descendência. Por que o anjo de Essav não deu um tapa em outro lugar do corpo de Yaacov? Por que ele queria atingir justamente a educação de todas as gerações futuras? Não há nada mais importante?

A resposta é a seguinte:

Se uma pessoa tem quatro filhos hoje, e a próxima geração também tem quatro filhos cada, ela terá 16 descendentes. Seguindo essa progressão, a terceira geração terá 64, a quarta, 256 e a quinta, 1024 descendentes.

Já se o pai tiver cinco filhos e cada um tiver cinco também, a próxima geração terá 25. Desse modo, a terceira geração terá 125, a quarta, 625 e a quinta, 3125 descendentes.

Talvez o anjo de Essav tenha percebido que, se podia dar somente um soco em Yaacov, o maior estrago que poderia fazer seria atingindo esta continuidade, fazendo com que as pessoas dissessem: “Por que você dá bola para a educação religiosa de seus filhos?”

Queridos leitores: e se o casal tiver 9 filhos? A quinta geração terá... Rufem os tambores... 59.049 descendentes!

O anjo sabia que, dessa forma, estaria comprometendo o Povo de Israel para sempre. Uma criança machucada hoje pode ter repercussão em 50.000 pessoas mais tarde!

QUANTOS?

Sei que esta história parece um pouco estranha, mas aconteceu mesmo! Certa vez, fui buscar minha esposa e minhas filhas no cabeleireiro. Enquanto as esperava na rua, saiu uma moça lá de dentro e perguntou:

– O senhor é marido daquela louca?

Vendo meu espanto, ela disse:

– Imagine, ter três filhas! E este aí, ao seu lado? Não pode ser seu filho!

– Mas é.

– Então o senhor é louco mesmo.

Por pouco eu não lhe disse que ainda tinha mais um esperando em casa... Mas o que me deu vontade de perguntar era quantos cachorros ela possuía...

A Revolução Industrial trouxe consigo a produção em série: pedaços de plástico passam pela esteira, são injetados na forma de garrafas, que por sua vez são cheias com Coca-Cola, lacradas e etiquetadas. Assim, uma leva de milhares de garrafas está prontinha. Filhos não são assim. Um quer mais gás, o outro não quer gás, o outro não quer nem ser lacrado... É preciso muito amor e compreensão para cada um. “Filhos dão trabalho, talvez valha a pena ter somente um ou dois.” Esse tipo de pensamento vem daquele machucado feito pelo anjo de Essav.

PROCURAM-SE OS ALUNOS DE AVRAHAM

Sempre tive uma pergunta: Avraham Avinu, de acordo com nossos sábios, aproximou milhares de pessoas a D’us. Avraham aproximava os homens e Sará, as mulheres (de acordo com o comentário de Rashi). Para onde foram esses alunos? Onde estavam todos aqueles discípulos a quem Avraham ensinou sobre a existência de D’us? Uma geração depois, não ouvimos falar de nenhum deles sequer! Os únicos que desceram ao Egito e formaram a nação de D’us foram os descendentes diretos de Avraham – os filhos de Yaacov, seu neto. E os outros?

Vejam a resposta fantástica que encontrei: os alunos de Avraham Avinu, apesar de serem pessoas espiritualmente importantes, não investiram em *chinuch*. Embora tivessem estudado bastante, nada ensinaram aos filhos, dizendo: “Deixemos eles crescerem e depois ensinaremos a eles o caminho correto.” “Quando ele for mais velho, vou ensiná-lo.” Este é um grande erro. Uma vez que não investiram na educação dos próprios filhos, não sobrou nenhuma das milhares de pessoas que Avraham e Sará aproximaram!

Foi isso que o anjo de Essav entendeu: qual é o ponto vital de Yaacov? A educação. Se o anjo fizesse as pessoas acharem que educação dos filhos não era tão importante assim, banalizando-a, acabaria com a continuidade desse povo!

“Qual é o problema de colocar meu filho numa escola não judaica? Ele sairá culto! Quando fizer *Bar-Mitsvá*, darei aulas de Judaísmo após o período escolar para ele.” Este tipo de pensamento equivocado provém única e exclusivamente do machucado que o anjo de Essav fez em Yaacov. Essa ferida perdura até hoje, infelizmente.

FALANDO COM A PEDRA

Já que educação é algo tão forte – uma vez que sem filhos não há Torá, e sem Torá não há o Povo de Israel – gostaria de compartilhar com vocês um pouco do que a Torá fala sobre o enfoque correto da educação.

O maior dos profetas que já existiu foi Moshê Rabênu. As demais religiões colocam um capuz em seus grandes homens, para ninguém enxergar seus erros, enquanto a Torá faz exatamente o contrário. Moshê Rabênu errou. Só podemos afirmar isso porque a própria Torá diz. Caso contrário, quem somos nós para falar uma coisa dessas? A Torá nos conta os erros dos grandes homens porque errar é humano e é deles que nós aprendemos – tendo sempre em mente que o erro daqueles grandes homens era mínimo.

Chega o momento tão esperado. Moshê Rabênu sofreu e se esforçou para, finalmente, entrar na almejada Terra Prometida. É então que D’us diz: “Meu querido, passagem proibida”. Todo o povo recebeu o visto para entrar em Israel, enquanto Moshê Rabênu ficou fora. Seu passaporte nunca pôde ostentar o carimbo do Aeroporto Ben Gurion – e não só porque este ainda não existia...

A pergunta é: por quê? Por que este grande homem não pôde entrar na Terra de Israel? Afinal, em que ele pensava enquanto o povo permaneceu durante 40 anos no deserto? Seu sonho era um só: entrar na Terra de Israel para poder cumprir as *mitzvot* que só podem ser praticadas na terra santa. Por fim, D’us lhe disse: “Já que você rezou tanto, suba no monte e dê uma espiada na terra. Mais do que isso, não permitirei.” Qual foi o erro de Moshê?

A história que impediu Moshê de entrar na terra de seus sonhos é descrita na *parashá Chukat* (Bamidbar 19:7-14): o povo estava no deserto, ao fim dos 40 anos de andanças, com sede, pois a fonte de Miriam sumira com a morte da profetisa. Para solucionar o problema, D’us mandou Moshê falar a uma pedra para que ela desse água ao povo. Em vez de falar, porém, ele bateu nela.

Há algumas questões que não foram esclarecidas nessa história: depois que D’us mandou Moshê falar à pedra, Moshê bateu na pedra e nada aconteceu. Ele bateu novamente e, então, jorrou água. Por que Moshê bateu na pedra? Por que D’us deixou sair água somente na segunda vez? Qual é a relação entre bater na pedra e não entrar em Israel? Será que o castigo não foi exagerado?

Para poder responder essas questões, é preciso analisar outro ponto, geralmente esquecido: em *parashá Beshalach* (Shemot 17:5-7) ocorreu algo bem similar, só que quarenta anos antes. D’us disse a Moshê, logo após saírem do Egito: “O povo está com sede! Pegue o seu bastão e **bata na pedra.**” Moshê bateu e saiu água. Quarenta anos depois, D’us disse a Moshê: “O povo está com sede! Pegue o seu bastão e **fale à pedra.**” Por que antes D’us mandou bater e agora, 40 anos depois, logo antes de entrar em Israel, Ele mandou falar com a pedra? O que mudou?

O *Keli Yacar* (comentário do Rabino Shelomo Efráým Luntschitz, Polônia, 1540-1619) traz uma explicação sobre a qual basearemos nossa resposta. Existe um *midrash* (a parte da Torá oral que nos conta o que ocorre nos bastidores) chamado *Yalcut Shim’oni*, que ensina:

tratava-se da mesma pedra. “Quando esta pedra era pequena (quarenta anos atrás), você bateu nela”, diz D’us. “Porém, agora, Eu lhe disse para conversar com a pedra. Diga a ela só um pequeno *Devar* Torá (pensamento de Torá) e ela jorrará água.”

Interessante: a pedra cresce? Por que o *midrash* conta que era a mesma pedra e que a pedra cresceu? O que ele quer ensinar?

Trata-se de uma regra básica de educação, que só a Torá pode transmitir. Na educação dos filhos, há sempre dois caminhos. O primeiro é o do Quartel General, composto de dois generais (o pai e a mãe) e os soldados (os filhos): “Sente! Levante! Flexão! Abdominal! Tire o prato! Vá dormir.” Disciplina. Uma espécie de prisão. “Apanhe hoje e nunca mais esqueça seu erro.” Há, porém, um segundo caminho: o amor.

DUAS TERRAS, DUAS PEDRAS

O Povo de Israel passou 210 anos no Egito sob um regime ditatorial extremo. Se um judeu levantava o braço um pouco mais do que o egípcio queria, no melhor dos casos recebia algumas chicotadas. Foram machucados e orientados apenas fisicamente. Assim, se dois judeus brigavam, eles na certa se batiam – afinal, se eu apanho por tudo o que faço, aprendo que esse é o jeito de resolver problemas. O próprio Moshê Rabênu estava preocupado com isso. A prova é que certa vez, quando não deu ao povo o que este exigiu para comer, disse a D’us: “Mais um pouco e serei apedrejado” (*Shemot* 17:4). A única maneira de resolver os problemas era com as mãos.

Finalmente, após 210 anos de violência, os judeus saíram do Egito. Mas o Egito não saiu deles! Era uma cultura toda que ainda permanecia dentro de nós. A cultura de apanhar, bater, ser oprimido e devolver. Como se transforma o Egito, um lugar onde só se apanha, em *Erets Israel*, uma terra de sensibilidade?

Para isso, é preciso tempo. Quando acabaram de sair do Egito e o povo pediu água, Moshê Rabênu bateu na pedra, porque o povo só entendia batendo. É assim que devia se comportar com eles, por enquanto.

Passaram-se quarenta anos no deserto. Milagres e mais milagres. Já não havia mais egípcios batendo em ninguém. Quem sabe o povo tenha assimilado, durante aquele período, que é possível resolver os problemas sem brigar? Já era possível usar mais os sentimentos e menos as mãos. Morreram aqueles que saíram do Egito, havia uma nova geração que foi educada diferentemente e deveria ser tratada de outra forma. Assim, D’us disse a Moshê: “Quer entrar em Israel agora? Ótimo. Então, fale com a pedra.”

Moshê Rabênu, no entanto, não acatou essa lição e acabou batendo na pedra. Na primeira vez que ele bateu, não saiu água. Na segunda, saiu. Por qual razão? D’us queria mostrar que, quando alguém bate, muitas vezes consegue aquilo que deseja. No entanto, quantas vezes é preciso bater? Duas, três? “Eu que mando aqui, entendeu?”

Assim, D'us disse: “Eu farei sair água, mas você não entrará em Israel, pois não entendeu que essa não é a forma correta de lidar com pedras e muito menos com pessoas”.

Dentro desse pequeno engano de Moshê havia uma qualidade: Moshê Rabênu era um dos poucos que havia saído do Egito e que ainda estava vivo. Embora não tivesse passado por todo o sofrimento que o povo passou naquela terra, ele sentia o que seus irmãos sentiam e acabou ficando com um pouco daquela característica dentro de si. O erro de Moshê parece pequeno para nós: ele apenas bateu em uma pedra em vez de falar, uma única vez. O nível de Moshê, porém, era tão inimaginável que a consequência foi extremamente trágica.

Existe mais uma diferença entre os dois episódios com a pedra: no primeiro, D'us mandou Moshê bater na pedra que, nesse caso, é chamada de “*tsur*”. Já na segunda vez está escrito “fale com a pedra” e ela é chamada de “*sêla*”. Qual é a diferença entre *tsur* e *sêla*? *Tsur* é uma pedra dura por dentro e dura por fora. *Sêla*, por sua vez, é uma pedra que só é dura por fora. D'us disse: “Da primeira vez, estávamos lidando com pedras duras por fora e por dentro. Portanto, bata. Não há muito mais a fazer.” Quarenta anos depois, porém, surge uma nova geração, que não sofreu no Egito. D'us então manda Moshê falar com uma pedra que é dura por fora, mas mole por dentro, como as pessoas que estavam à sua frente.

Uma curiosidade muito interessante: a palavra *sêla* (סלע) é composta por três letras: *samech* (ס), *lamed* (ל) e *áyin* (ע). Escrevamos essas letras por extenso:

ס
מ
ך

ל
מ
ד

ע
י
ן

A letra do meio de cada uma delas será: *mem* (מ), *mem* (מ) e *yud* (י), formando a palavra: מים – *máyim*, água. *Sêla*, em seu meio, tem água. É mole por dentro.

ARCO E FLECHA

Quando o Rabino Eliyáhu Dessler (Lituânia, Inglaterra e Israel, 1892-1953) era *mashgiach* (supervisor espiritual) na *Yeshivá* de Ponevitch, houve queixas de que ele era muito “*light*” com os alunos. Além de reclamarem com ele, foram perguntar ao grande rabino da geração, o Chazon Ish (Rabino Avraham Yeshayá Karelits, 1878-1953, Israel), qual é a forma correta de educar. Ele disse: “*Meshichá* é muito mais poderosa do que *chazacá*.” O que isso quer dizer?

Existem duas formas de adquirir um animal, de acordo com o Talmud: puxá-lo (*meshi-chá*) ou demonstrar que você o domina (*chazacá*). Pela lei judaica, puxar um objeto indica propriedade muito mais do que demonstrar domínio sobre ele. O Chazon Ish quis ensinar que o mesmo é verdadeiro em relação à educação: trazer alguém para perto, com carinho, funciona muito mais do que utilizar a força. Só a maneira do Rabino Dessler funciona; as demais formas de educação não serão bem sucedidas.

O Rei David diz, nos Salmos (127:4): “Como flechas na mão de um guerreiro, assim são os filhos durante a mocidade.” A explicação clássica desse versículo é a seguinte: se você quer que seu filho ou aluno chegue a algum lugar, é preciso, antes de tudo, mirar. Caso contrário, eles não chegarão a lugar nenhum. É preciso ter uma meta bem esclarecida e agir de acordo.

O Rabino Tsvi Pessach Frank zt”l, Rabino de Jerusalém (1873-1960), porém, vai muito além: quanto mais longe o guerreiro quer atirar a flecha, mais ele precisa puxá-la para perto de si. É isso que David Hamêlech queria dizer: as crianças, na sua mão, são como uma flecha – além de ter que mirar em um objetivo, quanto mais longe você quer que seu filho chegue – em relação à Torá, no trabalho, na saúde mental, no casamento – mais você deve aproximá-lo de si.

Assim, David Hamêlech já traçou, há dois mil anos, qual é a linha de educação mais eficaz. Hoje em dia, então, não há dúvidas quanto a isso: em nossa geração, é preciso falar, não bater.

O Rabino Eliyáhu Lopian (Lituânia, Inglaterra e Israel, 1876-1970) era outro *mashguiach* especial, que atuava na *Yeshivá* de Kfar Chassidim, em Israel. Certa vez, deu uma bronca num aluno, explicando-lhe a importância de chegar cedo à reza. Explicou uma, duas, três vezes. Esse aluno, contudo, travava uma luta interminável com o despertador. Depois de alguns meses tentando, certa manhã o Rabino Eliáyu abordou o garoto e perguntou:

- Em que parte da reza você chegou?
- Em Ashrê – respondeu o menino.
- No primeiro Ashrê (logo no início da reza) ou no segundo (bem no final da reza)?
- Bem... no segundo.

Vejam o que o Rabino Eliyáhu Lopian respondeu a esse menino – uma lição para toda a vida:

– Se você soubesse o quanto eu gosto de você, eu lhe daria um tapa na cara. Já que você não sabe, lhe darei um abraço.

“Posso bater no meu filho?” Talvez possa. Contanto que você não esteja bravo com a secretária, com o fornecedor ou com nenhum fator externo. E contanto que seu filho saiba que você gosta dele.

Existem outras maneiras de educar, deixando de lado a atitude física.

ELES SENTEM

Só se educa filhos da forma que Moshê Rabênu aprendeu. Não adianta chegar ao filho cantando “*Chéri je t’aime, chéri je t’adore*”, “Eu te amo” ou “*I love you*”; eles não são bobos e sabem muito bem quando os pais falam da boca para fora e quando é verdadeiro. O pai pode chegar todo dia em casa com um presente e dizer “Eu te amo”. Inútil. Por outro lado,

you pode não dar nada para seu filho e ele saber que você o ama. Se há alguém sensível à mentira, é a criança. Ela sente quando gostamos ou não gostamos dela.

Certa vez, um aluno da *yeshivá* aproximou-se de mim e perguntou:

– Rabino, quando eu crescer e estiver no 2º ano do EM, o senhor irá gostar de mim assim como gosta de fulano do 2º ano do EM?

– Eu gosto de fulano? Mas eu nunca fiz nada de especial para ele!

– Rabino, eu sei que o senhor gosta dele.

De fato, mesmo sem dizermos nada, eles sentem sozinhos.

APROXIMANDO OS FILHOS

Como devemos lidar com nossas “flechas”? Aproximando-as ao máximo. Um pai tem que saber sentar no chão e brincar de carrinho com o filho, rolar pela grama e engatinhar ao lado do bebê. A mãe tem que sentar e tomar chá com as bonecas de suas filhas. Pegue uma tarde e vá brincar de argila com seu filho. Sente-se no chão e fique todo lambuzado. Pinte a cara dele de guache e ele pinta a sua. Não se trata de cada um ficar em sua cadeira assistindo à TV. Nesse caso, vocês dois estão passando o tempo, mas não juntos. Quanto mais próximos estivermos de nossos filhos, mais longe eles irão.

Quantas coisas um garoto ou uma garota tem em sua cabeça e não tem coragem de perguntar? “O que está acontecendo com meu corpo?” “O que meus amigos pensam de mim?” “Por que eu estudo mais que fulano e tenho menos êxito?” Se os pais não estão próximos, para quem eles vão perguntar? D’us nos livre, podem perguntar a uma pessoa errada. Aí, podemos perder nossos filhos para sempre.

Procurei no dicionário Michaelis a tradução da palavra pai. Lá está escrito: “gerador, criador.” Pode ser que se eu procurasse algum animal, encontraria a mesma coisa. Só esqueceram de escrever que é o pai também quem paga as contas etc. Procurei, então, no dicionário de verdade – a Torá. A palavra *av*, pai, aparece no início da *parashá Vayigash* (Bereshit 45:8). O Rashi explica essa palavra assim: *av* = *chaver* (amigo), *patron* (benfeitor).

Amigo e benfeitor – isso que são pais. É esse pai que o filho quer. O filho não procura um pai que, no dia do Bar Mitsvá, diz: “Querido filho, estamos muito orgulhosos de você...” Não é só isso que ele deseja. Ele quer um pai a quem possa contar que tem um problema na escola sem ser criticado de imediato. Ele quer um pai a quem possa confidenciar seus temores e dúvidas, um pai que o entenda, mesmo que não concorde com o ele.

Vá um dia buscar seu filho mais cedo na escola: “Hoje vou levá-lo para almoçar fora.” “Vou levá-lo para nadar.” “Hoje vamos pintar juntos.” Você ganhará seu filho! “Ora”, você dirá, “eu preciso educá-lo!” Mas é isso mesmo que estou dizendo! Você o está educando. “Mas, o que eu estou ensinando a ele?” Que você o ama. Provavelmente, ele fará o mesmo com seus netos.

CUIDADO! FRÁGIL!

Cuidar de pessoas é muito difícil. Certa vez, eu estava dando uma palestra quando fui interrompido por uma pergunta: “Por que o senhor se formou em MBA numa faculdade americana, rabino? O senhor administra o quê?”. Boa pergunta. Na hora, D’us me iluminou e respondi: “Eu tento administrar vidas. E é muito difícil.” Porque administrar uma fábrica, com todas as dificuldades, é uma coisa. Mas administrar um lar, ajudar a administrar a vida de jovens, são tarefas extremamente delicadas. Precisamos investir tempo e forças na educação dos nossos filhos.

O Rabino Israel de Salant (1810-1883, Lituânia, fundador do movimento de *Mussar* – estudo intensivo de ética judaica) disse algo bárbaro: “Me parece que o marceneiro pisa sobre lascas de madeira; o vidraceiro, sobre cacos de vidro. O educador, por sua vez, pisa sobre almas.” De fato, o marceneiro pode estragar uma mesa; o vidraceiro pode quebrar um espelho. Triste. Depois de um tempo, porém, já estará tudo esquecido. No entanto, se um educador faz bobagem, está entortando, quebrando ou esmigalhando uma alma, deixando sequelas para sempre!

Hoje em dia, infelizmente, vemos como o Rabi Israel tinha razão: muitas revistas judaicas americanas trazem anúncios sobre instituições para *drop-outs*, ou seja, aqueles jovens que escorregam e saem do caminho da Torá e do cumprimento de seus preceitos. Conversei, certa vez, com um rabino relacionado a *yeshivot* que lidam com esses casos e perguntei se ele era capaz de definir em uma palavra qual seria o problema principal que leva esses jovens a sair do caminho. Será que existe algum denominador comum entre eles?

Ele respondeu que sim: grande parte dos jovens que chegam a essas *yeshivot* tem pais ausentes. No caso de meninos, geralmente é o pai, e no caso de meninas, a mãe. Ausente não significa um pai que não está em casa, mas um pai que não dá atenção para o filho, que não tem tempo para ele. Como aquele pai que atende ao celular e ouve a voz do filho:

– Oi, pai!

– Mas, por que você está me ligando, se nós dois estamos em casa?

– Porque pelo menos assim você fala comigo!

Por que esses filhos abandonam o caminho? Muitas vezes, é só para chamar a atenção dos pais: “Vou sair do caminho da Torá e chamar a atenção da comunidade só para você ver que eu existo.” Eles querem atenção.

ATENÇÃO!

Um colega me contou que seu filho de seis anos sofria muito de dor de barriga. Certa vez, foi o cúmulo: começou a chorar às duas da manhã e não parou. A mãe acabou levando o filho ao pronto-socorro. Realizaram uma série de exames, ao cabo dos quais disseram a

ela: “Minha senhora, seu filho não tem nada. O que ele precisa é de um pouco de atenção.” A mãe fez o que lhe disseram, deu mais atenção ao filho durante cerca de três dias e, depois disso, ele nunca mais sofreu de dor de barriga. Não teve de tomar nenhum remédio. Ao contrário do que sua mãe suspeitava, ele não tinha infecção urinária; tinha uma “infecção emocional” devido à falta de atenção por parte dela.

Nós nos preocupamos se nossos filhos aprenderam ou não inglês, se foram à aula de balé, se escovaram os dentes, se tomaram a vitamina e quantas calorias ingeriram ou deixaram de ingerir. Quem dera nos preocupássemos da mesma forma com a saúde mental deles e com a proximidade que temos com nossa família! Afinal, o que comanda todo o corpo é também o principal responsável pelos problemas dos adolescentes: a mente.

Por que um jovem começa a se envolver com drogas? Muitas vezes, isso ocorre porque sempre quis falar com seu pai e ele não o ouviu. Então, esse jovem vai falar com outra pessoa que não é exatamente apropriada e, uma vez amigos, o adolescente vai atrás do que ela diz. Isso acontece em todas as classes sociais.

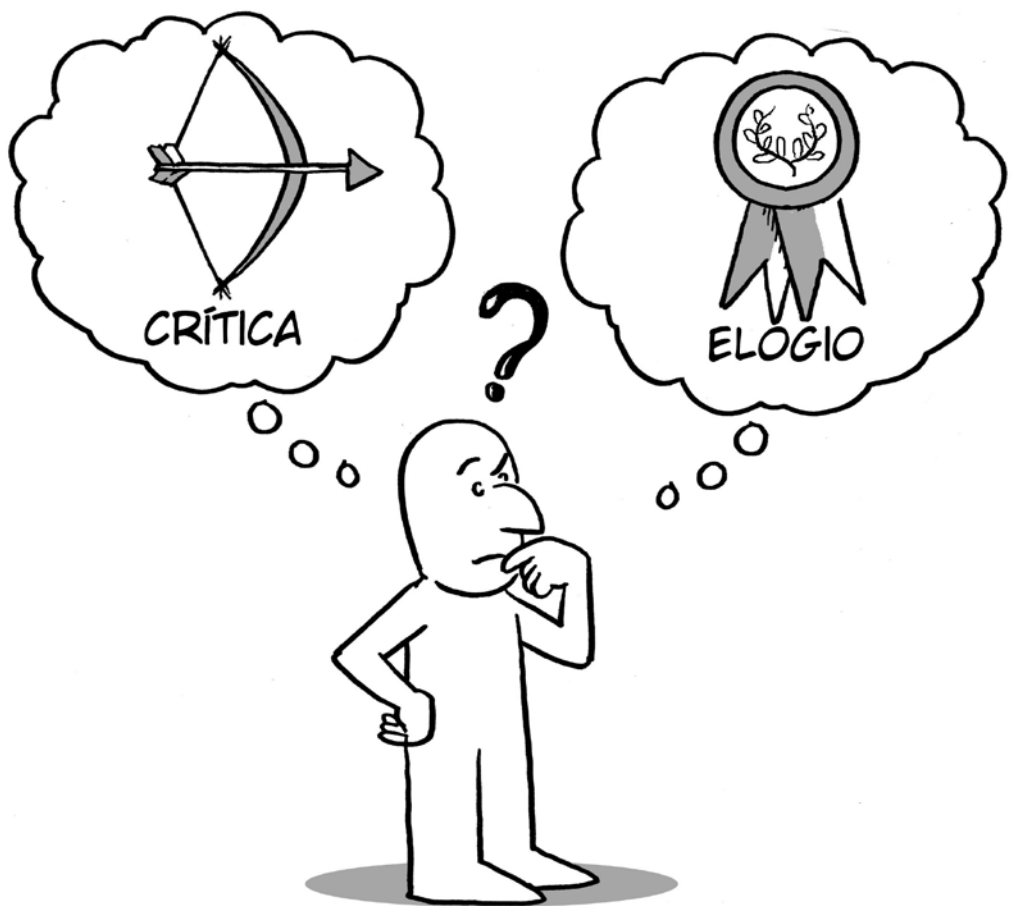
Esta foi a mensagem que a Torá nos ensinou: existem dois caminhos. Agora é hora de falar com a pedra. É hora de rolar com o filho pelo chão para que ele possa me contar: “Puxa pai, fui mal na prova.” “Mãe, briguei com um amigo.” “Sabe, fui muito bem naquele trabalho.” Esta é a tradução da Torá para pai: o melhor amigo.

QUEM DERA!

Por fim, para cumprirmos esta sagrada missão – a perpetuação do Povo de Israel no caminho da Torá – precisamos de muita ajuda dos céus. Somente com a ajuda de D’us poderemos ter o mérito de educar nossos filhos no caminho da Torá. É por isso que o Chafêts Chayim, nas leis sobre a bênção da Torá, acrescenta: “O pai e a mãe devem sempre ter esta prece fluente em seus lábios, rezando por seus filhos para que sejam estudiosos da Torá, justos e dotados de boas virtudes.”

Pedindo a ajuda de D’us e nos esforçando para aproximar cada vez mais nossos filhos, poderemos realmente educá-los no caminho correto!

CRÍTICA OU ELOGIO?



“

Acreditar no que os filhos podem fazer de bom, em vez de frisar o que não conseguem, é o que dá energia para eles agirem cada vez melhor.

”

O FARAÓ NA CONTRAMÃO

O Povo de Israel está acampado perto do Mar Vermelho; sete dias se passaram desde que saíram finalmente da terra de seus opressores, o Egito. Eis que, então, o Faraó e todo o seu exército aparecem no horizonte. Achando que o povo estava perdido e preso no deserto, os egípcios resolvem aproveitar a deixa e reaver aquela maciça quantidade de mão-de-obra gratuita que movimentava sua economia (Shemot 14:5-11).

A história não termina aí. Como bem sabemos: o mar se abre, o Povo de Israel passa e os egípcios são afogados. Mesmo assim, qualquer um deveria interromper a história neste ponto e perguntar: o Faraó e os egípcios acabaram de passar o ano mais terrível da história mundial, atingidos pelas 10 pragas, uma pior que a outra. Essas pragas foram destruindo suas fontes de água e de alimento, suas divindades, seus animais, sua economia, sua saúde, seus corpos e, por fim, seus próprios filhos primogênitos – inclusive o filho do Faraó. Como ele teve a ousadia de perseguir o Povo de Israel depois de tudo isso? Não pensou que era loucura?

De fato, após o milagre da abertura do Mar Vermelho, o único primogênito que sobrou de toda aquela multidão de milhares e milhares de egípcios foi o próprio Faraó. Como uma pessoa tão brilhante pode ter cometido tamanha bobagem?

Talvez a seguinte anedota ajude a explicar:

Certa vez, um sujeito saiu do trabalho muito estressado e resolveu tomar umas e outras no bar, antes de ir para casa. Finalmente, depois de vários copos, pegou o carro e entrou na via expressa, na contramão. Depois de um tempo desviando de todos os carros que quase batiam nele, seu celular tocou e a esposa lhe disse, aflita:

– Querido! Tome cuidado! Acabei de ouvir no rádio que tem um louco dirigindo na via expressa na contramão!

– Só um louco? – retrucou o marido – Eu já contei centenas deles! Todos estão dirigindo no sentido contrário!

Assim, aprendemos do Faraó como um ser humano é capaz de andar contra todo mundo e ainda achar que são os outros que estão errados. A arrogância do Faraó não lhe permitia enxergar que os outros estavam certos e ele, equivocado.

Essa qualidade negativa é comum e não é preciso ir muito longe para encontrá-la: para o torcedor de qualquer time de futebol, não existe “nosso time perdeu”. Foi sempre o juiz que roubou. Um sujeito que está mal-humorado chega em casa e desabafa: “Não sei o que há de errado com as pessoas! Todos estão de mau humor e ainda descarregam em cima de mim!”

Para todo ser humano é muito difícil assumir que errou. E foi assim que, do Egito, nada sobrou além de múmias e algumas pirâmides.

ACEITAR CRÍTICAS

O Rabino Chaim Fridlander (1923-1986, Israel), em seu livro *Messilot Hachinuch*, traz que o Gaon de Vilna (Rabino Eliyáhu ben Shlomo Zalman Kramer, 1720-1797, Lituânia) considerava seu nível superior ao nível do Maguid de Dubna (Rabino Yaacov Kranz, 1741-1804, Lituânia). Mesmo assim, fazia questão de tê-lo como seu “GPS da vida” e pedia-lhe que chamasse constantemente sua atenção, dizendo o que fazia de errado. Afinal, se não recebermos críticas e direcionamentos, muitas vezes podemos estar no sentido errado sem saber...

Assim, por mais difícil que seja, é muito importante saber aceitar críticas. Se dermos um choque de 220 volts cada vez que alguém nos faz uma observação, qual será a próxima vez que nossos amigos ou parentes nos chamarão a atenção? Isso só dificultará nossa vida. Para nosso crescimento pessoal, é extremamente importante estarmos abertos a críticas construtivas. Por que, então, é tão difícil aceitá-las?

POR QUE É TÃO DIFÍCIL OUVIR UMA CRÍTICA?

O bloqueio que sentimos em relação às críticas deve-se a dois motivos principais: nossa própria arrogância e a forma como a crítica é transmitida.

Quanto à arrogância, é necessário trabalhar nossas virtudes e nosso ego, abrir nossa porta cada vez mais alguns graus, até o ponto de dar um abraço em quem nos faz uma observação e dizer: “Obrigado por ter me ajudado.”

COMO CHAMAR A ATENÇÃO DOS OUTROS

Quanto à forma de transmitir uma crítica, é realmente necessário aprender: qual é a forma certa de censurar os outros? Como podemos tirá-los do trilho errado e encaixá-los no certo? Há duas formas:

- 1) Mostrar-lhes os erros que cometeram.
- 2) Mostrar-lhes os acertos que já estão fazendo.

Na primeira possibilidade, você pega uma qualidade negativa da pessoa e tenta transformar em positiva. Por exemplo: “Você é muito lerdo. Mexa-se!”. Na segunda possibilidade, você pega outras qualidades positivas que aquela pessoa tem e os ressalta, de maneira que, a qualidade negativa se transforme em positiva. Por exemplo: “Hoje você se arrumou para a escola em dez minutos! Parabéns!” ou “Vejo que você arrumou sua mesa com rapidez.” Pode ser que tenha outras coisas que ela não fez, mas você se concentra no fator positivo e o faz transbordar.

Ferramentas como essas nos têm sido transmitidas em livros e revistas de educação somente nos últimos anos, mas nossos sábios já falavam sobre esse assunto há pelo menos 300 anos:

O Rabino Chaim de Volozhin diz o seguinte: existe uma *mitsvá* da Torá de chamar a aten-

ção de outra pessoa. No entanto, aquele que possui uma natureza forte, que não sabe falar delicadamente, está isento desta *mitsvá*. Por quê? Assim como ninguém espera que uma pessoa com os dois braços engessados ajude a trocar um pneu de carro, uma pessoa “áspera” está com o “braço engessado” em relação à advertência.

Certa vez, um *maguid* (pessoa que ia de cidade em cidade dando prédicas) queixou-se ao Chafêts Chaim:

– Em uma das cidades em que estive, percebi que as pessoas precisavam urgentemente melhorar em *tzeniut* (recato) e no respeito ao *shabat*. Na palestra que dei no *shabat*, consegui ligar o assunto à *parashá* e falei sobre *shabat* e *tzeniut*. No entanto, cheguei à conclusão de que, naquela cidade, ninguém estava pronto para receber uma palestra crítica.

– De que maneira você descreveu os problemas deles? – perguntou o Chafêts Chaim.

– Caprichei no meu tom de voz. Soltei labaredas da minha boca!

– Sr. Rabino – disse o Chafêts Chaim. – Você colocou *teflin* hoje de manhã?

– Lógico que sim!

– E o que você gritou ao colocar o *teflin*?

– Gritar? O que tem para gritar no *teflin*?

– Então diga-me: por que você colocou o *teflin*?

– Porque é uma *mitsvá* da Torá!

– E por que você chama a atenção das pessoas?

– Porque também é uma *mitsvá* da Torá!

– Então por que na *mitsvá* de *teflin* você não grita e na *mitsvá* de censurar as pessoas você berra? Para que alguém nos ouça, é preciso falar o mais baixo possível.

ELE É CAPAZ!

Conta-se em nome de Einstein:

Dois garotos estavam patinando no gelo quando este se partiu e um deles caiu dentro da água. O outro menino, vendo isso, ficou desesperado, sabendo que seu amigo iria congelar. Tirou seu patim, bateu com ele no gelo, puxou o amigo e tirou-o da água. Alguns minutos depois chegou o resgate e perguntaram ao garoto: “Como é possível que um garoto de 13 anos tenha conseguido tirar seu amigo de baixo do gelo? Isto é impossível!” Um senhor que passava por lá disse:

“Ele conseguiu porque não havia ninguém ao seu lado dizendo que ele não seria capaz.”

Essa história é o coração de uma família, de uma escola, de uma comunidade e de toda a vida. Dar crédito ao que há dentro dos outros e acreditar no que podem fazer de bom, em vez de frisar o que não conseguem, é o que dá energia para eles agirem cada vez melhor, muitas vezes de um modo incrível e quase inesperado.

O MAIOR SEGREDO DA EDUCAÇÃO

Uma pessoa que ouve durante toda a vida que é boba irá se comportar dessa maneira. Por outro lado, aquele que recebe estímulos positivos acaba florescendo e se transformando.

Escutei sobre um grande *talmid chacham* (estudioso da Torá) que foi pessoalmente perguntar ao Rabino Shach zt”l qual é o segredo da educação. O Rabino Shach, que tinha dezenas de anos de experiência como rabino, *rosh yeshivá* e líder do povo, deu como resposta um ponto que jamais pensaríamos ser o principal e, se tivéssemos que escolher em que categoria classificá-lo, de “A” a “Z”, não entraria nem sequer na categoria “Z”. O Rabino Shach respondeu com uma palavra: “*Lehit’alem*” – saber fingir que não viu, fechar os olhos.

Não quero dizer que um pai que vê o filho fumando drogas deve fingir que não viu. Nem tudo, porém, precisa de advertências: se o filho suja a toalha, mancha a camisa de suco, deixa cair umas migalhas no chão – isso não é tão grave. Não precisamos falar sobre tudo o que vemos de incorreto. O segredo de uma vida bem sucedida com os filhos, cônjuges, alunos, sócios e amigos é, às vezes, fechar os olhos, fingir que não viu.

ELOGIE!

Segundo uma pesquisa americana, o tempo que uma criança passa na escola desde o maternal até o terceiro colegial é inversamente proporcional ao seu nível de autoestima. O que fazemos na escola? Teoricamente, deveríamos construir a criança. A realidade, infelizmente, nem sempre é essa...

Tragicamente, alguns pais ainda perguntam: “Mas, elogiar meu filho pelo quê?” Não existe um ser humano que não tenha um ponto positivo! Mesmo um relógio de ponteiro quebrado está certo duas vezes por dia! É impossível alguém não ter nada de bom. Se essa é a situação, o problema está naquele que deveria elogiá-lo.

De acordo com as pesquisas americanas, a proporção elogio/crítica nas famílias está de 1 para 20, ou seja, para cada vinte críticas há um elogio.

Muitas vezes, enxergamos as crianças da maneira como somos hoje. Esquecemo-nos que, na idade delas, mal andávamos de bicicleta sem rodinhas, tudo era grande e desproporcional e nós éramos tão desajeitados, esquecidos e preguiçosos quanto elas – ou mais. É óbvio que temos que ensinar, mas não com críticas ou reclamações. Não dá para exigir que nossos jovens dirijam um carro pela primeira vez escutando música quando nós mesmos, ao começarmos a dirigir, fazíamos o carro morrer algumas vezes antes de sair. Não dá para perder a paciência com o jovem “bar-mitsvando” que não consegue colocar o *teflin* rapidamente nas primeiras semanas, mesmo que hoje o façamos em alguns segundos.

Um exercício muito agradável para a mesa de *shabat* é o seguinte: cada um deve fazer um elogio para o membro da família que se encontra à sua direita. Frases do tipo “você

é legal” não valem. É preciso usar a cabeça e fazer um elogio específico. O pai pode dar o exemplo, elogiando e agradecendo à esposa pela comida – só tomando cuidado para não elogiar a *chalá* comprada... E a mãe pode agradecer ao marido por ter trabalhado a semana toda para trazer *parnassá* para casa. É incrível como todos ficarão contentes!

Muitas vezes, a mulher pergunta ao marido: “Você viu que eu emagreci?” “Notou que eu pintei as unhas?” O que ela está querendo? Um elogio! Se ela diz: “O que você achou do meu vestido novo?” O marido pode temer que, elogiando, a esposa irá comprar mais. Ele se engana! Quanto menos elogiar, mais ela irá comprar tentando chamar sua atenção.

É conhecida a história do fazendeiro que chegou em casa para almoçar e sua esposa serviu-lhe um prato de alfafa. “O que é isso?”, perguntou. A esposa respondeu: “Ah, você percebeu? Achei que você não reparasse no que comia. Nunca me agradeceu, nunca disse que a comida estava boa... Como achei que não fazia diferença, optei pela alfafa, que dá menos trabalho.”

É interessante analisar como a mente humana funciona. Quem sabe muito bem disso são os criadores de propaganda: pegam um grande jogador de futebol para fazer propaganda de pilhas. O que uma coisa tem a ver com a outra?

Você começa a associar um bom jogador de futebol com uma boa pilha. Acha que, se fumar cigarro Marlboro, vai sair cavalgando pelas ruas igual ao cavaleiro que aparece na propaganda. O que podemos aprender disso? Que se fizermos a outra pessoa sentir-se associada a algo bom e agradável, é assim que ela irá se enxergar.

ENXERGANDO BEM

Numa viagem que fiz à Polônia aprendi uma lição muito interessante sobre esse assunto. Na Rua Mila 18, no gueto de Varsóvia, havia um local chamado Umschlagplatz – local de deportação do gueto para os campos de concentração. A cada dia saíam de lá 7000 judeus. Tentemos imaginar o que os pais diziam aos filhos naqueles momentos de despedida. Pessoas que estavam presentes naqueles momentos testemunharam uma coisa muito curiosa: em vez de chorar, a maioria se despedia alegremente e dizia: “Estamos indo trabalhar num lugar melhor, para sermos mais felizes.” Será que eles não sabiam o que de fato estava ocorrendo nos campos? Sabiam! Milhares de cartas conseguiam passar pelas barreiras, contando a todos a triste e arrepiante verdade dos campos.

Qual é a lógica, então? Como é possível entender a mente humana? Parece que o ser humano muda a maneira de encarar a realidade para tornar a situação mais tolerável.

Dentro da família acontece a mesma coisa. O filho nunca pensará que seus pais são maus, impacientes, incompreensivos ou críticos demais. Ele pensa: eles são bons, porque eu estou na mão de pessoas boas. Quem é o problemático aqui, então? Sou eu.

CUIDADO COM AS CRÍTICAS DISFARÇADAS

Muitas vezes, os pais criticam sem perceber, assumindo diferentes papéis.

Pai sincero: “Você é um incapaz.”

Encorajador: “Levante desta cama e faça alguma coisa!”

Motivador: “Se você for mal na prova, ficará uma semana de castigo em casa.”

Direcionador: “Por que você não é como seu irmão?”

Incentivador: “Você é capaz, mas não quer.”

Todo mundo quer ser bem sucedido. Por acaso alguém gostaria que rissem da sua cara na escola? Alguém neste mundo deseja jogar mal futebol ou fazer gols contra? Muito melhor do que se expressar dessa maneira é dar diretrizes claras: “Se você fizer de tal forma, será mais fácil.”

O VERDADEIRO INCENTIVO

Uma das fontes onde aprendemos a diferenciar entre crítica e incentivo é a língua hebraica. Incentivo, em hebraico, é *idud*. *Idud* vem da palavra *od* – mais. Quando pegamos um ponto positivo da pessoa e o iluminamos, de forma que a pessoa queira fazer cada vez mais, nós a estamos encorajando.

– Seu burro! Levante-se, estude, e irá bem na prova!

Sim, pai. Eu sou burro e irei bem na prova.

Funciona?

O Rabênu Yoná (século 13, Espanha), em seu livro *Shaarê Teshuvá* (1:18), nos explica a diferença entre um *tsadic* (justo) e um *rashá* (perverso). O *tsadic* aprecia as boas qualidades dos outros, enquanto o *rashá* fica procurando a falha que há neles.

Deixe um bilhete no carro de sua esposa: “Gostei do fim de semana, você foi ótima companhia.” Você terá feito o dia dela. Deixe um bilhete para o seu filho: “Adorei ver seus sapatos ao lado da cama” ou “gostei de sua nota na prova e mais ainda de como se esforçou por ela.” Ele guardará aquele bilhete pelo resto da vida.

O Rambam (Rabi Moshê ben Maimon, Maimônides, 1138-1204, Espanha), em *Hilchot Deot* (5:7), diz que um *talmid chacham* deve se comportar da seguinte maneira: não gritar, cumprimentar os outros e “descrever as qualidades de seu amigo, sem falar mal dele de forma alguma”.

UM CARINHO VALE MAIS QUE MIL CRÍTICAS

Existe uma organização chamada “Menorá – uma luz para nossos irmãos na Diáspora”, que se preocupa com o bem estar material e espiritual de nossos irmãos que vivem nos países que outrora pertenceram à União Soviética. Durante os 70 anos do poder comu-

nista, esses judeus foram impedidos de ter qualquer ligação com sua tradição milenar. Essa organização atua há muitos anos, provendo a eles todas as instituições religiosas e educacionais de que necessitam, como escolas, *yeshivot*, sinagogas, casas de estudo e *micvaot* (banhos rituais). Desde então, milhares de judeus foram salvos da assimilação, casaram-se e ergueram lares judaicos.

Essa organização é encabeçada pelo Rabino Matityáhu Salomon *shelita*, *mashguiach* da *Yeshivá* de Lakewood. Ele esteve aqui no Brasil e contou a seguinte história:

Há cerca de 15 anos, foi visitar uma das escolas da “Menorá” na Geórgia. As crianças vieram cumprimentá-lo e, no meio delas, havia um garoto sem *kipá*. O Rabino Salomon cumprimentou-o efusivamente e perguntou pelo seu nome. O menino respondeu: “luri.” “E onde está sua *kipá*, luri?” “Eu sou judeu, mas meus pais não são religiosos; portanto, não acho que preciso usar.” “Eu gostaria tanto de lhe dar uma *berachá*” – retorquiu o Rabino Salomon – “mas, para ganhar uma *berachá*, é necessário que você ponha uma *kipá*.” luri imediatamente olhou para trás, procurando alguém que pudesse lhe ceder uma *kipá*. No entanto, todos os garotos da fila também queriam uma *berachá* e não estavam dispostos a ficar sem *kipá*. O Rabino Salomon levantou o chapéu, tirou sua própria *kipá* e disse: “Talvez esta sirva para você.” luri ficou contentíssimo. No dia seguinte, o diretor da escola, o Rabino-Chefe da Geórgia, ouviu uma batida à porta. Lá estava luri, com uma *kipá* maior que sua cabeça. luri enfiou a mão por baixo da camisa e tirou uma correntinha com um símbolo de outra religião: “Queria entregar isso para o senhor. Agora que ganhei a *kipá* do rabino, sei que minha proteção virá de D’us. Não preciso de mais nada para me proteger.”

Com uma pequena demonstração de carinho, o Rabino Salomon conseguiu modificar aquele menino.

Toda oração é finalizada com o trecho “*Alênu leshabeach*” – nós devemos louvar. Que possamos fazê-lo não somente em relação a D’us como também em relação a nosso cônjuge, filhos e todos à nossa volta!

MELHORIAS NA CONSTRUÇÃO

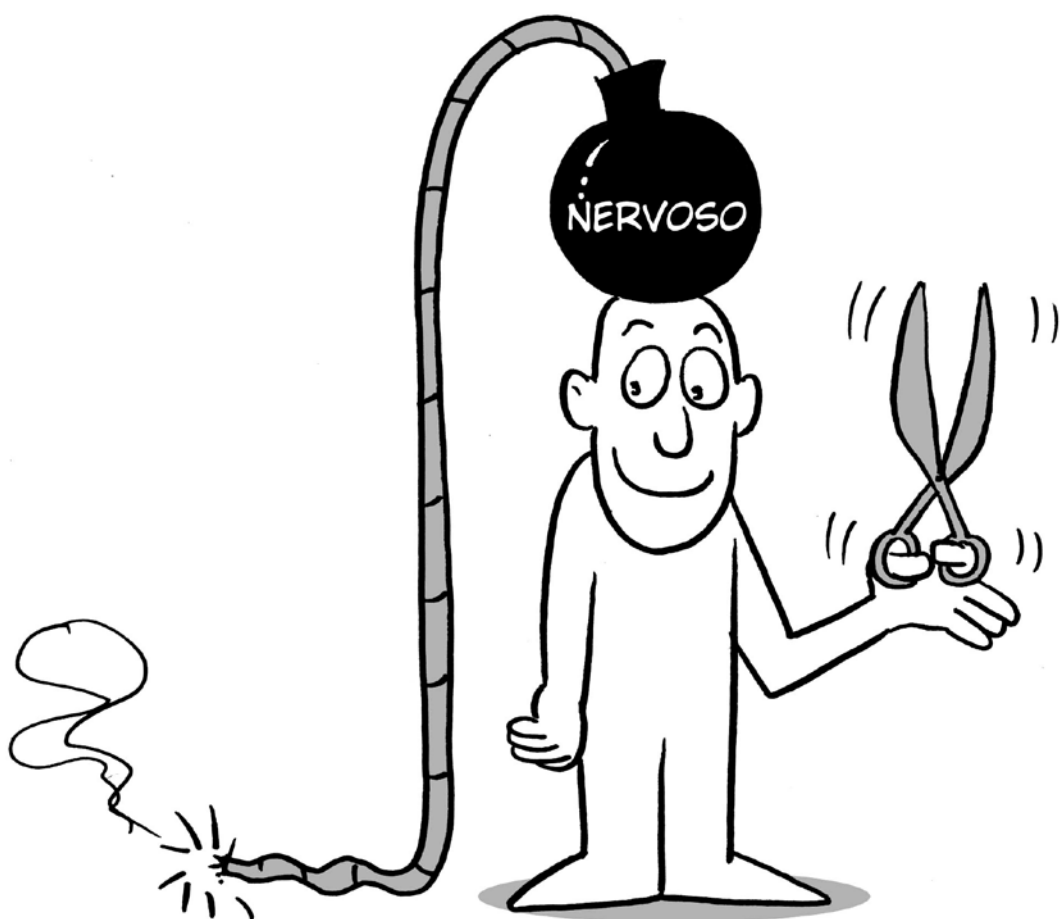
DICAS PARA TRABALHAR O CARÁTER: COMO ADQUIRIR
AUTOCONTROLE, O QUE ENXERGAR, DE QUE MANEIRA
OUVIR, COMO RELACIONAR-SE COM OS BENS
MATERIAIS E ESPIRITUAIS.

“

Vencer a raiva leva cada um
a ficar sempre contente e
satisfeito com a vida.

”

CALMA, MEU AMIGO!



É IMPORTANTE?

O serviço a D'us envolve duas partes que se completam: no plano prático, o cumprimento das *mitsvot* e no plano pessoal, o desenvolvimento das *midot*. Uma pessoa que cumpre todas as *mitsvot* sem trabalhar suas *midot* deixa muito a desejar.

Quando está muito frio na rua e o vidro do carro embaça, o que o motorista deve fazer? Se ele tentar limpar o pára-brisa por fora, com o jato de água e o limpador de pára-brisas, estará cometendo um belo engano – não adiantará nada. Para desembaçar o vidro do carro é preciso limpá-lo por dentro, com um pano, ou acionar o ar-condicionado. Similarmente, uma pessoa nunca atingirá o objetivo que D'us espera dela se cumprir apenas as *mitsvot* externas, sem melhorar sua personalidade e suas *midot* internas.

O aperfeiçoamento pessoal é tão importante que pode decidir o destino do homem. O Rambam, por exemplo, cita alguns tipos de pessoas que não têm parte no *Olam Habá*: aqueles que negam a fonte Divina da Torá, mesmo que a estudem; aqueles que não creem na ressurreição dos mortos; os que fazem os outros pecarem; os assassinos e os que cometem transgressões perante todos sem sentirem vergonha.

Junto a eles, porém, o Rambam acrescenta mais um: aquele que impõe temor a outras pessoas sem ser *leshem shamayim* – sem estar pensando unicamente no nome de D'us. Nesse caso, o fato do indivíduo agir por causa de seu ego, sem o coração totalmente purificado, é suficiente para ele perder sua parte no mundo vindouro!

Melhorar as *midot*, portanto, é essencial, e boa parte desse trabalho implica em transformar-se numa pessoa calma.

O NERVOSO PERDE TUDO

Aquele que sente raiva demonstra que seu interior não está bem trabalhado. Assim, como o que há por dentro é o principal, perder o controle e ficar com raiva pode ser bem mais grave do que cometer uma grande transgressão, e pode pôr tudo a perder mesmo quando se trata de grandes líderes.

Moshê Rabênu, por exemplo, sonhou a vida toda entrar na terra de Israel. Para quê? Para comer falafel? Não. Para visitar o *Cotel*? Ainda não existia. Ele queria muito entrar em Israel porque não havia nada que desejasse mais do que cumprir os preceitos ligados a essa terra especial. Moshê, no entanto, foi impedido de fazê-lo. Por quê? Por ter batido na pedra em vez de falar com ela. No fim da estada no deserto, quando o povo precisava de água, D'us ordenou Moshê a falar com a pedra para que tivessem o que beber. Naquela hora, porém, o povo começou a enervar Moshê, que perdeu a paciência e bateu na pedra (Bamidbar 20:1-13). A raiva leva ao erro, e este pode levar o indivíduo a perder tudo.

Há momentos nos quais se usa a força e há momentos nos quais devemos usar a boca. Por Moshê ter ficado bravo uma única vez e ter usado sua força em vez de sua boca, não pôde realizar seu grande sonho de entrar na terra de Israel.

FUNCIONA?

O uso da força pode ser mais fácil e instantâneo, mas é muito menos produtivo. A raiva e o nervosismo funcionam imediatamente, mas assim que o “monstro” vira as costas, todos lhe fazem caretas. Isso pode ocorrer em casa, no trabalho ou no contato social.

Qual é a melhor maneira de não ficar nervoso? Pedir para alguém filmá-lo durante um ataque de fúria. Aquele que se encoleriza sai de si, fica irreconhecível e age de maneira contrária à sua natureza.

POR QUE ALGUÉM FICA BRAVO?

Quando é que alguém fica irritado? Quando existe um abismo entre suas expectativas e a realidade. Acabei de lavar o carro e minhas crianças sujaram tudo de novo com seus salgadinhos. Pedi a alguém que deixasse determinado trabalho pronto até tal hora e, quando cheguei, ele nem tinha começado. Algo ou alguém está indo contra a minha vontade!

Conta-se a história de um lugar em que o homem, antes de ficar noivo, dava à pretendente um novelo de lã todo emaranhado e pedia-lha que o desembaraçasse. Se ela fosse bem sucedida, sem perder o controle e ficar irritada, ficavam noivos. Se ela ficasse nervosa em meio às tentativas e o mandasse para fora juntamente com o novelo de lã, lá se ia o casamento...

CONVIVER COM UM NERVOSO

O raio é uma descarga elétrica de temperatura cinco vezes maior que a do Sol: 30.000°C. Esse calor faz o ar se expandir à sua volta, o que resulta no trovão. A raiva é igual: afugenta todos à sua volta quando explode. Aquele que trabalha, vive ou é vizinho de alguém nervoso é infeliz, e fica até mesmo fisicamente afetado.

Outro tipo de raiva é a que faz a pessoa ficar “de tempo fechado”, em vez daquela “explosão”. Um indivíduo assim não deixa o sol aparecer em sua vida. Ficar bravo não é só gritar; manter-se emburrado também é desagradável a todos que estão por perto.

O VERDADEIRO SÁBIO

Em geral, relacionamos um semblante sério e bravo a pessoas sérias, bem másculas, ou “superhomens”.

Nossos sábios, porém, dizem o contrário. Ao procurar o exemplo de uma mulher sábia, eles citam a esposa de On ben Pelet, um dos participantes da grande discussão de Côrach.

Côrach era um dos maiores sábios da geração que saiu do Egito. Além de ser um dos líderes da tribo de Levi, tinha a grande honra de carregar o *Aron Hacodesh* – a Arca Sagrada, na qual ficavam as Tábuas da Lei. Quando D’us ordenou a Moshê que designasse outra pessoa como chefe da tribo de Levi, Côrach resolveu se rebelar contra ele e procurou outros indivíduos importantes que se juntassem a ele para discutir com Moshê. Um destes era On ben Pelet, que aparece logo no início da porção semanal de Côrach: “Côrach..., Datan e Aviram, da tribo de Levi e On ben Pelet, da tribo de Reuven, levantaram-se perante Moshê para confrontá-lo junto com 250 filhos de Israel, presidentes de comunidade” (Bamidbar 16:1-2). Na continuação da história, contudo, On ben Pelet não aparece mais. O que aconteceu?

De acordo com nossos sábios, sua esposa perguntou:

– Se Moshê Rabênu vencer esta discussão, você perderá tudo. Se Côrach vencer, o que você ganha?

– Nada – respondeu On Ben Pelet.

– Sendo assim, não participe dessa discussão.

On ben Pelet ouviu o conselho de sua esposa e foi salvo.

Agora, eu lhes pergunto: que grau de QI é necessário para usar o argumento que a esposa de On ben Pelet usou? Isso é uma mulher sábia?

O Rabino Chaim Shmuelevitz explica onde está a sabedoria dessa mulher. É verdade que ela disse algo bastante simples, mas vamos analisar o contexto: estamos no auge de uma calorosa discussão entre Côrach e Moshê Rabênu. No meio de uma discussão, nada é mais fácil do que perder a calma. Para conseguir dar um conselho simples e lógico quando alguém está envolvido numa briga, é necessária muita sabedoria. A grandeza dessa mulher, portanto, foi não ter se envolvido naquela disputa e mantido a calma.

PENSE ANTES!

Na hora que acontece algo inesperado, é difícil controlar os sentimentos e não se irritar. Para conseguir fazê-lo, é preciso começar a pensar muito antes sobre a gravidade da raiva e estar consciente dela quando chegar a hora da verdade. Se ficarmos menos irritados 10% das vezes, já valeu a pena.

Certa vez, o Chafêts Chaim ganhou um belo par de luvas de presente e passou a usá-las com gosto. Em determinada ocasião, ao pegar o trem de Radin para outra cidade, ele precisou se levantar e mudar para o assento ao lado da janela para que outra pessoa pudesse se sentar. Naquela hora, o trem partiu e uma das luvas caiu de seu bolso e voou pela janela, desaparecendo na paisagem. Imediatamente, o Chafêts Chaim pegou a outra luva e a jogou para fora também. Espantado, um aluno lhe perguntou por que fizera isso.

– Se alguém encontrar aquela bela luva – respondeu o Chafêts Chaim – quero que possa usá-la direito, com seu par. Para mim, de nada adiantará meio par.

Esse pensamento é muito lógico, não é? Para nós, sentados confortavelmente e lendo estas linhas, sim. Mas na hora H, conseguir agir assim só é possível para quem pensou muito sobre o assunto antes, impedindo a raiva de dominá-lo quando acontece algo inesperado e que nos aborrece.

Há algum tempo, apareceu a seguinte notícia num jornal: “Israelense joga fora colchão em que a mãe guardava um milhão de dólares.” O que você faria se o seu cônjuge, seu filho, seu pai ou sua sogra jogassem no lixo o colchão com todas as suas economias? De acordo com o jornal, essa mãe judia disse: “As pessoas devem dar às coisas a devida proporção e agradecer a D’us pelo que é bom e pelo que é ruim.” O que você faria?

A VÉSPERA DE SHABAT E O CASAMENTO

O momento mais propício para o nervosismo, dizem nossos sábios, é a véspera de *shabat*. Quanto mais próximos estivermos do acendimento das velas, pior fica a situação, mesmo que o *shabat* comece muito tarde. Portanto, devemos tomar cuidado redobrado nesse momento.

Com o cônjuge também, muitas vezes, é fácil perder a calma. Vejamos algo curioso: casamento, em hebraico, é *nissuin*, que vem da palavra *nossê* – aquele que carrega, ou aguenta. Para o casamento dar certo, às vezes é preciso que o marido carregue e aguente a esposa, e vice-versa.

É GRAVE MESMO!

O Talmud (Tratado de *Berachot* 18b) conta a seguinte história: Um *chassid* (homem piedoso) chamado Rabi Yehuda ben Rabi Ilai deu um dinar (moeda da época) para um pobre na véspera de *Rosh Hashaná*, num ano de seca e fome. Sua esposa ficou tão brava com ele que o sábio teve que sair de casa. O que ele fez? Foi dormir no cemitério.

Dormir no cemitério não é nada simples. Outra Guemará (Tratado de *Chaguigá*) traz alguns exemplos de quem pode ser considerado como um *shotê* (louco). Entre eles, encontra-se aquele que dorme no cemitério. O que, então, aconteceu com o Rabi Yehuda? Por que ele agiu assim?

Explica o Rabino Israel de Salant: como era véspera de *Rosh Hashaná*, esse grande *chassid* sabia que seria julgado por ter irritado sua esposa. Como poderia consertar, de hoje para amanhã, aquilo que fez? Resolveu dar um choque em si mesmo e, por isso, foi dormir no cemitério.

Daqui é possível ver tanto a gravidade de ficar nervoso quanto de deixar os outros irritados.

QUANDO FICAR NERVOSO

Existem situações nas quais é preciso impor limites – com os filhos, alunos, subordinados. Neste caso, deve-se fingir que está bravo. Apesar disso, mesmo então, é preciso ter em mente o que diz o Rabino Avigdor Miller (1908-2001, EUA): às vezes, vale a pena abrir mão da educação do filho para que o pai se autoedueque. Digamos que o filho fez algo que merece a ira do pai. Nesse momento específico, o pai pode preferir trabalhar sua *midá de cáas* (sua tendência a ficar com raiva) a educar seu filho, e isto é legítimo.

Vivemos num mundo onde todos estão “estressados”. Quem não está estressado, não faz parte da “elite”. *Stress* é bom ou ruim? Se não fosse ele, ninguém acordaria cedo de manhã. É preciso ter alguma dose de *stress* e motivação. O problema começa quando ele se torna excessivo. Hoje em dia, muitas empresas tem espaços de relaxamento e lazer para seus empregados: mesas de pingue-pongue, massagem com pedras quentes, relaxamento profundo... As empresas entendem que o *stress*, quando em excesso, dá mais prejuízo à companhia do que os gastos com essas técnicas de relaxamento.

COMO MELHORAR OS OUTROS

Certa vez, um homem escreveu um livro sobre *cáas* (raiva) e o levou ao Chafêts Chayim para receber uma carta de recomendação. O grande sábio pediu: “Volte amanhã.” No dia seguinte, disse: “Desculpe, mas retorne daqui a uma semana.” Na terceira vez, ele pediu: “Sinto muito, não tive tempo de escrever a carta ainda, volte na semana que vem.” O homem começou a demonstrar sinais de irritação, ao que o Chafêts Chayim disse: “Meu amigo, para escrever um livro sobre *cáas* é preciso, primeiramente, trabalhar a si mesmo. Vá trabalhar e depois posso lhe dar uma carta de recomendação.”

REMÉDIOS CONTRA O CÁAS

Qual é a coisa mais antiprodutiva a ser feita com alguém irritado? É perguntar-lhe se ele está bravo. A Mishná diz para não tentar acalmar uma pessoa quando ela está irritada – isso não adianta.

O que, então, a própria pessoa pode fazer para ficar menos irritada?

1. Ter um pouco mais de *emuná* – fé em D’us. Quando alguém acredita que tudo o que ocorre na vida vem de D’us, sabe que não adianta ficar bravo com o Eterno. Se um homem bate em outro com uma vassoura, a vítima vai culpar a vassoura? Vai gritar com ela ou levá-la ao fórum de justiça? Não, pois sabe quem realmente lhe bateu. No entanto, se formos mais além, quem realmente bateu naquele homem? Quem permitiu que outra pessoa o ferisse? Todos os homens são “vassouras” de D’us, e tudo o que Ele faz tem algum motivo. Se lembrarmos disso sempre, nunca ficaremos irritados.

2. Trabalhar a autoestima. Como? Talvez se lembrando do valor intrínseco de ser humano. Quando alguém age diferente do que gostaríamos e nossa autoestima não está firme, sentimos que aquilo foi uma afronta pessoal e atacamos aquela pessoa para reafirmarmos nosso ego. Quem trabalha sua autoestima, portanto, fica menos nervoso.

Quando alguém percebe que recebeu um troco menor do que deveria ter recebido, com o que fica irritado? Com a desonestidade do outro ou com o fato de ter sido tratado como tolo? Para responder essa pergunta, vejamos como ele reage quando seu amigo recebe um troco errado: “Relaxe, amigo, tudo é para o bem.” Então, o que o irrita quando algo assim ocorre consigo? O ego ferido, logicamente.

3. Será que vale a pena? Pergunte sempre a si mesmo, antes de ficar nervoso, se irá se lembrar desse fato irritante daqui a três dias. Se a resposta for negativa, não vale a pena ficar bravo.

Muitas vezes, o indivíduo fica furioso na hora, mas depois acaba fazendo piada do ocorrido: “Vocês nem imaginam! Eu tinha uma reunião importante e fiquei três horas preso no elevador!” Depois que passou, a situação se transforma na coisa mais cômica possível. Então, aproveite a piada desde o início!

4. Paciência. Como se adquire paciência? Tendo paciência. Treinando paciência. Sente-se três minutos na poltrona com o celular desligado. É um exercício de *avodat hamidot* – trabalho da personalidade.

Quando alguém faz uma pergunta e não entende a resposta, se eu repetir e ele não entender novamente, o que vou fazer? Depende do grau de proximidade: se for o presidente dos Estados Unidos, repetirei até umas seis vezes. E se for meu cônjuge, filho ou empregado? Lembremos que uma das pessoas que perde o passaporte para o *Olam Habá* é aquela que impõe temor aos outros sem estar pensando unicamente em santificar o nome de D’us.

O Rabino Wolbe (1914-2005, Israel) traz o seguinte exercício para treinar a calma: determine 15 minutos diários, num horário marcado, nos quais você ficará relaxado. Obviamente, não vale de madrugada, quando estiver dormindo! Pode ter certeza: uma série de contratempos aparecerá justamente nesta hora escolhida do dia.

Seu funcionário fez um daqueles papelões de deixar qualquer um de cabelo em pé. Você olha para ele e diz: “A sua sorte é que estou nos meus quinze minutos de calma. Suma da minha frente antes que o tempo acabe e salve sua pele!” É um exercício. Mesmo que caia tudo por água abaixo no décimo sexto minuto, você controlou-se por quinze!

5. Tenha paciência consigo mesmo. O ser humano tem a tendência de só pensar em ficar contente quando conseguir “ganhar medalha de ouro nas Olimpíadas” – quando for a pessoa mais rica ou bem sucedida, quando for o maior *talmid chacham*, o melhor pai, a melhor esposa, etc. Existem Olimpíadas econômicas, sociais, familiares e espirituais. Contudo, não é preciso chegar à medalha de ouro hoje para ficar contente. Essa

pode ser sua ambição, mas o ser humano deve sempre ficar contente com aquilo que já conseguiu alcançar.

Como seres humanos, tendemos a reagir da seguinte forma: se alguém nos dá um presente, o que dizemos? “Não precisava”. Por que falar assim? Devemos aceitar o presente de bom grado e dizer: “Puxa, obrigado, era isto mesmo que eu precisava! Você acertou!”. Quando alguém lhe agradece por um favor, o que respondemos? “De nada, não foi nada.” Como assim, não foi nada? Você se esforçou! Responda: “Foi um prazer.” Sempre que agradecemos a alguém, a pessoa nega. Por quê? Dê a si mesmo um tapinha nas costas! Aceite os agradecimentos, receba os elogios!

Para chegar ao alto, é preciso passar pelo meio. Aprecie esse momento! Aceite o fato de que você está no meio, não um nível abaixo, e dê em si mesmo um tapinha nas costas. Não diga que isso é apenas sua obrigação.

Hoje em dia, levar a bandeira de D’us na sociedade é algo muito difícil. Aquele que ainda não conseguiu atingir o nível desejado precisa ter paciência consigo mesmo. A pessoa deve estar feliz pelo que já conquistou, tendo em mente que é preciso estar sempre em crescimento espiritual.

É muito difícil ter paciência nos dias de hoje, tão corridos. Quando alguém quer tomar café, pede um “expresso”. Quem quer se conectar à *internet* exige “*speedy*”. Bradesco – instantâneo. Comida – *fast food*. Se o computador levou doze segundos para abrir um programa ou o seu *e-mail*, ele já está precisando de um técnico. Quando tudo é veloz à nossa volta, fica difícil sermos pacientes com nós mesmo.

QUEM PRECISA DE CALMA?

Todo líder – o que inclui um professor, rabino, pai ou mãe – precisa desenvolver, em especial, a característica de ser paciente.

Quando Moshê se dirigiu ao Faraó pela primeira vez e exigiu que ele libertasse os Filhos de Israel da escravidão, o Faraó reagiu aumentando ainda mais a carga de trabalho dos judeus (Shemot 5). Parte dos membros do povo reclamou com Moshê, que também se virou para D’us e perguntou: “Como pode ser que a situação apenas piorou desde que voltei ao Egito?” Na resposta de D’us, consta o seguinte versículo: “Deus falou para Moshê e Aharon e lhes deu instruções a respeito do Povo de Israel e do Faraó, rei do Egito, para tirar o Povo de Israel do Egito” (Shemot 6:13). O que D’us lhes ordenou em relação ao Povo de Israel? Que instruções eram essas? A Torá não revela nenhuma mensagem específica que deveria ser comunicada aos judeus, e não eram eles que precisavam “tirar o Povo de Israel do Egito”? Explica o Rashi: D’us ordenou “*lehanhigam benachat velisbol otam*” – que os liderassem com calma e os tolerassem.

Se D'us precisou mandar Moshê e Aharon terem paciência com o povo, imaginem quanto nós devemos tomar cuidado para manter a calma com todos à nossa volta.

Vencer a raiva leva cada um a ficar sempre contente e satisfeito com a vida. Não é nada fácil, mas realmente vale a pena. Rezando bastante para D'us nos ajudar e utilizando as dicas que mencionamos, a vida pode ficar cada dia mais prazerosa!

ALGUÉM NA ESCUTA?



“

A capacidade de ouvir o outro de
verdade e entender o que está
ocorrendo com ele é uma das maiores
qualidades de um grande líder.

”

APRENDENDO A OUVIR

Para saber realmente como se relacionar com a Torá e com os outros é preciso aprender a ouvir direito. Como se faz isso?

Na descrição de como D'us nos entregou a Torá, no Monte Sinai, aparece algo incrível: “E todo o povo **via** as **vozes** e as tochas...” (Shemot 20:15). Como era possível **ver** as vozes?

Certa vez, fiz essa pergunta aos meus alunos, tendo certeza de que eles concordariam comigo que era um milagre. No entanto, um aluno levantou a mão e disse: “Rabino, quer saber como eles viram as vozes? Simples! Deve ser que no Monte Sinai tinha legenda!”

O Rashi, no entanto, não concorda exatamente com esse aluno. Ele sustenta que houve um milagre e todo mundo **viu**, de fato, as vozes. Analisando esse fato e o resto da descrição da cena ele chega a uma conclusão ainda mais surpreendente: para que todos **vissem** as vozes, não poderia haver nenhum cego entre eles. Além disso, como estavam todos **de pé**, concluímos que não havia ninguém com problemas ortopédicos. Todos também **disseram** “*Naassê Venishmá*” – faremos e ouviremos – portanto, ninguém era mudo. Daqui, o Rashi prova que ocorreram muitos milagres no Monte Sinai e todos aqueles que tinham qualquer problema físico foram curados.

Meu *rosh yeshivá*, contudo, fez a seguinte pergunta: o Ramban (Rabi Moshê ben Nachman, Nachmânides, 1194-1270, Espanha) diz que D'us só faz milagres quando é extremamente necessário. Portanto, por que D'us fez esses milagres antes da outorga da Torá?

Com esses milagres, explica o *rosh yeshivá*, D'us queria nos ensinar uma lição muito importante: a Torá foi feita para todas as pessoas, **incluindo** as saudáveis! A Torá não é, conforme muitos acreditam, uma opção procurada somente pelos desafortunados que tiveram uma tragédia na família, por pessoas com problemas ou por pobres coitados. A Torá também é o “ópio do povo”, como dizia Carl Marx em relação à religião. A Torá foi projetada para todos os judeus: saudáveis ou doentes, ricos ou pobres, equilibrados ou não. O objetivo da Torá é transformar **cada um** de nós numa pessoa ainda mais sã, mais perfeita, mais elevada, independentemente de como estamos hoje.

Assim, quando D'us apresentou Seu “cartão de visitas” para o mundo – os Dez Mandamentos – Ele queria que tudo estivesse perfeito; por isso, transformou todo o povo em pessoas sãs, para mostrar como a Torá é destinada também às pessoas saudáveis no campo emocional, físico e financeiro.

Todo mundo, portanto, pode e deve enxergar as vozes da Torá. Uma pessoa realmente saudável, porém, precisa vencer um desafio ainda maior: **ouvir** as vozes. O que significa isto?

UMA FAMÍLIA DAQUELAS...

Yitschak casou com Rivká. Quem era o pai de Rivká? Betuel, o perverso. E quem era o irmão de Rivká? Lavan – “branco”, em hebraico. De branco, porém, ele só tinha o nome. Seu apelido, além de Lavan “*harashá*” – o perverso – também era Lavan ***haarami***. À primeira vista, esse apelido apenas denota seu local de origem, Aram. Nossos sábios, porém, explicam que essa palavra, com as letras trocadas, transforma-se em ***haramai*** – o trapaceiro.

Continuemos analisando essa família, nossos ancestrais. O filho de Yitschak e Rivká, Yaacov, casou-se com quatro mulheres. Duas delas são Rachel e Leá, filhas de Lavan (tio de Yaacov). Assim, além de nossos santos patriarcas (Avraham, Yitschak e Yaacov), quem foram nossos “avós”? Betuel e Lavan! Rachel teve dois filhos e Leá, seis filhos. Assim, das 12 tribos de Israel, oito são descendentes diretas de Lavan e Betuel. Sem contar com o *midrash* que diz que Bil’há e Zilpá, as outras duas esposas de Yaacov, também eram filhas de Lavan!

Imaginem o álbum de fotos do casamento dessa família. Do lado do noivo, uma beleza: vemos Avraham, Yitschak e Yaacov... Agora, ao olhar para as fotos do lado da noiva, quem podemos ver? Que vergonha! Este aqui é o sogro? “Ele vendeu-me um terreno cujo documento não valia nem sequer o valor da folha sulfite!” E o pai do sogro? “Ah, sim, este é gente boa... Vendeu-me o carro dele e, no dia seguinte, o Detran veio lá em casa buscar, já que era roubado!”

Está certo que Rivká, Rachel e Leá eram mulheres muito especiais, *tsadcaniyot* (justas), perfeitas e em pé de igualdade com seus maridos, que eram grandes *tsadikim*. No entanto, vendo o álbum de fotografias, é impossível deixar de perguntar: por que D’us escolheu justamente aquela família para entrar na gloriosa descendência de Avraham!?

Além disso, Avraham também era “culpado”. Quando precisou achar uma noiva para seu filho (Bereshit 24:1-10), para onde ele mandou Eliezer, seu fiel servo? Para Charan! Para procurar quem? Justo aquela moça, Rivká, irmã daquele criminoso, Lavan!

Por que Avraham fez isso? Por que ele escolheu uma família de pessoas desonestas?

O BOM TRAPACEIRO

O Maharal de Praga (Rabino Yehuda Loew, 1525-1609, Polônia) explica que dentro de tudo o que é *tamê* (impuro) há um ponto *tahor* (puro). Assim, o perverso e trapaceiro Lavan, filho do não menos perverso Betuel, tinha um ponto positivo dentro de si, que Avraham queria integrar a sua família e descendência. O que há de puro num trapaceiro?

Antes, precisamos definir exatamente o que é um trapaceiro. A diferença entre um ladrão e um trapaceiro é a seguinte: ladrão é o indivíduo a quem você dá um cheque de cem reais, ele encontra um jeito de acrescentar mais um zero e tira mil reais da sua conta. Ou aquele que coloca a mão em seu bolso e pega todo seu dinheiro. Já o *ramai*, o trapaceiro, faz com que você mesmo escreva um cheque de dez mil em vez de mil. O trapaceiro se coloca dentro

de você e consegue lhe “vender” algo, fazendo-o ter certeza de ser o melhor para você. Para conseguir seu objetivo, ele precisa prestar atenção em você, entender bem quem você é e pensar no que você gostaria de ter.

Os bons vendedores têm esta virtude dentro de si: quando você entra numa loja pensando em gastar X, eles conseguem fazê-lo passar muito, muito além do seu limite. Você vai a uma loja de automóveis querendo comprar determinado modelo, de determinado valor. O vendedor força a barra, sabe quantos filhos você tem, convence-o a sair num *test-drive*; você sente aquele cheirinho bom, vê como cabem duas cadeirinhas para os filhos pequenos. O vendedor ainda diz que tem o mesmo carro e está muito feliz e, quando você menos espera, acaba saindo da loja com um carro 20% mais caro. Como ele conseguiu? Ele fez você imaginar que isso é o que você precisa, porque se colocou em sua situação, e fez com que você levasse o carro que ele queria que você comprasse.

Lavan tinha esse dom: ele era nada menos do que o melhor vendedor da face da Terra.

VESTINDO A ROUPA DO OUTRO

O bem que existe dentro da *ramaut*, da trapaça, é saber “entrar” no outro e entendê-lo. Essa era a vantagem que existia na família de Lavan: saber colocar-se no lugar do próximo e identificar-se com ele.

Certa vez, vi um artigo sobre o dono da Unilever, chamado Patrick Cescau. Ele tem 223.000 funcionários em 150 países. Ao lhe perguntarem o que fazia para ter sucesso em seu trabalho, ele respondeu: “As pessoas sempre me veem nas filas dos caixas do supermercado e me perguntam o que eu estou fazendo lá. Não deveria estar nos escritórios, nos encontros de negócio, nas viagens? Eu digo que o principal é entender as pessoas e conhecer seus desejos. Não basta ler pesquisas de *marketing*. É preciso conhecer os seus clientes profundamente. Se você quer vender bem, não adianta só se basear na pesquisa que diz que maionese com limão venderá mais. Eu fico na fila do caixa e observo que tipo de embalagem de maionese atrai mais os fregueses.”

Isso é uma virtude: entender o outro e tentar satisfazê-lo. Para entender o outro, é preciso entrar em sua pele, identificar-se com ele.

Pegemos um exemplo: a Torá nos conta sobre quando o Faraó do Egito sonhou com vacas gordas e vacas magras, espigas gordas e espigas magras. Ele pediu aos maiores sábios do reino que dissessem o que aquilo queria dizer, mas não ouviu nenhuma explicação satisfatória. Finalmente, Yossef, o filho de Yaacov que havia sido vendido por seus irmãos como escravo, foi trazido perante o Faraó e interpretou seus sonhos corretamente. Ele explicou que haveria sete anos de fartura seguidos de sete anos de fome e deu um conselho: mandar o povo guardar comida nos armazéns para garantir as necessidades dos anos futuros (Bereshit 41:1-46).

O Faraó ficou muito satisfeito com a sabedoria de Yossef e o designou para o cargo de vice-rei. No versículo seguinte, ainda antes da aplicação do conselho de Yossef, a Torá escreve que ele se casou (Bereshit 41:45). O Rabino Shimshon Refael Hirsch (1808-1888, Alemanha) pergunta: por que a Torá achou importante contar que Yossef casou justamente antes de colocarem seu conselho em prática?

Ele explica que havia duas razões para Yossef casar exatamente naquele momento:

1) Parece que um homem sem esposa, no Egito, não era considerado um homem completo. Uma vez que Yossef estava prestes a ser nomeado vice-rei do Egito, era preciso que casasse.

2) É como se dissessem: “Você, Yossef, está mandando as famílias economizarem e armazenarem comida para quando chegarem os sete anos de fome. O que você perde pedindo isso? Você é solteiro! Não tem uma família para sustentar, com filhos famintos à volta da mesa!” Aponta o Rabino Hirsch: é por isso que a Torá faz questão de dizer que Yossef casou logo após dar seu conselho. Ele, sua esposa e futuros filhos também iriam economizar.

Em outras palavras, Yossef colocou-se na situação do povo para compartilhar com eles seu plano de ação. Agora, ele também teria filhos e também deveria economizar para os anos seguintes.

Essa capacidade de entender e se identificar com o outro era a boa virtude que Lavan tinha, e é por isso que Avraham fez questão de casar seus filhos com as filhas daquela família: ele queria que esses genes fizessem parte da sua própria descendência.

SENTINDO O OUTRO DE VERDADE

Por que um bebê ri quando engatinhamos ao seu lado? Porque ele percebe que tem alguém querendo entender como ele se sente lá embaixo, alguém que está descendo até seu nível.

O Rabino Chaim Meizel (1821-1912) era o rabino da cidade de Lodz, na Polônia. Certa vez, no inverno, foi coletar donativos para os pobres. Dirigiu-se à casa do Sr. Pozenski, conhecido pela sua filantropia, e bateu à porta. O Sr. Pozenski pediu que entrasse, mas o rabino ficou na porta, explicando como os pobres estavam sofrendo com o frio e precisando de caridade. O filantropo, não aguentando o frio que entrava pela porta, convidou diversas vezes o rabino a entrar, mas este permaneceu no mesmo lugar até que terminou de falar. O rico deu a doação e, quando o rabino, agradecido, despediu-se, o Sr. Pozenski perguntou:

– Só não entendi uma coisa: por que o senhor não entrou em minha casa? Tem algum problema?

– Não tenho nada contra sua casa e aceito seu convite com prazer – disse o rabino, entrando e sentando-se para tomar um chá.

– Mas, então, por que não entrou antes?

– Vim coletar fundos para pessoas necessitadas, que não possuem teto nem lugar aque-

cido para ficar no inverno. Eu queria que, antes de fazer uma doação, o senhor sentisse um pouco daquilo que os pobres sentem. Agora que já sentiu e doou de bom grado, tenho todo o prazer de entrar em sua casa.

Na minha opinião, a história mais impressionante relacionada a esse assunto é esta:

Um pai levou o filho para seu rebe, pedindo que o grande sábio conversasse com ele. O rebe perguntou ao pai do rapaz qual era o problema. O pai respondeu: “Meu filho está querendo se casar com uma mulher que não é do nosso povo. Eu queria que o senhor ajudasse.” O rapaz ficou a sós com o rebe por alguns minutos e, quando saiu, o pai lhe perguntou o que o rebe havia lhe dito.

– Ele não disse nada – respondeu o rapaz. – Só segurou minha mão e chorou.

O pai foi tirar satisfação com o rabino:

– Rebe, por que o senhor não disse nada ao meu filho?

– Eu fui religioso a vida toda – respondeu o rebe – Não sou capaz de sentir como é o teste de querer casar com alguém que não é do nosso povo. Dessa maneira, como posso me colocar no lugar de seu filho e sentir o que ele sente, para poder lhe dizer alguma coisa?

SÓ RESTA CHORAR!

Quando o Povo de Israel estava no deserto, D’us o alimentava com o *man* (maná). Não era preciso fazer compras, sacolão, etc. No entanto, na *parashá Behaalotechá*, a Torá conta como o povo começou a chorar pedindo carne (Bamidbar 11:4).

Contudo, por que eles choraram? Não podiam simplesmente pedir carne a Moshê? Qual foi a razão do choro?

O Rabino Shimon Schwab (1908-1995, EUA) explica que Moshê, como líder do povo, era quase um anjo: faltava 0,01% de espiritualidade. Ele era quase 100% espiritual e o povo sabia disso. Agora, eles queriam carne – que é algo extremamente material. Sabiam que, se Moshê lhes trouxesse a carne, esta seria um alimento espiritual, já que Moshê era assim. Foi como se dissessem: “Nós não estamos neste nível! Não queremos isso! Moshê nem sequer entenderá nosso pedido!” Ao verem que Moshê não iria conseguir se identificar com eles, sabiam que não tinham como pedir a ele o que desejavam e se puseram a chorar.

Quando queremos algo de alguém e sabemos que ele não irá nos entender, perdemos a motivação até mesmo para abrir a boca.

BASTA OUVIR!

Certa vez, uma pessoa pediu para conversar comigo e me contou coisas que, a meu ver, simplesmente não tinham solução. Era um caso perdido; eu me senti completamente inútil e não tinha idéia de como ajudá-la. No dia seguinte, a pessoa telefonou e disse: “Rabino, queria muito

lhe agradecer pela conversa de ontem. Estou enxergando novas opções para resolver meu problema.” Depois de um tempo, ela informou que estava tudo resolvido. Eu pensei com meus botões: “Como pode ser? Eu não disse absolutamente nada e me senti com as mãos atadas!”

A história repetiu-se mais uma vez, com outra pessoa que me apresentou um problema que eu não tinha como resolver, e então compreendi que o segredo é o seguinte: quando você escuta o outro e se identifica com ele, isso faz com que ele sinta que você o está ajudando, mesmo sem dar uma dica ou solução para o problema.

Isso funciona no trabalho e nas amizades: ouvir o que o outro tem a dizer. Ouvir totalmente e não somente com um ouvido enquanto o outro está grudado no celular. Ouvir de verdade, dando 100% de atenção, nem que seja por poucos minutos. Muitas vezes, as pessoas nem querem uma solução para seus problemas, elas querem apenas que alguém as escute e as compreenda.

ENTENDEU?

Se isso funciona bem com amigos e colegas, com alunos e filhos funciona ainda mais. A maior dica que aprendi em minha vida é: quer ser um bom professor? Em primeiro lugar, reze pelos seus alunos. Em segundo, tente se lembrar de como era ser aluno. Que aluno aguenta ouvir o professor falando por uma hora e meia sem parar? Como era chato! Você quer dar aula? Muito bem! Por que o aluno tem que sofrer por causa disso? Se você lembrar-se de como as coisas eram quando você era pequeno, com certeza será um ótimo professor.

Se o menino pedir para ir ao banheiro por um momento, deixe-o ir, mesmo sabendo que ele não precisa ir ao banheiro, mas sim, dar uma volta. Você não gostava de dar uma volta para arejar depois de duas aulas seguidas com o mesmo professor? Se você se lembrar de como era ser criança, será um professor compreensivo e amado. Não precisa sempre concordar com o aluno; basta entendê-lo. É melhor entender seu aluno todas as vezes e concordar com ele somente uma vez ou outra do que concordar quase sempre, mas não entendê-lo.

Com o filho, é a mesma coisa.

– Pai, posso...?

– Nem peça para jogar joguinho hoje!

Não faça assim. Escute, sem um “não!” na hora. Diga que vai pensar e depois pode responder o não. A criança ficará chateada, mas perceberá que você a escutou e deu valor aos seus sentimentos.

ESPERE UM POUCO

Entre marido e mulher também funciona assim. Ela pede um carro novo. Se você pode dar, tem a obrigação de fazê-lo. (De acordo com a lei judaica, o homem deve se vestir con-

forme sua condição monetária e dar à mulher mais do que ele tem.) Agora, digamos que você não pode dar; neste caso, não deve responder negativamente no ato. Escute, diga que pretende refletir e depois comunique a decisão que você já sabia desde o começo.

Se o seu marido pede determinada comida, não diga “não” direto. Vá olhar no freezer, mesmo sabendo que não tem e só depois fale não.

O “não” dito imediatamente demonstra que nem sequer demos ouvidos à pessoa que nos requisitou.

Antigamente, se uma criança perguntava “Onde está D’us”, respondia-se: “Nesta casa não se faz esse tipo de pergunta. Essa pergunta não condiz com você.” Talvez, há cinquenta anos, essa resposta funcionasse. Hoje em dia, porém, escute a criança mesmo que você ache a pergunta ousada. Em primeiro lugar, fique feliz pelo fato de ela estar preocupada com questões espirituais ou morais, não somente com o último videogame que saiu. Em segundo lugar, respeite-a e tente responder. Diga-lhe que fez uma boa pergunta. Se não sabe a resposta, diga que irá pesquisar.

O ÚNICO QUE TENTOU

Há cerca de quarenta anos, fizeram uma campanha, em determinado bairro de Jerusalém, para que os comerciantes fechassem suas lojas no *shabat*. Os responsáveis pela campanha obtiveram sucesso, com uma exceção: um indivíduo teimou que continuaria com a loja aberta. Durante aquela campanha, numa véspera de *shabat*, o Rabino Arye Levin, o *Tsadik* de Jerusalém (1885-1969), sentou-se à porta da loja daquele homem. O dono convidou o grande justo para sentar lá dentro. O Rabino Arye Levin respondeu que, para ele, estava bem ficar na porta.

– O que o senhor deseja aqui, na minha loja, na véspera do *shabat*?

– Eu queria sentir um pouco como é ver os clientes entrando e saindo, na sexta-feira, fazendo compras, assinando cheques e entregando dinheiro em suas mãos, para entender como é difícil o teste de precisar fechar um negócio na hora do lucro.

O indivíduo virou-se para o Rabino Arye Levin e disse o seguinte:

– Todos entram em minha loja criticando que eu a deixo aberta no *shabat*, enquanto os outros fecham. O senhor foi o primeiro que tentou entrar na minha alma e entender quão difícil é estar ganhando dinheiro e fechar as portas apenas porque o *shabat* está entrando.

A loja não foi fechada naquele *shabat*. Após alguns meses, porém, o comerciante também começou a respeitar o descanso do *shabat*. O Rabino Arye Levin deu uma verdadeira lição de sabedoria: em vez de chamar aquele judeu de *rashá* (perverso) ou utilizar outros termos pejorativos, tentou sentir um pouco o teste pelo qual o outro passava para poder ajudá-lo.

CONHEÇA A SI PRÓPRIO

Em geral, esforçar-se para entender o próximo e colocar-se em seu lugar não parece nada natural. Por que não? Por que é tão difícil?

Talvez porque seja necessário reconhecer que nós também possuímos sentimentos para entendermos os dos outros. Para isso, precisamos, primeiramente, estar sintonizados com nós mesmos.

Hoje em dia, principalmente entre os homens, é difícil alguém estar consciente de seus próprios sentimentos. A tecnologia avançou muito, mas o homem não mudou por dentro: a única diferença é que, em vez do homem da pedra, é o homem do cartão de crédito. O ser humano, porém, é muito mais do que isso – ele possui também sentimentos. Se eu não entendo que tenho sentimentos, como posso estar apto a me abrir para entender os outros?

SÃO TODOS DA FAMÍLIA

O Rabino Shalom Shvadron (O *Maguid* de Jerusalém, 1912-1997) conta um exemplo que demonstra bem a diferença que existe quando alguém se identifica com o outro:

Um homem está andando na rua quando ouve alguém gritando que uma criança se machucou. Ele continua andando e pensando “espero que tudo fique bem com esta criança”. Nesse meio tempo, vem alguém e lhe diz que a criança que se machucou é seu filho! No mesmo instante, o homem sai correndo. Quando é nosso filho, nós corremos.

Na mesma linha de pensamento, disse o Chazon Ish: quando você ouvir que algum judeu está doente, mesmo que não o conheça, pare e reze por ele. Mesmo que não seja de todo coração, tente se colocar no lugar de um dos parentes daquele doente e recite salmos por ele. Escute o outro como se fosse alguém da família. Com isso você estará, de fato, fazendo algo pelo bem dele.

E se dissermos: “Muito bonito, mas isso não é para mim”?

Vejamos a seguinte história:

Quando Moshê Rabênu nasceu, tinha que ser jogado no Nilo assim como todos os outros bebês judeus meninos. Sua mãe, porém, colocou-o em uma cesta e ele boiou até ser encontrado por Batyá, a filha do Faraó. Ao contar como ela viu o pequeno Moshê dentro da cesta e o pegou, a Torá escreve o seguinte (Shemot 2:6):

“Vatiftach – ela abriu

Vatirêhu et hayeled – ela o viu, o menino

Vehinê náar bochê – e eis que havia um rapaz chorando.

Vatachmol alav – Batyá teve pena dele

Vatomar – e disse:

Miyaldê haivriim zê – este é dos filhos dos hebreus.”

Que rapaz estava chorando? Moshê. Assim entendemos o versículo até hoje. No entanto,

o Baal Haturim (Rabino Yaacov ben Asher, 1270-1340, Alemanha) explica diferente:

Aquele rapaz não era Moshê, pois Moshê era um bebê e não um rapaz. O rapaz era Aharon, irmão mais velho de Moshê. Se você pegar o valor numérico das letras de *náar boché* (um rapaz chorando), encontrará o mesmo valor numérico de *Aharon Hacohen*.

Leiamos o versículo novamente, agora com a explicação do Baal Haturim que acabamos de mencionar:

Batyá abriu o cesto e viu, mais além, um jovem chorando. Então, ela disse: “este é dos filhos dos hebreus” – quem? Moshê? Óbvio que não! O bebê certamente era judeu, pois todos os bebês que estavam no rio eram judeus. Ela estava se referindo ao **rapaz** que chorava: a Aharon. Ao ver que o menino olhava para o bebê no rio e chorava por ele, concluiu que Aharon devia ser um judeu. Ela sabia que os judeus possuem essa qualidade de se colocar na situação dos outros e sentir por eles, mesmo quando ainda são pequenos.

OUVIR UMA BOA BRIGA

A capacidade de ouvir o outro de verdade e entender o que está ocorrendo com ele é uma das maiores qualidades de um grande líder.

Em *parashat Devarim* (Devarim 1:15-17), ao descrever a nomeação dos juízes do povo, Moshê Rabênu diz: “Eu selecionei homens sábios e bem conhecidos dentre seus líderes tribais e os nomeei seus líderes... e dei instruções aos seus juízes, dizendo: ‘Ouçam a toda disputa entre seus irmãos e julguem honestamente cada homem e seu irmão... Se algum caso for difícil, **aproximem-no de mim** e eu o **ouvirei**’”. À primeira vista, Moshê Rabênu está dizendo o seguinte: quando vocês tiverem uma grande dúvida e não souberem como agir, tragam-na para mim e eu a resolverei para vocês. No entanto, o Imrei Emet (Rabino Avraham Mordechai Alter de Gur, 1866-1948), entende o versículo de maneira completamente diferente.

Moshê Rabênu não estava garantindo que resolveria todos os casos. Ele não disse que “se algum caso for difícil, aproximem-no de mim e eu o **resolverei**”. O que ele disse foi: eu “**ouvirei**”. Como se dissesse: “Não necessariamente lhes darei a resposta ou resolverei seu caso, mas **escutarei**. Se souber a resposta, ótimo. Caso contrário, ao menos ouvirei.”

Parece que isso já foi suficiente, uma vez que consolou o povo e todos ficaram tranquilos.

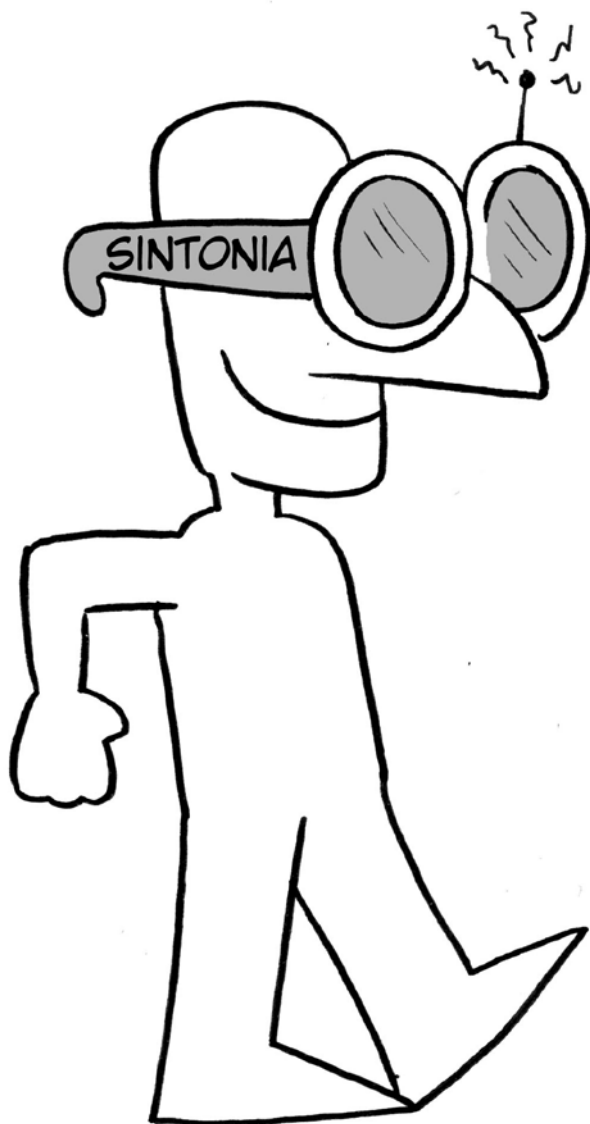
Agindo assim, é possível utilizar bem a nossa capacidade especial de “*Shemá Yisrael*” – escuta, Israel. Escutando a nós mesmos, aos membros de nossa família e a todos os outros à nossa volta, a vida ficará muito mais saudável e feliz!

“

Moshê atingiu o nível máximo
de conseguir enxergar tudo
conforme D'us queria.

”

QUESTÃO DE SINTONIA



CONSEQUÊNCIAS DRÁSTICAS

Uma das passagens mais assustadoras de toda a Torá é a que descreve o *Chet Hameraglim* – o pecado dos espiões mandados a Israel por Moshê. De acordo com nossos sábios, esse pecado foi tão grave que a destruição do Primeiro e do Segundo Templo ocorreram como consequência dele, na mesma data em que ele ocorreu – 9 de Av.

Além disso, ocorreram desgraças nesse mesmo dia ao longo de toda a História Judaica – a expulsão dos judeus da Inglaterra, em 1290; a expulsão dos judeus da Espanha, em 1492, a explosão da Primeira Guerra Mundial e alguns acontecimentos trágicos da Segunda Guerra Mundial. Todas essas coisas ruins, que aconteceram na data de Tish'á Beav (9º dia do mês de Av), decorreram do pecado dos *meraglim*! O que aconteceu? Por que isso foi tão grave?

ANALISANDO A HISTÓRIA DOS MERAGLIM

A história dos espiões, em resumo, foi a seguinte: o povo pediu a Moshê Rabênu que mandasse espiões à terra de Israel, antes de entrarem nela. Moshê selecionou os chefes das 12 tribos de Israel e disse para conferirem se a terra era boa ou não. Eles voltaram dizendo que era uma boa terra, mas que nunca conseguiriam conquistá-la porque os habitantes locais eram muito fortes. Calev e Yehoshua, dois dos espiões, tentaram rebater o que os outros diziam, sem sucesso. O povo chorou durante toda a noite e, como consequência direta, a entrada em Israel foi postergada por quarenta anos e toda aquela geração pereceu no deserto (Bamidbar 13:1- 14:45)

Analisemos a história que a Torá relata como se fosse a primeira vez, sem idéias pré-concebidas.

A primeira coisa que a Torá conta é que Moshê Rabênu autorizou os 12 *meraglim* a visitarem a Terra de Israel para que o povo, que estava no deserto, soubesse se a terra era boa ou não e se valia a pena morar lá. D'us diz a Moshê Rabênu: “Se você quer mandar espiões, pode mandar.” Assim, doze espiões se dirigiram à Terra de Israel com o aval de Moshê. Quem eram eles? Os chefes das 12 tribos.

Que tipo de pessoas eram esses chefes de tribo? Todas as pessoas que estavam no deserto viam milagres dia e noite, havia nuvens Divinas sobre o povo o tempo todo. Portanto, para ser chefe de tribo, era necessário ser muito especial. Os chefes de tribo tinham um nível espiritual elevadíssimo. Se alguém tinha uma dúvida de *halachá*, para quem perguntava? Para o rabino mais próximo. Mas, se ele não sabia, a quem se dirigiam? Ao chefe da tribo!

Esses mesmos chefes de tribo foram visitar a Terra de Israel. Eis que os 12 chefes voltaram daquela terra. Todos queriam saber se era possível entrar lá ou não. A maioria dos chefes, dez para sermos exatos, disse que não valia a pena entrar. Os outros dois, Calev e Yehoshua, disseram: “Como assim? Claro que devemos entrar!”

A QUEM DEVEMOS ESCUTAR?

O que fazemos agora: entramos ou não? Eu sou da tribo X. Devo escutar o líder de que tribo? Da minha! Até hoje, todas as grandes perguntas que eu tinha, fazia para ele. Sendo assim, pelo menos dez das tribos deveriam ser absolvidas do castigo por terem declarado que não queriam entrar em Israel.

Além disso, existe uma lei que diz: quando há um caso num tribunal, dois juízes dizem X e um diz Y, como fica o veredicto? “*Acharê rabim lehatot*” – deve-se definir a sentença de acordo com a maioria. Sendo assim, quem iria seguir Calev e Yehoshua? No máximo, os membros de suas tribos, Yehudá e Efráyim. Mesmo estes, porém, deveriam seguir a maioria!

Por que, então, recebemos tantas desgraças por ter agido corretamente, à primeira vista? Se eu estivesse lá, certamente escutaria o líder de minha tribo, meu rabino, que faria como a maioria! Por que tanta cobrança?

JOGO PSICOLÓGICO

Analisemos o que de fato fizeram os chefes de tribo e descobriremos o truque psicológico que eles utilizaram para o povo ouvi-los.

Segundo a Torá, quando os espiões voltaram para contar o que viram, os dez líderes disseram: “Amalek está assentado no *Nêguev* (sul de Israel).” Amalek é o povo que desperta o maior terror no Povo de Israel. Quando se fala dele, a reação é: “Ah não, não me fale nisso.” Os dez líderes afirmaram: “Amalek está assentado lá na terra.” É lógico que não vamos querer entrar. Amalek é o povo que nos atacou assim que saímos do Egito!

Imagine que alguém lhe diz: “Tenho alguém para lhe apresentar”, e começa a apresentar o *shiduch* da seguinte maneira: “Sabe quem é ela? É a filha daquela coordenadora que você detestava.” Qual seria sua reação? “Pode mandar este *shiduch* pra mim que vou cuidar dele direitinho”, ou “Vou fazê-la esperar duas horas antes de ir buscá-la, vou me vingar.” Da mesma forma, os dez líderes lembraram o povo de Amalek.

Não foi só isso. O *Midrash* nos conta o que fizeram os chefes das tribos ao retornarem de Israel. Cada um voltou para a sua tribo, puseram-se a chorar pelos cantos e todos vieram ver o que estava acontecendo.

– Nem queiram saber – respondiam os líderes.

– Fala, fala!

– Vocês não sabem o que os espera – e começavam a chorar. Quando os líderes começaram a chorar, numa reação em cadeia, 600 mil judeus se puseram a chorar. Eu mesmo, quando li o *Midrash*, quase tive vontade de chorar!

Somando tudo isso, que vontade eu teria de entrar na Terra de Israel, e por que cobraram isso de mim? Como eu não iria chorar?

VER E ENXERGAR

Quando D'us mandou nosso patriarca Avraham sacrificar seu filho, Yitschak, sobre “uma das montanhas que Ele lhe mostraria”, a Torá conta: “Avraham viu o local de longe.” O que ele viu? Como sabia que era lá o local da *akedá* – do sacrifício de Yitschak? Diz o *Midrash*: “Avraham viu uma nuvem ligada à Presença Divina em cima da montanha onde deveria oferecer Yitschak.” Avraham Avinu perguntou a Yitschak: “Você está vendo o que eu estou vendo?” Yitschak respondeu: “Claro, pai, estou vendo uma nuvem Divina.” Avraham Avinu, então, pergunta aos dois rapazes que os acompanhavam, Eliezer e Yishmael, se também estavam vendo o mesmo que eles, ao que eles responderam: “O quê? Ah, sim, claro que estamos vendo – uma linda montanha.” Logo, diz a Torá, “Avraham disse aos dois rapazes: fiquem aqui sentados com o burro.” Por que ele lhes disse para ficarem sentados com o burro? E, se falou, por que a Torá tem que contar isso? Que diferença faz se eles ficaram lá com um burro, um camelo ou uma mobinete?

Dizem nossos sábios: *chamor* (burro) vem do radical *chomer*, matéria. “Como vocês são materialistas, merecem ficar com o burro que é material. Eu, Avraham, e meu filho, Yitschak, vamos para lá, porque vimos algo que vocês não viram.” De fato, somente Avraham e Yitschak foram ao monte onde ocorreu a *Akedat Yitschak*, enquanto Yishmael e Eliezer não puderam chegar até lá.

Uns, Avraham e Yitschak, viram o local do *Bet Hamicdash*, o Templo que seria edificado no futuro. Outros, Yishmael e Eliezer, viram uma linda montanha – um local apropriado, talvez, para fazer acampamento. “Vocês estão vendo a *Shechiná* (Presença Divina)?” “Não, estamos vendo uma linda montanha, como o Pico do Jaraguá, no qual dá para fazer uma boa escalada.” Avraham, então, lhes disse: “Olhem, meus amigos, se é isso que vocês estão vendo, fiquem por aqui; vocês não merecem ir até lá.”

O mais incrível é que se trata da mesma montanha: alguns vêem nela *Hacadosh Baruch Hu* (D'us), enquanto outros vêem uma oportunidade para fazer caminhada.

A mesma cena pode ser vista de duas formas diferentes, dependendo de quem é o espectador. Por exemplo: alguns indivíduos vêem um homem desajeitado. Um pode dizer: “Coitado, deixe-me bater um papo com ele, quem sabe eu possa ajudá-lo. Se eu conseguir, quem sabe ele se organize melhor na vida.” Enquanto outro pode dizer: “Mais desajeitado que ele, nem no desenho animado!”

Um deles aproveitou a oportunidade para fazer *chêssed* (bondade), que é um dos pilares que sustentam o mundo, enquanto o outro usou a mesma oportunidade para fazer uma das piores transgressões da Torá – a maledicência. Qual é a forma verdadeira de enxergar o que eles viram? O potencial de *chêssed* ou o de *lashon hará* (maledicência)?

O correto é enxergar as coisas como D'us gostaria. Fazê-lo depende do que eu, como ser humano, estou preparado para enxergar. O que a pessoa vê, de fato, é aquilo que ela quer ver.

A PENEIRA IDEOLÓGICA

Agora podemos começar a responder o que perguntamos anteriormente.

Digamos que eu veja uma ótima propaganda de um partido socialista, na qual foram gastos milhões de dólares. Suponhamos que eu seja uma pessoa cem por cento capitalista. Por melhor que seja a propaganda, por mais criativa, ela não irá me comprar. Por quê? Pois sei que aquilo não tem nada a ver comigo.

O mesmo deveria ter ocorrido com o Povo de Israel. “É para seguir meu rabino ou não? É para seguir a maioria ou não?” Todas estas perguntas se dissolvem como um cubo de gelo num copo d’água frente à ideologia que o Povo de Israel deveria ter.

Congeelemos a cena e observemos: de quem estamos falando? De pessoas que “viam D’us” dia e noite, literalmente. De dia, eles viam as nuvens Celestiais que eram o ar condicionado do deserto e, de noite, o pilar de fogo que era o aquecedor que seguia à frente deles. Durante os 40 anos que o nosso povo viveu no deserto, não era necessário nem sequer trocar de roupa ou comprar sapato, era um milagre atrás do outro. De repente, surge alguém e sugere fazer o contrário do que D’us mandou. Como é possível votar no partido anti-D’us? O Povo de Israel testemunhou as dez pragas no Egito e apareceu na primeira página do *The New York Times* sob o título “O povo judeu escapa das mãos do homem mais poderoso do mundo – o Faraó”. Como pode ser que esse povo ficou com medo ao escutar que o povo de Amalek, seu inimigo, estava na porta?

– Amalek está aqui.

– E daí? D’us também está aqui. Eu sou do time de D’us, meu amigo, e isso não me irá amedrontar. Eu vivo D’us, respiro D’us. Como todo dia café da manhã que cai diretamente do céu, o *man*. D’us prometeu que entraremos em Israel e é isso que eu vou fazer! Como alguém que testemunhou tantos milagres, o máximo que posso dizer sobre os dez líderes é que fizeram uma propaganda criativa; mais nada. Eu não caio nela!

É por isso que o Povo de Israel foi castigado. Como pessoas assim podiam acreditar nos líderes? O teste era grande, mas era possível passar. D’us esperava muito mais de nós.

O problema não começou no choro. O problema foi o que **gerou** o choro.

Esta *parashá* nos ensina como cada um vê o que quer. Os judeus só acharam que a terra era ruim porque quiseram ver isso. Qual é a prova? O Rabino Yitschak Arama (Espanha, 1420-1494), traz a prova em seu livro, *Akedat Yitschak*. Quando D’us diz que aquela geração pereceria no deserto e os filhos entrariam em Israel, utiliza a seguinte linguagem: “Eu os trarei à terra e eles verão a terra que vocês **desprezaram**” (Bamidbar 14:31) O problema, então, não foi o que os líderes nos disseram, e sim o fato de termos desprezado a terra. Já que não queríamos entrar na terra, pintamos a cena do jeito que queríamos enxergar.

APRENDENDO A LER

A mesma cena pode sempre ser vista de duas maneiras diferentes. A mesma frase também pode ser lida de duas formas diferentes.

Um homem rico estava muito mal. Pediu um papel e uma pena e escreveu assim, sem pontuação: “Deixo meus bens à minha irmã não ao meu sobrinho jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres.” Acabou morrendo antes de fazer a pontuação. Quem receberá sua fortuna? A irmã, o padeiro, os pobres ou o sobrinho? O sobrinho pontuou assim: “Deixo meus bens à minha irmã? Não, ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.” A irmã chegou logo depois e pontuou assim: “Deixo meus bens à minha irmã – não ao meu sobrinho! Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.” O padeiro, quando viu isso, pegou uma cópia do original e pontuou da seguinte maneira: “Deixo meus bens à minha irmã? Não! Ao meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.” Por último, chegaram os pobres daquela cidade que, pelo jeito, eram espertos e sabiam pontuar frases: “Deixo meus bens à minha irmã? Não! Ao meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro? Nada! Dou aos pobres.”

A mesma frase pode ser lida de quatro formas. Dentro de um contexto, cada um enxerga o que quer.

Uma das aulas que tive na Faculdade de Administração era de como montar um gráfico da maneira mais conveniente para cada propósito. O professor nos ensinou alguns tipos de gráficos. Eu perguntei a ele: “Para que aprender tantos tipos, se todos demonstram a mesma coisa?” Ele me chamou, pegou alguns dados e mostrou: “Neste gráfico, sua empresa está mal. Neste outro, jogando os mesmos dados, a impressão fica melhor. Não se trata de enganar, mas sim, de apresentar a coisa da melhor maneira possível, de forma a conseguir o que for mais produtivo para a sua empresa.” Apesar de ser a mesma cena, é possível fazer com que os outros enxerguem nela o que nós queremos.

OUTRO TIPO DE VISÃO

Vamos dar um passo adiante. Todos os dias, recitamos as bênçãos matinais. Uma delas é “*Hamaavir chevlê shená meenai utnumá meaf’apai*” – que tira o sono de meus olhos e a sonolência de minhas pálpebras. Há três perguntas sobre esta bênção:

1) Sobre o que ela trata?

Resposta: sobre o fato de termos acordado. Certo? Errado. Isto nós já dissemos no “*Modê ani*”, assim que despertamos. Além do mais, não poderia ser para dizer que acordamos, pois esta é a décima sexta *berachá* matinal. Até lá, já dormi de novo! Que fosse a primeira!

2) Como termina essa *berachá*? “*Baruch atá... Hagomel chassadim tovim leamô Yisrael*.”

Fonte de todas as bênçãos... que faz muita bondade com Seu Povo, Israel. Se a referência

dessa bênção é o fato de acordar fisicamente, que bondade é essa que se refere apenas ao Povo de Israel? O judeu acorda enquanto o japonês e o coreano dormem até às quatro da tarde? Muitas vezes eles estão de pé antes de nós! O padeiro, por exemplo, está de pé desde as cinco da manhã e nem sempre é judeu!

Essa bênção não fala sobre acordar, ela fala sobre **ver**: D'us tira a sonolência de nossas pálpebras para conseguirmos enxergar. Isso, porém, não resolve a questão – somente nosso povo consegue enxergar?

Além disso, há outra pergunta:

3) Se estamos agradecendo pela visão, já agradecemos por ela na quinta *berachá*, “*Pokêach Ivrim*” (que abre os olhos dos cegos)! Sobre o quê, então, é essa *berachá*?

O Rabino Shimon Schwab dá uma resposta fantástica: a bênção de “*Pokêach Ivrim*” refere-se à visão física. Já a bênção de “*Hamaavir...*” refere-se a uma visão que **transcende** a visão física. Ela não trata do fato de abriremos os olhos ao acordar. D'us “tira a sonolência de nossas pálpebras” quando retira os obstáculos que não estão nos deixando enxergar **realmente** o que vemos. É sobre isso que agradecemos.

Quantas vezes há coisas óbvias que estão à nossa frente e não enxergamos? Quando estourou a crise econômica mundial de 2008, muitos disseram: “Era óbvio que aquele fundo ia quebrar.” Quem enxergou isso? “Tudo estava dando seis por cento ao ano e esse fundo estava dando dez por cento. Então, é óbvio que ia quebrar!” Depois que já quebrou, era óbvio. E antes? Sábio é quem fala antes. “Estava na cara que esta ação iria subir! Pena que eu não comprei.” Se estava tão na cara, por que não comprou?

É por isso que pedimos a D'us: não quero só ver o preto e o branco que estão à minha frente. “*Hamaavir chevêl shená*” é conseguir enxergar o que está por trás da situação, o que transcende este mundo, saber que a vida não termina aqui; caso contrário, a pessoa é capaz de passar cento e vinte anos sem enxergar que há algo que vem depois. É por isso que essa bênção termina dizendo que “D'us faz coisas boas para Seu Povo, Israel.” Pedimos a D'us para poder enxergar as oportunidades que existem à nossa frente, materiais ou espirituais.

SINTONIZANDO NAS OPORTUNIDADES

Às vezes, esquecemos-nos de olhar para este mundo com os óculos corretos. Se pegarmos todas as sinagogas do Brasil, seja dessa linha ou daquela, e contarmos o número de lugares, incluindo todas as cadeiras de plástico extras de *Yom Kipur*, não dá nem 12% de todos os judeus do Brasil. Nós devemos agradecer a D'us pela oportunidade que Ele nos dá todo dia de poder entrar em uma sinagoga ou em uma aula de Torá.

Como olhamos para uma *berachá*? Como enxergamos a oportunidade de dizer “*Barcuh até Hashem ... shehacol nihyá bidvarô*” – ... que fez tudo com Sua palavra (bênção recitada

sobre grande parte dos alimentos)? Como enxergamos a oportunidade de responder a *Kedushá* (trecho da oração no qual o público santifica o Nome de D'us) na sinagoga ou responder *Amen* ao *Kadish*? Isto é nada mais, nada menos que uma degustação de nosso *Olam Habá*!

É com este intuito que recitamos a berachá de “*Hamaavir*”: para lembrar das oportunidades que D'us nos dá. A mesma cena pode ser enxergada de duas maneiras: “Uau, posso ir à sinagoga”, ou: “Ai, que chatice, vou à sinagoga.” Trata-se do mesmo *chazan* e da mesma sinagoga. Há cenas de nossa vida que podem mudar sem precisarmos agir, basta que nós mesmos mudemos.

Há pessoas que estão sempre envolvidas no cumprimento de *mitsvot*. Quando lhes perguntamos como conseguem, elas dizem: “Justo quando estava passando por lá, eu vi. Aí me pediram, eu fiz, e nem sei como entrei nessa *mitsvá*.” Só ela viu? E os outros? Dois viram, mas só um enxergou.

O rádio está sempre tocando. Se eu não sintonizar na frequência certa, nunca escutarei. Se quero escutar as notícias na CBN e não ajustar 90.5, não é a rádio que deixou de tocar, sou eu que não estou sintonizado na estação certa. Pedimos todo dia a D'us: “Aquele que faz coisas boas pelo Seu Povo, Israel”, tire o sono de meus olhos e faça-me sintonizar a rádio da espiritualidade, a estação da santidade, o canal da Torá!

Quem não conhece alguém a quem possa transmitir uma palavra de Torá? Mesmo se você não for um rabino, para ele você é! Ele só foi uma vez à sinagoga, por engano. Pegou o endereço errado. Conte a ele alguma coisa, dê-lhe um CD de aulas, empreste um livro ou mostre um site que tenha palavras novas de Torá para ele. Quem sabe onde ele chegará graças a você?!

Seu fornecedor manda um novo representante à loja e você lhe pergunta:

– Você é judeu?

– Sou.

– Legal. Eu também. Bom, me passe a tabela de preços.

Ou você pode dizer:

– Que bom, vem cá, vou te dar um livro, depois me conte o que achou.

APRENDENDO A ENXERGAR COM NOSSOS SÁBIOS

O Rabino Ruderman zt”l (1901-1987), o *rosh yeshivá* de Baltimore, viajou para Israel nos anos 70. Ao voltar, os alunos queriam um relatório da viagem; era como alguém ir até a Lua. Então, perguntaram- lhe: “O que o senhor viu lá?” Ele respondeu: “Vi grandes líderes e sábios de Torá e tive a oportunidade de conversar com eles. Também rezei nos lugares santos.” “Rabino, qual foi a coisa mais especial que o senhor fez por lá?” Ele respondeu: “Já que vocês perguntam, vou responder: foi quando comprei uma cobertura para um *Sêfer Torá*.” Os alunos se entreolharam. O que havia de tão especial naquilo?

O rabino explicou: “Conheci um homem que era, literalmente, um *Sêfer Torá*. Vi que suas condições monetárias eram precárias e percebi que seu capote estava bem gasto. Ofereci-lhe uma vestimenta nova e ele recusou; ofereci novamente e ele recusou. De tanto insistir, ele acabou aceitando. Esta foi a ‘cobertura de *Sêfer Torá*’ sobre a qual estou falando.”

Eu também poderia ter visto uma pessoa com a roupa rasgada e ajudado. Depois, me perguntariam: “O que você fez naquele dia em Israel?” Eu contaria: “Comi *shawarma*, fui ao *Côtel*, comprei aquela camiseta ‘*I love Jerusalem*’... Mas nunca diria que meu dia foi ter ajudado aquele senhor. O que o Rabino Ruderman disse? De toda a minha viagem, o que eu fiz de mais especial foi ter comprado uma roupa para um *Sêfer Torá*. Essa pessoa para quem ele comprou uma roupa era nada mais, nada menos que o Rabino Chaim Kanievski, *shelita* (nascido em 1928, Israel) – um dos maiores sábios da nossa geração! Rav Ruderman, de fato, havia comprado uma roupa para o maior *Sêfer Torá* que existe!

Trata-se da mesma cena – posso enxergá-la como um detalhe insignificante ou como o ponto mais especial de toda a minha viagem.

Um amigo está mal humorado. O que você faz? Mantém distância e reza para que ele não o veja ou empresta um de seus dois ombros para ele? Uma criança está chorando em casa. Posso pensar: “Vamos resolver esse negócio de uma vez” e trocar a fralda, ou posso enxergar isso como a oportunidade de fazer uma das três coisas sobre as quais o mundo é sustentado: bondade. Afinal, o maior pobre do mundo é a criança. Como ela pode trocar sua própria fralda? Se deixá-la ali, pode ficar um mês assim.

O que faríamos se estivéssemos andando pela rua e caísse uma bexiga cheia de água em nossa cabeça? Olhar para cima, certo? “Cadê o sujeito, para eu ir falar à bisavó dele todas aquelas cobrinhas do gibi”?!

Houve um cientista inglês em 1687 que, quando sentiu algo cair em sua cabeça, formulou a lei da gravidade, Isaac Newton. A cena era a mesma – algo caindo na cabeça de alguém. Um inventou uma lei que é estudada até hoje, enquanto o outro pode reclamar: “Por que isso tinha que acontecer justo comigo?”

ENXERGANDO O QUE ESTÁ À NOSSA VOLTA

Os *tefilin* podem ser umas cordas pretas que eu ponho no meu braço, ou uma oportunidade de me amarrar a D’us. A *ketubá* pode ser vista como um documento que protege a mulher ou como uma lista de obrigações: *que-tu-vá* lavar a louça, *que-tu-vá* buscar as crianças, *que-tu-vá* cuidar da casa...!

No final da *parashá Bô* (Shemot 12:30) há um versículo que nos chama a atenção. Assim que começou a décima e última praga, a morte dos primogênitos, está escrito: “O Faraó levantou-se de noite, junto com seus escravos e todo o Egito” – e foi procurar Moshê para

mandar o povo embora. Embora passe batido, esse é o versículo mais difícil de toda a Torá. Já haviam se passado nove pragas que funcionaram exatamente conforme Moshê previra. Finalmente, no dia 14 de Nissan, ele adverte: “Assim disse D’us: à meia noite sairei sobre o Egito e morrerão todos os primogênitos do Egito, desde o primogênito do Faraó... até o primogênito das escravas...” (Shemot 11:4-5). O Faraó era primogênito e tinha um filho primogênito: eles corriam sério risco. O que diz o versículo? Diz que naquela noite, quando os primogênitos começaram a morrer um após o outro, o Faraó se levantou da cama e correu para procurar Moshê. Como é que o Faraó pôde ir dormir? Ele sabia muito bem o que o esperava! Colocou o pijama, ligou o aquecedor, tomou um chazinho e foi dormir?

A resposta é que tudo pode ser enxergado da forma que a pessoa quer. Se você quer enxergar que nada vai acontecer e que as nove pragas antecedentes foram um mero acaso, não há nenhum problema em ir dormir. Quando a pessoa quer ficar tonta, tola e cega, ela fica. Todos possuem essa capacidade.

SAIBA O QUE PROCURAR

Certa vez, um jovem dirigiu-se ao Rabino Noach Weinberg zt”l (diretor da *Yeshivá Aish Hatora*. 1930-2009, EUA e Israel) e lhe disse:

– Fiquei duas semanas em Israel e não vi nada de mais. Procurei espiritualidade no país inteiro e achei tudo menos isso. O *shawarma* estava uma delícia, o falafel também, adorei os CDs de música israelense; mas esse negócio de espiritualidade, não vi nada.

– E o que você achou dos *bafustics*? – perguntou o rabino.

– O quê?

– O que você achou dos *bafustics*? – repetiu o rabino.

– Eu não sei o que são *bafustics* – respondeu o jovem, desnortado.

– Mas eu não quero saber se você sabe o que são, quero saber o que achou deles.

– Mas, rabino, como posso dizer o que achei se não sei o que é isso?

Ao que o rabino concluiu:

– Meu querido, você acaba de responder à sua pergunta. O que quer dizer espiritualidade? Se não sabe, é óbvio que não a encontrou!

Quem não sabe o que é não encontrará. Quem não sabe o que é felicidade ou casamento, não sabe o que está procurando.

ENXERGANDO A VIDA

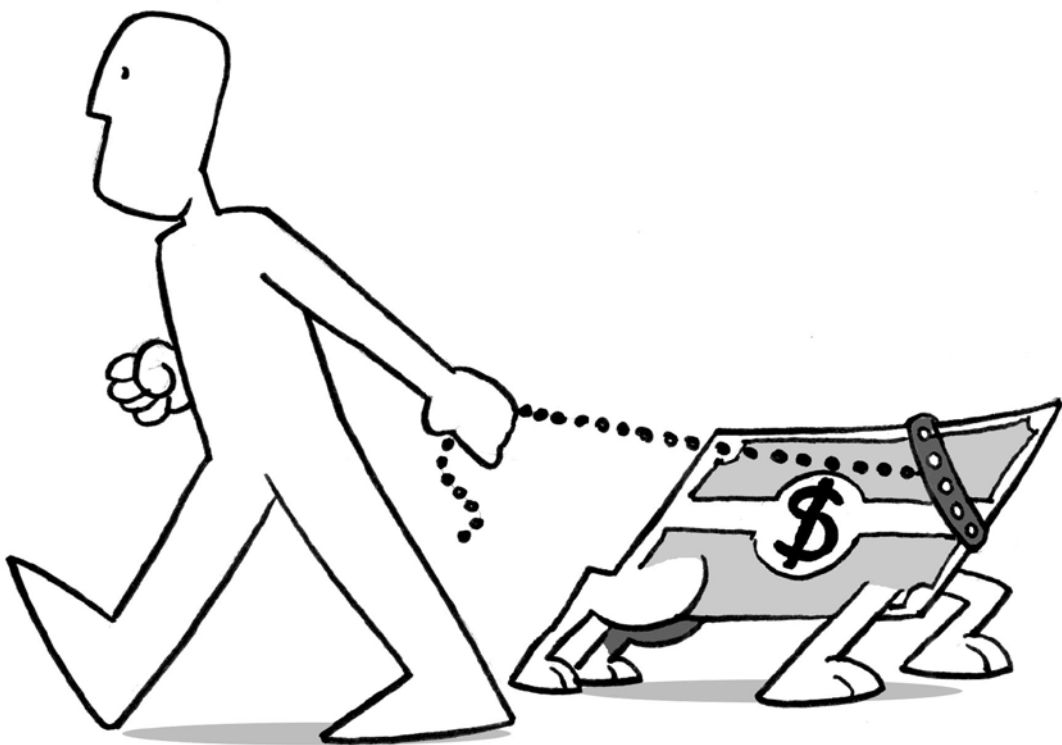
A pessoa pode ver a Torá e as *mitsvot*, a família e a comunidade como as coisas mais lindas que a vida pode oferecer, ou como uma prisão. Tudo depende do que está atrás dos olhos: o cérebro.

Muitas vezes, os jovens me contam que “meus pais nunca conversam comigo”. Perguntando aos pais como é o relacionamento com o filho, eles dizem: “Ótimo”. Eu questiono: alguém está me enganando. Afinal, eles se falam ou não? A resposta é que eles conversam, mas não da forma que o filho esperava. Se quisermos conversar com nossos filhos, se quisermos conversar com nossos cônjuges, precisamos sintonizar na frequência deles.

Vejam que interessante: Moshê atingiu o nível máximo de conseguir enxergar tudo conforme D’us queria. Ele certamente via as situações da maneira mais perfeita, e é possível aprender isso do próprio nome de Moshê. Se colocarmos o nome dele (משה) diante do espelho, que palavra se forma com as letras invertidas? *Hashem* (השם). Moshê tinha D’us como reflexo em sua mente. Ele enxergava tudo conforme a dimensão que *Hashem* queria, estava sintonizado no canal certo.

Que D’us nos ajude a enxergar sempre assim!

NO COMANDO



“

E nós, nascemos para quê?
O que D'us espera de nós?
O que nós esperamos de nós mesmos?

”

ELIEZER – ISSO É QUE É *SHADCHAN*!

Avraham Avinu era o homem mais elevado da humanidade. A partir do momento em que descobriu D’us e começou a divulgá-Lo, tornou-se a pessoa mais influente do mundo – espiritual, social e economicamente. Eis que chegou a hora de procurar uma boa esposa para seu filho Yitschak (Bereshit 24:1). Quem seria capaz de realizar essa valiosa missão, recolhendo a esposa certa? Apenas Eliezer, seu servo e braço direito, a pessoa na qual ele mais confiava. Quem era Eliezer?

Na *parashá* (Bereshit 15:2), a Torá chama o servo de Avraham de “*Damêsec Eliezer*”. “*Damêsec*”, dizem nossos sábios, é uma abreviação de “*dolê* – aquele que puxa a água – *umashkê* – e dá de beber”. Eliezer “puxava” a Torá de Avraham e a passava para os outros, ensinava a Torá de Avraham ao mundo inteiro. Esse parece um belo elogio! No entanto, quando a Torá vem dizer que Eliezer foi o escolhido para procurar um *shiduch* para Yitschak, este louvor não é lembrado. A Torá se contenta em dizer que Eliezer era o “*zecan beitô*” (veterano) – da casa de Avraham Avinu e “*moshel bechol asher lo*” – que dominava (controlava) todas as suas posses – o que parece uma descrição bem técnica de suas funções.

A Torá vai mais além e conta que, depois de lhe dar minuciosas instruções, Avraham assinou uma procuração de todos os seus bens e a deu a Eliezer para procurar um *shiduch*. Por que a Torá nos conta isso? O que aprendemos com isso?

O Rabino Shlomo Efraim Luntschitz (Polônia, 1540-1619), mais conhecido pelo nome de seu comentário, *Keli Yacar*, faz esta pergunta e traz a seguinte resposta: o melhor louvor que a Torá pode trazer sobre alguém é “*moshel bechol asher lo*” – aquele que domina todas as suas posses, sem deixar que elas o dominem.

Yitschak era o único herdeiro espiritual de Avraham. De quem dependia a continuidade do Povo de Israel? De Eliezer. Afinal, se Eliezer escolhesse a esposa errada para Yitschak, poria tudo a perder. Diz o *Keli Yacar*: Avraham confiava tanto em Eliezer justamente por saber que ele controlava tudo o que possuía sem deixar seu dinheiro dominá-lo.

UMA LIÇÃO DE CULTURA

Yaacov continuou esse caminho de Eliezer. Por 21 anos ele ficou na casa de Lavan, seu sogro trapaceiro e perverso. Assim que voltou a Israel e teve de enfrentar Essav, o poderoso irmão que o perseguia, mandou emissários com presentes e a seguinte mensagem: “Com Lavan morei” (Bereshit 32:4). O que ele quis dizer com isso? Diz o Rashi: “Com Lavan morei e as 613 *mitsvot* eu cumpri, e não aprendi de seus maus atos.”

O Rabino Ruderman zt”l gostava de repetir o seguinte ensinamento: se Yaacov cumpriu as 613 *mitsvot*, é óbvio que não aprendeu dos maus atos de Lavan. Por que, então, é necessário citar os dois? Daqui aprendemos que é possível cumprir as 613 *mitsvot* e continuar

sendo uma pessoa completamente material, dominada pela cultura que a rodeia. Além de Yaacov ter cumprido todas as *mitsvot*, ele ainda por cima não aprendeu nada de Lavan! Era ele quem decidia o que pensar e como agir, não aqueles que estavam a sua volta!

QUER UM POUCO?

A pergunta é: quem manda em quem? Nós no dinheiro ou vice-versa?

Certa vez, dois judeus estavam no mesmo voo, lado a lado. Um era observante e o outro não. No meio da conversa, o judeu não observante aproveitava para dar umas alfinetadas no vizinho de assento. Finalmente, chegou a hora do café da manhã. Quatro e meia da manhã, todos dormindo, acenderam-se as luzes repentinamente. Enquanto as pessoas se espreguiçavam com aquela cara de quem dormiu muito mal, as aeromoças passavam, distribuindo diligentemente o café da manhã.

Os primeiros a receber comida foram aqueles que comem *casher*. Quem já viajou de avião sabe muito bem como é: primeiro, é preciso desembulhar alguns rolos de papel alumínio, acordando, com o barulho, todos os que ainda tentam cochilar no avião. Finalmente, aparece uma quentinha que, ao ser aberta, apresenta aquele omelete de cheiro duvidoso, aquelas ervilhas com cenoura e, ao lado, aquela compota semi-congelada, à qual dizemos: “Você aqui de novo?” O outro judeu, não observante, foi servido como os demais passageiros: um croissant fresquinho servido em prato de porcelana, com garfo e faca de verdade, frutas da estação e bolo. Olhando zombeteiramente ao seu vizinho, ele disse:

“Eu gostaria muito de oferecer-lhe a minha comida, mas sei que você não pode comê-la.”

O judeu observante retrucou: “Eu posso, sim. E até acho que vale a pena – a sua parece muito mais gostosa que a minha. Porém, eu tenho a possibilidade de escolher entre o que é bom e o que não é. Eu posso, mas eu não quero.”

Nós podemos comer alimentos não-*casher*. Podemos cometer vários pecados. Mas escolhemos não fazê-lo.

QUEM LEVA QUEM?

Certa vez, vi uma senhora de idade andando com um buldogue enorme, segurando sua coleira. Eu não acho que ela estava levando o buldogue; era ele quem a levava. O mesmo, muitas vezes, acontece com o dinheiro. Por que pode acontecer de o dinheiro mover a pessoa e dominar sua vida em vez de a pessoa utilizá-lo para fazer o que realmente quer? Por que as pessoas perdem o rumo do que estão fazendo neste mundo?

Certa vez, um sujeito dirigia um carro muito velho, sem ar condicionado. De repente, o ponteiro do lado direito do painel começou a subir e muita fumaça começou a sair do capô. Ele parou no acostamento para esfriar o carro e levantou o capô, enquanto um

sorriso iluminava seu rosto de orelha a orelha. Ao seu lado passou um indivíduo num Cadillac do ano, suspensão nas quatro rodas e freios ABS, com o rosto triste. Ele olhou para o carro parado no acostamento da estrada e não conseguiu entender por que aquele sujeito, numa situação daquela, parecia tão feliz.

Na verdade, qual era a diferença entre esses dois motoristas? O sujeito do carro quebrado sabia para onde estava indo: uma placa indicava que faltavam 130 km para Jerusalém. Depois de esfriar um pouco o carro e rodar mais alguns quilômetros, teve que parar novamente, mas agora a placa já mostrava que faltavam 100 km para Jerusalém. Sabia que estava avançando em direção ao seu objetivo. Já o sujeito do Cadillac tinha o próprio carro como objetivo de sua vida. Ele não estava indo a lugar nenhum. Qualquer problema que houvesse com seu Cadillac o tornaria infeliz. O primeiro, por sua vez, sabia que o carro é somente seu meio de transporte.

Se uma pessoa tem um desconforto monetário, mas sabe para onde está indo, aceitará a situação muito melhor do que alguém que vive pelo conforto.

QUESTÃO DE PERSPECTIVA

Outra cena: em agosto de 2009, um indivíduo italiano viajou 12 horas para o Brasil, pegou um táxi no aeroporto de Guarulhos e chegou ao seu hotel. Então, ele abriu seu *lap-top* e viu a seguinte notícia: “Maior prêmio de loteria da Europa: italiano ganha 148 milhões de euros. O número vencedor...” O italiano pegou seu bilhete no bolso, conferiu e descobriu que era o sortudo ganhador!

Depois dos primeiros momentos de choque e alegria indescritíveis, ele fechou seu *lap-top*, pegou as malas que nem sequer havia aberto e correu novamente para o aeroporto – sem tomar banho, sem escovar os dentes, ainda com aquela cara amassada. Correu até o balcão e pediu para embarcar no próximo avião para a Itália.

– Sinto muito, está lotado. Só temos um lugar que custa 4000 dólares.

– Onde?

– Oh, sinto dizer que este lugar acaba de ser tomado. Mas podemos quebrar um galho para o senhor, já que está pagando bem.

– Onde?

– No banheiro.

– Ótimo!

Nosso amigo dirigiu-se ao avião, entrou no banheiro, acendeu a luz e não apagou mais. Passaram-se duas, três horas, alguém abriu a porta do banheiro e o que encontrou lá dentro? Um homem sorrindo e brilhando como uma estrela. O que fazer com alguém assim? Verificar se tem um psiquiatra no vôo, coitado. Não bastava ter pagado 4000 dólares enquanto

os outros pagaram 800 dólares em 36 vezes e ainda tinham um assento, e ele, coitado... No entanto, ele estava mais feliz do que todo mundo. O que importava passar 14 horas no banheiro do avião ante a perspectiva de receber 148 milhões de Euros?

Aquele que tem um objetivo na vida não dá importância às coisas passageiras.

O OBJETIVO DA VIDA

No fundo, todos nós sabemos disto.

Quem é que, na escrivaninha de seu escritório, tem uma foto de si mesmo de olhos vermelhos, estressado, fazendo hora extra às onze da noite do dia 25 de dezembro? Por outro lado, quantos e quantos têm, em suas escrivaninhas, fotos da família, do *Bar-Mitsvá* ou do casamento dos filhos, de uma viagem que fizeram com a esposa... Por quê? Porque sabemos que não estamos no trabalho para fazer hora extra, e sim por nossa família. O objetivo dessa mesa, desse escritório, é chegar em casa e ficar com a família; não é permanecer no trabalho.

Em discursos fúnebres, ninguém diz: “Ele não passava um domingo sem churrasco”, “era versado em todos os filmes da locadora” ou “não saía de casa sem ficar dez minutos passando gel no cabelo”. Por que não dizem isso de pessoas falecidas? Porque mesmo quem não tem Torá sabe, no fundo, que esses não são os objetivos da vida.

QUEM É VOCÊ?

Apesar de sabermos disso, porém, acabamos nos perdendo.

Peguemos Nôach, por exemplo. Nôach e sua família foram as únicas pessoas que mereceram ser salvas do dilúvio. Hoje em dia, o mundo está dividido entre judeus, que são chamados de *Benê Yisrael* – filhos de Israel – e não judeus, chamados de *Benê Nôach* – filhos de Noé. Toda a humanidade recebeu o nome dele. No entanto, onde foi parar toda a sua glória?

O trecho da Torá que trata de Nôach começa assim: “*Nôach ish tsadic*” – Noé, um homem justo (Bereshit 6:9). Depois do dilúvio, porém, a Torá o chama de “*Nôach ish haadamá*” – Noé, o homem da terra (Bereshit 9:20). A que se deve essa mudança?

A Torá conta como Nôach começou a plantar uma vinha logo depois do dilúvio. É nesse ponto que ele recebe o nome de “*ish haadamá*” – homem da terra. Qual é o problema de plantar? O mundo estava destruído, era preciso recomençar a reconstruí-lo! Por que isso demonstra que ele desceu de nível?

O *midrash* nos explica: o problema não foi Nôach ter plantado, mas ter se transformado num *ish adamá* – um homem da terra. No início, se alguém lhe perguntasse: “Quem é você?”, ele responderia: “Sou um *tsadic* que trabalha.” No fim de sua vida, porém, ele responderia: “Eu trabalho. E também faço algumas *mitsvot*.”

A BÊNÇÃO DO TELEFONE

Na obra *Chovot Halevavot* (“Os Deveres do Coração”) o autor explica que tudo o que fazemos no mundo pode ser catalogado como *mitsvá* (cumprimento da vontade Divina) ou como *averá* (um desvio da vontade de D’us). Podemos comer, estudar, andar, fazer ginástica, ir ao banheiro – e tudo isso ser uma *mitsvá* ou uma *averá*. Não há nada que permaneça em cima do muro. Beber um copo de Guaraná à noite é ou *mitsvá* ou *averá*. Não existe nada *parve* (neutro).

Peguemos como exemplo uma invenção de 1876 usada até hoje, cada vez mais: o telefone. O pai de Alexander Graham Bell trabalhava com surdos e seu filho estava tentando criar um aparelho auditivo. Acabou “errando” e inventando o telefone. Em 1982 inventaram o telefone celular. Sabendo que tudo é ou *mitsvá* ou *averá*, celular é bom ou ruim? Depende de como é usado. Um celular pode salvar uma vida. Um celular pode ser usado para mandar um recado carinhoso a algum membro da família. Por outro lado, certa vez eu estava com quatro pessoas num pequeno recinto. As quatro estavam falando, mas nenhuma delas conversava com a outra; estavam todas no celular. Hoje em dia, em alguns lugares, não é mais estranho que toque o celular no meio de uma aula ou em plena *amidá* na sinagoga.

Será que não somos capazes de pegar aquele pequeno retângulo achatado que domina nossa vida e desligá-lo por alguns minutos?

Algumas agências de emprego nos EUA fazem um teste proposital: durante o processo de admissão de um funcionário, fazem tocar seu celular no meio da entrevista. Se ele atende o celular, perde a vaga.

Por outro lado, D’us nos diz: “Vejam! Estou colocando diante de vocês a bênção e a maldição” (Devarim 11:26). Nossos sábios aprendem daqui que não se trata de duas coisas separadas: a mesma coisa pode ser uma bênção ou maldição.

Vejamos o outro lado do telefone: meu cunhado é *mohel* e, certa vez, foi para Curitiba realizar um *berit milá* (circuncisão). Chegando lá, deparou-se com um indivíduo usando um *shtreimel* (chapéu chassídico de pelos) de dois andares – um *spodik*. Ele piscou algumas vezes e pensou: acho que peguei o avião errado e fui parar em Mea Shearim (bairro tradicional de Jerusalém) em vez de Curitiba. O que aquele indivíduo estava fazendo ali?

O homem de *spodik* disse que não conhecia pessoalmente o pai do garoto que estava fazendo *berit milá*, mas estudavam em *chavruta* (dupla) por telefone. Existe uma organização em Israel e nos EUA que organiza *chavrutot* de meia hora por semana pelo telefone. Eles já eram *chavruta* há muito tempo, mas não se conheciam pessoalmente. Quando ficou sabendo que seu amigo teve um menino, voou de Mea Shearim para Curitiba para participar do *berit milá*. O mesmo telefone que pode servir como “maldição”, ao tocar no meio da *amidá*, pode ser a maior bênção quando é usado para uma *mitsvá*.

Se, depois de verificar meu e-mail 326 vezes no trabalho, a primeira coisa que faço ao chegar em casa é abrir meu e-mail de novo, em vez dizer “oi” e dar atenção aos meus filhos e à minha esposa, o computador passou de bênção para maldição.

Esta foi a grandeza de Eliezer: “*hamoshel bechol asher lo*” – ele dominava tudo o que possuía e não deixava suas posses materiais dominá-lo. E nós?

QUEM VEM ANTES?

Em *Yom Kipur*, no Templo, separava-se dois bodes idênticos e fazia-se um sorteio entre eles. Um era destinado a D’us, sendo sacrificado no Altar, e o outro era jogado num precipício fora de Jerusalém, chamado de Azazel. A *Mishná* nos conta que os dois bodes tinham que ser idênticos. O que aprendemos daqui? Que a mesma coisa pode ir para D’us ou para o Azazel.

Muitas vezes, o destino de nossos esforços depende da ordem de nossos valores. Yaacov é chamado pela Torá de “*ish tam*” – uma pessoa íntegra. A palavra “*tam*” é escrita com duas letras hebraicas: *tav* e *mem*, as primeiras letras de “Torá” e “*melachá*” (trabalho). Yaacov trabalhou muito na vida, mas o que vinha antes para ele? Torá. D’us nos livre, se alguém faz o contrário, inverte a ordem dessas letras e coloca o *mem* de *melachá* antes do *tav*, de Torá, o que dá? *Met* = morto. Essa pessoa não tem vida!

COMER BEM

O Rabino Moshe Feinstein zt”l, em sua obra de perguntas e respostas, *Igrot Moshê*, traz uma pergunta muito forte referente à *parashá Bechucotai* – a parte da Torá que trata do que acontece quando o Povo de Israel cumpre ou deixa de cumprir o que D’us ordena (Vayikrá 26:1-46). Um dos versículos sobre a bênção que o povo receberá quando cumprir os mandamentos, diz o seguinte: “Vocês comerão seu pão com fartura” (Vayikrá 26:5). O que significa “comer com fartura”? Rashi transmite: “Comerão pouco e terão bênção em seu intestino (ficarão satisfeitos).” O Rabino Moshe Feinstein pergunta: qual é a bênção? O versículo anterior diz que teremos muita comida. Para quem tem muita comida, comer pouco e ficar satisfeito é uma bênção? Não seria melhor comer bastante e ficar satisfeito?

Partindo desta questão, o Rabino Moshe Feinstein ensina um princípio fantástico: a bênção, neste caso, é o fato de não estarmos mergulhados no materialismo. Mesmo que tenhamos muito, a bênção é que vamos conseguir nos controlar e nos satisfazer com pouco.

MANTENDO O FOCO

Hoje, infelizmente, o mundo gira em torno da bolsa de valores. Quando a de São Paulo fecha, a de Tóquio abre. Não se para nem um segundo. Nós trabalhamos; muito bem. Mas até quando? Nossos pensamentos giram em torno do quê? Qual é o objetivo? Dar uma

resposta a isso tudo é muito difícil, pois não há uma resposta precisa.

A bênção que recitamos após sair do banheiro diz: “...*rofê chol bassar* – Que cura toda carne – *umafli laassot*” – e Que age surpreendentemente. O que há de tão surpreendente? Surpreendente é o fato de D’us manter uma *neshamá* espiritual dentro de um corpo físico. Imaginem, agora, o que sente uma *neshamá* num corpo que só pensa em materialismo.

O principal é a pessoa não perder o foco: o que estou fazendo neste mundo?

Na França do século 18, em meio à Revolução Francesa, o rei Luis XVI foi levado à prisão. Pegaram seu filho e herdeiro e resolveram estragá-lo, de forma que não houvesse mais reis. Tentaram destruí-lo moralmente. Colocaram-no em um ambiente corrupto, com pessoas de baixo nível, podendo comer o que quisesse, expressar-se da maneira que quisesse e ter as mulheres que quisesse, 24 horas por dia e sete dias por semana. Seis meses depois, perceberam que haviam fracassado: o príncipe continuava refinado. Perguntaram-lhe como não se perdera naquele mundo de prazeres, e ele respondeu: “Foi fácil. Não me perdi porque sei para que nasci: eu nasci para ser rei. Como rei, não condiz comportar-me dessa forma.”

E nós, nascemos para quê? O que D’us espera de nós? O que nós esperamos de nós mesmos?

VIVER ETERNAMENTE

O Ramban em seu livro *Torat Haadam*, faz uma pergunta muito interessante:

Por quê, quando alguém falece, ficamos chocados? Afinal, sabemos que o futuro de todo ser humano é a morte.

O motivo desse choque, explica o Ramban, é o mesmo pelo qual a maioria dos seres humanos deseja ter filhos. É tanta dor de cabeça, contas a pagar, reunião na escola, suspensão, admissão, bagunça... Para quê? Porque desde o pecado de Adam Harishon, quando D’us decretou que o homem não viveria mais para sempre, este passou a almejar a sensação de eternidade. É por isto que tem filhos: ele quer saber que, ao sair deste mundo, deixará algo atrás de si. Ele quer saber que viveu por algo eterno, não apenas passageiro.

Quando o foco está no que é eterno, mesmo a ação mais comum pode ser transformada em algo especial. No *Beit Hamicdash* havia um utensílio chamado *Shulchan*: uma mesa de ouro sobre a qual eram colocados 12 pães sagrados, substituídos a cada semana. Hoje, uma vez que não temos o Templo, nossa mesa de refeição é considerada equivalente ao *Shulchan*. Uma pessoa que come *casher*, o faz com bons modos, convida pessoas para comer junto e fala palavras de Torá durante a refeição, transforma sua mesa num utensílio do *Beit Hamicdash*!

De que depende o valor dos nossos atos? De quem domina quem: nós dominamos o mundo material ou o contrário.

Nossos grandes rabinos viviam e vivem com muita simplicidade. Qual é o motivo? Eles sabem que aqui é só uma estação. Em escalas provisórias ninguém é muito exigente; o que vier, está bom. Quem tem a prioridade certa na vida não fica incomodado com simplicidade quando esta é necessária. Essa pessoa conhece o valor de Eliezer – que dominava tudo o que possuía!

APROVEITE A OPORTUNIDADE

Havia um indivíduo muito simples que finalmente conseguiu começar a trabalhar como *office-boy* em Wall Street. No caminho de casa para o trabalho, ele sempre passava por um restaurante francês em cuja vitrine havia uma garrafa de vinho com o seguinte rótulo: 1885. Ele entrou e perguntou ao *maitre*:

– Quanto custa aquele vinho?

O *maitre* olhou-o de alto a baixo e disse, afinando o bigode:

– *Mon chér*, este vinho não é para você.

– Mas eu quero saber quanto custa este vinho.

– Dez mil dólares. Agora, saia daqui.

O jovem ficou obcecado por aquele vinho. Todo dia, ao ir e voltar do trabalho, parava em frente à vitrine, olhava para o vinho e começava a se imaginar saindo de uma limusine, de gravata, sapato de couro de crocodilo, três celulares, entrando naquele restaurante sob *flashes* de câmeras, sentando-se e tomando aquele vinho. Imaginem quando ele tirasse a rolha. Todos diriam: “Este é o homem!”

Ele passou a trabalhar todo dia por aquele 1885. Finalmente, após muitos meses, foi promovido a *broker* (corretor de ações). Ele continuou a crescer no trabalho até que, um dia, o chefe o chamou à sua sala para conversar. Enfim, ele entrou na sala do chefe, tremendo de medo.

– Veja – disse o patrão. – De todos os corretores que trabalham comigo, você é o que mais se empenhou no trabalho. Como estamos chegando ao final do ano, gostaria de lhe dar um presente – concluiu, estendendo-lhe um gordo envelope. O jovem saiu da sala e andou cabisbaixo, ante os olhares curiosos de seus colegas, como se tivesse levado uma bronca. Trancou-se no banheiro, abriu o envelope e começou a contar: mil, dois mil, dez mil, onze mil, doze mil!

A garrafa é minha! – gritou.

Os funcionários que estavam por perto se entreolharam: “Que garrafa é essa?”

O jovem, então, deixou o escritório e passou em frente ao restaurante para conferir se a garrafa ainda se encontrava no mesmo lugar. Lá estava ela, esperando por ele pacientemente. Ele correu para casa, abriu as páginas amarelas, chamou o barbeiro, alugou um *smoking*

novinho em folha e uma limusine. Depois, ligou para o restaurante e fez uma reserva para as oito horas numa mesa perto da janela – para todos poderem vê-lo.

A limusine parou em frente ao restaurante, buzinou e nosso amigo desceu, de sapato de couro de crocodilo e celular tocando. O garçom lhe trouxe o menu e ele, segurando-o de cabeça para baixo, sem entender aqueles nomes em francês, acabou escolhendo ao acaso. O garçom anotou o pedido e perguntou:

– Vai querer algum vinho?

Era este o momento pelo qual nosso amigo esperava:

– Sim. O da vitrine.

– Senhor, o da vitrine... Bem, digo...

– Chame o *maitre*!

O *maitre* veio e explicou:

– Muitos pediram vinhos caríssimos como este e não pagaram.

– Não tem problema. Lembra-se de mim? – e, levando a mão ao bolso, retirou um gordo maço de dinheiro – Pode contar.

O metre contou os dez mil dólares. Estupefato, olhou para o nosso amigo e disse:

– O senhor terá o que deseja. No entanto, não podemos deixar o lugar deste vinho vazio. Vamos enviar alguém à nossa adega especial para trazer outro vinho que esteja à altura deste que o senhor irá tomar, para substituí-lo na vitrine. Afinal, o chamariz do nosso restaurante é este vinho. Queira esperar um pouco. Enquanto isso, por favor, sirva-se à vontade. Já vamos trazer os pratos solicitados. Ah, e o senhor tem direito a mais dois vinhos como cortesia da casa, até chegar o vinho que o senhor pediu.

O jovem degustou os pratos finos e bebeu os dois vinhos. No entanto, como nunca bebera vinhos tão finos, ele os engoliu como se fosse refrigerante e acabou ficando bêbado. Finalmente, o grande momento chegou: trouxeram-lhe o vinho 1885.

– Abram-me o vinho, por favor – gaguejou ele.

O garçom disse:

– O senhor não quer ter a honra de tirar a rolha do vinho? Vai sair na coluna social amanhã!

Nosso amigo tentou colocar o vinho no copo, mas havia pelo menos dois copos dançando naquela mesa. Então, a garrafa caiu de sua mão e se espatifou no chão. Ele nem prestou atenção, pois já estava adormecido.

Quando o relógio marcava 1h20 da manhã, horário limite, acordam-no para poder fechar o restaurante.

– Mas... eu quero meu vinho!

– Nós já o servimos ao senhor.

– Ladrões!

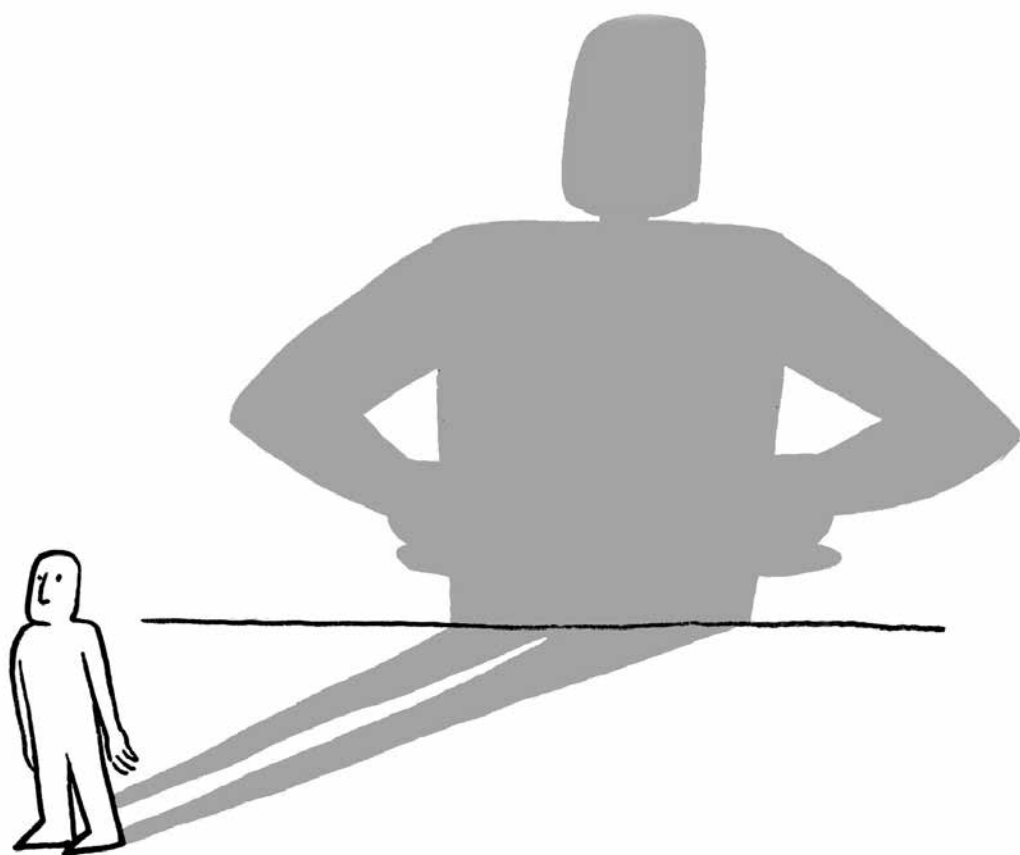
Ao ouvir os gritos, apareceu o *maitre*. Sem dizer nada, baixou um telão e projetou a cena que filmara: o jovem bêbado deixando a garrafa de dez mil dólares cair no chão, seu sonho se espatifando junto com ela.

Qual foi a maior vergonha que este indivíduo passou na vida? Mais do que não poder comprar aquela garrafa antes, foi a vergonha de ter trabalhado, suado por aquela garrafa e acabar percebendo que ele mesmo a desperdiçou com suas próprias mãos!

D'us nos deu a *neshamá*. A maior vergonha que existe, dizem nossos sábios, o maior *guehinom* (inferno), é a pessoa perceber, depois de sua morte, como jogou a melhor das oportunidades no lixo.

Que possamos aprender com Eliezer a dominar tudo o que possuímos, manter nosso objetivo claro e dar todas as oportunidades à nossa *neshamá*, tornando-a um vinho muito fino de verdade!

HUMILDADE E ÁYIN HARÁ: ALGO EM COMUM?



HUMILDADE

“

Só alguém que reconhece seu valor
pode ser verdadeiramente humilde.

”

QUEM É HUMILDE?

O personagem principal do livro mais famoso do mundo tinha uma característica que pode tornar a vida de cada um de nós muito melhor: humildade. Vejamos a seguir.

O livro mais famoso, eterno, respeitado e vendido do mundo é a Torá. Ele é tão venerado que não é permitido nem mesmo apoiar-se em cima do local onde se coloca um Sêfer Torá, de acordo com a Mishná Berurá (livro de leis escrito pelo Chafets Chaim). Quando o Sêfer Torá está saindo de um recinto da sinagoga para outro, todos têm de permanecer de pé e esperar que ele passe para poder seguir depois.

Dentro desse livro, o personagem principal é Moshê Rabênu. Ele foi o único no mundo que chegou a falar “frente a frente” com D’us. Nenhum outro profeta jamais falou ou falará com D’us nesta proximidade – somente por sonho. Mesmo no Monte Sinai, quando todo o povo chegou ao nível de profecia e ouviu os primeiros dois mandamentos diretamente de D’us, ninguém aguentou e pedimos a D’us que o resto fosse transmitido por Moshê.

Qual era a principal característica deste homem tão elevado? “Moshê era muito humilde, mais que qualquer homem sobre a face da terra” (Bemidbar 12:3). Temos que lembrar que D’us ditou toda a Torá a Moshê, palavra por palavra, e ele foi escrevendo. Assim, foi o próprio Moshê que escreveu estas palavras: “Moshê era muito humilde, mais que qualquer homem sobre a face da terra”. Como pode ser? Isso é humildade? Humilde deveria ser alguém que não possui nenhum motivo para se orgulhar, ou não se considera nada!

A Torá, porém, ensina algo bem diferente.

SÓ É HUMILDE QUEM PODE SE ORGULHAR

Diz o Netsiv de Volozin (Rabino Naftali Tsvi Yehuda Berlin, 1816-1893):

Moshê era fortíssimo e ousou enfrentar o homem mais temível daquela época: Sichon, rei de Cheshbon (Bamidbar 21:21). Além de forte, Moshê era bilionário: quando D’us lhe mandou esculpir as segundas tábuas da Lei, que eram feitas de safira, disse-lhe que poderia guardar para si tudo o que sobrasse depois de esculpir (*Pessol lechá* = esculpa para si mesmo, para o seu bem. Shemot 34:1). Com isso, ele ficou bilionário.

Daqui podemos ver a grandeza de Moshê Rabênu: quando um homem fraco é humilde, não é grande coisa. Alguém fisicamente fraco pode ficar também emocionalmente debilitado. Alguém mais pobre, com uma posição social mais delicada, talvez sinta que não tem muito do que se orgulhar. Moshê, por sua vez, tinha poder, força e riqueza. Ele tinha tudo para se achar o melhor. Mesmo assim, a Torá testemunha como Moshê era o mais humilde de todos os seres humanos da face da terra.

Quando alguém não tem nada e é orgulhoso, não se trata de um problema de *midot* (falta de boas virtudes); trata-se, de um caso psiquiátrico! Moshê, mesmo tendo tudo, não se orgulhava.

O HUMILDE SABE QUEM É

Moshê, além de ter tudo para orgulhar-se e não fazê-lo, tinha mais uma característica básica da humildade: ele **sabia o seu próprio valor**.

Quando uma criança nos diz: “Olhe como sou humilde”, nós lhe respondemos: “Uma pessoa realmente humilde nunca dirá uma coisa dessas”. Essa resposta é incorreta; afinal, vemos que Moshê escreveu isso. Moshê, além disso, não é o único que agiu assim. A última mishná do tratado de Sotá diz que, desde que Rabi Yehudá Hanassi faleceu, acabou a humildade. Nota: quem compilou a mishná foi Rabi Yehudá Hanassi em pessoa. A Guemará, algumas linhas abaixo, traz Rav Yossef que diz: “Não escreva, Mishná, que a humildade acabou; fato é que estou vivo”.

Quando alguém é realmente humilde e o declara, não se trata de uma contradição. Por quê? Porque saber o próprio valor, incluindo a capacidade de ser humilde, faz parte da humildade. Qual, portanto, é a diferença entre o humilde e o orgulhoso? Isso pode ser aprendido comparando Moshê a Essav.

O QUE OS OUTROS PENSAM?

O livro de Bereshit (32:4) descreve um encontro pelo qual um de nossos patriarcas temeu. Para que um de nossos patriarcas fique com medo, deve ser algo muito assustador. Yaacov ficou com muito medo quando estava prestes a encontrar seu irmão Essav. Os mensageiros que ele enviou lhe reportaram que Essav vinha ao seu encontro com “apenas” 400 homens. Yaacov ficou muito assustado e fez uma série de preparativos, que incluíam a tentativa de “amaciá-lo” um pouco o irmão. Yaacov lhe mandou um monte de presentes: camelos, jumentos, carros, lap-tops, blackberries, uísques e caixas de charuto (adaptado aos nossos dias, é claro!).

Finalmente, os dois irmãos se encontraram. Yaacov foi se aproximando enquanto se ajoelhava sete vezes perante Essav. Ao ver isso, Essav correu ao seu encontro, abraçou-o, beijou-o e ambos choraram. Como pode ser? O chefe da gangue chorando na frente dos 400 capangas armados até os dentes? Por que ele, que estava pronto para a guerra, está se debulhando em lágrimas em cima do ombro de Yaacov?

Essav amoleceu devido à honra que recebeu de Yaacov. Essav era uma pessoa que não tinha valor próprio. Assim, quando foi paparicado e honrado, derreteu-se a ponto de chorar na frente de todos os seus homens.

Com Moshê Rabênu ocorreu exatamente o oposto. Ele teve a honra e o respeito balançados por sua irmã, Miriam, quando esta comentou com Aharon que Moshê havia se separado de sua esposa (Bamidbar 12:1). “Nós também somos profetas” – disse a Aharon – “e, no entanto, não nos separamos de nossos cônjuges”. Qual foi a reação de Moshê quando ficou sabendo disso? Nenhuma. Isso não o afetou – e é sobre esse episódio que D’us manda escrever que “Moshê era muito humilde”.

Essav derreteu-se com a honra que recebeu. Já Moshê teve sua honra desrespeitada e nem sequer respondeu. A diferença entre eles é que **Moshê sabia o seu próprio valor**.

Quando a pessoa sabe o seu próprio valor, mesmo que falem mal dela, isso não a atinge. Já Essav, que estava sempre procurando ver se o respeitavam ou não, era afetado pelos outros. Assim, ele ficou muito bravo ao saber que Yaacov, seu irmão (alguns instantes) mais jovem, passou 20 anos trabalhando para Lavan e já tinha uma posição mais importante que a dele. Essav não era capaz de suportar isso! “Eu tenho um modelo de carro deste ano e ele já está com o modelo seguinte que saiu da fábrica semana passada? Como pode ser que a esposa de Yaacov está com uma roupa mais elegante e mais cara que a da minha esposa? O quê? Yaacov é fornecedor exclusivo daquele comerciante e eu não?” Essav começou a se corroer por dentro e pegou 400 homens, pronto para comer Yaacov vivo.

O que fez Yaacov? Disse ao irmão: “Para mim, você é tudo. Devo-lhe honra! Sou seu escravo!” Essav imediatamente derreteu-se, pois uma pessoa que não conhece o próprio valor e depende da aprovação dos outros é muito vulnerável. Moshê Rabênu, por outro lado, não precisava dos outros para saber quem era e nenhum vento o tirava do lugar.

Quanto mais ciente uma pessoa está de seu valor, menos ela precisa da aprovação dos outros. Quanto maior sua autoestima, mais humilde ela pode ser. Moshê sabia estimar seu valor. Moshê podia escrever placidamente na Torá que era a pessoa mais humilde da face da terra sem que isso diminuísse sua humildade. **Só alguém que reconhece seu valor pode ser verdadeiramente humilde.** Se alguém o ofende, isso não o abala. Mesmo que digam a uma mulher que sua roupa no casamento não estava tão bonita, isso não a tornará uma esposa menos dedicada, uma mãe menos competente ou uma mulher de negócios menos bem sucedida. Uma pessoa que reconhece seu valor não precisa da aprovação dos outros.

Anavá, humildade, é saber seu próprio valor. *Gaavá*, orgulho, é achar-se melhor que os outros.

CALMA

Rabino Yerucham Leibovits, Mashguiach de Mir (1873-1936, Lituânia), baseado na história de Moshê, diz o seguinte: se você quer saber qual é seu quociente de humildade e orgulho, deve analisar qual é sua reação quando alguém fala mal de você. Se a pessoa é do tipo que já se transforma numa dinamite, demonstra um alto quociente de orgulho. Se ela quase não se irrita, significa que tem humildade. Humildade e calma são duas características pessoais diferentes, mas estão totalmente vinculadas.

Em relação a todas as características morais da pessoa, existem os dois extremos e o caminho do meio. Assim, por exemplo, uma pessoa não deve ser esbanjadora nem avarenta: deve ser generosa. Já em relação à humildade e ao orgulho, a pessoa deve ir para o extremo da *anavá*. De onde aprendemos isso? Rabenu Bachyê nos ensina que aprendemos de Moshê.

Quem tem humildade sabe que é apenas um súdito, enquanto o patrão que controla tudo é D'us. Logo, não há razão para ficar bravo.

COMO VOCÊ SE DEFINE?

Quantas vezes falamos a palavra “eu” por dia? Uma companhia americana realizou uma pesquisa para saber qual é a palavra mais falada ao telefone nos EUA. Ela descobriu que é apenas uma letra, que ainda por cima só existe como maiúscula: “I” – eu. Uma pessoa humilde, por sua vez, não precisa disso.

Em 16 de setembro de 1933, saiu a seguinte notícia no jornal “The New York Times”: “Falece, na Polônia, o Chafêts Chaim. Estima-se que ele tinha 105 anos”. O título que o jornal escolheu para ele foi: “Uma pessoa santa e simples”. Este era o Chafêts Chaim, em sua humildade. Autor da Mishná Berurá, um dos livros de Halachá mais usados e seguidos, e de muitos outros. Sua principal característica, porém, era esta: simplicidade e humildade. Ele não consideraria “eu” como a palavra mais importante da sua vida.

NINGUÉM SABIA

Na mesma história sobre Moshê que estamos analisando há um detalhe que parece muito aparente, mas ao qual não prestamos muita atenção. O exemplo de *lashon hará* trazido pela Torá é o da profetiza Miriam, irmã de Moshê, que falou mal de seu querido irmão, aquele de quem ela cuidou quando era recém-nascido. Quais palavras ela usou? “D'us também fala conosco (Miriam e Aharon) e, no entanto, nós não nos separamos de nossos cônjuges; por que Moshê separou-se de sua esposa?” O que D'us respondeu a Miriam? “Meu servo, Moshê, não é como vocês. Sua profecia é muito mais elevada e, portanto, precisa de um preparo diferente”.

A pergunta que está gritando destas linhas, mas que talvez nunca a fizemos, é a seguinte: Miriam não sabia que Moshê era maior do que ela? Precisava de D'us para dizer isso?

Diz o Rav Shimshon Refael Hirsch: não. Ela não sabia. Como pode ser que ela não sabia? Porque não dava para saber. Moshê Rabênu nunca se comportou diferentemente dos outros. Moshê nunca saiu do *mikve* com a barba pingando água. Ninguém sabia se ele ia ao *mikve* uma ou algumas vezes por dia. Ninguém sabia se Moshê estudava todas as noites ou não. Miriam, a própria irmã, que viveu ao seu lado, não sabia de sua grandeza. Por quê? Porque Moshê era **tsanúa** – discreto. O subtítulo de *anavá*, humildade, é *tсениut* – discrição, quando a pessoa está ligada ao seu interior e não ao que os outros veem.

COMO EVITAR MAU-OLHADO

Isso está ligado a um assunto de interesse nacional, que todos gostam de escutar: *segulot* (fórmulas espirituais) contra *áyin hará* – mau-olhado. Não se trata só de ter a placa de carro

SSS 5555 para poder vender o carro mais caro para o patrício e pendurar um belo *chamsa* (talismã em forma de mão) do tamanho da parede com um olho dentro que o primo trouxe da Terra Santa.

O Talmud já fala sobre o mau-olhado e sua capacidade de prejudicar os outros. Resta, porém, a pergunta: se uma coisa pertence a alguém, como outro pode tirar isso dele só com o olhar?

Rav Eliyáhu Dessler explica, no Michtav Meeliyáhu, a lógica disso: quando D'us dá fartura para alguém, o Talmud diz: use uma parte do dinheiro para fazer uma *mitsvá* – um preceito da Torá que envolva dinheiro, como *tsedacá* (dar dinheiro aos mais necessitados). Por quê? Porque o dinheiro de alguém pode ser alvo de inveja de outros. Ao fazer uma *mitsvá*, quando fulano olhar para a sua propriedade, a *mitsvá* irá protegê-lo. Mas por que é preciso se proteger e fazer esta *mitsvá*?

Porque D'us dá fartura às pessoas para que elas sejam discretas e não ostentem. No momento em que a pessoa começa a incomodar os outros com seus bens materiais e chamar sua atenção, D'us diz: preciso julgar a pessoa novamente para ver se de fato merece isso ou não. Se merecer, continua com o que lhe dei. Se não, acabará perdendo o que ganhou.

EM SILÊNCIO

Hoje em dia, para que um acontecimento tenha valor, precisa aparecer na revista de celebrações: festa de fulano, roupa de sicrano. É preciso ter muita criatividade para que o brinde do Bar Mitsva do seu filho seja mais especial que os outros inúmeros que graças a D'us já houve. O que mais já se pode distribuir? Só se der um Sêfer Torá para cada um... “Vou fazer a festa mais deslumbrante, com a melhor decoração que viram”.

Quer fazer uma festa bonita? Faça, mas não com um letreiro de neon sobre o qual todos ficarão comentando por dias. Sem que os convidados saiam dizendo: “O brinde do Bar Mitsva de ontem foi mais caro que o presente que dei ao garoto!”. Não há regras quanto a isso, mas existe algo chamado “*sêchel*” – bom senso.

A Torá está cheia de exemplos de *tseniut* (discrição):

Somos chamados de Benê Israel – “Filhos de Israel”. De onde vem esse nome? Quando Yaacov lutou contra o anjo e o venceu, recebeu o nome de Israel (Bereshit 32:29). Quem viu Yaacov lutando com o anjo? Absolutamente ninguém. Eles estavam sozinhos no meio da noite. Foi uma luta que não saiu no Jornal Nacional, ninguém ficou sabendo. Mas esse é o nome que levamos até hoje.

Yossef recebeu o nome de Yossef Hatsadik (“o justo”) quando a mulher mais linda do Egito tentou seduzi-lo e ele venceu seu instinto. “*Veen ish*”, está escrito – não havia ninguém naquela casa. Ninguém viu.

O homem mais santo no local mais santo no momento mais santo é o *Cohen Gadol* (Sumo Sacerdote) no *Côdesh Hacodashim* (Santo dos Santos, parte mais interior do Templo) em Yom Kipur. Quem o vê? Ninguém!

Estes exemplos mostram como, para crescer, não precisa aparecer para ninguém. No mundo, para que uma coisa exista, precisa sair no noticiário. Na Torá, é com *tсениut* que a pessoa cresce. As coisas muito boas devem ficar em casa, sendo compartilhadas com aqueles que realmente nos amam e que nunca ficarão com inveja.

O QUE É TSENIUT?

Tсениut não se refere somente a se vestir e se comportar com recato. *Tсениut* significa íntimo, interior. Uma pessoa que está ligada ao seu interior, sem ficar levando em conta o que os outros estão vendo ou não, sem fazer as coisas para chamar a atenção, é uma pessoa com *tсениut*.

Por que a Torá pega mais as mulheres neste assunto de *tсениut*? Porque a mulher, justamente por ser tão especial, deve tomar mais cuidado para não expor seu interior, para que não fique vulgar e se transforme de um ser valoroso num objeto ou placa de neon usado para vender melhor desde margarina até automóvel.

VALE A PENA SER DISCRETO

O Midrash conta que Alexandre Magno perguntou aos nossos sábios: “O que a pessoa deve fazer para viver?” Responderam-lhe: “*Yamit et atsmo*” – deve se matar. O que eles quiseram dizer com isso? Ser “*low profile*” – discreto, invisível. Não deixe que as pessoas falem de você por onde você passe. Tire a melancia do pescoço. Viva, mas não chame a atenção, assim você viverá melhor.

Para receber *áyin hará* (mau-olhado), é preciso ter algo que os outros vejam. Quando Yaacov vai abençoar os dois filhos de Yossef, no fim de sua vida, ora para que eles sejam como os peixes. Por quê?

O peixe fica o tempo todo debaixo d’água, sem que os outros vejam o que ele tem ou faz. Assim como o peixe não é atingido por *áyin hará* por estar embaixo das águas, viva encoberto e tudo estará bem.

SEM BARULHO DURA MAIS

Muitos nem sabem que houve dois pares de *Luchot* – Tábuas da lei. As primeiras *Luchot* foram quebradas por Moshê ao ver o pecado do bezerro de ouro. Quando D’us perdoou o povo, deu a eles as segundas tábuas, que permaneceram com eles para sempre. O Talmud pergunta: qual é a diferença entre os dois pares de *Luchot*? Por que o segundo durou mais?

As primeiras *Luchot* foram dadas com muita pompa e circunstância em torno do Monte Sinai. No Brasil, em Nova Iorque, na Austrália, Honolulu, Taiwan e Hong Kong todos só faziam das *Luchot*. Houve *áyin hará* e as tábuas quebraram. O segundo par de *Luchot*, por sua vez, foi dado discretamente, sem raios e trovões, sem ter saído na CNN. Ninguém soube. Esse durou para sempre.

EU TAMBÉM QUERO

É incrível o quanto uma pessoa humilde pode influenciar os outros.

Rav Yitschak Zilberstein (nascido em 1934, Bnei Brak) conta em seu livro, *Alênu Lesha-beach*, sobre um rabino, em Israel, que foi dar uma aula em uma sinagoga. No meio da aula, houve uma situação não muito agradável: alguém do público levantou a mão e disse: “Rabino, a lei que o senhor acabou de dizer não está correta”, e lhe provou por quê. Qual foi a reação do rabino? “Meu amigo, você tem razão. Eu me equivoquei e gostaria de lhe agradecer por ter me ensinado esta *halachá* (lei)”. Fim. Parece que a história termina aqui.

Alguns dias depois, este rabino estava em sua casa quando alguém bate à porta. O homem que apareceu perguntou:

- Foi o senhor que deu uma aula outro dia e alguém o corrigiu no meio da palestra?
- Sim – respondeu o rabino. Por quê?
- Gostaria de agradecer enormemente ao senhor.
- Você estava presente na aula?

– Não. A história é a seguinte: meu pai é um homem de negócios muito próspero. Eu decidi que gostaria de estudar Torá por alguns anos. Daquele momento em diante, o telefone nunca mais tocou em minha casa. Meu pai disse: “Você quer estudar Torá? Quer ser igual a Rabi Akiva? Pois seja como ele, vire-se. Eu não irei ajudá-lo”. No entanto, há alguns dias, meu pai veio em casa e começou a me abraçar, chorando. Quando lhe perguntei o que aconteceu, ele disse: “Eu estava num *shiur* há alguns dias, sentado na plateia, e veio um rabino cujo nome nem sei, disse uma lei e alguém o corrigiu. O rabino agradeceu muito pela correção. Quando escutei isso, disse a mim mesmo: ‘Se isso é um *talmid chacham*, uma pessoa que estuda Torá, eu quero ter a honra de participar disso’. Meu filho, eu quero pedir perdão e reatar nosso vínculo”. É por isso que vim aqui lhe agradecer. O senhor nem sabe o bem que fez para mim!

ASSUMA E CRESÇA

Já me perguntaram se um pai pode dizer ao filho “Eu errei”. Afinal, o pai deve ser o rei da casa! É verdade que, se o pai diz todo dia para o filho “Eu errei, eu errei”, o filho achará que há um erro ambulante em sua casa! Contudo, assumir um erro cometido é a maior lição do

mundo para o filho. “Se meu pai erra, eu também posso errar”. Isso constrói pessoas humildes e grandes de verdade, aos olhos de si e dos outros.

Rashi, o maior comentarista da Torá e do Talmud de todos os tempos, muitas vezes escreve “Não sei o que esta palavra a mais na Torá vem nos ensinar”.

No momento em que a pessoa não sabe seu próprio valor, ela é incapaz de ouvir que está errada e sempre procurará uma desculpa. Quem já não se deparou com um senhor que não aprendeu direito sobre as leis das *mitsvot* e vem à sinagoga para um Bar Mitsva com o *tefilin* caindo sobre o nariz? Se você chama sua atenção, ele começa: “Meu avô era rabino e meu bisavô tinha a barba mais comprida de sua geração. Pode deixar, eu sei o que estou fazendo!” Está faltando *anavá* – humildade. É preciso saber aceitar críticas e reconhecer os erros.

Que possamos aprender de Moshê Rabênu, nosso mestre, a saber exatamente o próprio valor, adquirir humildade e agir com as antenas apontadas para nosso interior, de forma que D’us nos abençoe sempre com muita fartura!

ALÇANDO VOO

TOCANDO NOS ASSUNTOS MAIS ELEVADOS DE
NOSSA VIDA: SANTIDADE, ORAÇÃO E TORÁ.

“

As *mitsvot* aproximam o homem de
D'us e as *averot* o afastam.

”

SANTIDADE: AO NOSSO ALCANCE?



KEDUSHÁ – SANTIDADE NA VIDA

Este assunto é tão difícil de entender quanto importante: *kedushá* – santidade. O que significa viver uma vida com *kedushá*? É possível?

ATÉ QUE PONTO ALGUÉM PODE ALMEJAR A SANTIDADE?

Todos os profetas recebiam suas profecias em sonho, enquanto dormiam. Já Moshê era o único profeta que falava com D’us acordado, assim como alguém fala com um amigo – nas devidas proporções.

Moshê pediu o seguinte a D’us: “Har’êni na et kevodêcha”, “Mostre-me Tua face” (Shemot 33:18) – quero conhecê-Lo diretamente. D’us fez uma concessão: você pode ver Minhas costas, mas não pode ver Minha face. O que isso significa?

Moshê já conhecia D’us muito mais do que qualquer ser mortal jamais sonhou entender. Mesmo assim, Moshê queria mais. Quando se trata de espiritualidade, sempre devemos querer mais e mais.

Essa foi a resposta que Moshê daria a uma pergunta interessante que é aconselhável fazermos a nós e aos nossos filhos: “Você tem uma hora para ficar a sós com alguém de qualquer época da história; basta escolher”. Quem você escolheria?

Moshê Rabênu escolheu D’us.

Como, porém, Moshê Rabênu queria “ver” D’us se foi ele próprio que escreveu na Torá, a mando de D’us, que “um homem não pode ver-Me e continuar vivo” (Shemot 33:20)? É impossível chegar a um nível tão grande de entendimento e proximidade a D’us com o corpo físico, neste mundo!

O Radbaz (Rabino David ben Zimra, Espanha, Israel e Egito, 1479-1573) faz esta pergunta e dá uma resposta que tomamos a liberdade de explicar da seguinte forma, em linguagem mais moderna para que o nosso entendimento fique mais fácil:

No mundo da informática, os arquivos necessitam de programas específicos para serem abertos. É assim que D’us mandava as mensagens para Moshê: num tipo de “arquivo” específico. Existem vários tipos de arquivo: “arquivo.DOC”, “arquivo.JPG”, “arquivo.PDF”. Para que o “computador” de Moshê pudesse decodificá-los, era preciso que os salvasse como “arquivo. MOSHÊ RABÊNU”. Naquele momento, Moshê Rabênu queria que D’us lhe mostrasse onde fazer “download” do “programa” que ouvisse a voz de D’us diretamente, sem precisar transformá-la de um programa para o outro.

D’us não concordou com ele, respondendo que “um homem não pode ver-Me e continuar vivo”. Moshê sabia disto, mas queria tanto ver D’us que estava pronto a morrer como consequência natural. Isso ocorreria quando sua alma quisesse ficar grudada a D’us e fosse, de fato, atraída para fora de seu corpo.

Por quê, então, D'us não deixou que Moshê “visse Sua face”, se estava disposto a sofrer as consequências? O Radbaz explica que D'us disse a Moshê o seguinte: “Por você, eu deixaria que você morresse para Me ‘ver’. No entanto, você é líder de um povo e deve continuar vivo. Assim, terá que abrir mão e contentar-se com um estágio menor de santidade. Esta será sua *messirut nefesh* – seu desprendimento – pelo povo”.

Assim, um ser humano é capaz de ter neste mundo um nível de “sede espiritual” tão grande a ponto de querer falar com D'us diretamente, sem ter que “converter o arquivo”. É incrível a ascensão espiritual à qual um ser humano é capaz de chegar em vida!

E NÓS?

– OK, Moshê Rabênu é uma coisa. E eu?

Parashat Kedoshim (Vayikrá 19:1) foi escrita para quem? Para todo o Povo de Israel. Se fosse somente para Moshê Rabênu, ele não a teria contado para nós. Qual é o primeiro versículo dessa *parashá*? “*Kedoshim tihyu, ki kadosh Ani Hashem Elokechem*”. Tradução: “Sejam santos, **pois Eu sou Santo**”. Por que essa *mitsvá* é diferente das outras? Nas demais *mitsvot*, não está escrito para fazermos porque D'us também faz!

Rashi explica: “Já que Eu, D'us, sou santo, coloquei dentro de cada um de vocês um pouco da Minha santidade. É por isso que posso exigi-lo de vocês”.

O midrash, por sua vez, explica esse versículo de forma oposta: “É óbvio que uma pessoa pode ser santa; é só cumprir *mitsvot*. Então por que D'us acrescenta que Ele é santo?” Explica o midrash: “É para que você não pense que pode ser santo como D'us. D'us tem uma santidade inatingível, enquanto a santidade do ser humano é limitada”.

Mesmo assim, devemos fazer o melhor possível – e podemos chegar até o nível de Moshê Rabênu. Quando Adam Harishon foi criado, ele era tão perfeito e tinha uma santidade tão grande que os anjos se confundiram, achando que ele fosse D'us. D'us teve que fazê-lo dormir, antes de lhe trazer Chavá, para que os anjos vissem que ele não podia ser D'us e voltassem a cantar para D'us, e não para o homem. Um ser humano pode chegar a esse nível!

COMO RECONHECER KEDUSHÁ

Rav Eliyáhu Lopian conta que havia em Vilna, há aproximadamente 200 anos, um indivíduo dotado de um poder especial: ele conseguia olhar para uma pessoa e descobrir o que ela havia feito em qualquer dia. Todos fugiam dele, pois não queriam que descobrisse o que faziam de errado. Na mesma cidade vivia o grande Gaon de Vilna (Rabino Eliyáhu bem Shlomo Zalman, Lituânia, 1720-1797), e um de seus alunos lhe perguntou se poderia lhe trazer aquele indivíduo. O Gaon de Vilna permitiu, uma vez que não tinha nada de errado a esconder.

Quando aquele sujeito especial olhou para o Gaon de Vilna, pediu licença para dizer um *chidush* (uma nova explicação) de Torá que o próprio Gaon tivera duas semanas antes e não contara para ninguém. Ao receber permissão, disse: “O senhor estudou, há duas semanas, a porção semanal de Haazinu. Do seu lado direito estava Rabi Shimon Bar Yochai e, de seu lado esquerdo, estava o Arizal”. O Gaon de Vilna concordou. Todos viram que aquele homem devia ser muito especial. O Gaon de Vilna, no entanto, virou-se para o seu aluno e disse: “Faça o favor de tirar este homem da minha casa”. Depois de tirarem o homem, perguntaram o motivo ao Gaon de Vilna e este respondeu o seguinte: há duas formas de descobrir coisas ocultas: *kedushá* (santidade) e *tum’á* (impureza). D’us criou ambas as forças. Este indivíduo se utiliza inteiramente da *tum’á* – impureza – para fazer as suas “adivinhações”.

No mundo afora, todo aquele que demonstra ter algum tipo de poder ou adivinhação como esse é considerado “santo” e logo lhe pedem conselhos e *berachot*. É preciso tomar cuidado e lembrar desta história. D’us criou ambos os caminhos neste mundo, e nem sempre uma pessoa com tais poderes os possui pelo lado da *kedushá*. Um exemplo clássico ocorreu no Egito: os feiticeiros do Faraó, com a força da *tum’á*, repetiram boa parte das maravilhas e pragas que Moshê realizou com a força da *kedushá*. D’us criou o mundo desta maneira para haver um equilíbrio, e a pessoa poder escolher livremente o caminho que deseja seguir. Se apenas a *kedushá* fosse especial, não seria difícil escolher.

SALVO PELA KEDUSHÁ

Quando os nazistas subiram ao poder, ainda antes dos campos de concentração, os judeus começaram a ter que usar a estrela de David amarela. De vez em quando, prendiam judeus “suspeitos”. Rav Avraham Leifer (Rebe de Pittsburg, 1918-1990, EUA, Europa e Israel) foi convocado pelos nazistas e avisado que o mandariam a um lugar especial. Era véspera do *shabat* e sua esposa, no último instante, deu-lhe um saquinho que continha uma *chalá* para *shabat*. Mandaram-no pegar o segundo trem, que o levaria para um campo de trabalho. Todos sabiam qual era o destino de quem ia para lá. Como o trem só partiria no domingo, Rav Leifer passaria o *shabat* no acampamento alemão.

Ele passou o *shabat* como se estivesse na sinagoga: estudou, cantou músicas de *shabat*, comeu a *chalá*. No dia seguinte, chegou o trem que o levaria embora e começaram a colocar os judeus nos vagões. Num vagão onde entrariam 100 pessoas, colocavam no mínimo 150. Como os alemães faziam para inserir mais pessoas no vagão? Atiravam com a espingarda na porta do trem. Todos, com medo de serem atingidos, recuavam cada vez mais dentro do vagão. Mais e mais judeus entravam no vagão, até que só restou Rav Avraham Leifer do lado de fora.

Neste momento, as portas do trem se fecharam e ele ficou do lado de fora. Um oficial se aproximou dele e lhe disse: “Não pense que eu o deixei de fora por acaso. Eu vi a forma especial com que você se comportou nestes últimos dois dias, embora soubesse o seu destino. Percebi que você é uma pessoa especial e fiquei com medo de colocá-lo neste trem. Saiba que é por isso que você foi salvo”.

Ao ouvir isso, o rabino recitou “*Baruch mechayê hametim*” (Bendito é aquele que resuscita os mortos). Anos depois, em Pittsburg, um senhor generoso construiu para ele uma *yeshivá*, uma sinagoga e os dormitórios para os estudantes. Em troca, pediu ao rabino que dividisse seu Olam Habá (sua parte no Mundo Vindouro) com ele. O Rabino respondeu: “Minha porção de Torá certamente será dividida com você, uma vez que aqueles que apoiam a Torá compartilham o mérito dela com aqueles que a estudam. Logo, o senhor terá parte da minha Torá assim como da Torá de todos aqueles que estudarem na yeshivá. Meu Olam Habá, porém, será impossível dividir com o senhor: o Rambam escreve que uma pessoa que morre por *kidush Hashem* (santificando o Nome de D’us) entra num lugar especial lá em cima. Todo aquele que passou por uma situação como aquela, mesmo se acabou não morrendo, tem o mesmo mérito daqueles que pereceram pela santificação do Nome de D’us”.

COMO ATINGIR A KEDUSHÁ

Como atingir a *kedushá*? Como chegar ao máximo da santidade?

As *mitsvot* (mandamentos da Torá) aproximam o homem de D’us e as *averot* (transgressões) o afastam. No Zôhar (livro básico da Cabalá) consta que, quando alguém faz um pecado qualquer, anunciam lá no Céu: “*Ploni marad bemalchuta veavar averá plonit*” – “Fulano rebelou-se contra o Rei e cometeu tal pecado”. Assim que ouvem isso, os anjos saem do lugar onde a alma daquela pessoa está enraizada, como se o local estivesse cheirando mal. Até que D’us tem misericórdia daquela pessoa, limpa o local e, só então, os anjos conseguem voltar. Não temos ideia da consequência de uma *averá* e o que ela causa à nossa alma. E o contrário também é verdadeiro: quão grande é a santidade que uma *mitsvá* pode trazer para a pessoa!

Assim, é possível entender por que uma criança pequena é fofa e, ao chegar aos 13 anos, não sobrou praticamente nada daquela “fofura”. De onde ela vem e para onde foi? Nossos sábios respondem que uma criança pequena, por ser livre de pecados, tem uma *kedushá* que lhe confere aquela “fofura”. Quando a criança cresce, querendo ou não, acaba cometendo transgressões e perdendo a inocência. Sua *kedushá* vai diminuindo e, junto com ela, vai embora a sua “fofura”. Assim, quando ela cresce, você não aperta mais suas bochechas porque não dá mais nem vontade de apertar. A *kedushá* desapareceu.

COMO MANTER A *KEDUSHÁ*

O que significa ter *kedushá* e de que maneira podemos mantê-la em nossa geração?

1. Cuidado com o que fala

Em primeiro lugar, devemos cuidar da boca. Piadas, se forem engraçadas, podem ser contadas – é importante ficar bem humorado. No entanto, há piadas que um judeu deve saber que não combinam com ele. Uma piada de baixo calão não pode ser engraçada para um *yehudi*.

Se o pai ouvir uma criança falando palavrões em casa, não pode sorrir. Sorrindo, ele está aniquilando parte da *kedushá* do seu filho e contribuindo para o desaparecimento de sua “fofura espiritual”. Se a criança for muito pequena, é preciso tomar cuidado para não fazer muita história disso, porque ela só está repetindo como papagaio o que ouviu e, quanto mais dermos atenção, mais ela irá repetir. No entanto, se uma criança de nove ou dez anos diz o palavrão, é preciso reagir: “Nesta casa não se fala isso”, ou: “Isso não combina com você”.

Uma criança de dez anos, hoje, fala mais palavrões e besteiras do que um adulto há uma geração. Nossos sábios dizem que mesmo que tenham decretado (nos Céus) que uma pessoa receba 70 anos de fartura, ela os perde no momento que fala um palavrão!

Certa vez estava num táxi e pedi para ligar o rádio. Ele ligou na “Band-News”, num programa chamado “Macaco Simão”. A quantidade de besteiras ditas naquele programa era absurda e o taxista olhou para mim, sem jeito. Eu perguntei se ele podia desligar e ele disse: “É, eu sabia que o senhor não ia querer escutar”. Fiquei aliviado.

2. Cuidado com o que entra

O segundo ponto é cuidar do que os olhos vêem e evitar falta de *tzeniut*. O grande Rabi Yisrael Abuhatzeira (conhecido como Baba Sali, Marrocos, 1889 – Netivot, Israel, 1984), tão famoso por sua santidade, explicava qual era a principal fonte de sua *kedushá*: o cuidado que tinha com os olhos.

Quem se aventura a usar internet em casa deve se cuidar. Mesmo se puser um código de segurança para não entrar em sites impróprios, quando você está indo, seus filhos já estão voltando. Eles são mais inteligentes que nós. A sujeira que é capaz de entrar em casa pela internet é incalculável.

“Ah, mas meu filho precisa aprender”.

Conheço crianças que ficaram tão viciadas em coisas negativas da internet que não são mais capazes de abrir a cabeça para mais nada, depois de tudo o que viram lá. Elas vêm pedir ajuda para se desvincular, mas esse processo de desvinculação é difícilíssimo.

Com televisão é a mesma coisa. O próprio presidente da CNN não permite que seus filhos vejam televisão. Se fosse tão bom, ele não iria se incomodar.

Em 1975, quando mal existia televisão, o Rav Shach, o Steipler (Rabino Yaacov Kanievski), o Rav Moshe Feinstein e o Rav Yaacov Kamenetsky escreveram juntos para que os judeus do mundo todo tomassem cuidado, pois isso representaria um perigo para si e para a educação dos filhos. Como eles estavam certos!

De acordo com uma pesquisa americana, durante um ano uma criança vê 14.000 cenas obscenas que, também para não judeus, são chamadas de absurdas. Isso deveria ser mais grave que comer não *casher*. É preciso explicar aos filhos que nós somos diferentes e que lidamos com *kedushá*.

No “Shemá Israel”, recitamos duas vezes por dia: “*Velô tatúru acharei levavchem veacharei enechem*” – “Vocês não irão atrás de seus corações e atrás de seus olhos”. Ou seja: vocês não deixarão seus olhos os levarem atrás de tudo o que desejam ver, em vez de controlá-los para enxergarem apenas o que é bom.

Outro dia, alguém me fez uma pergunta muito boa: por que é preciso fazer escola separada para meninos e meninas? O custo é pelo menos o dobro! Economicamente, ele está certo. No entanto, quando a Torá diz “*kedoshim tihyu*” (sejam santos), Rashi explica o seguinte: “Fiquem separados de tudo o que é sexualmente proibido”. Portanto, conclui o Rav Moshe Feinstein, mesmo escolas de crianças pequenas devem ser separadas, para se acostumarem desde cedo com bons limites, e isso é necessário mesmo quando há aumento de custos.

Quantas vezes ouvimos de rapazes e moças que saem em grupo para passar o fim de semana fora juntos numa casa. Há alguns limites que D’us espera de nós, e esse comportamento não é aceitável.

Nem tudo o que o jornal acha apropriado D’us também acha. Em uma festa de casamento na qual não há *tсениut* (as pessoas estão vestidas de um modo que expõe o corpo), segundo a *halachá* não se pode recitar as “*Sheva Berachot*” (sete bênçãos festivas referentes ao casamento, recitadas após a refeição). Isto porque uma das frases é “*Nevarech Lelokênu shehassimchá Bim'onô*” – “Bendigamos Aquele em cuja morada há alegria”, e D’us não está feliz num lugar em que não há *tсениut*.

Nossos sábios dizem que aquele que se ocupa com algo imoral não consegue mais se concentrar; ele queima a própria *kedushá*. Um ser humano usa entre 5 e 10 por cento do cérebro. Se quiser decorar uma lista telefônica com nomes e endereços, não ocupará mais que 10% do seu potencial. Ainda cabe muita Torá. Posso armazenar em minha cabeça muita informação sobre carros, mercadorias e ciência, lado a lado com a Torá. Rabênu Yoná, porém, diz que há uma coisa que funciona como “repelente” para a Torá: pensamentos imorais. A

Torá não pode conviver com imoralidade na mesma cabeça: no momento em que estes pensamentos entram na cabeça de uma pessoa, eles funcionam como “repelentes” e “inseticidas” de Torá.

Um livro chamado Machazê Enáyim traz o seguinte: se uma pessoa machuca o dedão do pé, ela grita e chora. De onde surgem as lágrimas? Deveriam sair do dedão do pé! O livro explica o fato de as lágrimas saírem dos olhos do seguinte modo: os sofrimentos pelos quais a pessoa passa servem como *capará* – expiação – de seus pecados. Grande parte dos pecados são provenientes dos olhos. Por isso, a *capará* vem por intermédio dos olhos.

QUE MÚSICA VOCÊ ESTÁ OUVINDO?

Falamos sobre a boca, os olhos e agora um último ponto sobre o que está ligado à *kedushá*: os ouvidos.

Achashverosh, rei da Pérsia e um dos principais personagens da história de Purim, fez uma festa que durou seis meses, descrita no início da Meguilat Ester. Cada dia tinha um menu diferente e uma decoração diferente; era muito chique. Nossos sábios dizem que nesta festa havia de tudo, todos os prazeres que alguém poderia sonhar – menos uma coisa. O que não havia na festa?

Rabino Shelomo Halevi Alkabets (1505-1584, Safed – Israel, grande cabalista e autor do “Lechá Dodi”), em seu livro Manot Halevi, responde: não havia música. Por quê? Achashverosh queria fazer tudo para que as pessoas se distanciassem de D’us. Ele tinha medo que, se colocasse música, elas pessoas poderiam lembrar-se do Criador. Achashverosh sabia que uma música bonita pode aproximar alguém de D’us.

Qual é o idioma que uma criança sabe falar? O Gaon de Vilna responde: imagine uma criança que está chorando. Se a mãe lhe conta o que comprou na feira ou como foi seu dia de trabalho, não acalmará a criança. O que a mãe faz para ela se acalmar? Canta-lhe uma música. No móvel em cima do berço tem música. Diz o Gaon de Vilna: o idioma de uma criança é a língua da alma. A língua da alma é a canção. Qual é a prova disso? Uma das principais funções dos *leviyim* (levitas) no Templo era cantar para D’us.

A música faz diferença. O Báal Korê (oficiante) lê a Torá com uma melodia especial. A música mexe muito com a alma. Por isso, é preciso tomar cuidado com o tipo de música que nós e nossos filhos ouvimos.

KEDUSHÁ NAS PAREDES

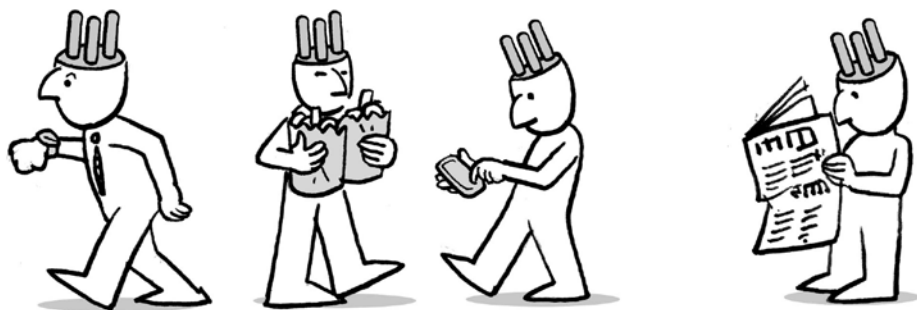
Quando uma família inaugura uma casa, costuma-se ler *mishnayot* e estudar Torá (Chanukat Habáyit). O motivo é que nunca se sabe quem morou naquela casa antes e quais foram seus atos, ou o que foi dito entre as pessoas que construíram ou reformaram aquela

casa. Talvez as paredes tenham absorvido *tumá*. Por isso, inauguramos a casa com palavras de Torá: para imbuir suas paredes com santidade.

O Rav Ovadyá Yossef (nascido em 1920, Iraque – Israel) diz que, ao se mudar para uma nova casa, é preciso pintar as paredes. Afinal, não dá para saber o que elas viram e ouviram e o que elas absorveram.

Assim, o conceito de *kedushá* é muito concreto e viável para todos nós, cada um em seu nível. Que possamos atingir a *kedushá* na fala, na visão, na audição e em toda a nossa vida. Que nosso lar esteja sempre repleto de *kedushá* e atraia muita bênção Divina!

O PODER DE UMA BOA REZA



“

O que diferencia o homem dos
animais é a fala – a capacidade de
se expressar em palavras.

”

QUANDO É TUDO FÁCIL

Rezar é uma das bases da vida, mas nem sempre damos a isto a devida importância. Na verdade, quanto mais simples e natural algo parece, menos importância lhe damos.

Certa vez, um rapaz em seu primeiro ano de casamento veio ao Rabino Shach, o grande rabino da geração, dizendo: “Gostaria de convidar o rabino para um *kidush* (pequena refeição festiva) que estamos oferecendo pelo nascimento de nossa filha.” Seu tom de voz denotava algo como “fazer o quê, nasceu uma menina”... O Rabino Shach retrucou: “Será que seria necessário vocês ficarem dez anos sem ter filhos, passando por uma série de dolorosos tratamentos, para virem alegremente me convidar para o *kidush* que estão dando em agradecimento a D’us por tê-los finalmente agraciado com uma linda menina? Seria necessário vocês sofrerem para dar valor a esta maravilhosa bênção Divina?”

Na obra *Messilat Yesharim* (“O Caminho dos Justos”, livro básico de ética judaica), o autor comenta que ninguém aprecia o que parece simples. Quanto mais óbvia uma situação, quanto mais repetitivo é um conhecimento, menos atenção merece das pessoas. É preciso que a situação fique difícil, D’us não o permita, para as pessoas darem valor.

O SER QUE REZA

No começo da *parashá Bereshit* (Bereshit 2:7) consta: “Deus criou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas ‘*nishmat chayim*’ – um sopro de vida.” Ou melhor: uma alma. Essa é a diferença entre o primeiro homem e o primeiro macaco, elefante ou girafa. Como se define de forma concreta o conceito de *nishmat chayim* – um sopro de vida? Onkelos (Israel, século 2) traduz: “espírito falante”. Ou seja, o que diferencia o homem dos animais é a fala – a capacidade de se expressar em palavras. O animal tem vida e instinto, mas não tem *neshamá*. Os animais também se comunicam, mas o homem se comunica num nível diferente: ele demonstra sua *neshamá* por intermédio da fala.

Imaginem se o governo lançasse um projeto para montar uma piscina olímpica de dez raias no nordeste. A piscina já está pronta, o cloro, o piscineiro, o aspirador... Só tem um problema: a falta de água. O mesmo se deu com Adam Harishon – D’us disse a ele: “Você é diferente dos animais porque fala.” Muito bem. E com quem Adam iria falar? Ele foi criado sozinho! Chavá só foi separada dele mais tarde. O Rabino Shimon Schwab aprende daqui algo incrível: a única possibilidade que Adam tinha de conversar era com D’us. Um homem que fala com D’us está realmente sendo um ser humano. Aquele que não fala com D’us, por sua vez, é apenas um potencial de homem.

Quanto mais acostumados estamos ao fato de podermos falar com D’us, porém, menos importância damos a isto.

PEDIR PARA REZAR DIREITO

Falar com D'us é *tefilá* – oração. Por que é tão difícil para todos nós, inclusive os maiores rabinos, fazer *tefilá* como se deve? Por que é tão difícil concentrar-se na reza? Balançar-se na oração e esfregar as mãos é fácil. Mas a *cavaná* – pensar no que estamos falando, de forma que a boca siga o cérebro – é extremamente difícil.

O Rabino Shmuel Vozner, *shelita* (um dos maiores rabinos desta geração, nascido em 1913), em sua obra de perguntas e respostas, *Shevet Halevi* (volume 7, resposta 1), traz a seguinte pergunta que lhe fizeram: “Não consigo rezar direito – o que devo fazer?” O Rabino Vozner respondeu, quase com estas palavras: “Saiba, meu querido, que seu problema pertence a muitos – até maiores e melhores que você... E em todas as épocas, até mesmo os sábios do Talmud reclamavam que não conseguiam ter *cavaná* na *tefilá*.”

O que temos que fazer para que a *tefilá* dê certo? A resposta é simples: rezar para que a *tefilá* dê certo. Onde fazemos esta oração? No *sidur*, logo no início da *amidá*, há uma pequena frase que devemos recitar: “*Hashem, sefatai tiftach, ufi yaguid tehilatêcha*” – *Hashem*, abre meus lábios de forma que minha boca possa recitar Teus louvores. Ou seja, ajude-me a rezar. Até para isso precisamos da ajuda de D'us, para rezar! Caso contrário, é muito difícil ter *cavaná*.

Um dos grandes rabinos desta geração, falecido há pouco tempo, o Rabino Shelomo Zalman Auerbach (1910-1995, Israel), certa vez foi indagado por um de seus alunos: “Rabino, como o senhor define um dia de sucesso?” O Rabino Auerbach respondeu: “Um dia no qual tive *cavaná* do começo ao fim de *shacharit*, *minchá* e *arvit*”. Não estamos falando de saber o valor numérico das letras nem de ir antes ao *micvê*. *Cavaná* significa: pensar na tradução das palavras, ter intenção e concentração.

Simples? Só parece.

Somente na hora da *amidá* surgem pensamentos como este: “Será que deixei o celular configurado para tocar ou só vibrar?” Acordei às 6 da manhã e agora são oito. Por que justo agora me lembrei disso? E não pára aí. É neste momento que o indivíduo começa a fazer um planejamento para os próximos cinco anos e se lembra de que é hora de pagar o IPVA para ter 3% de desconto, fica preocupado se preencheu certo a folha de Zona Azul ou se usou, por engano, o talão da esposa.

Se falar com D'us é o que nos difere dos animais, por que é tão difícil? O Gaon de Vilna explica que essa *mitsvá* é tão poderosa que o *yêtser hará* entra aqui em sexta marcha. Ele sabe o que nossos sábios dizem: se um judeu conseguir rezar a *amidá* com *cavaná* do começo ao fim, sua oração certamente será atendida.

Certa vez, perguntei a um rabino o que fazer com um aluno de *yeshivá* que não reza direito, chega atrasado à reza e assim por diante. Sua resposta foi: você pode explicar, mas

não critique. Feche os olhos. Afinal, veja primeiro como o pai desse menino reza. Mostre a ele a importância da reza, estude com ele a explicação das palavras e reze para que ele reze direito. Rezar direito é muito difícil.

ASTROLOGIA E ORAÇÃO

O que desejamos num casamento, num *bat-mitsvá*, num *berit milá*? “*Mazal tov*”.

O que significa isso?

Mazal tov quer dizer: um bom signo; ou uma boa influência do signo.

Será que o signo tem alguma influência sobre nós? Será que devemos acreditar nessas coisas? Como podemos desejar uns aos outros “*mazal tov*”?

O Rabi Chanina (Talmud, Tratado de *Shabat* 156a) diz que o *mazal* de uma pessoa determina se ela será mais sábia ou mais rica, que o Povo de Israel também tem *mazal* e é influenciado pelos astros. O Rabi Yochanan, por sua vez, discute; Israel não tem *mazal*, segundo sua opinião. Os Tossafot trazem a seguinte pergunta: como pode ser que o Rabi Yochanan sustenta essa opinião? Afinal, o Talmud (em *Moed Catan*) diz que “filhos, vida e sustento dependem do *mazal*”! A resposta que trazem é a seguinte: existe *mazal*, mas existe também uma forma de modificá-lo quando a pessoa possui um mérito muito grande. Qual é este grande mérito? O Tossafot Yom Tov explica que é a *tefilá* – a oração. Ou seja: a pessoa vive sob influência de seu signo, mas pode mudar seu *mazal* através da oração.

Sendo assim, às vezes as pessoas sabotam a si mesmas: poderiam viver mais, ter filhos melhores, mais sustento e saúde e não o têm simplesmente porque não rezam. E por que não rezam? Porque não sabem o poder que a *tefilá* tem. Nós, agora, já sabemos.

O PODER DA TEFILÁ

Uma oração bem feita pode cancelar um decreto ruim que paira sobre um indivíduo ou mesmo o que foi decretado sobre todo o Povo de Israel.

Certa vez, perguntaram ao Chazon Ish: “O senhor tem um ‘farol de milha’ e enxerga muito longe. Por que não previu que ocorreria o Holocausto?” O Chazon Ish respondeu: “Se eu tivesse previsto que ocorreria o Holocausto, rezaria tanto que este não ocorreria. Por isso, D’us não me permitiu perceber o que estava por vir.”

D’US GOSTA DA NOSSA REZA

A Torá nos conta que todas as nossas matriarcas – Sará, Rivká, Rachel e Leá – eram estéreis. Por quê? O Talmud (Tratado de *Sotá*) explica: “D’us deseja as orações dos *tsadikim*.” Não seria egoísta por parte de D’us?

A resposta vem por meio dos filhos delas.

Na *parashá Beshalach* (Shemot 13:17-14:14), a Torá conta como o Povo de Israel saiu do Egito e, ao chegar ao Mar Vermelho, virou-se e avistou os egípcios perseguindo-o e gritando “*Allahu Acbar*”; “*yitbach al yehud*” (“Deus é grande”; “matem os judeus” – em árabe)! Que fez o povo? “*Vayits’acu*” – gritaram para D’us. O Rashi explica: “utilizaram a ‘especialidade’ de seus patriarcas.”

Há duas perguntas aqui:

- 1) Por que está escrito que “gritaram” em vez de “rezaram”?
- 2) Por que só aqui Rashi diz que utilizaram a especialidade de seus patriarcas? Os judeus já gritaram para D’us quando estavam no Egito!

O Rabino Shimon Schwab explica em nome de seu rabino, o Rabino Yerucham de Mir (1873-1936, Lituânia), o seguinte: naquele momento, às margens do Mar Vermelho, os judeus perceberam que não havia nenhuma forma de escapar daquele aperto se não fosse com a ajuda de D’us. A esta “especialidade” Rashi se refere: viver sabendo que tudo está sempre nas mãos de D’us. Assim rezavam nossos patriarcas; eles sabiam que somente D’us podia ajudá-los, sempre.

A oração precisa desse ingrediente. Embora eu conheça pessoas influentes que possam me auxiliar, embora o fiscal seja meu amigo, embora eu tenha ido ao melhor hospital, preciso saber que eles não passam de emissários de D’us, e o único que pode realmente ajudar é Ele. Como D’us faz isso acontecer? Ele sabe de tudo sozinho e não precisa de meus conselhos, tampouco de minhas instruções. Confio em D’us. Como Ele faz? Se eu dou instruções a D’us, é como se D’us estivesse “trabalhando” para mim.

É isso que D’us gostava na oração das matriarcas: em vez de quererem que D’us fizesse algo por elas como **elas** queriam, rezavam sabendo quem é o verdadeiro chefe e aceitavam tudo o que D’us fazia. Isso ensinou uma lição tão profunda que todo o sofrimento delas valeu a pena.

DEPENDE DA FÉ

O Rabino Wolbe diz, em nome do Rabênu Yoná: o fato da pessoa fazer *tefilá* não garante que D’us lhe responderá. Isso depende da sua *emuná* antes de iniciar a oração.

Certa vez, estive com minha mãe no hospital e o médico disse que ela teria que passar por mais uma cirurgia na cabeça; ela já tinha passado por sete ou oito intervenções. Saí do hospital e fui para a *yeshivá*. Entrando no *Beit Midrash* (o local de estudo) sabia que só havia Um que poderia me ajudar: D’us. Aquela *tefilá* que fiz foi mais forte do que falar com alguém ao telefone. Isso porque até o médico disse que “agora está nas mãos de D’us” – como se antes não estivesse...

Recitamos sempre na *tefilá* “*Yehi chasdechá Hashem alênu caasher yichalnu lach*” (Salmos 33:22) – Que Tua bondade sobre nós, D’us, seja proporcional ao quanto esperamos por Ti. Quanto mais fé depositarmos em D’us, mais Ele nos concederá.

ALGUÉM NA LINHA?

Um professor estava muito preocupado com um de seus alunos, que não era capaz de recordar o que estudava. O professor chamou os pais e aconselhou darem ao filho aulas particulares à noite. Assim, quem sabe, ele conseguiria acompanhar a classe. Passado algum tempo, o professor percebeu que aquele menino de fato havia melhorado. Chamou a mãe e disse que as aulas particulares estavam surtindo bastante efeito no aluno. A mãe disse que o filho não tivera aulas particulares em casa.

– Mas, como pode ser? – retrucou o professor – Seu filho agora está acompanhando a classe direitinho!

– Bem, um dia – respondeu a mãe – meu filho voltou da escola muito triste por não estar conseguindo acompanhar as aulas de *Guemará* (Talmud). Tentei animá-lo, mas, de noite, vi que ele chorava na cama. No dia seguinte, pediu para ir com o pai à sinagoga. Meu marido me contou que a *amidá* do garoto parecia *Neilá* de *Yom Kipur*. Os congregantes da sinagoga chegaram ao *Alênu Leshabeach* e ele ainda rezava. Meu marido tirou o *tefilin*, estudou mais um pouco, e meu filho ainda estava na *amidá*. Talvez seja isso.

Um pouco depois, um grande rabino veio visitar a escola e o professor lhe contou esta história.

– Não me mostre o aluno – pediu o rabino – Quero descobrir sozinho quem ele é.

– Mas, rabino, agora ele não é mais diferente dos outros. Se o senhor der aula, não perceberá quem é.

– Deixe comigo – respondeu o rabino.

Na hora de *Minchá*, o rabino ficou observando os meninos que rezavam e, apontando para um deles, murmurou ao professor:

– É este!

– Acertou! – retrucou o professor, pasmo. – Como sabe?

– Todos os meninos estão rezando – respondeu o rabino. – Mas este aqui, quando reza, tem certeza de que tem Alguém lhe escutando.

Rezar é como falar com D’us ao telefone e ter certeza que só Ele pode resolver nossos problemas.

Certa manhã, ao sair para uma caminhada, vi uma Kombi antiquíssima, com uma calota de cada cor, em cuja traseira estavam escritos, com fita isolante e uma série de erros ortográficos, os seguintes dizeres: “Veículo rastreado por satélite. A chave do veículo não se encontra em poder do motorista.” Ou seja, ele estava dirigindo sem chave... Aquela Kombi não valia nem a fita isolante. Se alguém encara a *tefilá* como algo bonito, mas que não funciona de verdade, possui uma *tefilá* igualzinha ao adesivo da Kombi.

EM TODO LUGAR

Tefilá não é só na sinagoga. O Rabino Vozner, na mesma obra que vimos anteriormente, diz que D'us ouve as preces que uma pessoa faz a qualquer hora do dia, em qualquer idioma. “Eu sou testemunha viva disso desde minha juventude”, ele escreve. Procure rezar durante o dia com as palavras que quiser e no idioma que quiser. Isto também é *tefilá*: preso no trânsito ou na fila do banco, ao colocar um bolo para assar no forno, ou no dentista...

Não existe futilidade. Certa vez, os alunos do Rabino Motel de Chernobil (1770-1837, Ucrânia) o viram murmurando ao lado da janela. A princípio, acharam que ele estava recitando algum trecho cabalístico, mas conseguiram apenas ouvir as seguintes palavras: “Deus! A moça que trabalha em casa e ajuda minha esposa quer pedir demissão. Por favor, faça com que ela mude de idéia.” Os alunos logo começaram a interpretar suas palavras: a empregada é o Povo de Israel e a patroa é D'us. O rabino provavelmente está pedindo para que o Povo de Israel não abandone D'us. Ao ouvir a deliberação, o rabino disse: “Não, meus queridos. De fato, a empregada quer ir embora de casa. Se eu não rezar a D'us, a quem vou pedir?”

A obra *Mishná Berurá*, nas leis de *Tefilá* (142:7), traz o seguinte: “É correto e válido que a pessoa reze todos os dias pelo seu sustento e necessidades e para que seus filhos sigam o caminho de D'us.” É permitido rezar sobre qualquer necessidade, em qualquer idioma, com uma condição: que reze do coração.

Certa vez, o Chozê de Lublin (Rabino Yaacov Yitschak Halevi Horowitz, 1745-1815) pediu a um aluno seu que preparasse um vinho especial para *Pêssach*. O aluno preparou tudo com dedicação. Quando estava trazendo o vinho ao seu mestre, porém, um não judeu tocou no vinho e este tornou-se proibido para o consumo. O aluno queixou-se ao Chozê:

– Rebel! Fiz tudo direitinho! Por que isso aconteceu?

– Você fez tudo direitinho – respondeu ele – menos uma coisa: esqueceu-se de pedir para que D'us o ajudasse.

Devemos nos acostumar a pedir coisas a D'us o tempo todo – que a aula com o *personal trainer* seja boa, que eu encontre uma vaga para estacionar em frente ao lugar que preciso, que a fila no banco ande logo, que o resfriado de meu filho passe, que o almoço que estou cozinhando saia gostoso, e assim por diante.

FALE!

Na *tefilá* é preciso verbalizar. Não adianta colocar os óculos e ler o *sidur* como um livro. É preciso pronunciar as palavras de forma que ao menos a própria pessoa escute.

MOMENTOS ESPECIAIS

Há alguns momentos que são mais especiais para fazer uma oração, nos quais os

portões dos Céus estão abertos. Cada um deles é chamado de *et ratson* – um momento de benevolência divina.

Minchá, a oração da tarde, é a *tefilá* na qual D’us nos escuta de forma especial. Afinal, o horário de *Shacharit* é assim que a pessoa acorda, antes de entrar na luta do dia; *Arvit*, por sua vez, é feita depois que a pessoa fechou a lojinha, fez ginástica e está indo para casa descansar; *Minchá*, porém, é bem no meio do dia, na correria do trabalho e dos compromissos. Por isso, D’us ouve mais o que pedimos nessa *tefilá*.

No *Berit Milá*, quando o bebê está chorando, a *tefilá* dos que estão presentes sobe junto com o choro do bebê.

O momento de recitar o trecho *Berich Shemê*, após retirar o *Sêfer Torá* da Arca, é um *et ratson*.

O momento de acender as velas do *shabat* é propício para fazer pedidos, assim como logo depois de cumprir qualquer *mitsvá*. Quando fazemos uma *mitsvá*, nos aproximamos de D’us. Aliás, é por isso que depois das quatro bênçãos do *Bircat Hamazon* (oração após a refeição), que é um preceito da Torá, nossos sábios instituíram uma série de pedidos – os *Harachaman*.

Assim que alguém deixa de cometer uma *averá* também é um *et ratson*. Alguém lhe ligou para comentar sobre a festa de *bar-mitsvá* do amigo. Você responde que infelizmente agora está ocupado e que se falarão mais tarde. Logo então, após ter se controlado para não ouvir ou dizer a coisa mais tentadora do mundo – um pouquinho de *lashon hará* – é um momento propício para pedir qualquer coisa a D’us.

SILÊNCIO VALIOSO

Se a reza é tão especial, por que nem sempre funciona?

O Talmud (Tratado de *Shabat* 32a) diz: coisas ruins acontecem com pessoas que não estudam Torá devido a dois fatos: primeiro, porque chamam a Arca onde fica a Torá de “armário”; segundo, porque chamam a sinagoga de *Beit Am* – casa do povo. Ou, na expressão vigente: o “*point*”. O *kidush* pode ser o *point*. O caminho de ida e volta da sinagoga também pode e deve ser um momento de conversa social. Contudo, a hora da reza é hora da reza. Para entrar num museu chique, num concerto ou mesmo no cinema, as pessoas desligam o celular. É preciso tomar cuidado com a santidade do *Beit Haknesset*.

O Gaon de Vilna ensina que a força da *tefilá* é tão grande, sendo necessário tomar tanto cuidado, que disse à sua esposa e filhas que não fossem à sinagoga. Uma pessoa que conversa lá está desprezando o poder da *tefilá*.

Antes de atravessar o Mar Vermelho, Moshê disse ao povo: “*Hashem yilachem lachem, veatem tacharishun*” – D’us lutará por vocês e vocês ficarão calados. Diz o Rebe de Gur (1799-1866): quando D’us lutará por nós? Quando ficarmos calados na sinagoga.

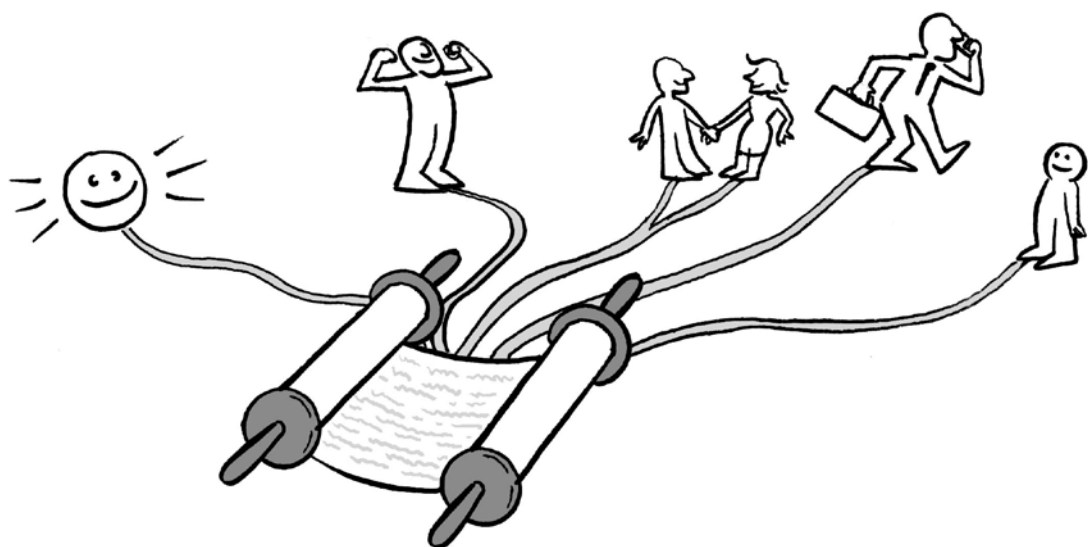
Que D’us ouça todas as nossas preces para o bem!

“

Devemos expor quanto mais pessoas
pudermos ao estudo da Torá e deixar
que ela as transforme.

”

O GERADOR DO NOSSO POVO



O PODER DA TORÁ

No auge do exílio no Egito, em sua época mais escura, a Torá descreve como “o Faraó ordenou a todo o seu povo: todo menino que nascer deve ser jogado no Rio Nilo e toda menina, deixem-na viver” (Shemot 1:22). Nesse momento, ela nos conta sobre o nascimento do futuro salvador de Israel: Moshê Rabênu. O que ela diz? Quem são seus pais? O que eles faziam? De onde vieram? A Torá escreve apenas o seguinte: “Um homem **da tribo de Levi** casou com uma mulher **da tribo de Levi**. A mulher ficou grávida e teve um filho” (Shemot 2:1-2). E só! Ela nem sequer conta, neste trecho, qual era o nome dos pais do primeiro líder de Israel e do maior profeta que já existiu! Por que a Torá não escreve, aqui, os nomes de Amram e Yochêved? Parece uma espécie de desprezo por eles!

O Rabino Shimon Schwab responde da seguinte maneira: a Torá, neste versículo, está querendo explicar a essência da origem de Moshê. Qual foi o motor que o propulsionou? De onde ele saiu? A resposta está no fato de que seus pais eram ambos da tribo de Levi. Qual era a particularidade da tribo de Levi no Egito, muito antes de falarmos sobre o serviço dos levitas no Santuário e no Templo?

A tribo de Levi, mesmo no Egito, era diferente das outras: ela era considerada a tribo “sacerdotal”. Por isso, o Faraó respeitou seus membros e não os escravizou. Eles tinham um status especial. O que fazia a tribo de Levi, então? Estudava Torá. Assim, se alguém quer saber de onde Moshê Rabênu veio e quais eram suas forças, deve abrir a Torá e verificar sua origem: a tribo de Levi. Os progenitores de Moshê foram capazes de gerar um líder dessa estatura porque faziam parte da tribo que estudava Torá 24 horas por dia, sete dias por semana.

Sendo esse o poder da Torá, o que ela faz surgir em cada pessoa e em todo o povo?

TORNANDO O HOMEM MELHOR

O Talmud (Tratado de *Yomá* 72b) diz que a Arca da Aliança, que continha as Tábuas da Lei e o rolo da Torá, simboliza o *talmid chacham* – o estudioso de Torá – que é uma “Torá móvel”. Assim como a Arca era uma caixa de madeira coberta de ouro por dentro e por fora, todo *talmid chacham* deve ter seu íntimo e seu exterior iguais. O *talmid chacham* de verdade deve ser aquela mercadoria que é o que aparenta ser – não como as caixas de morango compradas no farol, cuja camada de cima é de primeiríssima qualidade e as demais vão direto para o lixo. Não adianta ser um *talmid chacham* que, por fora cumpre e estuda Torá o dia todo, enquanto por dentro tem tudo corroído. O ditado popular diz: “Quem vê cara não vê coração.” Em relação ao *talmid chacham*, é necessário que seja o contrário: quem vê cara, vê coração.

Em outro lugar, o Talmud (Tratado de *Berachot* 27b) conta como o grande Raban Gamliel, presidente do Povo de Israel, perdeu seu mandato e foi substituído pelo não menos ilustre

Rabi Elazar ben Azaryá. Na época do Raban Gamliel, havia somente 100 ou 200 bancos no *Beit Hamidrash*, pois ele alegava que apenas aqueles cujo interior era igual ao exterior – pessoas totalmente refinadas – poderiam entrar e estudar. O Rabi Elazar ben Azaryá, por sua vez, tinha outra filosofia: ele preferia que entrasse o máximo possível de alunos e, quem sabe, a Torá os tornaria pessoas melhores. Assim que a placa do *Beit Hamidrash* foi trocada, conta o Talmud, 700 bancos foram adicionados. Quando Raban Gamliel viu aquilo, ficou triste e pensou: “Quem sabe, D’us não o permita, eu tenha impedido todas estas pessoas de estudar Torá!?”

A pergunta é: o que mudou agora se compararmos com o início da história? Afinal, Raban Gamliel sempre soube que havia mais gente querendo estudar Torá e, mesmo assim, ele preferia qualidade à quantidade! Sua linha era que somente pessoas completamente íntegras por dentro e por fora podiam entrar – e ele continuava a pensar assim! Então, por que ficou triste ao ver o *Beit Hamidrash* cheio?

O autor da obra *Chidushê Harim* (Rabino Yitschak Meir Rothenberg Alter, o Rebe de Gur, 1799–1866, Polônia) explica: o que entristeceu Raban Gamliel não foi ter visto a quantidade de pessoas que aumentou, mas o fato de ter percebido o progresso que estes 700 alunos tiveram em seu caráter devido ao estudo da Torá – como se ele os houvesse impedido de chegar àquele nível!

A lição que aprendemos dessa *Guemará* é que devemos expor quanto mais pessoas pudermos ao estudo da Torá e deixar que ela as transforme.

É isto que recitamos todo dia no final de *Shacharit*, sobre aqueles que estudam Torá: “*Verav shelom banáyich* – é grande a paz de seus filhos – *Al tigrê ‘banáyich’* – não leia ‘seus filhos’ – *êla ‘bonáyich’* – e sim ‘seus construtores.’” Por que D’us nos chama de construtores? Se nos chamasse de comerciantes, poderíamos até entender. O Rabino Wolbe diz o seguinte: todo judeu que estuda Torá constrói seu próprio caráter. Uma pessoa que estuda Torá não pode se levantar do *shtender* (mesa pessoal para apoiar livros) no mesmo estado espiritual em que se sentou, muito menos permanecer num mesmo nível depois de um ano de estudo.

Obviamente, o estudo da Torá ao qual estamos nos referindo é aquele que enxerga a Torá como a palavra de D’us para nós. Aquele que estuda Torá da mesma forma que estuda matemática, literatura ou biologia não será modificado por ela.

O Rabino Schwab conta que, certa vez, perguntou a um rapaz o que estava estudando. O rapaz respondeu: “Estamos fazendo (*we are doing*) o Tratado de *Báva Cáma*”. O Rabino Schwab retrucou: “Interessante. Quando eu estava na *yeshivá*, nós não ‘fazíamos’ o Tratado de *Báva Cáma*. Era o tratado de *Báva Cáma* que nos ‘fazia’.”

SEMPRE JUNTO

A Torá é o DNA do mundo, e deve estar sempre correndo dentro do sangue de todos nós. Certa vez, perguntaram ao Rebe de Gur como ele fez para sobreviver sozinho em épocas

de guerra. Ele respondeu: “Eu tinha uma *Guemará* comigo. Aquele que tem a companhia de uma *Guemará* nunca está sozinho.”

Quanto mais uma pessoa estuda, mais cresce, mesmo sem perceber. É como uma criança que não percebe como está ficando mais alta, pois convive consigo mesma todos os dias. Já aquela tia avó que só a encontra nas festas percebe, e não dispensa dar aquele beliscão na bochecha e exclamar: “Como você cresceu!” Com a Torá é a mesma coisa. Quando encontramos alguém que estuda Torá, depois de algum tempo, também devemos exclamar: “Como você cresceu espiritualmente! Veja como você mudou!”

COMO A TORÁ NOS FAZ MELHORAR?

A Torá, de fato, modifica o ser humano. Como isso ocorre?

Recitamos todo dia, na *Shemá*: “*Vehayú hadevarim haêle... al levavêcha*” – Estas palavras que Eu os estou ordenando hoje deverão ficar **sobre** o seu coração. Como assim? Colocar a Torá sobre o coração, como se o coração fosse uma cômoda? Por que não está escrito “**dentro** do seu coração”?

Nossos sábios ensinam que é impossível colocar palavras de Torá dentro do coração. Contudo, na hora em que a pessoa estuda e as deposita “em cima do coração”, essas palavras “derretem” e penetram.

Quando há infiltração de água em uma casa, começam a aparecer bolhas nas paredes. Se um espertinho quiser resolver a situação pressionando a bolha com os dedos ou colocando um quadro em cima, certamente não terá grandes resultados – a bolha simplesmente muda de lugar. Da mesma forma, positivamente, quem estuda Torá de verdade não tem como esconder. A Torá se “infiltra” nele, e ele cresce e fica cada vez melhor.

COMO VENCER O YÊTSEER HARÁ

O Talmud diz que se um indivíduo é acometido pelo *yêtser hará*, ele deve estudar Torá. Se isso não funcionar, deve ler o *Shemá*. Ou seja: se a pessoa estudou Torá e não funcionou, é melhor ler o *Shemá* e ir dormir. Por quê? Porque não existe isso! Se a pessoa está acordada e estudando Torá, não existe uma situação na qual não consiga vencer o *yêtser hará*!

O único antídoto que há contra o *yêtser hará* é o estudo da Torá. Se uma pessoa cumpre todas as *mitsvot* e vai três vezes por dia à sinagoga, mas não estuda Torá, tem certamente alguma luz de emergência acesa no painel do seu “carro espiritual”. O único antídoto para a pessoa vencer o *yêtser hará* e não ficar nervosa, não olhar para onde não deve, não dizer o que não deve, não pensar mal dos outros etc, não é rezar com *minyán* ou colocar *teflin* – é sentar e estudar Torá.

O VALOR DO ESTUDO

O Talmud de Jerusalém, no Tratado de *Peá*, conta-nos que todo este mundo não vale uma só *mitsvá*, e todas as *mitsvot* não valem uma só palavra de Torá! Sabemos que as palavras do Talmud foram recebidas de geração em geração, começando com Moshê, que as recebeu de D'us. É como se o próprio D'us estivesse falando: imaginemos todos os prazeres que todas as pessoas já sentiram no mundo desde sua criação – prazeres físicos, mentais, emocionais, visuais ou auditivos. Mesmo somando-os com todas as *mitsvot* cumpridas desde sempre, isso não se equipara nem a uma linha de *Guemará*!

Daqui vemos a cotação que a moeda de D'us tem. Todas as demais moedas estão sujeitas a oscilações, menos esta.

O MAIOR DOS PRAZERES

Quem estuda Torá e não tem prazer com isso, é porque não está estudando Torá direito. Não há nada mais gostoso do que estudar uma página de *Guemará* e entendê-la corretamente.

O Rabino Heiman conta a seguinte história: o Rabino Mishkovski (1917-1981), *rosh yeshivá* de Kfar Chassidim, em Israel, certa vez sofreu um acidente e ficou com dor no joelho por muitos meses. Um aluno muito próximo, que o acompanhava, ouviu que ele murmurava, enquanto caminhava: “Dói, mas valeu a pena.” O aluno tentou descobrir com o rabino o que ele estava querendo dizer, mas foi em vão. Cada vez que doía a perna do rabino, o aluno o ouvia murmurar: “Dói, mas valeu a pena.” Finalmente, um dia, o aluno estava levando o rabino de carro para um casamento e, após muito insistir, este acabou concordando em contar:

“Eu era aluno do Rabino Shimon Shkopf (1860-1940) em Grodna, na Lituânia (por volta do ano de 1915). As aulas do Rabino Shkopf eram uma delícia! Ele as transmitia na *yeshivá* e, de vez em quando, dava aulas em outros lugares. Toda vez que ele saía da *yeshivá* para dar uma aula nas cidades vizinhas, seus alunos iam atrás dele e a *yeshivá* ficava vazia. Sendo assim, o Rabino Shimon Shkopf pediu aos alunos que permanecessem na *yeshivá* sempre que ele se ausentasse.”

“Certa vez, o Rabino Shkopf deu um *shiur* fabuloso sobre o tratado de *Báva Cáma*. Deleitei-me com o *shiur*, mas faltou um detalhe que não havia entendido cem por cento. Fiquei sabendo que ele iria repetir esse *shiur* numa cidade a 15 km de Grodna; no entanto, o Rabino Shkopf pediu que ninguém fosse atrás dele para não atrapalhar o andamento da *yeshivá*. Fiquei num grande dilema: ir ou não ir? Por fim, acabei decidindo que, se era para ir, era bom eu ir logo. Andei 15 km até chegar à cidade. Sentei-me na ala feminina da sinagoga, para que o rabino não me visse, e literalmente “me deleitei” com a aula. No entanto, no dia seguinte, quando o Rabino Shkopf chegou à *yeshivá*, percebeu que eu não estava

lá. Ele não disse nada, mas ficou um pouco chateado comigo. Quando um *talmid chacham* fica chateado com alguém, D'us dá um jeito de passar a mensagem a quem merece.”

“Uma vez que ‘pequei’ contra meu rabino com as pernas, sei que a dor que tenho no joelho deve-se a isso. Mas o que posso dizer? Dói, mas valeu a pena – valeu aquele delicioso *shiur* de Báva Cáma.”

Daqui vemos que o prazer de estudar Torá é algo indescritível. O prazer de destrinchar um *tossafot* (comentário profundo sobre o Talmud) depois de uma hora e meia de discussão...

Ao contrário das bibliotecas, onde é proibido fazer um ruído sequer, quem entra numa *yeshivá* ou *beit midrash* sem conhecer pode até se assustar, vendo os homens estudando em duplas e gritando uns com os outros. Um *beit midrash* sem barulho tem algum problema grave. Mas, por que eles ficam lá discutindo por uma hora e meia para entender um *tossafot*? Porque esta é a coisa mais deliciosa do mundo!

O Rabino Elyashiv (um dos maiores rabinos de Israel, nascido em 1910) teve de passar por uma cirurgia há alguns anos e, devido à sua idade avançada, não podia ser anestesiado. Ele passou, portanto, por uma operação sem anestesia. Como? Muito simples! Ele ficou pensando numa *suguiyá* (um assunto) de *Guemará* e, quando a operação terminou, ele ainda estava pensando.

CUIDADO! O ANTÍDOTO TAMBÉM É VENENO!

O Talmud (Tratado de *Ketubot* 62b) conta o seguinte: o Rabino Rechumi estudava Torá o ano todo fora de casa e voltava para seu lar toda véspera de *Yom Kipur*. Certa vez, numa véspera de *Yom Kipur*, o Rabino Rechumi ficou envolvido no estudo além do tempo que costumava, antes de partir para casa. Sua esposa estava esperando, como todo ano. Eis que anunciaram no aeroporto: “Vôo 747 proveniente da *Yeshivá* acaba de pousar.” Todo ano, ele chegava naquele horário. Pela porta da Polícia Federal começaram a sair os passageiros, e nada de o Rabino Rechumi aparecer. Todas as pessoas daquele vôo já tinham desembarcado – ao constatar isso, a esposa deixou cair uma lágrima. Instantaneamente, o Rabino Rechumi faleceu onde estava.

Certa vez, o Rabino Matityáhu Salomon me fez a seguinte questão: como pode ser que o Rabino Rechumi faleceu por estar estudando Torá? Afinal, o *Midrash* conta que David Hamêlech, que sabia que iria falecer num *shabat*, não parou de estudar Torá nem por um segundo sequer durante o *shabat* e, de fato, o anjo da morte não pôde tocá-lo! “Pois elas (as palavras de Torá) são nossa vida e a longevidade de nossos dias” – conforme recitamos nas bênçãos antes do *Shemá*! Uma pessoa que está falando palavras de Torá não morre, pois a Torá está viva dentro dela. Sendo assim, como pode ser que o Rabino Rechumi faleceu, se estava estudando Torá?

O Rabino Matityáhu me disse o seguinte: “Existe um livro chamado *Shitá Mecubetset* – pegue-o na biblioteca e traga-o para mim.” O *Shitá Mecubetset* traz, em nome dos alunos de Rabênu Yoná, a resposta à pergunta do rabino: a *mitsvá* do Rabino Rechumi, naquele momento, não valeu nada, pois é considerada uma *mitsvá habaa baaverá* – preceito cumprido por intermédio de um pecado. Se o estudo dele foi por conta de uma lágrima de sua esposa, a existência daquele estudioso tornou-se impossível naquele momento, e ele perdeu a vida.

Assim, a Torá só protege a pessoa quando é ela estudada da maneira correta; caso contrário, acaba se transformando num veneno.

É por isso que o Tanach (a Bíblia Judaica), a *Mishná* (obra básica da Lei Oral), a *Guemará* (o Talmud) e toda a Torá não devem ser tratados como um “programa de milhagem” com *upgrades*, onde só estamos interessados em conquistar um “cartão diamante” de Torá. A pessoa deve adquirir a Torá com muito esforço e de forma correta e integrada, sem deixar de lado nenhum aspecto da vida.

A TORÁ DÁ FORÇAS AO POVO DE ISRAEL

A Torá é o coração do Povo de Israel, é a vitamina e a única substância que o mantém vivo. A Torá é o motor e o gerador do nosso povo; todo o resto é acessório. É por esse motivo que o pior pecado que existe é *bitul Torá* – deixar de estudar Torá quando estamos em condições de fazê-lo.

Certa vez, o Chazon Ish foi encontrado caído a um ou dois passos de sua cama. O que aconteceu? Ele costumava estudar Torá até que todas as suas forças acabassem. “Nesta noite”, explicou o Chazon Ish, “errei no cálculo das forças que ainda dispunha. Estudei uma linha a mais e minhas forças se esgotaram um ou dois passos antes de chegar à cama.”

O Talmud (Tratado de *San'hedrin* 99b) explica o que significa *apicoros* (herege) – aquele que diz: “Para que servem as pessoas que estudam Torá?”, “Para que servem aqueles inúteis que só esquentam o banco da sinagoga?” Este é um *apicoros*. Essa pessoa perdeu a sensibilidade espiritual.

COMO EVITAR A ASSIMILAÇÃO E APROXIMAR OS OUTROS?

O maior movimento de *teshuvá* que já existiu, pelo menos depois da época de Avraham Avinu, está ocorrendo em nossa geração. Mesmo que não estejamos explicitamente envolvidos em projetos de *kiruv* (aproximação dos judeus à Torá), todos temos uma parte nisso. Por menos que sejamos praticantes de Torá e *mitsvot*, sempre seremos mais do que muita gente, que nos usa como exemplo. Todos nós somos, pelo menos para alguém, como um “rebe”. Se eu saio da sinagoga com o semblante irritado, um judeu que está passando por lá naquele momento pode achar que a sinagoga é um lugar chato. Dependendo da forma como nos comportamos, podemos atrair pessoas à Torá ou, D'us não permita, o contrário.

Certa vez, quando o Rabino Steinman (*rosh yeshivá* de Ponevitch, Israel, nascido em 1914) visitou os EUA, fizeram-lhe a seguinte pergunta: o que fazer com os 4 milhões de judeus que estão se assimilando em nossa geração? Afinal, de cada três judeus, cerca de dois se casam com pessoas de outros povos. Para responder a uma pergunta dessas, não serve qualquer um; somente alguém pós-pós graduado em Torá como o Rabino Steinman, pode responder: “Continuem abrindo mais *colelim* (institutos de estudo de Torá para homens casados).”

Na Terra de Israel, infelizmente, por mais que todos saibam hebraico, muita gente não sabe o “*Shemá Israel*” O que fazer? Abrir um *colel*.

Como pode ser que um punhado de homens que estudam um *Tossafot*, uma *Guemará*, um *Maharshá* (comentário sobre o Talmud) ou uma *halachá* lá dentro do *colel* terá qualquer influência sobre os judeus assimilados que não entram nas sinagogas nem mesmo em *Yom Kipur*? Desde quando meu estudo de Talmud pode aproximar alguém?

A verdade é difícil de entender, mas fácil de constatar. É só verificar todas as comunidades judaicas que existem em qualquer parte do planeta. Todas as comunidades nas quais há pessoas estudando Torá com afinco progridem. Já todas as comunidades que só funcionam em *shacharit*, *minchá*, *Arvit*, *Selichot* (súplicas antes de *Rosh Hashaná*), *Kabalat Shabat* e *sushi*, mas não têm estudo de Torá, não têm sucesso. Há uma diferença gritante entre elas.

O Chazon Ish costumava dizer: por quê, em *Yom Kipur*, mesmo as pessoas mais afastadas vêm para a sinagoga? O que *Yom Kipur* diz a elas? A resposta é que **nós** nos comportamos em *Yom Kipur* com mais santidade; esta santidade transborda e é isso que as atrai.

Assim, a única forma de trazer mais pessoas à Torá é por intermédio da própria Torá, e o principal sustentáculo do povo é o estudo dela em *Yeshivot Ketanot* (centros de estudo para adolescentes) e *Guedolot* (para jovens).

Perguntaram ao Rabino Sitruk (ex-Rabino-Chefe da França) o que fazer em relação aos jovens. Ele respondeu: “Digam à liderança dos jovens que o objetivo não é fazer viagens a Israel, mas trazer pessoas para estudar Torá.”

Uma pessoa só pode ensinar Torá, porém, se a Torá que ela própria estudar transbordar para fora. É como quando temos duas taças, uma dentro da outra, e ao encher e transbordar a de cima, a de baixo se enche também.

E AS MULHERES?

O Talmud (Tratado de *Berachot* 17a) diz: “Qual é o mérito das mulheres?” Já que não têm a *mitsvá* de estudar Torá, o que elas fazem de bom para receber sua recompensa no mundo vindouro? “Seu mérito é mandarem seus filhos à casa de estudos e permitirem aos maridos estudarem Torá, esperando acordadas até eles voltarem.”

“Um momento!” – dirão as mulheres. “Eu preciso de um mérito? Não sou eu quem cuida da *cashrut* de casa e da pureza familiar? Não acendo as velas de *shabat*? Como pode ser que este seja meu único mérito?” Diz a *Guemará*: todas as *mitsvot* que cumprimos são muito importantes e constituem a **gasolina** do “carro Povo de Israel”. No entanto, qual é o **motor** do nosso povo? A Torá. Uma vez que a mulher não tem a obrigação de estudar Torá, qual será seu mérito no motor do Povo de Israel? Quando ela leva o filho à escola e busca-o, ela não está apenas servindo de “mãetorista”; está transportando um *Sêfer* Torá! Ela também recebe mérito se em vez de jantar às 7 da noite, ficar esperando seu marido até às oito e meia, quando ele volta do *shiur* que foi ouvir. É disso que depende o *olam habá* da mulher!

Na *Guemará* está escrito que todo aquele que casa sua filha com um *am haárets* – alguém que não estuda Torá – é como se a colocasse diante de um leão. O Rabino Chaim Kanievski explica o motivo: esta mulher não terá *olam habá*! Enquanto uma mulher espera pelo seu marido que estuda, cada segundo é contado lá em cima.

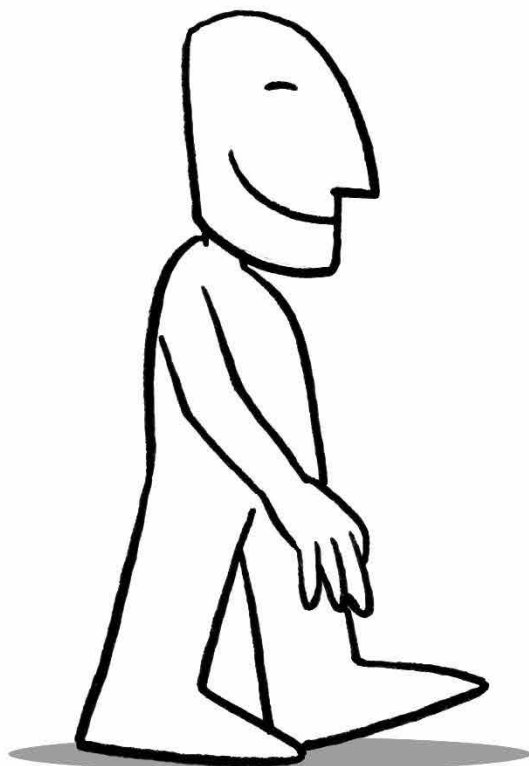
A esposa do Rabino Elyashiv, uma *tsadeket* de abençoada memória, em seus últimos dias de vida, ao voltar para casa do hospital, um dos netos veio passar a noite com ela para ajudar no que fosse preciso. Em determinado momento, ele foi verificar se estava tudo bem. Ao entrar no quarto, constatou que ela não estava na cama. Para onde teria ido? Procurou à sua volta até perceber que a porta do terraço estava um pouquinho aberta. Lá, encontrou sua avó, tossindo. Ao perguntar o que estava acontecendo, ela lhe respondeu que estava tendo um acesso de tosse e não conseguia parar. “Quantas horas meu marido já consegue dormir? Três ou quatro horas? Não queria tossir perto dele para que nem uma ínfima parte de seu estudo, amanhã, seja prejudicada.”

Este é o valor da Torá.

Temos disposição para fazer muita coisa e, quando chega o momento de estudar Torá, muitas vezes perdemos a vontade. Por quê? Porque o *yétser hará* sabe que a coisa mais importante do mundo é a Torá, e que ela está acima de tudo.

Lembrar o poder que a Torá tem de transformar as pessoas, no plano particular, e saber que ela é o gerador de nosso povo, é a chave para investir sempre no que é mais importante, aproveitando neste mundo e no mundo vindouro.

O SABOR DO SABER



“

*As mitsvot têm um delicioso
sabor, mesmo que nem sempre
entendamos o motivo delas.*

”

POR QUE ENSINAR?

O que podemos realmente transmitir aos nossos filhos e a todos os que estão à nossa volta?

A *Yeshivá* Or Israel, onde ensino, tem alunos de oitavo ano fundamental até o terceiro do EM. O que nós, como professores, conseguimos injetar em nossos alunos para a vida toda? Afinal, de toda a matéria que lhes ensinamos ao longo desses anos, somente 10% são absorvidos. É como se puséssemos todo o conhecimento transmitido num enorme funil que, ao longo do tempo, se tornasse mais e mais estreito.

Se um aluno estudou quatro ou cinco tratados do Talmud, não se lembrará de todos eles. É lógico que o estudo não foi em vão; todo esse conhecimento oferece ao aluno as ferramentas para estudar muitos outros tratados, além da vontade de estudar, mas muita coisa é esquecida. Assim, de vez em quando, me pergunto: qual deve ser meu objetivo como professor desses alunos?

NÔACH E AVRAHAM: OS DOIS TIPOS DE FUNCIONÁRIOS

Imaginem alguém que marcou uma reunião com alguns empresários e disse: “Tenho um projeto: vou abrir uma *yeshivá* e quero de cada um de vocês dez mil reais por mês.” Os doadores aceitam e pedem um relatório dentro de três meses. Depois de três meses, a pessoa diz que ainda não havia conseguido muita coisa. Os doadores continuam apoiando, pois sabem que abrir uma *yeshivá* não é fácil. Porém, e se após seis anos, o projeto ainda não tivera sucesso. Quantos doadores continuariam a apoiar? Agora, imaginem que tenham se passado sessenta anos e a instituição ainda estivesse mais ou menos. Infelizmente, por mais generosos que fossem os doadores, eles já teriam deixado de apoiar um projeto desses há muito tempo, pois já estaria falido.

Se analisarmos uma passagem na Torá, descobriremos uma história igualzinha: a de Nôach. D’us mandou Nôach construir uma arca porque aquela geração era inteiramente corrupta e D’us decidiu mandar o dilúvio. Assim Ele diz a Nôach: “Eu o designo o rabino da geração e você deve tentar fazer com que as pessoas retornem a Mim. Portanto, você tem 120 anos para construir essa arca.” Está certo que estamos falando da época de Nôach, sem a tecnologia de hoje, mas 120 anos para construir uma arca é definitivamente exagerado. O que D’us queria com isso? Que Nôach montasse a arca em praça pública e demorasse 120 anos para terminá-la, para atrair a curiosidade das pessoas:

- O que o senhor está fazendo, Sr. Nôach?
- Construindo uma arca.
- Por quê? Vai fazer um cruzeiro pelo Mediterrâneo?
- Não, D’us trará um dilúvio ao mundo se não melhorarmos nossa conduta.

Assume-se que as pessoas fariam *teshuvá* (retornariam ao caminho certo) e o mundo

não seria destruído. D'us deu a Nôach 120 anos para realizar seu projeto. Será que teve sucesso? Eu imaginaria que Nôach conseguisse juntar ao seu redor pelo menos um milhão de "*chassidim*" (seguidores). Afinal, D'us investiu nele 120 anos para um projeto de *kiruv*!

Apesar disso, Nôach não conseguiu fazer nem sequer uma pessoa retornar a D'us. Com ele, entraram na arca somente sua família e os animais. Quantos alunos frequentaram a *yeshivá* de Nôach? Zero. Quantos *colelim* Nôach abriu? Zero. Quantas pessoas passaram a fazer atos de bondade graças a Nôach? Zero. Nôach não conseguiu nem um discípulo, e não só isso – até o último momento, Nôach foi ridicularizado. Mesmo quando estava entrando na arca, ainda riram de sua cara. Qual foi o problema?

Não é porque Nôach era incapaz. "Deus disse a Nôach: 'Entre na arca... pois Eu vi que você é um *tsadic* perante Mim nesta geração.'" D'us não bajula ninguém; se Ele o chamou de *tsadic*, ele era *tsadic* mesmo. Por que, então, Nôach não conseguiu atrair nenhum discípulo?

O sucessor de Nôach no mundo foi Avraham Avinu. Este juntou, em muito menos de 120 anos, centenas ou milhares de discípulos. Nossos sábios dizem que Avraham aproximava os homens e Sará, as mulheres. Eles foram os primeiros a fazer *kiruv* no mundo.

Por que Avraham teve sucesso e Nôach não?

O Midrash transmite o seguinte: quando Nôach saiu da arca, o mundo inteiro estava destruído. Não havia nem um vestígio das cidades, das casas, das lojas ou dos campos. Nôach ficou chocado com o que viu e dirigiu-se a D'us: "D'us, o Senhor é piedoso e misericordioso. Onde está toda a Sua piedade e Sua compaixão?" D'us respondeu a ele: "Agora você vem reclamar? Você teve cento e vinte anos para suplicar!" Assim termina o diálogo no Midrash.

Voltemos a Avraham Avinu. Perto de onde ele vivia, havia uma cidade tão corrupta que D'us decidiu destruí-la: Sedom (Sodoma). Avraham começa a negociar com D'us: "Não destrua Sedom!" No final das contas, D'us disse que não havia jeito, era preciso destruir a cidade. Por que Avraham empenhou-se tanto em proteger aquele lugar corrupto? Ele tinha algum investimento ali? Por menos motivo que tivesse, Avraham dirigiu-se a D'us pronto para a briga, enquanto Nôach só lembrou-se de fazê-lo quando nada mais havia a fazer!

Isso demonstra que existem dois tipos de justos. Nôach era suficientemente justo para cumprir toda a Torá e não se corromper em uma geração na qual todos se corromperam. Ele era como um funcionário que trabalha das 9h às 17h, bate o cartão às 8:59 e sai às 17:01, não exige 13º nem quer ser registrado. A utopia do funcionário e o sonho do patrão. Por outro lado, faz somente o necessário. D'us pediu a Nôach para fazer a arca? Sim, e ele fez. Pediu que se esforçasse dia e noite, durante 120 anos? Ele o fez. Porém, nem um passo a mais.

Avraham Avinu, por outro lado, fazia muito mais do que lhe pediam. D'us não lhe disse para tentar salvar Sedom. Ele sabia que não era sua obrigação, mas lutava muito além e fazia o máximo que podia.

- Por que você não rezou antes, Nôach?
 - Porque D'us não mandou.
 - E daí? Nem tudo precisa ser mandado.
- De onde vinha essa diferença?

MAIS QUE A OBRIGAÇÃO

Avraham Avinu era um *ish chessed* – um homem de bondade. É impossível praticar bondade cumprindo somente o dever. A essência da bondade é fazer mais do que o exigido. Nôach agia porque precisava; Avraham agia porque gostava – ele amava D'us e amava Suas criaturas.

A Torá conta como Avraham, aos noventa anos e no terceiro dia após a circuncisão, queria receber visitas (Bereshit 18:1-8). Pare um pouco, Avraham! Sente-se e descanse! Você está isento disso agora! Avraham não queria nem saber, ele gostava daquilo. Mesmo que não precisasse, ele queria receber as visitas, pois gostava de fazer o bem.

É por isso que Avraham teve mais sucesso que Nôach. Avraham conseguiu tantos discípulos porque tinha amor pelo que fazia. Quando alguém gosta do que faz, emana para os outros. Quando faz por obrigação, pode ser muito bem feito, mas não terá muita influência. Isso acaba sendo tão grave que o profeta Yeshayáhu (Isaías 58:9) chama o dilúvio de “*mei Nôach*” – as águas de Noé!

AMOR CONTAGIANTE

Uma pessoa que ama o *shabat* fará com que outros cumpram-no também. Ninguém precisará ser vencido por ela, pois todos serão **convencidos**.

Antes de cumprirmos qualquer *mitsvá*, recitamos uma bênção específica. Assim fazemos antes de colocar o *tefilin*, vestir o *talit*, estudar Torá... Por que não antes de cumprir a *mitsvá* de *tsedacá* (doar o que é preciso a um necessitado)?

Imaginem que alguém estende a mão para mim pedindo ajuda. Eu fecho os olhos e rezo, com fervor: “... *asher kideshanu bemitsvotav vetsivanu al hatsedacá*” – que nos santificou com Seus preceitos e nos ordenou dar *tsedacá*. Depois, lhe dou dez mil dólares. O que esse indivíduo está sentindo? “Eu sou um grande lixo e não passo de algo necessário para ele poder cumprir uma *mitsvá*.” Avraham não agia assim. Ele fazia tudo porque era *mitsvá*, mas fazia com que as pessoas se sentissem amadas e importantes. É por isso que, até hoje, ele é chamado de *amud hachessed* – pilar da bondade.

“*Ohev et haberiot umcarevan latora*”, diz a Mishná – primeiro goste das pessoas e só então as aproxime da Torá. Se você não gosta realmente delas e só tenta aproximá-las porque precisa, não conseguirá convencer ninguém, nem a si próprio. A pessoa só consegue fazer aquilo que gosta de verdade.

Como isso funciona no dia-a-dia?

O QUE MOSTRAR AOS FILHOS

O Rabino Moshê Feinstein, um dos fundadores do mundo da Torá nos EUA, tinha dois vizinhos que vieram com ele da Europa. Os dois passaram juntos o Holocausto e, quando já eram avós, compareceram perante o rabino com a seguinte questão: “Você nos conhece e sabe como vivemos. Sabe que, na época em que chegamos aos EUA, aquele que cumpria o *shabat* tinha um emprego descartável – se não vinha trabalhar no sábado, era obrigado a procurar outro trabalho na segunda-feira. Nós não dispúnhamos de poupança, pois tínhamos acabado de chegar do Holocausto e as crianças iriam ficar sem comer! Mesmo assim, sabendo o que estava em jogo, nós dois demos nossa vida para cumprir o *shabat*. A pergunta que temos é a seguinte: por que, depois de toda a devoção que tivemos pelo cumprimento da Torá, os meus netos não seguem a Torá da forma como deveriam enquanto os netos deste meu amigo, que passou exatamente pelas mesmas coisas que passei, mora na mesma rua, reza na mesma sinagoga e estuda a mesma quantidade de horas, seguem a Torá à risca?”

O Rabino Moshê Feinstein olhou para os dois e disse: “Você cumpre a Torá e ele cumpre a Torá. Você cumpre o *shabat* e ele cumpre o *shabat*. No entanto, quando você estava sentado à mesa do *shabat* sabendo que, na segunda-feira, teria que procurar um novo emprego, o que você fazia?”

– Eu estava feliz por cumprir o *shabat*, mas não deixava de suspirar: “Ai, o que será na segunda-feira?”

– Seu vizinho – disse o Rabino Moshe Feinstein – chegava sexta-feira à noite com a mesma preocupação pelo que viria, mas dizia: “*Baruch Hashem* (graças a D’us) que posso cumprir o *shabat*, e D’us proverá nosso sustento!” Os filhos dele pensavam: “Eu também quero cumprir o *shabat*; como a Torá é doce!” Já os seus filhos não estavam tão convencidos disso, o que deixou marcas fortes nos seus netos. “Se a Torá e o *shabat* são tristes e chatos”, pensavam, “não queremos viver assim!”

Você pode cumprir tudo direitinho e ser um *tsadic*. Para as próximas gerações, porém, isso não é suficiente.

Certa vez, pedi a meus alunos mais novos para desenharem a mesa de *shabat* na casa deles. Reparei que um dos alunos desenhou o pai com um rosto muito estranho. Quando perguntei por que, ele respondeu: “Esta é a cara do meu pai toda sexta à noite. Ele chega da

sinagoga todo cansado, senta-se à mesa e faz: uuufffffff.” O pai certamente nunca imaginou que era isso que seu filho aprenderia: sexta-feira é um dia triste.

Assim, não dá para enganar ninguém. As pessoas só fazem o que gostam, independentemente da idade, e isso transparece. Se desejamos que nossos filhos cumpram a Torá, temos que gostar de cumpri-la.

Isso é verdadeiro em relação a todo mundo. Uma pessoa que faz *teshuvá* e realmente curte a Torá e as *mitsvot*, sem torná-las um peso a mais, acaba transmitindo isso para o resto da família, que acabará seguindo seus passos. Uma pessoa que ama o estudo da Torá, sem considerá-lo um fardo, fará com que toda a sua família ame e respeite esse estudo.

UM BOM INCENTIVO

Todos precisam de um incentivo para fazer qualquer coisa na vida – seja dinheiro, prazer físico, prazer emocional ou espiritual. Não há nada que façamos sem procurar prazer, e isto é válido mesmo em relação a grandes *tsadikim*. O homem é movido pelo que gosta, e esta realidade é tão reconhecida que o Rabino Moshe Chaim Luzzato (1707-1746, grande cabalista, nascido na Itália e falecido em Israel), em seu livro *Messilat Yesharim* (“O Caminho dos Justos”), escreve que o homem foi criado para ter prazer em se conectar a D’us.

Meu filho também é movido a prazer. Se eu quero que ele cumpra a Torá, a única forma de fazê-lo é mostrar que aqui está o verdadeiro prazer. Não adianta fingir.

Como fazer para ensinar aos nossos filhos que o judaísmo é prazeroso?

Peguemos a história do nosso povo, por exemplo. Todos nós achamos importante ensinar sobre o Holocausto. É verdade. Mas será que isso é tudo o que temos a dizer sobre a gloriosa história de nosso povo? Imaginem um jovem que diz assim: “Eu sei que sou judeu. Meus avós passaram pelo Holocausto, meus bisavós fugiram dos pogroms, meus tataravós da Inquisição... O que eu sei é que o Povo Judeu é um povo que sofre. Se meu povo é só isso, eu não quero fazer parte dele! Vou desconectar-me do judaísmo, tentar esquecer.” E o lado bom?

Quer ensinar sobre o Holocausto? Ensine! Mas, primeiramente, conte sobre o Rei David e o Rei Salomão, fale dos grandes sábios que tivemos ao longo de todas as gerações, descreva a alegria que havia no Templo em *sucot*, mostre o esplendor do *shabat* e o entusiasmo de um *Beit Midrash* irradiando Torá. Depois, pode contar sobre o Holocausto.

O QUE SOMOS CAPAZES DE TRANSMITIR?

Voltemos à pergunta que fizemos no início: quanto daquilo que ensinamos aos nossos alunos fica com eles para o resto da vida? Se sabemos que eles levarão consigo somente 10% da matéria que aprenderam, o que realmente desejamos que se torne parte deles?

Eu, como professor, preocupo-me sempre em ensinar meus alunos a amarem a Torá.

Se conseguir fazer isso, fiz tudo. É claro que o amor à Torá vem por intermédio do estudo. O objetivo desses 10% de conhecimento, porém, é fazer com que eles amem a Torá. Amando a Torá, eles têm tudo o que precisam para continuar a estudá-la e cumpri-la por toda a vida.

Na bênção da Torá, pedimos a D'us todas as manhãs: “*Vehaarev na Hashem Eloênu et divrê Toratêcha befinu*” – faça que as palavras de Torá sejam doces e agradáveis em nossa boca. O saber só existe realmente quando há sabor; caso contrário, ele não é duradouro. Quem estudou um trecho de *guemará* como se deve é capaz de dizer: “Eu sei o que esta *guemará* quer dizer. Sei o que D'us quer com esse trecho da *mishná*.” Quem chega a esse ponto sabe que esse é o maior prazer que existe; muito maior do que passear, fazer um cruzeiro ou contar as cifras que possui no banco.

A bênção que antecede o *shemá*, pela manhã, está permeada de uma palavra muito importante: *ahavá* – amor. A primeira palavra depois do *shemá* é *veahavtá* – amarás (a D'us). Talvez esta seja a mensagem do *shemá*: sem amor a D'us, temos um judaísmo seco, triste, que só vive de Holocausto e perseguições. É preciso lembrar tudo o que aconteceu, mas em primeiro lugar é preciso transmitir o amor e a alegria do judaísmo.

Isso é tão verdadeiro que se aplica até na *halachá*. Certa vez, perguntaram ao Rabino Elyashiv o que fazer com uma criança que “sonha” durante a reza. O Rabino Elyashiv respondeu: o que se faz com um adulto que sonha no meio da reza? Nada. Tente explicar ao garoto, devagar, algumas partes da reza e a importância da oração, mas nunca brigue com ele. Se você der uma bronca ele reizará na sua frente, mas odiará a reza pelo resto da vida. Por outro lado, se ele associar a oração a algo bom e doce, irá rezar sempre – no trabalho, nas férias, com ou sem tempo.

Certa vez vi uma propaganda de uma loja de móveis que resume bem essa mensagem: “O melhor lugar do mundo é o lugar onde você se sente bem.”

É GOSTOSO SER JUDEU

Isso lembra a história do judeu que estava dirigindo na estrada, nos EUA, quando viu alguém de *kipá* parado no acostamento. O judeu abriu a porta, constatou que o outro tinha furado o pneu, saiu imediatamente de seu carro e lhe ajudou a trocá-lo. Conversa vai, conversa vem, o judeu que veio ajudar perguntou:

– Onde você reza?

– Eu não rezo.

– Como é possível?

– Mas eu nem sou judeu.

– Então, o que está fazendo de *kipá*?

– É que eu tenho um patrão judeu que me deu esta *kipá* e disse: “Guarde isto. Sempre que tiver um problema, coloque-o na cabeça.” Eu vejo que funcionou mesmo!

POR QUE OCORREM DESGRAÇAS?

Em *parashat Ki Tavô* (Devarim 28:15-69), a Torá descreve uma série de maldições e castigos que podem afligir o Povo de Israel e explica seu motivo: “Já que você não serviu a D’us com alegria e coração alegre, por tanta fartura que tinha” (Devarim 28:47).

Imagine as piores coisas que já aconteceram no mundo – o Holocausto, a Inquisição etc. Por que ocorreram? Porque não servimos a D’us com alegria? O Saba de Kelem (grande expoente do movimento de *mussar*, Lituânia, 1824-1898) diz que não. Só a falta de alegria não parece suficiente para incriminar uma nação inteira. Então, qual é o problema?

O Saba de Kelem responde: a Torá conhece bem a natureza humana. Ela sabe que alguém que não serve a D’us com alegria acaba não fazendo nada, no final das contas. As maldições e desgraças vêm porque não servimos a D’us de forma alguma e deixamos de cumprir tudo. No entanto, por que chegamos a isso? Porque não O servimos com alegria!

O AMOR PELAS MITSVOT PODE SALVAR

Certa vez, um indivíduo muito bem sucedido na vida e nos negócios teve um grande abalo: sua esposa começou a sentir dores. Ela fez um exame de rotina e acabou descobrindo que estava com uma doença muito grave. Todos começaram a rezar por ela: familiares, amigos, rabinos... Fizeram outro teste para garantir, mas o diagnóstico foi o mesmo. O filho estava prestes a casar, mas naquela situação ninguém tinha cabeça para casamentos. De repente, tocou o telefone do marido. Do outro lado da linha falava uma senhora, ligando de Israel:

– Deram-me o telefone do senhor. Infelizmente, estou numa situação econômica muito difícil e queria pedir para o senhor arrecadar um pouco de fundos para eu poder comprar roupas e alimentos para minha família.

O marido, que estava sem cabeça para nada, pediu a ela que ligasse outra hora. Sua esposa, no entanto, ficou insistindo para saber o que era. Ao ouvir do que se tratava, sugeriu que recolhessem os fundos para ajudá-la. De fato, angariaram a quantia necessária e enviaram a Israel.

A doença começou a piorar e os médicos deram a ela mais seis meses de vida. Em diversos lugares do mundo estavam rezando por ela. Depois de um tempo, o médico ligou para a família e disse: “Existe uma cirurgia com 10% de chance de dar certo. Querem fazer?” A família consultou alguns rabinos e eles disseram que entre uma chance de 10% e deixar acontecer, era melhor tentar a operação.

A mulher foi internada uma semana antes da cirurgia para fazer todos os exames necessários. A família inteira estava reunida no hospital. Naquele momento, tocou o telefone do marido. Ele atendeu, ouviu alguns segundos, murmurou “Não pode ser” e começou a chorar. Todos à sua volta ficaram temerosos. O que mais podia piorar aquela situação? Dali a dois minutos tocou o telefone novamente e ele murmurou mais uma vez: “Não pode ser!”

Ninguém à sua volta aguentava mais:

O que não pode ser?!

Já fizeram duas vezes o teste na sua mãe e aquele tumor desapareceu!

Não pode ser! – exclamaram.

Todos choravam, mas de alegria. Em meio a tudo aquilo, tocou o telefone novamente.

– Olha, não sei se o senhor lembra de mim. Eu lhe telefonei há alguns meses pedindo uma *tsedacá*. O cheque chegou e ontem fui comprar roupas e alimentos para minha família. Queria agradecê-lo do fundo do coração. Se hoje minha família está viva, é graças ao senhor. Muito obrigada!

Esse homem contou que aquela senhora de Israel nunca mais ligou e ele nunca mais ouviu falar dela na vida.

As *mitsvot* têm um delicioso sabor, mesmo que nem sempre entendamos o motivo delas. Quando D'us nos manda a oportunidade de cumprir uma mitsvá, temos que saber apreciá-la e sentir o seu gosto.

Que D'us nos ajude a sentir cada vez mais o sabor do saber da Torá, amá-la cada vez mais e conseguir transmitir esse nosso amor às próximas gerações!

PENSANDO GRANDE

COMO SAIR DO PRÓPRIO CASULO E PENSAR NO
POVO DE ISRAEL COMO UM TODO.

“

Caso tenha tomado a decisão de
incluir muitas pessoas em sua
vida, inclua também as idéias
diferentes que elas têm.

”

EU EU EU NÓS NÓS NÓS



CENSO COM BOM SENSO

Periodicamente, o IBGE faz um censo da população do Brasil. Voltando 3000 anos no tempo, vemos que a Torá também fez algumas vezes o censo do Povo de Israel. No entanto, há uma grande diferença entre estes dois censos: o IBGE conta quantas pessoas moram numa casa, independentemente se são homens ou mulheres, crianças ou bebês. Já o censo da Torá só leva em conta homens de 20 a 60 anos. A pergunta é: por que não contar a partir do *bar mitsvá*? Afinal, a partir dos 13 anos um garoto já pode testemunhar com 100% de validade jurídica. Dois jovens de 13 anos podem servir como testemunhas de uma transação bilionária, assim como de alguém que cometeu uma transgressão cuja pena é a morte. Por que o IBGE da Torá só conta os homens a partir dos 20 anos de idade?

A Tora está ensinando que a contagem não é para saber quanta gente existe, e sim, quanta gente faz parte do Povo de Israel. É verdade que a maioridade religiosa e jurídica de um homem se dá aos 13 anos, mas é só a partir dos 20 anos que ele entra na *tsavá*, o exército do Povo de Israel, de acordo com a Torá. Aos 13 anos, o judeu atinge a maioridade individual; aos 20 anos, por sua vez, ele se transforma num homem público, numa parte efetiva do povo. Quando isto ocorre? Quando ele está pronto a dar sua própria vida pelo povo.

Na cerimônia do *berit milá*, costuma-se dizer: “Assim como (este bebê) foi introduzido na Aliança, assim também tenha o mérito de ingressar na Torá, na *chupá* (casamento) e na prática de boas ações” A pergunta é: por que praticar boas ações vem depois de casar? A ordem cronológica não é esta! Afinal, bons atos deveriam ser praticados ao menos a partir dos 13 anos de idade! A resposta é que a pessoa só está apta para praticar boas ações quando fica mais madura. *Maassim tovim* – boas ações – não se resumem somente a ajudar uma senhora de idade a atravessar a rua; é muito mais do que isso. É aquilo que você está pronto a fazer pelo público, pela comunidade – e isso só começa com o casamento. Casar, portanto, é o verdadeiro início dos bons atos. A verdadeira boa ação é a que o marido faz pela esposa.

O Rabino Shimshon Refael Hirsch explica, seguindo este pensamento, o motivo da contagem somente aos 20 anos: esta é a idade com que o homem começa a se preparar para a vida, principalmente financeiramente. Até os 14, 15 anos, ele ainda estava abrindo os presentes de *bar-mitsvá*. Finalmente, aos vinte, ele começa a pensar: “Puxa, preciso me casar, ou fazer um pé de meia, ou começar a trabalhar e me sustentar.” Diz a Torá: você vai começar a se preparar para a própria vida? Pensar em seu próprio sustento? Pegue agora uma moeda de meio *shêkel* (usada para se fazer o censo) e doe. Agora é a hora de começar a dar. Por que justamente agora? Para saber olhar para outro lugar que não o seu umbigo, olhar um pouco além de si mesmo e de sua família. A partir de agora, você terá uma obrigação anual de doar meio *shêkel*.

GADOL – UM VERDADEIRO LÍDER

A *parashá Masê* (Bamidbar 35:9-34) versa sobre o assunto de *arê miclat* – as cidades de refúgio. Pela Torá, um indivíduo que matou outro acidentalmente foge para uma cidade de refúgio e lá fica a salvo da família do assassinado, que não tem como entrar lá para vingar o morto. Nessa cidade, ele é julgado por um tribunal que decide se de fato matou sem querer. Se este for o veredito, o assassino deve permanecer na cidade de refúgio até a morte do *cohen gadol* – o Sumo Sacerdote. Assim que o *cohen gadol* morrer, ele pode sair e ninguém tem permissão para tocar nele.

Qual é a ligação entre o *cohen gadol* e o sujeito que matou sem querer? Por que o assassino fica na cidade de refúgio até o Sumo Sacerdote falecer?

O *cohen gadol* é responsável pelos atos de todos os membros do povo. Se alguém matou outra pessoa sem querer, durante seu mandato, ele tem parte da responsabilidade. Ele deveria ter rezado a D'us para que ninguém do povo incorresse numa transgressão tão grave. Mas é ainda mais do que isso.

A Torá diz: “(O assassino) deverá viver lá até a morte do *cohen gadol* **ungido com o óleo sagrado**” (Bamidbar 35:25). Por que esse acréscimo? O que estas palavras vêm acrescentar ao fato de ter que esperar pela morte do *cohen gadol*? Afinal, todos os Sumos Sacerdotes eram ungidos com óleo!

O Talmud, no Tratado de *Macot*, explica: aprendemos destas palavras o que fazer no seguinte caso hipotético: o homicídio acontece pouco antes do *cohen gadol* falecer. Até sair o veredito do assassino, um novo *cohen gadol* é ungido e assume o cargo. Neste caso, é preciso esperar pela morte deste novo *cohen gadol* para, só então, o assassino ser libertado.

Qual é a lógica? O assassino matou durante o mandato do antigo *cohen gadol* e não daquele que acabou de assumir o posto. O que este *cohen*, que mal começou a exercer suas funções, tem a ver com aquele sujeito que está sob julgamento?

A resposta encontra-se na seguinte história:

Certa vez, um jovem foi à casa do grande *Gaon*, o Rabino Chaim Kanievski *shelita* com uma lista de perguntas para fazer. O rapaz começou a fazer as perguntas e o *Gaon*, como de costume, foi lhe dando as respostas de maneira clara e concisa. O jovem continuou consultando sua lista de perguntas e o Rabino Chaim continuou a responder, enquanto colocava sua capota e se arrumava para sair. O rabino saiu de casa e dirigiu-se a um salão de festas, enquanto o jovem o seguia: “Rabino, tenho mais uma pergunta.” O rabino continuou respondendo enquanto caminhava. Chegando ao salão, o Rabino Chaim dirigiu-se à cabeceira da mesa e abraçou o noivo com muito carinho, sentando-se perto dele – o jovem, ao seu lado, ainda com as perguntas, e o Rabino Chaim respondendo. Em dado momento, começou a música que conduziria o noivo à *chupá* e o rabino lhe disse: “Me perdoe, mas agora terei

que interromper nossa conversa por um tempo.” O jovem ficou olhando e qual não foi o seu espanto ao ver que o noivo caminhava para a *chupá* com o sogro de um lado e... O Rabino Chaim Kanievski do outro!

O Rabino Chaim estava casando o próprio filho naquela noite! Ele poderia ter dito: “Olha, agora não posso, consulte-me amanhã” – mas não o fez. Por quê? Pois um líder é um líder em todos os momentos.

O *cohen gadol* tem a posição mais santa do nosso povo; ele representa o Povo de Israel. É o único na face da terra que tem permissão de entrar, uma vez por ano, no local mais sagrado do universo, o *Codesh Hacodashim* (parte mais interna do Templo). O seu dia de unção, de coroação, é o dia de sua alegria. Mesmo nesse dia, a Torá quer muito mais deste homem tão especial. Ela quer que, neste mesmo momento, quando ele está aproveitando o máximo de glória que um judeu pode ter, pense naquele pobre coitado que está sendo julgado e reze para ele ser absolvido. Parte da alegria da unção deve ser pensar em todos os membros do povo que ele está passando a representar. É isto que a Torá está querendo nos ensinar acrescentando que ele foi “ungido com o óleo sagrado”: mesmo no dia mais especial de sua vida, não se esqueça de pensar nos outros também.

É por isso que este *cohen* é chamado de *gadol* – “grande”, literalmente. O que é alguém “grande”? Vejamos o que a Torá fala sobre alguém *catan* – pequeno – e automaticamente saberemos o que ela diz sobre alguém *gadol*.

CATAN – UM GRANDE EU

O Talmud afirma que um bebê de um só dia já tem *yêtser hará*. O Rabino Shimon Schwab pergunta: como a *guemará* pode afirmar tal coisa e já incriminar o pobre indefeso? Por acaso o bebê tem *yêtser hará* de andar de carro no *shabat*? De comer um *cheeseburger*? De falar *lashon hará*? Que tipo de *yêtser hará* possui um bebê de um dia?

O bebê acaba de chegar em casa depois de dois dias de maternidade. Falta uma semana para *pêssach* e a mãe começa a dar duro entre as mamadas. Enquanto isso, o marido está fazendo horas extras no trabalho para poder fechar o escritório por dois dias. Chega a noite do *sêder*. A mãe, que acabou de dar à luz na semana passada, mal se aguenta sentada. É *matsá* de um lado, *charosset* do outro, os quatro copos de vinho que tomamos reclinados para o lado esquerdo... Finalmente, à meia noite, todos estão na cama. À meia noite e treze só se ouvem roncospela casa. Meia noite e dezessete, um novo som se junta à sinfonia, muito mais alto que qualquer outro: Unhéééééé.... Quem ligou a sirene? O bebê. Cinquenta centímetros de comprimento, três quilos, e faz mais barulho do que um caminhão.

A mulher vira para o marido: “Deve ser que a *matsá* fez mal para ele.” O marido resmunga: “Não, deve ter sido o vinho, eu bem que lhe disse para tomar suco de uva.” No final da discus-

são, a mãe dá de mamar e o bebê para de chorar. A mãe coloca novamente o bebê para dormir. Meia-noite e trinta e sete, todos adormecidos. Mas o bebê não quer dormir agora. Agora, ele quer brincar. Quer ficar olhando para a luz. Adianta explicar para ele que agora não é hora? Finalmente, 7h36, o bebê resolve adormecer. Mas a reza começa às 8h; já está na hora de levantar.

Diz o Rabino Shimon Schwab: este é o *yêtsen hará* do pequeno, do *catan*: ele só olha para si e pensa somente em sua própria pessoa. É completamente egocêntrico.

– Silêncio, querido bebê! Sua mãe acabou de dar à luz, passou a semana toda limpando a casa e tomou quatro copos de vinho!

– Ah, é? Agora vou gritar mais alto ainda para mostrar que quem manda aqui sou eu!

Se essa é a definição de um *catan*, *gadol* deve ser o contrário: uma pessoa que consegue pensar nos outros. Talvez esse seja o motivo do *cohen* “*gadol*” receber esse título. Aquele que pensa, reza e se preocupa com cada membro de seu povo mesmo em seu dia de posse é realmente um *gadol*!

GADOL – UM PEQUENO EU E UM GRANDE NÓS

O Rabino Isser Zalman Melzer (1870-1953) era *rosh yeshivá* da mais antiga *yeshivá* de Jerusalém, *Ets Chayim*. Era também sogro do rabino que criou um “país” dentro dos EUA chamado Lakewood (bairro religioso dentro do qual encontra-se uma *yeshivá* com aproximadamente 6300 alunos) – o Rabino Aharon Kotler (1891-1962)–, e tio do *rosh yeshivá* de Ponevitch, o Rabino Shach. Durante a Guerra de Independência do Estado de Israel, em 1948, a situação em Jerusalém ficou muito tensa. Era preciso correr muitas vezes para os abrigos e o Rabino Isser Zaman tinha dificuldade de caminhar devido à idade.

Em uma das vezes que a sirene tocou e todos correram para o abrigo, uma bomba atingiu o local onde ele estava e os estilhaços feriram a perna do Rabino Melzer. O aluno que o acompanhava percebeu que seu mestre estava sofrendo bastante e disse: “Rabino, deixe-me gritar por socorro na rua. Sei que tem um médico que mora por aqui e ele poderá vir em seu socorro enquanto não for possível levá-lo a um hospital.” O Rabino Isser Zalman Melzer segurou a mão do aluno e disse: “Não.” “Por que, rabino?” Ele respondeu: “Será que eu tenho permissão de colocar a vida de outras pessoas em perigo para salvar a minha? Quando você gritar por socorro e souberem que sou eu, muitos virão em meu auxílio, caminhando pela rua e se expondo ao perigo.”

Essa é a resposta de um *gadol*. O Rabino Isser Zalman ficou com sequelas da perna machucada pelo resto da vida por não querer colocar a vida de outros em perigo.

O Rabino Chaim de Volozhin, fundador da primeira grande *yeshivá* moderna, escreveu um livro chamado *Nefesh Hachaim*. Seu filho, o Rabino Yitschak, escreveu uma introdução ao livro, da qual gostaria de citar duas linhas: “Meu pai sempre repetia esta frase para mim: o homem não foi criado para si mesmo, e sim para ser útil aos outros com o máximo de suas forças.”

AME AO PRÓXIMO COMO A TI MESMO – SERÁ?

“*Veahavtá lereachá camocha*” (Vayikrá 19:18). A tradução que aparece em todos os *stickers* é: “Ame ao próximo como a ti mesmo.” O Ramban, porém, não traduz esse versículo dessa forma. Segundo ele, não pode ser que a Torá nos obrigue a amar ao próximo como a nós mesmos, uma vez que é impossível obrigar um coração a fazê-lo. Não só isso – o próprio Rabi Akiva, que afirma que esse versículo é a regra fundamental da Torá, é o mesmo que diz que “sua vida vem antes da vida de seu amigo” (Talmud, Tratado de *Baba Metsia* 62a).

Se eu estiver com mais uma pessoa no deserto e tiver apenas um cantil de água, suficiente para salvar somente um dos dois, o que eu faço? Esperaríamos que o Rabi Akiva dissesse – dê ao seu amigo. O Rabi Akiva, no entanto, diz: “Você deve tomar a água e deixar seu amigo morrer”. Portanto, o Ramban traz uma prova de que a *mitsvá* de *Veahavtá* não significa que eu deva amar o próximo como a mim mesmo, uma vez que venho em primeiro lugar. Além disso, agir assim é um instinto natural do ser humano; D’us nos fez assim.

Portanto, o que significa *veahavtá*? Quando a Torá manda amar a D’us, está escrito: “*Veahavtá et Hashem Elokecha*” – Ame Hashem, seu D’us. Mas aqui não está escrito “*Veahavtá et reachá*” – ame seu próximo – e sim, “*Veahavtá lereachá*” – ame **para** seu próximo. O que é isso? Significa, de acordo com o Ramban: “Ame que aconteçam coisas boas para seu próximo assim como você ama que aconteçam coisas boas para si mesmo.”

Por exemplo: seu amigo fez um excelente negócio, o qual você queria ter feito. Ele comprou uma ação um minuto antes de você e ganhou aqueles tantos milhares de reais. Qual é a sua reação? “Puxa, que pena que eu não consegui.” Tudo bem, isso é normal. Você gosta de si mesmo. Agora, dizer: “Puxa, que azar que aquele cara comprou aquilo” não é tão simpático. Ao vê-lo, você diz “Estou muito contente por você”, forçando um sorriso.

“*Veahavtá*” não significa gostar do próximo mais que de si mesmo. Se dez mil ações estão à venda e você tem os vinte mil reais para comprá-las, não precisa deixar metade para o seu amigo. Mas, se ele foi mais rápido e teve sucesso, “*Veahavtá lereachá*” – fique feliz por ele, genuinamente.

Outra situação conhecida acontece na escola: eu estudei três horas e meia e tirei seis na prova. Aquele colega que estudou três minutos tirou 9,9. “*Veahavtá*” quer dizer: fique contente pela nota que seu colega recebeu.

Uma amiga sua saiu com um rapaz e noivou com ele. “Puxa, quem sabe ele não era o *shiduch* perfeito para mim?” Não! Fique feliz por ela! Certamente esse *shiduch* não era para você.

TODOS FAZEM PARTE

Permitam-me oferecer ainda outra resposta a esta pergunta, diferente do Ramban. Como é possível amar o outro como a si mesmo?

A seguinte história ocorreu em 1944. Um trem com *chassidim* de Pupa dirigia-se a Auschwitz. Lá dentro, em meio à massa humana, havia duas irmãs de 13 e 15 anos. Logo na entrada de Auschwitz encontrava-se o Dr. Joseph Mengele (que sua memória seja apagada), com uma bengala. Os judeus que saíam do trem formavam uma fila e ele ia apontando com a bengala: direita, esquerda, direita, esquerda. As irmãs sabiam que aqueles que iam para a esquerda saíam deste mundo em menos de uma hora. Ao se encararem, perceberam que estavam pálidas demais devido às muitas horas naquele sufoco, sem comer e sem beber. Assim, uma começou a beliscar a outra para que seus rostos ficassem mais corados e, quem sabe, fossem enviadas para o lado do trabalho. De fato, assim foi. Alguns minutos depois, as duas irmãs quase não se reconheceram: ambas estavam carecas e vestindo um uniforme de tamanho único. E assim o tempo foi passando. O frio era intenso, -10°C . A irmã mais velha, que trabalhava no depósito de roupas, viu uma outra moça que estava quase morrendo congelada. Achou que poderia dar uma roupa a mais àquela moça sem despertar muitas suspeitas. Mas a irmã menor, que estava ao seu lado, observou: “Se alguém lhe pegar fazendo isso, irá matá-la na certa. Sua vida vem antes, minha irmã! Como pode se colocar em risco desta maneira?” A irmã mais velha respondeu: “Você tem razão. Minha vida vem antes. Acontece que esta moça **é parte da minha vida**.”

Talvez essa seja uma segunda resposta à pergunta do Ramban. Se você é um *gadol*, sua vida pode incluir a vida de muitas outras pessoas também.

AUMENTANDO O NÓS

Caso tenha tomado a decisão de incluir muitas pessoas em sua vida, inclua também as idéias diferentes que elas têm.

O Saba de Kelem fez uma pergunta muito forte: “Nossos sábios dizem que o Segundo Templo foi destruído por *sinat chinam* – ódio gratuito. O que significa *sinat chinam*? Se alguém odeia o outro gratuitamente, sem motivo nenhum, ele tem um problema bem maior do que o fato de odiar!”

Assim ele explica: trata-se daquele que ama a si mesmo de tal forma que, automaticamente, odeia os outros. É aquele que passa a odiar o amigo ao ver que este fez um bom negócio. É aquela que, se a amiga fez uma receita pela qual foi elogiada, começa a detestá-la. Em português claro: egoísmo, inveja.

INCLUINDO D’US

Todos os pecados que alguém comete por prazer dependem de quanto a pessoa é egoísta. Se o indivíduo só pensa em seus prazeres materiais, dificilmente conseguirá dominar

seus instintos. “Sei que não devo comer isso. Sei que não devo olhar aquilo. Sei que não devo dizer isso. Mas já que para **mim** é prazeroso, meu EU é tão grande que não há nada antes dele.” Já um *gadol* inclui os outros, inclusive D’us, dentro de sua vida.

O Talmud já diz: “*En adam chotê velô lo*” – Uma pessoa não peca sem que seja em prol de si mesma, pelo próprio prazer. O pecado nada mais é do que uma consequência do fato de eu ter olhado tanto para mim mesmo que D’us ficou pequenininho; passo a fazer o que interessa a mim, em vez de fazer aquilo que interessa a D’us.

TRANQUILIDADE

Conta-se que um sujeito estava devendo R\$ 300.000,00 para o seu amigo e não parecia nem um pouco preocupado em devolver. Andava para cá e para lá de carro novo, tranquilo. O credor viu que não tinha jeito e resolveu esquecer aquela dívida. Certa vez, às duas da madrugada, o devedor bateu à porta do credor e disse, aos sussurros: “Amigo, vim negociar com você a dívida que eu tenho.” O credor foi acender a luz da sala.

– Não, não ligue, vamos ficar aqui num cantinho e resolver isso logo. Não quero que ninguém nos veja aqui; tenho vergonha.

A negociação teve início. O devedor foi tentando baixar cada vez mais a dívida até que, passada meia hora de negociação, chegaram a um acordo: o devedor precisaria pagar somente R\$ 60.000 à vista. O credor aceitou, já que aquilo era bem melhor do que nada. O devedor agradeceu e foi embora. O credor esperou, no dia seguinte, que o devedor viesse quitar sua dívida. Passaram-se três, quatro, cinco dias e nada. O credor ligou para o devedor e disse:

– E aí? Acertamos a dívida em R\$ 60.000!

O amigo respondeu:

– Sim, agora estou lhe devendo R\$ 60.000.

– E não vai pagar?

– Claro que não. É que dever R\$ 300.000 estava me dando insônia. Devendo R\$ 60.000 consigo dormir mais tranquilo.

Ele estava preocupado porque não conseguia dormir. Não se importou em acordar o amigo no meio da noite para isso! Quanto a pagar a dívida? Nada! Ele queria mesmo é dormir mais tranquilo!

CASANDO COM “NÓS”

Li uma reportagem que diz que as pessoas, hoje em dia, não querem casar. Elas alegam: “Por que casar? Que vantagem terei em casar? É muito mais fácil “juntar-se”; não tenho as responsabilidades legais e monetárias e, se não quiser ter filhos, melhor ainda.”

Enquanto as pessoas dizem isto, vejamos como a Torá enxerga o casamento:

O casamento é uma fonte de alegria. *Bircat cohanim* (a bênção dos sacerdotes) só pode ser proferida em estado de alegria, tanto que o *Shulchan Aruch* questiona se um *cohen* solteiro pode recitar a *bircat cohanim*. A conclusão é que se ele está bem consigo próprio, pode fazê-lo. De qualquer forma, vemos como a Torá não acha que o casamento é uma fonte de dor de cabeça, conforme muitos parecem pensar. De fato, para quem tem um EU enorme, o casamento certamente será apenas uma sucessão de infortúnios. Já para aquele que diminui cada vez mais seu EU, aumentando seu NÓS, será uma fonte de bênção e alegria.

Uma das bênçãos que recitamos na hora do casamento e no *shêva berachot* é “*Yotser Haadam*” – Que cria o homem. O que esta berachá tem a ver com o dia do casamento? O homem já foi criado há milhares de anos; ele não está sendo criado agora!

O Talmud (Tratado de *Yevamot* 63a) define a palavra *adam*: “Aquele que não tem esposa não é chamado de *adam*.”

A Torá conta que, quando D’us criou o homem e a mulher, “*Vayicrá et shemam Adam*” – Ele **os** chamou de Adão (Bereshit 5:2). E a concordância, como é que fica? Afinal, a palavra *shemam* (seus nomes) indica plural e a palavra *adam* (homem), singular! A resposta é que a palavra *adam*, ser humano, não tem plural. Eles dois, no casamento, viraram um só. O seu EU, no casamento, transformou-se em NÓS. Quem casa não deve engordar somente na barriga, mas principalmente no coração; deve incluir seu cônjuge. É por isto que se recita justamente esta bênção na hora do casamento: é então que D’us “cria o homem” – “*yotser haadam*”.

O objetivo de um judeu no mundo é tornar seu EU cada vez menor e seu NÓS cada vez maior, incluindo nele sua família, sua comunidade e seu povo.

“EU quero viajar para tal lugar nas férias.” E ela? E eles? “Ah, sei lá. Já comprei as passagens!”

Recentemente, foi feita nos EUA uma pesquisa muito extensa sobre a satisfação do casal por estar junto. A representação gráfica dos resultados formou uma parábola em forma de U: a curva começa lá em cima, desce e depois sobe novamente. Essa pesquisa comprova que o prazer do casal primeiro começa a decrescer e depois volta a crescer, durante os primeiros 30 anos de casamento. Se o marido ou a mulher pensam apenas em si mesmos, é natural que, no início, o prazer de estarem casados vá decrescendo. Neste ritmo, quanto tempo dura um casamento? “Já não sinto mais a mesma satisfação em estar casado/a com ele/a.” O NÓS, durante o casamento, precisa crescer. Vivendo o NÓS em vez do EU, o contentamento só tende a crescer, porque o NÓS cresce cada vez mais; torna-se cada vez mais prazeroso se conhecer, vivenciar juntos as experiências e curtir a amizade.

Quando o chefe da *yeshivá* Porat Yossef, o Rabino Benzion Aba Shaul (1924-1998), entrava em casa à noite e a esposa já estava dormindo, sempre tirava os sapatos e andava de meia no corredor para não acordá-la. Isto é o que se faz quando o EU abrange o NÓS.

Nos carros de hoje, é possível resolver muitos problemas matrimoniais. Por exemplo,

existe o condicionador de ar *dual*: eu quero 17 graus e ela, 27. Eu fico de malha, no pólo norte, e ela, com o leque. Cada um escolhe o que deseja. Todavia, nem tudo tem solução. Em casa, eu adoro ar condicionado e ela detesta, ou vice-versa. Na sinagoga, eu quero rezar de malha com aquele vento geladinho, mas aquele senhor treme todo e o outro reclama de sinusite. O que se faz? Depende qual é o tamanho do nosso EU.

O Dr. John Mordechai Gottman é americano, Ph.D em Psicologia e um dos mais famosos especialistas em casais de todo o mundo. Ele fez uma vasta análise de relacionamentos por meio de observações científicas diretas. Observando a conversa entre um casal durante alguns minutos, ele é capaz de dizer, baseado em testes que analisam reações físicas e emocionais, se o casal continuará ou não casado nos próximos anos, obtendo 95% de acerto.

Gottman enumera sete princípios para fazer um casamento funcionar, e um deles lida com o conceito de impasse: trata-se de coisas sobre as quais nenhum dos lados está disposto a abrir mão, sobre as quais não tem como ser flexível. O que se faz numa hora dessas? Caso o seu NÓS seja um pouco maior, vocês serão capazes de negociar. Às vezes, um lado ficará contente; às vezes, outro. Mas ambos ficarão felizes, porque cada um tem um pouco do outro dentro de si. Caso contrário, discussões sobre esses pontos voltarão a aparecer frequentemente ao longo da vida do casal.

O HOMENZINHO DOS OLHOS

Nos salmos (17:8), David pede a D'us: “*Shomreni – protege-me – keishon bat áyin*” – como a pupila do olho, que é muito sensível e precisa de proteção. Um dos comentaristas do Tanach, o Radak (**Rabino David ben Yossef Kimchi**, 1160-1235, Provença) explica o motivo de a pupila ser chamada de “*ishon*”. *Ishon* vem da palavra “*ish*”, homem. *Ishon* significa “homenzinho”. Por que a pupila se chama assim? Porque, se você olhar nos olhos de outra pessoa, verá a si mesmo – um pequeno homenzinho – refletido nas pupilas dela.

O Rabino Mordechai Gifter zt”l vai mais além e diz que o Rei David está pedindo o seguinte: “Mantenha-me sempre percebendo como sou pequeno perante os outros, deixe-me sempre ver como aquele que está perante mim é uma pessoa grande.” Com isso, ensina David Hamelech, D'us vai nos proteger.

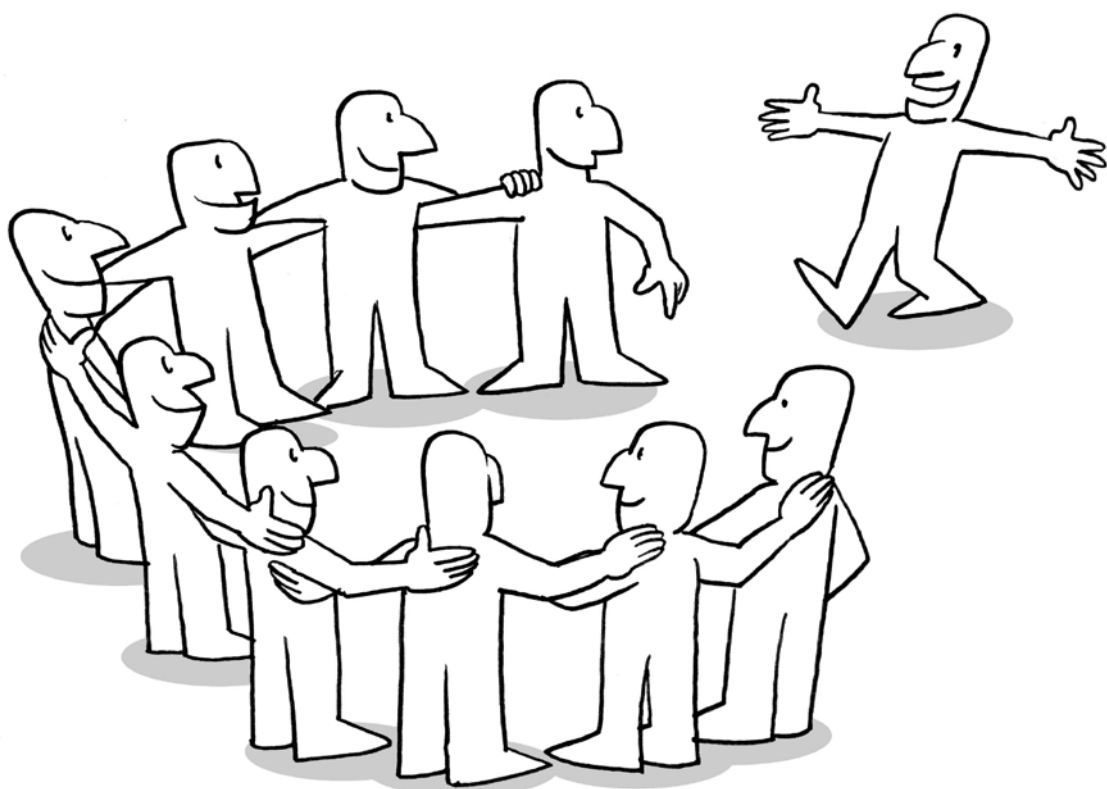
Olhe nos olhos de seu cônjuge. Veja como seu EU se torna pequenininho perante a grandeza dele. Trabalhe para que seu NÓS cresça cada vez mais, englobando seu cônjuge, sua família, sua comunidade e seu povo!

“

De acordo com Rabênu Bachyê, ser
um bom negociante é investir no
bem espiritual de todos.

”

ONDE ESTÃO SEUS DEZ YEHUDIM?



O CONTRATO DE D'US

Muitas vezes precisamos assinar um termo de responsabilidade antes de podermos aproveitar alguma diversão. Isso acontece quando queremos montar a cavalo, andar de *kart* etc. Ninguém gosta de assumir responsabilidades, mas às vezes é inevitável.

Qual é o termo de responsabilidade que temos de assinar como judeus, quando nos tornarmos *bar/bat mitsvá*? O que D'us espera de nós? Quais são as cláusulas do contrato, antes de aproveitar de tudo o que a Torá oferece para nós?

Podemos aprender a resposta com nosso maior líder – Moshê Rabênu.

POR QUE MOSHÊ FOI ESCOLHIDO?

Houve um homem na história que dedicou toda a sua vida, todas as suas forças e todas as suas posses ao Povo de Israel, trabalhando a vida toda sem ganhar um tostão em troca: Moshê Rabênu. Moshê, como “funcionário público” do povo, não recebeu nem mesmo um passe de ônibus. Ao ser confrontado por aqueles que desafiavam sua liderança, chegou a comentar: “*Lo chamor echad mehem nassati*” – não peguei deles nem sequer um burro (Bamidbar 16:15).

Por toda essa dedicação, Moshê Rabênu até hoje é uma das pessoas mais famosas que já existiram. A Bíblia é o livro mais vendido no mundo, mais que Harry Potter, e o personagem principal da Torá é Moshê. Ele é tão central que a própria Torá é chamada de *Torat Moshê* – a Torá de Moshê.

O que o tornou tão famoso? Até mesmo D'us o chamava de *gadol* – grande – o que não é para qualquer um. O que ele tinha de tão especial?

Moshê já era especial desde o início. No livro de Shemot (3:1-4), a Torá traz um trecho que explica por que D'us escolheu Moshê como líder de Israel: “Moshê levava o rebanho de seu sogro, Yitrô, para pastar... Ele conduzia o rebanho para a margem do deserto e chegou à montanha de D'us, em Chorev. Um anjo de D'us apareceu para ele no centro do fogo, no meio de um arbusto. Ao olhar para lá, Moshê percebeu que o arbusto estava em chamas, mas não estava sendo consumido. Moshê disse a si mesmo: ‘Devo ir lá e investigar este fenômeno maravilhoso. Por que o arbusto não está queimando?’ **Quando D'us viu que Moshê se deslocou para ver de perto, chamou-o do meio do arbusto.**”

Lendo esses versículos, parece que D'us só chamou Moshê porque viu que ele se deslocou para ver o que estava acontecendo. Eu li e não entendi. Se estivéssemos na Avenida Paulista e, de repente, o carro da frente levantasse vôo, quem não iria olhar? Da mesma forma, quem não correria para ver um arbusto pegando fogo e não se consumindo? Por que o fato de Moshê ter se deslocado para ver aquela maravilha garantiu-lhe o crachá de “líder do Povo de Israel”? Todos os seres humanos são curiosos!

Havia um rabino que costumava dizer: onde o versículo se cala, o *midrash* abre a boca (para nossos sábios falarem). No *Midrash Raba* é explicado que não está escrito que “Moshê se deslocou para ver o arbusto” – apenas que “Moshê se deslocou para ver”. Ver o quê? Não o arbusto, pois isso qualquer um faria! O especial é o **motivo** pelo qual Moshê foi ver o arbusto: “Deus o escolheu ao ver que Moshê se deslocara de seus afazeres **para ver o sofrimento de seu povo**”! Ele foi ver o arbusto porque achou que talvez fosse uma mensagem referente ao Povo de Israel. Ao enxergar o arbusto, ele “fechou sua fábrica, trancou a porta de sua loja e sintonizou na situação do povo”. Por isso, D’us o chamou.

Moshê tinha inúmeras qualidades que o tornavam o homem mais indicado para ser líder – humildade, sabedoria, riqueza, beleza etc, mas não foi por elas que recebeu o cargo. D’us escolheu Moshê como líder por ter se desligado de seus afazeres e necessidades pessoais e sintonizado na comunidade.

AO LONGO DA HISTÓRIA

Nossos líderes, ao longo das gerações, seguiram os passos de Moshê Rabênu. O grande fundador da *Yeshivá* de Ponevitch (em Bnei Brak, Israel) foi o Rabino Cahaneman (1886-1969). Todos achavam que ele estava afetado psicologicamente por ter perdido toda a sua família no Holocausto. Por quê? Porque, depois de escapar da Segunda Guerra e chegar a Israel, ele andava sobre um terreno e dizia: aqui será a *yeshivá*. As pessoas duvidavam: “Que *yeshivá*? Não há alunos! Não há dinheiro!” O resto é história – milhares de alunos estudam lá todos os anos.

Aliás, dizem que a prova de que não existe vida na Lua é que, se tivesse, o Rabino de Ponevitch já teria ido lá coletar fundos. Ele era um *expert* em manter sua *yeshivá*, dedicando toda a sua vida ao Povo de Israel.

O Rabino Cahaneman, embora estivesse envolvido na parte administrativa da *yeshivá*, era um gênio e um grande *talmid chacham*. Sabia todo o *Shas*, os seis tratados do Talmud, de cor. Certa vez, perguntaram-lhe por que ele não escrevia livros em vez de ficar coletando dinheiro para a *yeshivá*. Ele respondeu: “Aprendi isso com o Chafêts Chayim” No *Shemá Israel* está escrito: “Ame D’us com todo o seu coração, toda a sua alma e todas as suas posses”. O Talmud diz: mesmo se você precisar dar a vida ou as posses em nome de D’us, é necessário fazê-lo. Em seguida, pergunta: a vida ou as posses? O que vale mais?

A resposta é a seguinte: para algumas pessoas, a vida é mais valiosa que o dinheiro. Nesse caso, devem dar sua vida. Ou seja: se alguém viesse e dissesse “ou você comete idolatria ou morre”, seria necessário morrer. Já para outras pessoas, o dinheiro é mais valioso que a vida e, se for necessário, elas devem dar todo o seu dinheiro por D’us. Ou seja: se alguém viesse e dissesse “ou você comete idolatria ou nos dá toda a sua fortuna”, deveria dar tudo o que possui. O Chafêts Chayim dizia que a coisa mais preciosa, para ele, era o estudo da

Torá. “Assim, por que não escrevo um livro em vez de coletar dinheiro? Porque estou amando D’us e agindo em prol Dele, abrindo mão daquilo que me é mais precioso: o estudo da Torá”, concluiu o rabino.

Quando o Rabino Shach fez o *hesped* (discurso fúnebre) do Rabino Cahaneman, contou que certa vez lhe fez a mesma pergunta: “Por que você não escreve um livro com seus *chidushim* (novas idéias) de Torá?”

O Rabino Cahaneman respondeu: “Eu estou escrevendo um livro de *chidushim* de Torá. Esse livro é composto de todos os jovens que eu aproximei a D’us, de todas as milhares de horas de estudo que proporcionei aos jovens em minha *yeshivá*”!

UM BOM INVESTIMENTO

Agir pelo Povo de Israel se aplica a todos os que assinam o termo de responsabilidade de ser judeu, que vale muito a pena.

Estou procurando ações no mercado para investir e tenho duas escolhas, ambas confiáveis: um papel dá 20% de lucro, enquanto o outro dá 100%. Em qual devo investir? Qualquer um diria que o melhor é investir na ação que rende mais lucro. No entanto, não é isso que o Rabênu Bachyê (Espanha, século 11) diz. Ele manda investir no papel de 20% de lucro, mesmo que o de 100% seja completamente seguro. Por quê?

Se eu pego R\$100.000,00 e invisto a 20%, quanto ganho? R\$20.000,00. Se eu pegar R\$100,00 e investir a 100%, quanto ganho? R\$100,00. Nesse caso, quanto é melhor? 20%. É isto que o Rabênu Bachyê explica em seu livro, *Chovot Halevavot*, “Os Deveres do Coração”. Se investirmos 20% no público, que é R\$100.000,00 e ganharmos somente 20%, estaremos lucrando muito mais do que se investirmos 100% somente em nós mesmos, mesmo com 100% de retorno! Lá no depósito automático do “banco do *olam habá*” teremos ganhado 20.000 méritos em vez de 100! De acordo com Rabênu Bachyê, ser um bom negociante é investir no bem espiritual de todos.

MÉRITO GARANTIDO

O profeta Daniel diz: “*Umatsdikê harabim* – aqueles que se dedicam ao público, fazendo com que tenha méritos – *cacochavim leolam vaed*” – são como estrelas, para toda a eternidade (Daniel 12:3). Pessoas como essas jamais perderão seus méritos.

Às vezes, a pessoa pode perder o mérito de alguma *mitsvá* ou de todas as *mitsvot*. Isso ocorre quando ela faz uma *mitsvá* por intermédio de uma *averá* ou quando é considerada tão malvada que D’us lhe paga neste mundo por todas as coisas boas que fez, zerando sua conta antes de ela chegar ao mundo vindouro. Já os *matsdikê harabim* – os que se dedicam ao público – nunca têm seu salário pago neste mundo. Eles estão garantidos com um depósito automático no *olam habá*!

Agora, resta saber: quem são esses *matsdikê harabim*? De acordo com um dos comentaristas do Tanach, trata-se dos *melamdê tinocot* – os professores das crianças pequenas, aqueles que muitas vezes depreciamos, achando que ensinam nossos filhos a lerem o *alef-bet* (alfabeto hebraico) por falta de capacidade para fazer outra coisa. A Torá diz sobre eles que “são como estrelas, para toda a eternidade”. Por quê? Porque são *matsdikê harabim*, dedicam-se ao público, mesmo quando ganham salário por isso. Eles são como Moshê Rabênu, direcionando a antena para as necessidades do Povo de Israel.

O VALOR DE QUEM AGE PELOS OUTROS

Certa vez, o Rabino Mordechai Gifter perguntou a um homem:

– Qual é a sua profissão?

O homem, acanhado, respondeu:

– Bem, não sou rabino em nenhuma *yeshivá*. Sou *melamed* – professor de crianças.

O Rabino Guifter questionou:

– Por que o acanhamento? Nós chamamos D’us de *Melamed*! “*Hamlamed Torá leamô Yisrael*” – aquele que ensina Torá a Seu povo, Israel. Você tem o mesmo título que D’us!

Quando vemos pessoas que cuidam de uma sinagoga, que agem em prol de uma escola, de um *micvê* ou de uma instituição judaica que segue as leis da Torá, deveríamos ao menos beijar suas mãos ao vê-las passarem. Por quê? Porque elas possuem o mesmo mérito pelo qual Moshê Rabênu foi escolhido. Enquanto todos nós estávamos pensando nas contas a pagar e planejando onde passaríamos as férias, Moshê estava agindo em prol do Povo de Israel.

Certa vez, o grande Rabino Shach zt”l falou o seguinte sobre o Rabino Noach Weinberg zt”l: “Se um homem conseguiu matar seis milhões de judeus, é correto que outro homem seja capaz de dar vida a milhões de judeus.” O Rabino Weinberg dedicou sua vida a trazer judeus afastados de volta à Torá e criou uma instituição enorme, com ramificações em todos os cantos do planeta.

E nós, na prática? O que podemos fazer?

CONSELHOS PRÁTICOS

O Rabino Yitschak Hutner zt”l (*rosh yeshivá* de Lakewood, 1906-1980) costumava dizer que uma pessoa que lida com o público deve ter em mente duas coisas:

1) Nunca fale do *guehinom* (o sofrimento celestial destinado a retificar aquele que fez algo de errado), pois esta não é a maneira correta de aproximar as pessoas da Torá.

2) Não espere por agradecimento.

Que outros conselhos práticos podemos aprender da Torá?

O PODER DE UM PEQUENO ATO

O Talmud (Tratado de *Chulin* 139b) pergunta: “*Haman min hatorá mináyin?*” O que isso quer dizer?

Haman, o homem que quase aniquilou o Povo de Israel na história de *Purim*, aparece na *Meguilat Ester*, que é um dos últimos livros do Tanach. Nossos sábios perguntam: de onde aprendemos que pode haver alguém como Haman? Onde isso está indicado nos cinco livros da Torá? Responde a *Guemará*: está escrito (em Bereshit 3:11) “**Hamin** haets asher tsiviticha levilti achol mimenu achalta?!” D’us está perguntando ao primeiro homem, Adam, após ele comer do fruto da árvore proibida: “**Será que da** árvore que Eu te proibi comeste?”. A palavra “*hamin*” (será que da...) é escrita com as mesmas letras hebraicas de “Haman”. Qual a ligação? Só o fato de terem as mesmas três letras hebraicas? Certamente, nossos sábios estão querendo transmitir uma lição importante, muito além de um mero trocadilho de palavras.

O pecado do primeiro homem foi uma queda espiritual para o mundo inteiro. O Talmud quer saber qual é a origem do mal, que coloca o mundo inteiro em perigo? Qual é a origem de Haman? Que brecha ele encontrou, milhares de anos depois, para tentar exterminar o Povo de D’us? O Talmud responde: o fato de Adam ter cometido o primeiro pecado.

O inverso também é verdadeiro! Se uma pessoa que faz um pecado pode acarretar a morte de milhares de pessoas, uma pessoa que faz uma *mitsvá* certamente trará vida, bênçãos e bem a muita gente!

Assim, sempre que fizer uma *mitsvá*, como colocar *teflin* ou acender as velas de *shabat*, tenha em mente o povo todo. Pense que o mérito dessa *mitsvá* trará proteção para o povo inteiro e bênçãos para muita gente.

Outra idéia prática é pegar uma *mitsvá* que já cumpro e fazê-la um pouquinho melhor, tendo em mente que estou agindo assim em prol de todo o Povo de Israel.

SALVANDO OS OUTROS À DISTÂNCIA

Outra idéia é sentar uma vez por dia ou uma vez por semana para recitar um capítulo dos salmos em prol do Povo de Israel. Não pela avó doente, nem pela amiga que ainda não encontrou um *shiduch*, mas por todo o povo, dizendo a D’us: estou recitando estes salmos para quem precisar.

Infelizmente, hoje em dia, muitos e muitos jovens estão saindo do caminho da Torá e das *mitsvot*. Assim como no Egito não existia uma casa onde não houvesse um morto, durante a praga da morte dos primogênitos, hoje em dia é difícil encontrar uma família sem um caso de alguém que largou a Torá. Quem sabe meu *tehilim* salve alguém espiritualmente?!

Já perguntei a algumas pessoas que fizeram *teshuvá* o que as levou a empreender essa mudança. Muitas respondem: “Fui a um seminário”, “fui a um *shiur*.” Mas o que as levou ao

shiur ou ao seminário? Elas não sabem dizer. Por quê? Porque não há nada concreto. Foi alguém na França que recitou *tehilim* e, por isso, você despertou para ir ao *shiur*. Foi sua bisavó que, ao acender as velas de *shabat*, rezou para que seus bisnetos andassem no caminho correto. Nunca se sabe.

Tudo o que fazemos causa uma grande repercussão. Podemos não ver ou perceber o que acontece. Quando falamos ao celular também não percebemos as ondas que se deslocam pelo ar. Imaginem só o que ocorre no plano espiritual. Um *tehilim* no Brasil pode salvar um mochileiro israelense de cair em algum culto lá na Índia.

Aquele mochileiro nunca experimentou o judaísmo, nem seu pai. Seu avô, talvez. Mas a bisavó dele com certeza tinha pelo menos alguma conexão com a Torá. Quem sabe, não foi o choro dela que fará com que ele volte? Se a bisavó dele não chorou, então é nosso *tehilim* que irá ajudá-lo!

SORRIA!

Outra coisa que podemos fazer pelo povo é sorrir e incentivar.

No mundo de hoje, todo aquele que é um pouquinho mais chegado à Torá já é tachado de bitolado pelos que se sentem abaixo dele. Para eles, porém, somos os representantes de D'us e da Torá na Terra, e nossa responsabilidade envolve cada um deles.

Às vezes, você convida alguém para ir à sinagoga no *shabat* e ele recusa. Talvez daqui a seis meses, só porque você o convidou, inconscientemente ele acabará indo. Nossa obrigação é falar, convidar, estimular. O que acontecerá depois disso, não depende de nós.

Além disso, uma palavra boa e um sorriso têm um enorme poder sobre as pessoas. Se alguém vê aquele “bitolado” que coloca *teflin* e estuda Torá sorrindo, imaginem a influência que isso tem sobre ele! Alguém vai acabar indo a um *shiur* só porque aquele homem “religioso” lhe deu um “bom dia” e nem sequer está consciente disso!

INVESTIMENTO INVISÍVEL

Um dia, quando chegarmos lá em cima e nos mostrarem extratos astronômicos, diremos: “Mas não fui eu que fiz!” Responderão para nós: “Lembra que você disse uma boa palavra para fulano?”, “Lembra que você ensinou sicrano a fazer as *berachot* antes de comer?” Hoje, ele faz *berachot* sempre e nem lembra por quê! Mas D'us lembra.

Todos nós temos alguém que estudou conosco na escola e que hoje, de judeu, só tem o nome, se é que lembra seu nome em hebraico. Mantenha contato com ele!

Você tem contato com algum judeu em seu trabalho? Já pensou em lhe dar um livro de Torá em português? Para quê? Para ele deixar na prateleira? Sim. Pode ser que daqui a um ano ele acabe abrindo o livro e alguma coisa boa saia disso. O crédito será seu!

EU NEM SABIA

Tudo o que somos hoje devemos a alguém. Esse “alguém” pode ser nossos pais, um professor ou um amigo que nos dirigiu uma palavra carinhosa.

Akiva Goldberg era um rapaz que estudava na *Yeshivá* de Ponevitch, em Bnei Brak, Israel. Um belo dia, recebeu um convite cujo remetente era da Suíça. Ele não conhecia ninguém daquele país e suspeitou que talvez fosse um engano, que houvesse outro Akiva Goldberg na *yeshivá*. Depois de verificar que não havia ninguém com o mesmo nome, prestou mais atenção ao remetente e lembrou que aquele rapaz, Yoni, havia estudado na *yeshivá*, mas eles nunca foram próximos. Ao abrir o convite, havia dentro um papelzinho com os seguintes dizeres, escritos à mão: “Seria fantástico se você pudesse vir ao meu casamento. Sei que é longe e compreenderei se você não vier. Porém, saiba que você fez diferença na minha vida e não tenho como lhe agradecer. *Col tuv, zai guezunt*, Yoni.” Agora, Akiva não tinha mais dúvidas, certamente houvera um engano. Ele resolveu ligar para o noivo, que explicou:

“Moro aqui na Suíça e meus pais me enviaram para estudar em Israel. A adaptação não foi nada fácil e, depois de alguns meses, resolvi dizer à minha mãe que não estava aguentando mais e que desejava retornar à Suíça. No dia em que eu estava pronto para ligar à minha mãe você, que nem se lembra disso, passou ao meu lado e parou, por um segundo, para ajeitar a gola da minha malha, que estava fora do lugar. Arrumou minha malha e disse: “Bom dia”. Naquele momento, senti que eu não era mais um número, havia me transformado em um ser humano. No mesmo dia, liguei para minha mãe, disse que estava tudo bem e que eu continuaria estudando em Ponevitch. Assim, é graças a você que hoje sou uma pessoa que cumpre Torá e *mitsvot*. Se eu tivesse voltado à Suíça, não seria.”

O que Akiva havia feito? Um pequeno gesto de simpatia. Não disse uma palavra de Torá, apenas foi gentil. Ser gentil também é uma das facetas de agir em prol do público. Se ele não tivesse recebido esse convite de casamento, nunca teria conhecimento dessa história neste mundo. Em vez disso, teria chegado lá em cima e visto um monte de filhos de alguém cumprindo *mitsvot* – crianças que ele nunca viu.

– Espere aí, há alguma coisa errada!

– Meu computador não tem “bug” – responde D’us.

– Mas quem são todas estas pessoas que não conheço?

– São os filhos daquele rapaz que passou ao seu lado na *yeshivá* e cuja gola você arrumou. Graças a isso, ele decidiu permanecer na *yeshivá*. Seus filhos hoje cumprem *mitsvot* e todas as futuras gerações dele entrarão em seu mérito. Por quê? Porque você fez parte dos “*matsdikê harabim*” – os que se dedicam ao público.

QUALQUER UM PODE!

O Rabino Dessler diz que, em nossa geração, não é preciso ser um Rabi Akiva para virar *rosh yeshivá*. Não é preciso ser o Rabi Yehudá Hanassi para ser presidente do povo. Agora, estamos na época da liquidação. A situação do Povo de Israel está tão precária que é só querer um pouco para D'us nos dar um tapinha nas costas e nos empurrar para frente.

Por exemplo: há uma geração, havia seis milhões de judeus nos EUA. Hoje, o número está chegando a cinco milhões. Onde foi parar esse quase um milhão de judeus? Esses 900.000 judeus casaram com não judeus. Digamos que no Brasil haja 100.000 judeus, na melhor das hipóteses. Multipliquemos esse número por nove e teremos o número de judeus que se assimilaram nos EUA nesta última geração!

A situação é tão grave que D'us ajuda todo mundo que quiser de fato melhorar a situação do Povo de Israel – seja com tempo, dinheiro, orações ou *mitsvot*. D'us auxilia e multiplica o efeito de seus atos e intenções milhares de vezes, usando isto em prol de todo o povo.

Há alguns anos, surgiu uma instituição em Israel que fazia propaganda na televisão: “Se você não tem relação nenhuma com sua família e está tendo problemas, ligue para nós e o ensinaremos a fazer um *shabat*.” Agora, imaginem alguém que não é observante em Israel. A mídia transmite um preconceito muito forte contra judeus observantes. Para levantar o telefone e ligar para uma instituição como essa, tem que estar muito mal – pois é uma questão de honra. Milhares de judeus ligaram para aquele telefone, pois não tinham mais relação nenhuma com seus filhos. São judeus que moram em Israel, falam hebraico, comem *falafel*, *shawarma*, *guefilte-fish*, *kibe*, *esfiha*, *hamin* e *tchulent*, mas nunca seguraram um copo de *kidush* na vida. Talvez a isso o Rabino Dessler estivesse se referindo– hoje, qualquer coisa que fizermos já vale!

O QUE UMA ÚNICA PESSOA É CAPAZ DE FAZER?

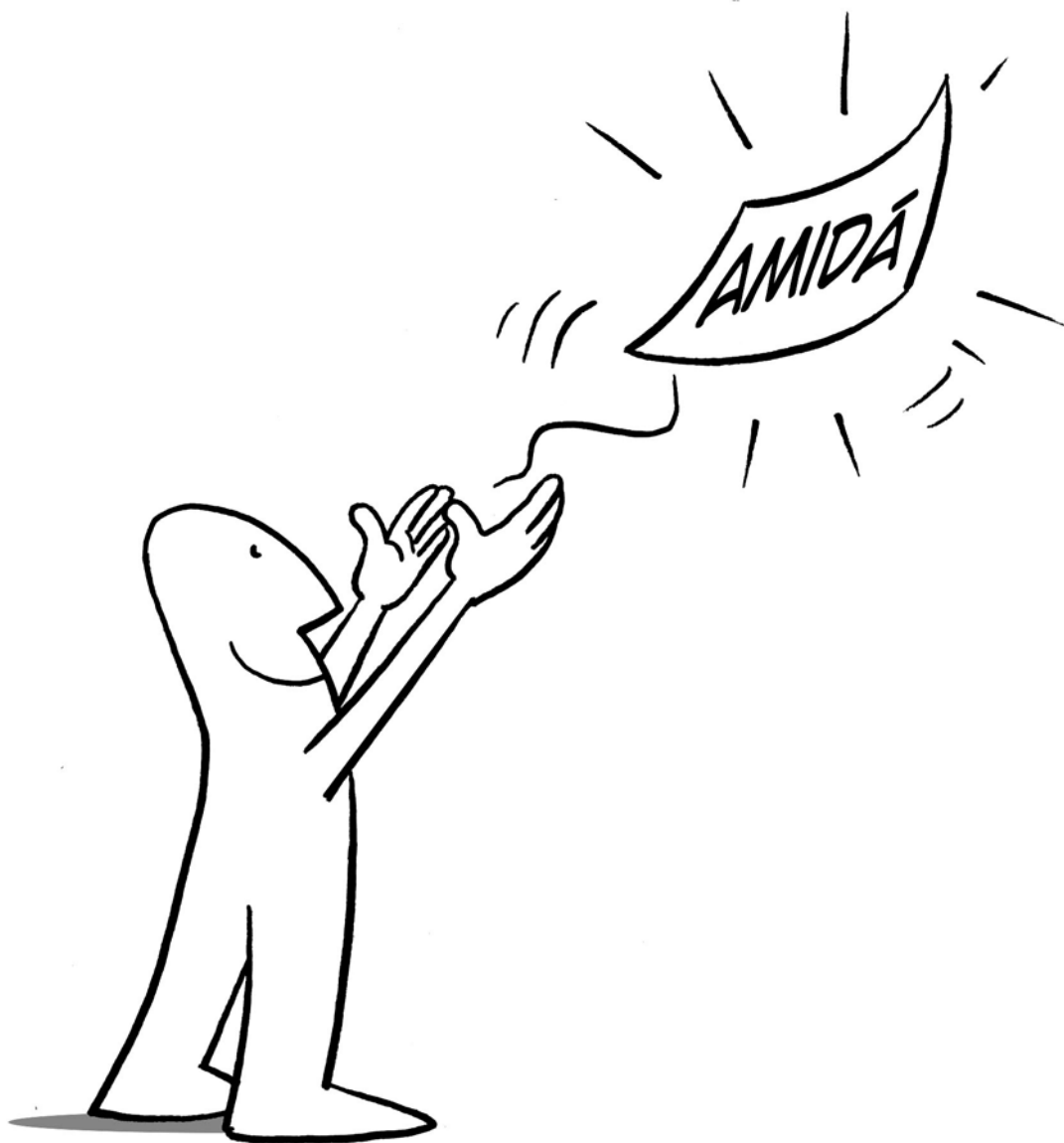
Certa vez, li uma reportagem com o seguinte título: “Onde estão seus dez *yehudim*?”

Digamos que existam 15 milhões de judeus no mundo. Desses, quantos são observantes? No máximo dois milhões. Desses dois milhões, quantos são rabinos? Cem mil, no máximo? Como é que cem mil podem chegar a quinze milhões? Não tem como. Quem sabe, se cada um que cumpre a Torá se preocupasse com dez *yehudim* durante toda a vida, seria possível atingir o povo inteiro?!

É isso que aprendemos de Moshê, este foi seu principal mérito: D'us viu que Moshê se deslocou para agir em prol de todos.

Que D'us nos ajude a ser o que o profeta Daniel descreve: aqueles que brilham como estrelas, com um mérito que dura para toda a eternidade!

NO PRÓXIMO ANO EM JERUSALÉM



“

Cumprir as *mitsvot* com a cabeça no
lugar certo e se preparar para quando
chegar a hora é o que realmente
significa esperar pela redenção.

”

O PROVÃO DIVINO

Dentre as coisas da vida das quais poucos gostam, mas dificilmente alguém escapa, estão as provas: prova oral, prova escrita, prova surpresa, provas bimestrais, semestrais... Depois das provas da escola vem o vestibular, as provas da faculdade, o teste de admissão para emprego... E quando a pessoa acha que está finalmente livre, chega o filho pedindo para ajudá-lo a estudar para a prova do dia seguinte. Começa tudo de novo.

Nossos sábios nos dizem que, além de todas essas provas, haverá mais uma: depois de 120 anos bem vividos, todos terão de passar por um grande provão – o vestibular para entrar no *olam habá*. Assim como há o cursinho para o vestibular aqui na Terra, a Torá também traz um “cursinho” para aprovação no *olam habá*.

O sonho de todo vestibulando é saber o que cairá na prova. Ele pode estudar oito livros de literatura e ter de responder duas perguntas sobre o nono livro que não leu. Mas, neste provão, D’us nos fornece as perguntas que cairão na prova incluindo o gabarito. Fácil? Parece moleza.

No entanto, vejamos quais perguntas cairão na “Fuvest celestial” e quais as respostas que D’us espera de nós. Depois, vamos nos concentrar em uma delas.

Tratado de *Shabat* (31a): Disse Rava: no momento em que introduzem a pessoa ao julgamento (e dão-lhe as folhas e duas canetas...), perguntam-lhe:

- 1) *Nassáta venatáta beemuná?* – Você negociou com honestidade?
- 2) *Caváta itim latorá?* – Você fixou horários para o estudo da Torá? (De acordo com o Rashi, é preciso fixar um tempo para o estudo porque ficamos envolvidos demais com o trabalho.)
- 3) *Assácta bifriyá urviyá?* – Você se ocupou de criar filhos? (De acordo com o Maharshá: você se preocupou em casar uma órfã ou um órfão?)
- 4) *Tsipita liyshuá?* – Você esperou pela salvação?
- 5) *Pilpalta bechochmá?* – Você estudou profundamente?
- 6) *Hevanta davar mitoch davar?* – Você entendeu uma coisa a partir de outra? (Nem tudo precisa ser falado; D’us quer que deduzamos sozinhos algumas coisas.)

Concentremo-nos na quarta pergunta: “Você esperou pela salvação?” Qual deve ser a resposta? A resposta que devemos dar é: “Sim!” No entanto, lá em cima, não adianta somente responder da boca para fora conforme o gabarito. É preciso, de fato, esperar pela salvação.

Como se faz isso?

LEMBRETINHOS

A Torá nos conta, no final do livro de Shemot (Êxodo), como o Povo de Israel montou o *mishcan* no deserto. Surge a pergunta: de onde é que eles arranjaram madeira para fazê-lo, em pleno deserto do Sinai? O Rashi responde: antes de Yaacov descer ao Egito com sua família, ele previu que todos acabariam saindo da lá e que montariam o *mishcan*. Portanto,

Yaacov trouxe cedros consigo e os plantou no Egito, ordenando aos seus filhos que os levassem consigo quando saíssem de lá. Assim, a madeira usada para construir o *mishcan* foi plantada 250 anos antes por Yaacov Avinu.

O Rabino Yaacov Kamenetzky faz a seguinte pergunta: por que Yaacov não se contentou em ordenar que seus descendentes levassem consigo, ao partirem, qualquer madeira que encontrassem no Egito? Por que ele se esforçou em plantar essas árvores?

O Rabino Kamenetzky, em seu livro *Emet Leyaacov*, explica: Yaacov receava descer ao Egito, pois temia que seus descendentes talvez nunca mais saíssem de lá. O fato é que oitenta por cento de nosso povo acabou morrendo no Egito, durante a praga da escuridão, por não desejarem sair de onde estavam. D'us garantiu a Yaacov que sua descendência sairia de lá em algum momento. No entanto, o que fazer com o povo enquanto os anos fossem passando? O que fazer com os descendentes após cento e oitenta anos de escravidão, quando pensassem que já que os seus avós foram escravos no Egito, seus netos também seriam? Como infundir esperança neles?

O Rabino Kamenetzky responde: tratava-se de um processo psicológico. Cada vez que um judeu passasse pela floresta plantada por Yaacov, lembraria-se da *gueulá* – da redenção. Seu filho perguntaria: “Por que esta floresta foi plantada por nosso bisavô, Yaacov?” O pai responderia: “Meu pai me contou que seu pai lhe contou que Yaacov Avinu plantou esta floresta para levarmos esta madeira e montar o *mishcan*, quando sairmos do Egito.” Era como uma fita vermelha no braço que lembrava a todos da *gueulá*, de forma que ninguém desistisse da salvação.

Todo dia, antes da reza, recitamos o trecho de *corbanot*, que descreve todo o serviço matutino das oferendas no Templo. Para quê? Para lembrarmos sempre que, algum dia, voltaremos a oferecer os *corbanot*. Mesmo que nem sequer façamos idéia do que sejam, recitamos *corbanot* todo dia, que como as árvores de Yaacov, nos lembram de cultivar a esperança.

A história de nosso povo é sempre a mesma; só mudam os nomes das cidades e das perseguições. A situação e o sofrimento, no entanto, se repetem geração após geração. De onde o povo tira forças para continuar? É do fato de sabermos, no fundo, que no final das contas seremos redimidos. Sendo assim, afirmamos: desta vez fui expulso, ou queimaram minha sinagoga, ou confiscaram meus bens, ou fui ferido, fui massacrado ou fui convertido à força; mas mesmo assim continuarei, pois sei que seremos salvos!

SALVANDO D'US

Toda a nossa vida está permeada de lembretes da redenção, principalmente nas bênçãos e nas orações. Das 19 bênçãos da *amidá*, pelo menos seis pedem a redenção explicitamente, enquanto as demais insinuam esse assunto. Uma das bênçãos da *amidá* é “*Et tsemach*

David” – O rebento de David, Teu servo, faz brotar rapidamente, e ergue o poder dele por intermédio de Tua salvação. Por quê? “*Ki lishuatechá kivinu col hayom*” – pois por Tua salvação esperamos durante todo o dia. Se tivermos a intenção correta nesta *berachá*, quem sabe poderemos responder sim à quarta pergunta do provão – se esperamos pela redenção. Essa bênção afirma que a salvação virá quando D’us decidir. Embora fale sobre uma salvação global e nacional, ao recitá-la podemos também pensar em nossos pequenos problemas e sofrimentos e nos lembrar de que D’us é quem pode nos salvar de tudo isso.

Todavia, prestemos atenção às palavras da prece: “*Ki liyshuatechá kivinu col hayom*” – pois pela **Tua** salvação esperamos durante todo o dia. Como assim, Tua salvação? Deveria ser “*Ki liyshuatênu kivinu col hayom*” – pois pela **nostra** salvação esperamos todo o dia! Nós queremos que D’us nos salve. Por que dizemos que desejamos ver a salvação de D’us?

A resposta é incrível: enquanto o Povo de Israel está no exílio, D’us está junto. É como se Ele estivesse sofrendo também. É por isso que esperamos pela salvação de D’us! Pois, enquanto nós ainda estamos aqui no Brasil, sem o *Beit Hamicdash*, sem todo o povo morando na Terra de Israel e cumprindo as *mitsvot* da maneira que D’us quer, **D’us** precisa ser salvo.

QUEM QUER SE SALVAR?

O *Zôhar* (obra magna da Cabalá) escreve: “Aquele que não espera todo o dia pela *yeshuá* (salvação) de D’us, não terá parte em Jerusalém.” O que significa “esperar pela *yeshuá*”?

Não adianta esperar a *yeshuá*, colocar o boné da *yeshuá*, vestir a camiseta da *yeshuá* e a meia da *yeshuá*, usar raquete da *yeshuá* e o relógio da *yeshuá* sem nos prepararmos devidamente para ela. Como?

À primeira vista, parece que é cumprindo as *mitsvot*. Será que isso é suficiente?

O Rabino Ruderman zt”l gostava de repetir o seguinte ensinamento: Quando Yaacov retornou a Israel e foi enfrentar seu irmão, Essav, a Torá conta que ele disse o seguinte: “Com Lavan morei” (Bereshit 32:5). Rashi comenta que ele quis transmitir o seguinte: “Com Lavan morei e as 613 *mitsvot* cumpri, e não aprendi de seus maus atos.” O Rabino Ruderman questiona: se ele cumpriu as 613 *mitsvot*, é óbvio que não aprendeu dos maus atos de Lavan. Por que é necessário citar os dois?

Esta é a resposta dele: daqui aprendemos que é possível cumprir as 613 *mitsvot* e ainda assim continuar sendo uma pessoa completamente material, dominada pela cultura que a rodeia. Por isso, Rashi achou necessário acrescentar que, além de ter cumprido todas as *mitsvot*, Yaacov não aprendeu nada de Lavan – ele manteve sua cabeça no que é correto.

Uma pessoa pode cumprir *mitsvot* e estar 24 horas por dia e sete dias por semana ligada ao índice financeiro, completamente desconectada e esquecida da verdadeira essência da

vida e a razão pela qual ela está neste mundo. Alguém assim está completamente desligada da preparação para a salvação, uma vez que sua cabeça está envolvida em algo totalmente diverso. Ela está vivendo agora no mundo material, sem pensar no futuro espiritual do mundo, não importando quantas *mitsvot* cumpra tecnicamente.

Se eu não sou capaz, no *shabat*, de falar de tudo menos de comércio – que é o que falo a semana inteira; se não sou capaz de ficar um dia sem perguntar qual é o índice do dólar, está faltando um pouco de *tsipiyá liyshuá* (espera pela salvação).

As *mitsvot* não trazem a salvação, mas nos preparam para recebê-la quando chegar a hora. Quando alguém diz que cumpre *mitsvot* para que o *Mashiach* chegue, está dando uma resposta incorreta. Nós cumprimos as *mitsvot* porque D'us nos mandou cumprir. A consequência disto é que, quando D'us achar que chegou a hora, trará o *Mashiach* – já que estamos preparados. Cumprir as *mitsvot* com a cabeça no lugar certo e se preparar para quando chegar a hora é o que realmente significa esperar pela redenção.

DA BOCA PARA FORA

Certa vez, numa festa, estavam cantando “*Leshaná habaá biyrushaláyim*” – ano que vem (nesta mesma época) em Jerusalém reconstruída. Uma senhora que não entendia hebraico perguntou ao marido:

- O que estão cantando aí?
- No próximo ano em Jerusalém!
- Mas, querido, acabamos de reformar a cozinha!
- Não se preocupe, querida. É só uma música.

Caso também façamos parte do grupo de pessoas que canta esta música apenas como música, estamos colocando a resposta errada na pergunta “*tsipita liyshuá*”.

JÁ CHEGOU?

Quando o Rabino Moshê Yehoshua Leib (conhecido como Maharil Diskin, 1817-1898), um dos grandes rabinos de Jerusalém, estava mais idoso, ia à sinagoga acompanhado por um *shamash* – alguém que o auxiliava. Certa manhã, eles desceram as escadas do prédio, como de costume, quando o Maharil voltou-se, subiu as escadas e desceu logo depois. Quando o *shamash* perguntou se tinha esquecido algo, ele respondeu:

– Não esqueci nada. Ontem à noite, porém, escutei um barulho. Sei que os dois primeiros Templos foram construídos de dia, mas o terceiro *Beit Hamicdash* pode ser construído à noite também. Eu só subi ao teto de minha casa, de onde é possível avistar o Monte do Templo, para verificar se, de fato, ele já estava de pé.

Isso é *tsipita liyshuá*.

Imaginem um pai que promete ao filho que irá levá-lo à Disney. Um mês antes, o filho ficará perguntando:

– Papai, é hoje? Pai, é hoje?

– Ainda não, filho. Mas, na data da viagem, eu virei buscá-lo de carro. Quando você escutar a buzina, quer dizer que eu cheguei. Então, você pode descer com sua mala. Minha buzina significará que estamos indo ver o Mickey Mouse.

Cada buzinação que o garoto ouvir – do táxi, do ônibus, do caminhão de lixo, mesmo que forem literalmente 450 buzinações – o que a criança irá fazer? Subir no banquinho, olhar pela janela e ver se o pai chegou para levá-la à Disney. Mesmo que a primeira, a segunda e até a 451ª buzinação não forem do pai, ele continuará subindo no banquinho, pois sabe que o pai virá. Isso é *tsipita liyshuá*.

QUANDO NINGUÉM ESPERA

Nossos sábios dizem (Tratado *San'hedrin* 97a) que três coisas só aparecem quando menos esperamos: *Mashiach*, um objeto perdido e um escorpião.

Acabamos de mostrar que é necessário esperar pela salvação, e a era do *Mashiach* – o ponto máximo da redenção – é a maior salvação possível, pela qual esperamos todo dia. Muitos recitam, depois de *shacharit*, o trecho *Ani maamin* – eu acredito plenamente na vinda do *Mashiach* e continuarei esperando por ele mesmo que ele demore. Sendo assim, como pode ser que o *Mashiach* só chegará quando menos esperamos? O Talmud ainda afirma que, quanto mais esperarmos, mais ele demorará, e só aparecerá quando pararmos de esperar por ele!

O Rabino Shimon Schwab faz essa pergunta e a responde em nome do *rosh yeshivá* de Telz, o Rabino Bloch: devemos esperar pelo *Mashiach* todo dia, mas não podemos tentar aproximá-lo à força com uma série de “truques”, como tentaram fazer diversos falsos messias que apareceram durante a História. O que devemos fazer é confiar que D'us trará o *Mashiach*, sem tentar forçá-lo artificialmente. Por isso, nossos sábios dizem: “Explodam-se os ossos daqueles que calculam o fim dos tempos”, tentando determinar datas específicas para a vinda do *Mashiach* e a redenção.

É verdade que há sinais de quando *Mashiach* está chegando, assim como no final de uma corrida: já avistamos os fotógrafos, a fita vermelha... Assim, hoje nós sabemos que estamos perto do fim. Isso já foi dito por grandes sábios como o Chafêts Chayim e o Rabino Elchanan Wasserman. Quando o *Mashiach* efetivamente chegará? Só D'us sabe.

O Chafêts Chayim vivia isso. Sendo *cohen*, ele estudava as leis referentes ao Templo para estar preparado quando o *Mashiach* chegasse. Ele tinha uma mala pronta para quando chegasse o *Mashiach*, com uma roupa bonita dentro, apropriada para recebê-lo. Seguindo

este caminho, um *levi* deve caprichar na voz e tomar gemada, porque mais dia menos dia ele cantará no *Beit Hamicdash*. E assim por diante.

Esperar pelo *Mashiach*, portanto, leva a cumprir melhor a Torá e as *mitsvot*. O Rabino Shach escreve em seu livro *Avi Haezri* (leis sobre a leitura do Shemá 1:4) que apenas por isso vale a pena falar sobre *Mashiach*. De outro modo, apenas por falar, não há nenhuma necessidade.

COMO VAI SER QUANDO O MASHÍACH CHEGAR?

O que ocorrerá quando o *Mashiach* chegar? Há muitas discussões sobre isso nos *mi-drashim* (parte da Torá Oral), mas vamos saborear um pouco alguns traços básicos:

De acordo com o Rambam, o Povo de Israel ficará unido na Terra de Israel, não haverá mais inveja, guerras nem fome no mundo.

Existe uma discussão interessante sobre se o *Beit Hamicdash* virá pronto dos Céus (de acordo com Rashi) ou se será construído na terra quando o *Mashiach* chegar (segundo o Rambam).

O Rabino Chaim Vital (maior aluno do Arizal, 1543-1620, Israel) e o Chatam Sofer (Rabino Moshê Sofer, 1762-1839, Hungria) dizem que o próprio *Mashiach* não saberá que é o tal até chegar a hora. Ou seja, se eu andar na rua proclamando que sou o *Mashiach* e que falta pouco para me revelar, saibam que não estou dentro dos padrões do tão esperado rei. Já quando o *Mashiach* chegar, ninguém terá dúvidas de que é ele mesmo. Mas como? D'us fará este milagre.

O MOMENTO MAIS DIFÍCIL

Nossos dias são chamados de *chevlê Mashíach* – as dores de parto do *Mashiach*. Quando é a pior hora para uma parturiente? Os minutos que precedem à saída do bebê. E a melhor? Logo depois do parto, quando o bebê está em seus braços, a enfermeira quer pegá-lo para limpá-lo e a mãe diz, com um sorriso: “Deixe-me segurá-lo só mais um pouquinho.” Dez minutos antes, a mulher diz que não quer mais ter filhos. Logo depois, ao ver o bebê, pensa: “Valeu a pena.”

Nossos sábios dizem que o mesmo ocorre com o Povo de Israel. A fase recente da história de nosso povo é a mais dolorida. É a fase que precede o parto. Nossos sábios dizem que, quando *Mashiach* enfim chegar e olharmos para trás, saberemos que tudo valeu a pena – embora hoje seja difícil pensar assim sobre o que ocorre conosco.

O Rebe de Tsanz (1905-1994, Hungria e Israel) era sobrevivente do Holocausto. Certo *shabbat*, quando o *báal corê* (aquele que lê a Torá em público) estava lendo a *parashá* daquela semana, *Ki Tavô*, e chegou à parte das maldições – que descreve os terríveis castigos que D'us

mandará se o povo não se comportar como deve (Devarim 28:1-69) –, ele começou a lê-las em voz baixa e rápida, de acordo com o costume. O rebe, porém, exclamou:

– Leia alto!

O *báal corê*, espantado, aumentou um pouquinho a voz.

– Mais alto!

O *báal corê*, encabulado, aumentou mais um pouquinho.

– Mais alto! Grite esta *parashá*!

Ao término da leitura, o *báal corê* foi perguntar ao rebe o motivo de sua conduta.

– O costume de ler este trecho em voz baixa – explicou o rebe – é para que não traga acusações e castigos contra o Povo de Israel – que isso não ocorra conosco. Meu amigo, nós já passamos por tudo isso! Já passou! Não tem como ser pior! Sofrimento maior do que passamos nunca mais existirá!

A ÚLTIMA CHANCE DE MELHORAR

O Ramban diz que, quando o *Mashíach* chegar, o *yétser hará* (o mau instinto) será anulado. Já o Rambam diz que o *yétser hará* só deixará de existir em um estágio posterior, quando houver a ressurreição dos mortos. Ambos concordam, porém, que o *yétser hará* será muito mais fraco na época do *Mashíach* do que ele é hoje.

Ou seja, D'us está nos dando agora a última oportunidade para mudarmos e crescermos – em relação à educação e aos valores que passamos aos nossos filhos, ao que pregamos em casa e ao que deixamos entrar em nossos lares (material de leitura, mídia etc). D'us está nos dando, literalmente, a “última chance”. Pode ser que daqui a cinco minutos não teremos mais esta chance. Quando o *Mashíach* chegar, não mudaremos mais de estado espiritual, e o que somos agora é o que seremos para sempre. Não teremos mais como crescer espiritualmente em honestidade, no cumprimento do *shabat*, no recato ou em outros preceitos.

É fácil marcar gol quando não há goleiro. Essa será a situação quando *Mashíach* chegar. Nessa era, não sei se haverá televisão. Se tiver, num canal passará o *daf yomi* (estudo diário de uma página do Talmud), no outro, uma aula de *Mishná* (obra básica da lei oral). Mesmo quem quiser ver novela, não conseguirá; terá de assistir ao *shiur*. Por isso, agora é hora de mudar e melhorar. Depois, não terá como.

POR QUE NÓS?

O Chafêts Chayim questiona: que motivação temos para continuar a esperar pelo *Mashíach*? Afinal, Avraham Avinu não conseguiu trazer *Mashíach*; Moshê não conseguiu, o Rabi Akiva não conseguiu, o Rambam não conseguiu! Nós conseguiremos? Por acaso somos melhores que eles?

Responde o Chafêts Chayim: em todos os aspectos, somos e possuímos muito menos do que nossos antepassados, exceto em um: sofrimento. Se acumularmos o sofrimento pelo que passamos desde a época deles até a nossa, o mérito necessário para o *Mashíach* chegar torna-se muito menor.

É PRECISO PEDIR

No entanto, é preciso pedir. O Chidá (Rabino Chaim Yossef David Azulai, 1724-1806, Israel) enfatiza: observem a bênção da *amidá* referente ao *Mashíach*: “*Et tsemach David...*” – o rebento de David, Teu servo (ou seja, o *Mashíach*) faz brotar rapidamente... Por que D’us trará o *Mashíach*? “*Ki liyshuatechá kivinu col hayom*” – porque esperamos todo dia por Tua salvação!

O Chafêts Chaim conta a seguinte história:

Quando o Rabino Yossef Dov Soloveitchik (1820-1892) abandonou seu cargo de rabino em Slutsk e dirigiu-se a Varsóvia, pediram-lhe que aceitasse o cargo de rabino em Brisk. Ele respondeu:

- Não quero ir. Prefiro estudar Torá tranquilamente.
- Trinta mil judeus estão esperando pelo senhor – retrucaram-lhe.
- Se trinta mil judeus estão esperando por mim – disse o Rabino Yossef Dov – preciso ir.

Não posso recusar.

O Chafêts Chaim termina: da mesma forma, se D’us vir que milhares de judeus no Brasil, em Israel e em todos os cantos do mundo estão esperando pelo *Mashíach*, não poderá recusar trazê-lo.

Tsipita liyshuá? A resposta é sim, mas é preciso também **sentir** isto. Que possamos viver esta espera, começar a praticar já a partir da próxima *amidá* e pedir, do fundo do coração, que D’us faça brotar a salvação em breve – para todo o povo e para cada um de nós!

